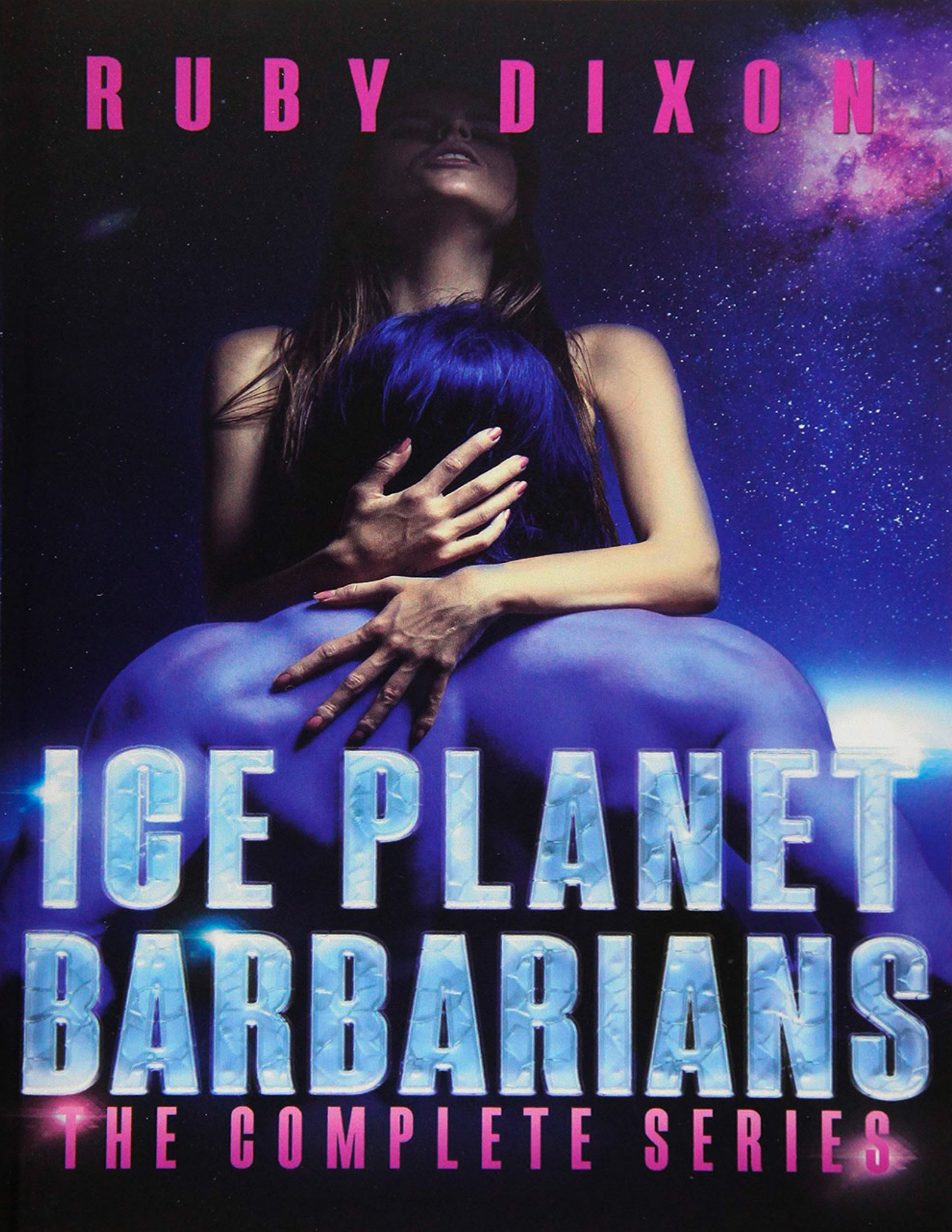




RUBY DIXON

ICE PLANET
BARBARIANS
THE COMPLETE SERIES





AVISO I

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquirira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



PEGASUS LANÇAMENTOS SHIFTER'S HOMELAND

Equipe de Tradução

Tradução e R. Inicial: Anne

Revisão Final: Claudia M.

Leitura Final: Nish e Bec

Formatação: Bec Deveraux Monteiro

Verificação: Lexi





SUMÁRIO

BÁRBAROS DO PLANETA DE GELO.....	8
SINOPSE.....	8
PARTE UM.....	9
PARTE DOIS.....	71
PARTE TRÊS.....	116
PARTE QUATRO.....	153
PARTE CINCO	193
PARTE SEIS.....	251
FIM	299
ESPIADA NO PRÓXIMO LIVRO	300
BARBARIAN ALIEN	300



ICE PLANET BARBARIANS

Ordem da Série



ruby  dixon



Perdida

VOCÊ ACHA QUE SER ABDUZIDA POR ALIENÍGENAS SERIA A PIOR COISA QUE PODERIA ACONTECER COMIGO. VOCÊ ESTÁ ERRADO. PORQUE AGORA, OS ALIENÍGENAS ESTÃO TENDO PROBLEMAS COM NAVIOS E ELES DEIXARAM SUA CARGA DE MULHERES HUMANAS, INCLUSIVE EU, EM UM PLANETA DE GELO.

Encontrada

E O ÚNICO HABITANTE NATIVO QUE CONHECI?
ELE É GRANDE, CHIFRUDO, AZUL E REALMENTE TEM
ALGO POR MIM...

*"Esta é uma história completa
e inacreditável."*

**ICE PLANET
BARBARIANS**





BÁRBAROS DO PLANETA DE GELO

Ruby Dixon

SINOPSE

Você acha que ser abduzida por alienígenas seria a pior coisa que poderia acontecer comigo. Você está errado. Porque agora, os alienígenas estão tendo problemas com navios e eles deixaram sua carga de mulheres humanas, inclusive eu, em um planeta de gelo.

E o único habitante nativo que conheci? Ele é grande, chifrudo, azul e realmente tem algo por mim...

Esta é uma história completa e inacreditável.





PARTE UM

Roubada

GEORGIE

Até ontem, eu, Georgie Carruthers, nunca havia acreditado em alienígenas. Oh, claro, havia todo o tipo de possibilidades no universo, mas se alguém me dissesse que homenzinhos verdes estavam perambulando pela Terra em discos voadores, só esperando para abduzir pessoas? Teria dito que ele era louco.

Mas isso foi ontem.

Hoje? Hoje a história é muito diferente.

Suponho que tudo começou ontem à noite. Estava tudo bem normal. Cheguei em casa após um longo dia de trabalho no caixa do banco, peguei um prato leve, comi enquanto assistia TV, adormeci no sofá antes de cambalear para a cama. Não é exatamente uma vida badalada, mas ei? Era uma terça-feira e as terças eram dias de trabalhar, sem diversão. E fui dormir e a partir daí, a merda ficou estranha.

Meus sonhos foram confusos. Não eram os sonhos habituais de perder os dentes ou de ficar nua em frente de todo mundo





na escola. Estes sonhos eram muito mais sinistros. Sonhos de perda e abandono. Sonhos de dor e de quartos brancos frios. Sonhos de caminhar em um túnel e ver um trem que se aproximava. Nesse sonho, tentei levantar a mão para me proteger da luz.

Exceto que quando fui levantar a minha mão, não consegui.

Isso me despertou de meu sono. Eu pisquei para a pequena luz que alguém estava iluminando nos meus olhos. Alguém estava... examinando meus olhos? Eu pisquei, tentando me concentrar e percebi que não estava sonhando. E também não estava mais em casa. Estava... em algum lugar novo.

Então a luz se apagou e algo como um pássaro fez um barulho. Procurei com meus olhos se ajustando à escuridão e me vi cercada de... coisas. Coisas com longos olhos negros, cabeças grandes e braços pálidos e finos. Homenzinhos verdes.

Eu gritei. Gritei maniacamente para falar a verdade.

Um dos alienígenas inclinou a cabeça para mim e o som de pássaro soou novamente, mesmo que sua boca não se movesse. Algo quente e seco envolveu minha boca, sufocando-me, e um cheiro nocivo encheu minhas narinas. Ah, Merda. Eu ia morrer? Freneticamente, forcei meu queixo, tentando respirar, enquanto o mundo escurecia ao meu redor.





Então, voltei a dormir, sonhando com o trabalho. Sempre sonhava com o trabalho quando ficava estressada. Por horas a fio, clientes bancários furiosos gritavam comigo enquanto eu tentava rasgar pacotes de notas de vinte que pareciam não querer abrir de jeito nenhum. Eu tentava contar com a mudança apenas para me distrair. Os sonhos sobre o trabalho eram os piores, na maioria das vezes, mas esse foi um alívio. Sem trens. Sem alienígenas. Apenas o banco. Eu poderia lidar com os serviços bancários.

E isso me trouxe... aqui.

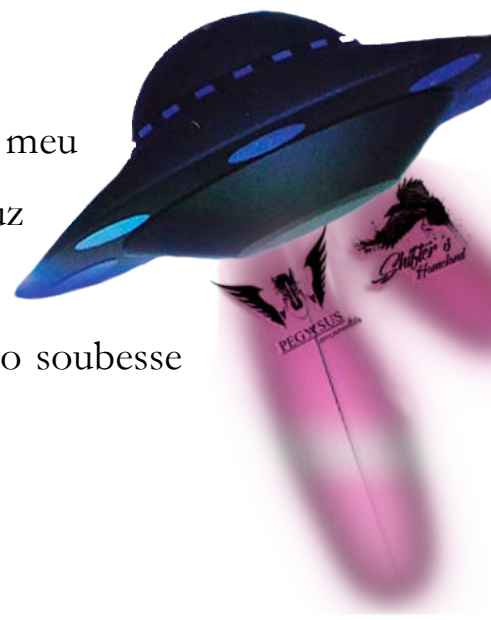
Estou acordada. Despertei e não tenho certeza de onde estou. Meus olhos se abrem e olho ao meu redor. Cheira como se eu estivesse em um esgoto, posso sentir uma parede atrás de mim e tudo no meu corpo dói. Minha mente está embaçada e lenta, como se eu não estivesse completamente acordada. Sinto meus membros pesados. Droga, eu me dou conta de que alguém me drogou.

Não alguém. Alguma coisa.

Minha respiração acelera quando uma imagem mental dos alienígenas de olhos escuros retorna e eu os procuro. Onde quer que esteja, estou sozinha.

Graças a Deus.

Olho para a luz fraca, tentando avaliar o ambiente ao meu redor. Parece ser um quarto grande e escuro. Uma fraca luz alaranjada é emitida por pequenos tubos enfileirados no teto a cerca de seis metros acima. As paredes são pretas e se não soubesse





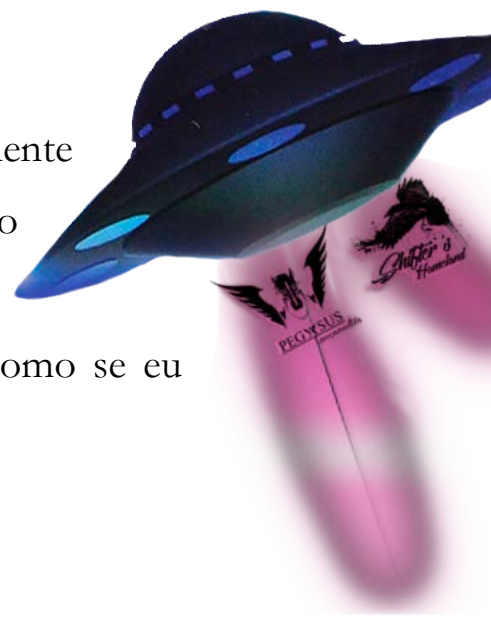
melhor, eu diria que isso parece um compartimento de carga de algum estranho filme de ficção científica. Na parede à minha frente, conto seis grandes tubos de metal de um metro e oitenta alinhados contra a parede como armários. Luzes alaranjadas e verdes correm para cima e para baixo pelos lados dos tubos em uma variedade de rabiscos e pontos que podem ser algum tipo de escrita alienígena. Na parede mais distante, há uma porta oval. No entanto, não posso chegar até a porta, estou atrás de uma grade de metal de algum tipo.

E tem um cheiro horrível. Na verdade, não é apenas um cheiro, são vários deles. É como um coquetel de suor, urina, fezes e vômito e isso me faz engasgar. Tento cobrir minha boca com a mão, mas meu braço demora a responder e tudo o que consigo fazer é levantar o braço fracamente. Ugh.

Balanço minha cabeça dopada e pesada, olhando ao redor da sala. Na verdade, não estou sozinha, observando melhor em volta. Há outros volumes empilhados deste lado da grade, corpos adormecidos. Com a luz fraca, consigo contar sete, talvez, oito formas mais ou menos do meu tamanho, amontoadas como filhotes de cachorro. Vendo como estamos todos deste lado da grade de metal, estou começando a suspeitar que isso seja algum tipo de cela.

Ou em uma jaula.

Acho que poderia ser pior. Pelo menos há espaço suficiente para ficar de pé, embora a “sala” não seja muito mais alta do que isso. Ao menos não há alienígenas aqui comigo. Quero entrar em pânico, mas estou muito dopada para isso. É como se eu





tivesse ido ao dentista e recebido uma dose de gás do riso¹. Estou tendo dificuldade em me concentrar em qualquer coisa.

Meu braço dói e eu esfrego lentamente meus dedos sobre ele. Há várias saliências no meu braço que não estavam aqui antes e esfrego-o com mais força, sentindo algo duro debaixo da pele. Que porra é essa? Tento olhar para ele no escuro, mas não consigo ver nada. Imagens dos alienígenas, da luz que acenderam nos meus olhos, os pesadelos, o terror - tudo volta na minha mente e de repente eu entro em pânico. Um gemido escapa da minha garganta.

Uma mão toca meu outro braço.

—Não grite. — Uma moça sussurra.

Viro minha cabeça, pesada demais até que possa olhá-la. Ela aparenta ser da minha idade, mas loira e mais magra do que eu. Seu cabelo é longo e sujo, seus olhos grandes em seu rosto magro. Ela olha ao redor da sala e depois coloca um dedo nos lábios no caso de eu não ter entendido seu aviso anterior.

Silêncio. OK. OK. Engulo o grito subindo na minha garganta e tento manter a calma. Eu concordo com a cabeça. Não grite. Não grite. Posso não surtar, eu consigo.

—Você está bem?

¹ O gás do riso, ou hilariante, produz uma suave depressão numa região do cérebro relacionada aos sentimentos e à autocensura. Ao inalá-lo, a pessoa entra num estado de relaxamento e felicidade, podendo mesmo rir à toa. A sensação é parecida à de quando se exagera um pouco na bebida. Ainda não se sabe precisamente qual é o mecanismo de ação do gás, cujo nome correto é óxido nitroso (N₂O).





—Stoouu... — Eu enrolo a língua, minha boca incapaz de formar palavras. E... eu babo em mim mesma. Adorável. Levanto uma das minhas mãos pesadas para colocar sobre a minha boca. — Discuuulp...

—Você está bem. — Ela diz antes que eu possa entrar em pânico novamente. Sua voz é baixa para não acordar os outros. — Ficamos todas um pouco grogues quando acordamos. Eles nos drogaram quando chegamos. Vai passar daqui a pouco. Eu sou Liz.

—Georgie. —Digo-lhe, tomando um tempo para pronunciar meu nome corretamente. Eu esfrego meu braço e aponto para as Saliências. — O que está acontecendo?

—Bem. — Liz diz: — Você foi sequestrada por alienígenas. Mas acho que isso já está bem óbvio, né?

Eu rio ironicamente. Ou ao menos tento. Provavelmente, acabei babando em mim novamente.

Liz se move para o meu lado.

—Ok, deixe-me ver se eu posso te dar um resumo da história. Todo mundo aqui? — Ela acena para as outras pessoas empilhadas na jaula, ainda dormindo. — Elas também foram sequestradas. De toda a Terra para escolher, a maioria é americana. Eu acho que há uma canadense também. Você tem vinte e dois?

—Simmm?





—Sim, foi o que eu pensei. Todas nós temos essa idade. Deixe-me também adivinhar: vive sozinha, nunca engravidou, sem grandes problemas de saúde, sem família próxima?

—Como...

—Porque estamos todas no mesmo barco. — Diz Liz, seu tom sombrio. — Toda garota que eles pegam tem a mesma história. Com exceção da Megan. Ela estava grávida. Com dois meses, disse que eles sugaram o bebê dela como se não fosse grande coisa. — Liz estremece. — Então, estou supondo que, onde quer que estejam nos levando, eles não querem garotas grávidas. Apenas jovens e saudáveis.

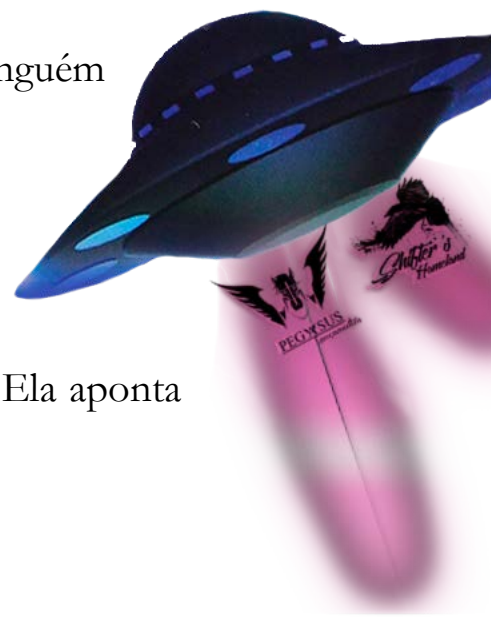
Oh, Deus. Eu engulo com força, lutando contra o desejo de vomitar. Realmente não há lugar para fazer isso aqui, embora eu esteja começando a suspeitar do por que o lugar cheira a esgoto. O cheiro de Liz não é exatamente agradável.

—Há quanto tempo você está aqui?

—Eu? — Ela pergunta. — Duas semanas. Kira está aqui por mais tempo pelo que sabemos. Ela é a única com o aparelho tradutor no ouvido.

Olho em volta, mas não vejo um fone de ouvido em ninguém em particular.

—É um tradutor. — Explica Liz. — Você verá em breve. Estou jogando muita informação em cima de você de uma vez, não é? Ok, vamos recomeçar. Vê esses tubos? — Ela aponta





para a parede mais distante, para as coisas que me lembraram de armários enormes.
— Kira viu o que havia neles. Ela disse que são mais garotas, assim como nós.

Eu suspiro com um som profundo e sobrecarregado. Mais pessoas?

Liz gesticula para mim, indicando que devemos ficar quietas e concordo com a cabeça, esfregando os inchaços que coçam no meu braço. Ela olha para ver se alguém está chegando e quando ninguém aparece, vem para mais perto de mim. Eu sinto o cheiro de seu corpo ao lado do meu, um odor de suor, mas humano.

—Sim. Assim... eles pegaram Kira. Ela disse que eles ficavam conversando com ela e que não conseguia entendê-los, então eles a arrastaram pela orelha e mais ou menos grampearam algum tipo de aparelho nela que traduz as coisas. Mas acho que eles só tinham uma dessas porcarias, então é ela que tem traduzido tudo que se passa para o resto de nós.

—Gram... grampeada? — Repito, horrorizada com o pensamento.

—Sim. Eles a marcaram como uma vaca. — Liz faz uma careta. — Desculpe, eu sou de Oklahoma. Então acho que talvez essa expressão não me incomode tanto quanto a você. De onde você é?

—Orlando. — Eu não tenho certeza se minha boca vai conseguir pronunciar “Flórida” sem dar um banho de cuspe em Liz.

Ela assente com a cabeça.





—Somos meio espalhadas por todo o lugar. De qualquer forma, pelo que Kira conseguiu captar, nossos novos amigos são contrabandistas de algum tipo. Adivinha o que eles negociam?

—Garotas?

—Exatamente. — Ela aponta novamente para os armários. — Meu palpite é que eles vieram aqui para pegar oito, então tiveram uma pescaria tão boa que decidiram apertar um pouco mais de mercadorias no porão e arrasar como bandidos ou algo assim. Kira diz que alguém novo aparece a cada dois dias mais ou menos. Nós achamos que vão nos empacotar como sardinhas e depois nos venderão para... não sei. Para onde quer que seja. — Ela estremece. — Estou tentando não pensar muito no que vem pela frente porque vou começar a gritar e você não quer saber o que acontece quando alguém começa a gritar.

Ah não.

—O que...

—Você verá em breve. — Diz Liz com uma voz pesarosa. — Apenas confie em mim. Os magrelos não gostam de barulho. Lembre-se, ok?

Eu me lembro de sua advertência de antes.

—OK. Meus... braço...

—Pequenos inchaços nos braços? Sim. Eles têm um médico de algum tipo, ou um veterinário, quem sabe. Ele aparece





quando chegamos pela primeira vez, enfia um monte de agulhas na gente, coloca essa coisa prateada na nossa pele e sai. Estou pensando que é como quando o veterinário aparece na fazenda, ele inocula as vacas e cola um rastreador na orelha. Sendo que o nosso está no braço. E lá vou eu nos comparando a vaca novamente. Eu provavelmente não deveria, certo?

—Purq... nós ... comemos... Vacas. — Murmuro me babando.

Liz resmunga.

—Sim, mais ou menos isso. Mas acho que estão tendo muito trabalho conosco para simplesmente nos comerem. A menos que sejamos uma iguaria de algum tipo, o que eu não descartaria. Mas... sim.

— Sim. — Eu ecoo.

—Tente dormir um pouco, se conseguir. — Liz murmura acariciando meu braço dolorido. — Dormir é praticamente a única fuga que temos aqui. Aproveite.

Essa Liz, tão otimista. Enrolo meus braços ao redor do meu peito e percebo que ainda estou vestindo o pijama sem mangas com o qual fora dormir. Não é muito quente ou muito modesto e desejo absurdamente que tivesse ido dormir em um pijama comprido de flanela.

E então eu quero chorar. Pensar que não estava vestida adequadamente para um rapto alienígena. Meus ombros tremem com a ironia até que a ironia se transforma em





lágrimas. Então é isso aí. Ontem? Eu não acreditava em alienígenas. Mas isso foi ontem.

Eu choro em silêncio até finalmente conseguir dormir.

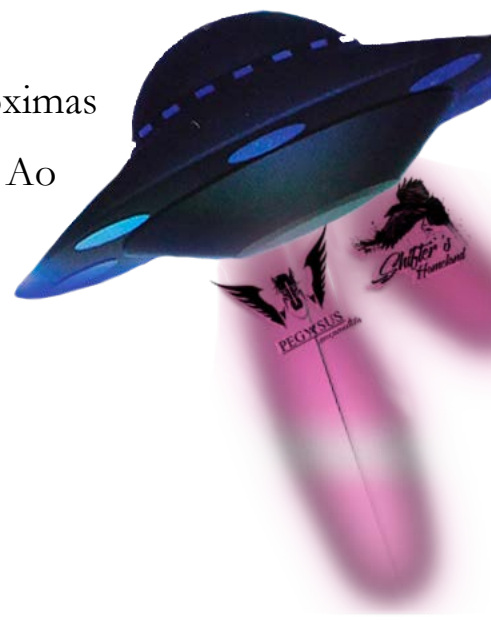


Descobri algumas coisas no dia seguinte na nave espacial.

Descobri que não há banheiro. Parece que nossos captores não haviam pensado em toda a logística ideal da operação “vamos encher essa nave de garotas sequestradas”. Então temos que nos contentar com um balde em um canto, daí vem o cheiro de esgoto. Dignidade? Já era. Nada como esperar por sua vez no balde para fazer com que você perca a pouca humanidade que lhe resta.

Descobri que o cardápio se consiste em uma pequena barrinha que parece com algas secas e têm gosto de merda. Recebemos duas por dia. Água? É dispensada de uma torneira de algum tipo que me lembra um alimentador de ratos de estimação.

Os inchaços no meu braço diminuem durante as próximas horas, apesar de uma pequena protuberância permanecer. Ao sentir isso e olhar para os braços das outras garotas, imagino que seja algum tipo de dispositivo de rastreamento



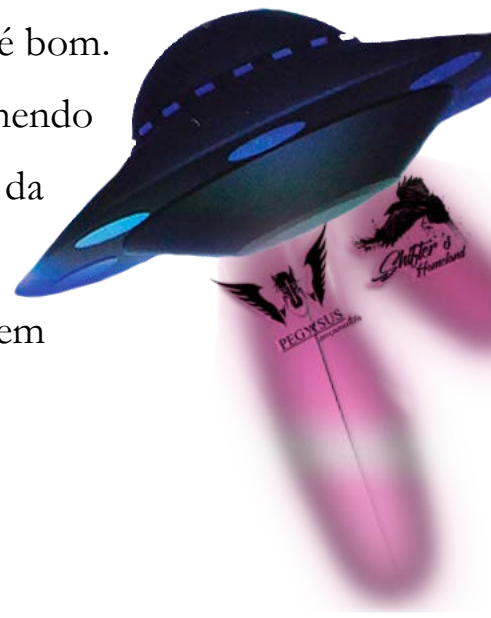


eletrônico que eles implantaram. Marcando o gado, como Liz dissera. No momento, acho que o comentário se encaixa perfeitamente.

Percebi que há dois tipos de alienígenas. Os frágeis verdes que parecem estar no comando e os que têm a cabeça parecendo uma bola de basquete, que são os que aparentemente fazem a segurança. Eu os chamo de cabeças de basquete não porque tenham cérebros enormes, mas por causa da textura alaranjada e sem pelos de sua pele. É bizarro, aquela cabeça estranha sobre o uniforme cinza colado ao corpo que usam no dia a dia. Os cabeças de basquete são horríveis, apesar do nome estúpido. Eles têm olhos estranhos como os de insetos, com pálpebras opacas e seus dentes parecem agulhas. Possuem dois dedos e um polegar em vez de cinco dedos como nós, eles são altos. Os homenzinhos verdes? Que fazem os ruídos como se fossem pássaros? Eles não têm mais de um metro de altura e raramente aparecem. Já os cabeças de basquete? Ficam no porão constantemente.

E todo mundo morre de medo deles.

Eu noto isso logo quando acordo na manhã seguinte, embora eu suponha que seja de tarde, e vejo que todas as outras já estão acordadas. O medicamento que me deram para me dopar parece já ter saído do meu sistema e reprimo um bocejo, piscando. Quero ficar em silêncio porque o silêncio é bom. Leva um momento para perceber que todas estão se encolhendo no outro lado da jaula, afastando-se das grades. Os pelos da minha nuca se arrepiam e sigo as outras, indo para trás. Quero perguntar o que está acontecendo, mas no momento em





que abro a boca, Liz balança a cabeça silenciosamente, o olhar fixo em algo por cima do meu ombro.

Eu me viro e estremeço ao ver um cabeça de basquete olhando através das grades para mim. Dou um pulo assustada novamente quando ele me dá um sorriso malicioso, eu me aproximo das outras.

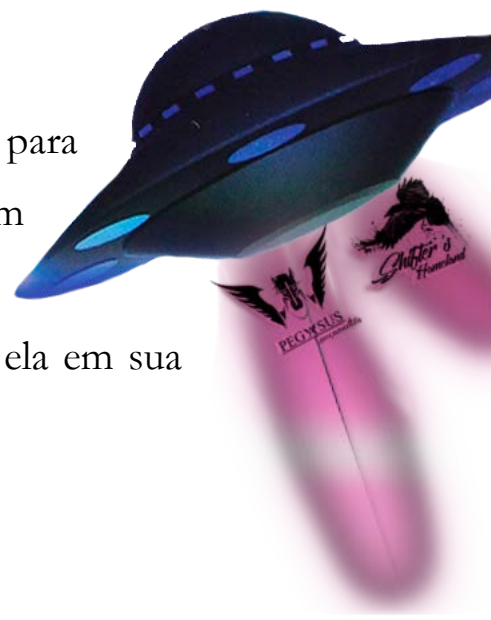
—Sem gritos. — Alguém murmura como um aviso.

Meu Deus, isso está me enlouquecendo. Eu concordo com um aceno. De jeito nenhum estou fazendo qualquer som.

Os cabeças de bola permanecem no nosso porão o dia todo. É como se eles estivessem esperando por algo. Eu tenho medo de imaginar o que é. Nós nos amontoamos em um canto da jaula, outra garota inconsciente é trazida para a nosso porão depois de algumas horas. Nem mesmo tentamos escapar quando eles abrem a porta. Nós simplesmente nos sentamos e observamos quando empurram a nova garota para dentro da jaula e fecham a porta de novo.

Posso adivinhar por que ninguém quer tentar sair. Para onde iremos? E as consequências da desobediência devem ser ruins, porque todas na jaula estão totalmente aterrorizadas com os cabeças de basquete.

Alguém agarra a nova garota pelo braço e tenta puxá-la para o nosso grupo amontoados. Ela aparenta ter minha idade e tem um lindo cabelo vermelho. Eu percebo que os cabeças de bola continuam voltando para a jaula e comentando sobre ela em sua





estranha linguagem confusa, fazendo gestos com as mãos de vez em quando. Então eles riem, um som estridente e misterioso que irrita meus nervos desgastados.

É quase como se estivessem fazendo apostas sobre a nova garota.

Poucas horas depois, ela acorda. Estou encolhida perto de Liz e pulo de susto saindo do meu estado de inércia quando ela inala bruscamente.

A garota soluça alto, com os olhos arregalados.

—Não grite. — Ouço uma voz sibilar baixinho. Não consigo identificar quem disse, mas sei que todas nós estamos pensando nisso.

A ruiva ainda não está ouvindo. Ela dá uma olhada ao redor, entra em pânico e começa a gritar. Seu grito estridente ecoa no porão. Ela não vai parar, mesmo que as outras movam as mãos e a toquem, tentando acalmá-la. Está histérica, seus gritos ficando cada vez mais carregados de pânico e mais altos. A ruiva se bate e se contorce para afastar nossos toques de advertência.

Algo apita no andar de cima.

As outras na jaula ficam absolutamente imóveis.

Um estranho som de pássaro enche o ar do comunicador.





Um dos cabeças de bola toca em um painel que acende e ele gargareja uma resposta. A multidão de garotas parece encolher para trás quando o outro cabeça de bola se aproxima da jaula e abre a porta.

É a liberdade, mas ninguém está a tomando.

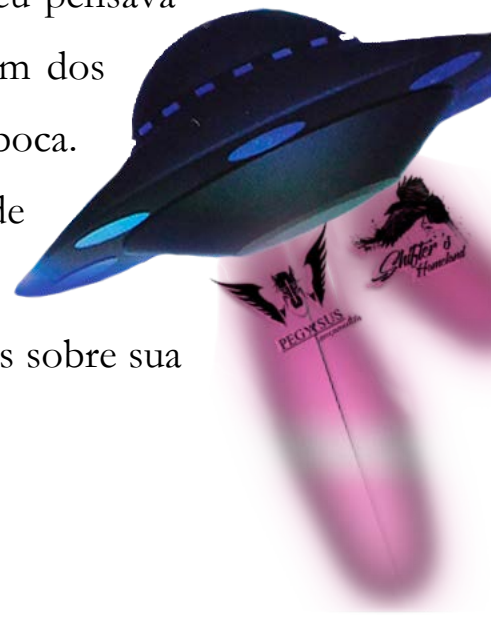
A ruiva é agarrada. Ela é uma lutadora, não posso negar. Ela se bate e se sacode enquanto eles a tocam, gritando obscenidades em francês e gritando por ajuda. Todo mundo se senta em silêncio, observando.

Eu não aguento isso. Eu tento me levantar para ir ajudá-la. Liz agarra minha perna.

—Não. — Ela assobia. — Não atraia atenção para você, Georgie. Confie em mim.

Mesmo que não reagir vá de encontro a tudo em que acredito, também estou aterrorizada. É muito fácil sentar e se reunir com a massa de garotas novamente. Sentar e esperar, ver o que acontece quando alguém desobedece à ordem dita. E me odeio por isso.

Um momento depois, a ruiva é arrastada para o que eu pensava ser uma mesa de exame. Eu assisto com horror quando um dos cabeças de bola coloca uma espécie de máscara sobre sua boca. Quando ela fica em silêncio, percebo que é uma focinheira de algum tipo. Minha própria boca se aperta, meus dentes rangem. Sinto-me enojada quando as mãos dela são esticadas sobre sua





cabeça e amarradas nas extremidades da mesa com um cordão que circula em torno de seus pulsos. Seus quadris e pernas sobre a beirada e eu começo a imaginar o pior.

Ela continua a chutar quando um dos alienígenas agarra sua saia e a rasga de seu corpo.

—Não olhe. — Liz sussurra para mim.

Eu olho, no entanto. Alguém tem que olhar. Alguém tem que ver.

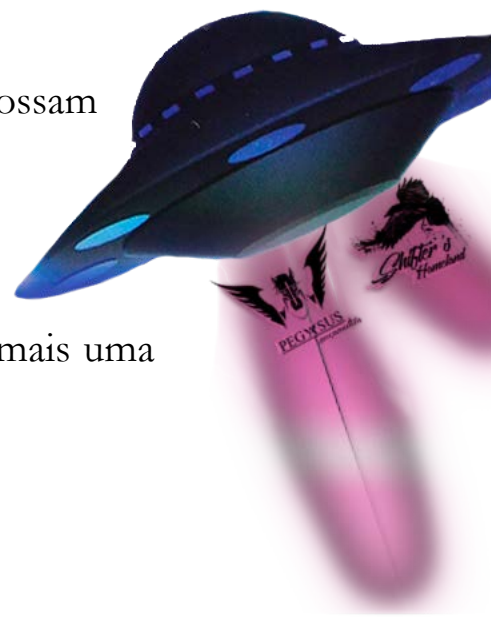
Com o coração partido, vejo como a ruiva tenta se libertar. Eu assisto quando o primeiro alienígena desabotoa a frente de seu uniforme com um toque no colarinho. Eu vejo como seu amigo faz comentários rindo enquanto ele monta a mulher amordaçada.

Eu olho, com os olhos secos e cheios de ódio enquanto eles riem e permanecem em cima dela repetidas vezes. Parece durar por uma eternidade. Em algum momento, ela para de lutar e simplesmente fica parada e torço que tenha desmaiado. Espero que ela não se lembre de nada disso.

Liz aperta minha mão.

— Kira diz que eles têm ordens para que possam “disciplinar” qualquer um que se comporte mal.

Eu aceno e finalmente olho para longe enquanto os alienígenas falam em sua língua estranha e trocam de lugar mais uma





vez. Eu estou supondo que ela está bem “disciplinada” agora. Eu quero gritar, mas barulhos altos não são permitidos. Eu enterro minhas unhas nas palmas de minhas mãos e olho para a fileira de rostos pálidos comigo, tentando descobrir qual delas é Kira. Uma garota no final da fila com o cabelo liso e sedoso está chorando com as mãos pressionadas nos ouvidos. É como se ela não suportasse ouvir o que está acontecendo, mas a ruiva está em silêncio. Há apenas conversas alienígenas.

Essa deve ser Kira. Ela é a única que pode compreendê-los, graças ao dispositivo implantado em seu ouvido. Eu observo as outras. Elas estão em estado de choque, olhos baixos. Uma garota parece horrorizada e me pergunto se ela também é uma gritadora. Eu decido que não quero saber. Fecho meus olhos, tentando me desligar do mundo. Tentando existir em uma bolha tranquila onde nada disso seja real. Onde se eu beliscar meu braço com força suficiente, tudo vai acabar e vou acordar.

Mas quando fecho meus olhos, vejo o rosto da ruiva enquanto era estuprada. Eu vejo o rosto do cabeça de bola enquanto ele se divertia, soltando comentários em sua linguagem alienígena enquanto violava a garota. Como se não fosse grande coisa, apenas outro dia no escritório, como se fosse a mesma merda de sempre.

Liz está certa. Não somos nada além de gado para essas coisas. Eles vão nos vender para outros seres nos estuprarem, comerem ou ambos. Ou algo mais horrível que nem consigo imaginar.

Eu não vou esperar meu destino sentada. Cruzo meus braços firmemente sobre o meu pijama, levanto minhas pernas e estudo





meus arredores. Olho para cada canto das estranhas paredes, tentando determinar se há algo que possa ser usado como arma.

Porque eu vou matar aqueles malditos filhos da puta se eles tentarem me tocar.



Ninguém mais vem a bordo da nave na semana seguinte, então estou começando a suspeitar que estejam com a “capacidade total”. O que é bom, considerando que nossa minúscula jaula dá a sensação de ficar mais e mais lotada a cada hora. Agora com Dominique “a ruiva brutalizada” espremida aqui conosco, sentimos-nos como sardinhas enlatadas.

Não que alguém esteja pulando para reclamar.

Liz e eu conversamos calmamente durante a noite, quando os guardas nos deixam em paz. Provavelmente estamos no espaço agora. Nossos ouvidos têm estalado repetidamente durante os últimos dias, nós suspeitamos que começamos a viajar em alta velocidade.

E nós não sabemos o que fazer sobre isso.

—Devemos começar eliminando os guardas. — Digo a Liz e a Kira pela segunda vez nesta noite. — Os homenzinhos verdes parecem ter os cabeças de basquete fazendo





todo o trabalho pesado. Acho que se nos livrarmos dos laranjas, talvez possamos intimidar os verdinhos e exigir nosso retorno a Terra.

—Há uma pequena falha nesse plano, Georgie. — Diz Liz, sempre a mais prática. Ela gesticula para as barras da cela. — Estamos deste lado e eles estão do outro lado. Com armas.

— Precisamos fazer alguma coisa para levá-los a abrir a porta. — A voz tranquila de Kira corta a escuridão. — Eu diria que poderíamos esperar aparecerem com outra prisioneira mas...

—Pois é. — Digo, pensativa, meu olhar se movendo para onde Dominique se aconchega em um canto, sozinha. Ela tem sido uma bagunça desde que a trouxeram de volta para a cela. Ela está quieta agora, é claro. Passa o dia todo com o punho dentro de sua boca, mordendo-se, lágrimas escorrendo pelo rosto. E resiste a todas as nossas tentativas de fazer amizade ou de acalmá-la. Vai levar tempo e paciência e como estamos todas espremidas dentro de algo do tamanho de um armário, a paciência está acabando no momento.

Olho de volta para os rostos sombrios de Kira e Liz, pensando muito.

—E se todas fingirmos estar doentes na próxima vez que eles vierem nos alimentar?

—Isso não seria muito difícil. — Diz Liz. — Essas barras de algas são horríveis.

Mas Kira balança a cabeça.





— E se eles decidirem que já que estamos todas doentes, que podem simplesmente nos jogar no espaço? Somos extras, lembra? Enquanto eles tiverem sua quota nesses tubos, somos descartáveis. — Ela aponta para os compartimentos no lado oposto da sala.

Não consigo esquecê-las. Não sei se tenho inveja de que elas ignoram completamente nossa situação ou se fico ainda mais horrorizada com o que vão passar quando acordarem. Mas ela está certa. As pessoas nos tubos estão seguras e por isso nos tornamos supérfluas e eu não estou disposta a adicionar a fase “sabotar os tubos de hibernação” ao nosso plano de fuga. Também não estou disposta a deixá-las para trás. Nós simplesmente teremos que dar um jeito.

—Bem, então. — Digo. — E se gritarmos?

Kira respira profundamente.

—Isso me assusta. — Ela olha por cima do meu ombro para Dominique e estremece.

—Eu também não gosto disso. — Eu digo a ela. — Mas quais são as nossas opções? Uma pessoa que se comporta mal garante que todas as outras permaneçam seguras, certo? Então, chamamos a atenção deles, fazendo com que eles abram as portas...

—E? — Pergunta Liz. — O quê? Ser estuprada?





—Não. — Eu nem quero pensar sobre isso. — Precisamos de uma distração de algum tipo. Podemos derrubá-los quando abrirem as portas. Há mais de nós do que deles.

—Mas eles têm armas. — Observa Kira.

—Mas se todas correremos juntas...

—Então, as que forem na frente serão baleadas. — Diz Liz. — Eu não quero estar aqui, mas não quero morrer, também não sei o que as outras fazem. Elas não são realmente lutadoras. Nenhuma de nós é.

—Mas que escolha nós temos? — Eu protesto. — Nós poderemos ser escravas boas e comportadas e ainda assim sermos estupradas e vendidas para Deus sabe quem. Pelo menos se lutarmos, temos uma chance.

—Não, você está certa. — Liz ergue os joelhos perto do peito, pensando. — Então nós faremos uma distração, para que eles venham abrir as portas, vamos empurrá-los, pegar as armas e assumir o controle. Nós só precisamos ter certeza de que a Kira esteja protegida durante tudo isso.

—Eu? — Kira parece surpresa. — Por quê?

—Porque você é a única com o tradutor. — Diz Liz severamente. — Nós não seremos capazes de convencê-los a voltar para a Terra se você for baleada e não pudermos conversar com eles.





Ela tem razão.

—Eu serei a distração. Eu inventei o plano.

— Você tem certeza?

Deus não, eu não tenho certeza. Cada parte do meu corpo vibra com terror ao pensar nessas criaturas com pele de casca de laranja me tocando. Mas que escolha eu tenho? Sentar e não fazer nada? Deixar essas criaturas decidirem o meu destino? Dane-se!

—Eu vou fazer isso.

Como se estivesse concordando comigo, a nave dá um solavanco e começa a despencar, jogando-nos por toda a cela.

Ninguém grita, é claro. Não somos loucas.



Pela segunda vez naquele dia, a nave chacoalha. A turbulência é um pouco ridícula, considerando que estamos no espaço. Não deveria ser uma viagem suave e estável? Meu estômago balança junto com a nave, mas eu o ignoro.

Já está quase na hora do nosso plano.





Eu olho para o guarda que anda de lá para cá fora da nossa cela. É o que consideramos a “hora de dormir”, na qual recebemos a última barra de algas do dia e os guardas já estão cansados de nos assediarem. Normalmente, após a última alimentação, eles esvaziam nosso balde de dejetos e depois saem.

Mas esta noite, as coisas estão meio estranhas. Apesar do nosso balde de dejetos estar quase cheio, o cabeça de bola não veio trocar. Os sons de pássaros continuam soando pelo interfone e o guarda na sala está cada vez mais agitado à medida que os minutos passam.

E durante todo tempo a nave continua cambaleando.

—O que está acontecendo? — Eu sussurro para Kira enquanto observamos o ritmo do único guarda, de um lado para o outro, distraído. — Onde está o outra cabeça de bola de basquete?

—Eu não sei. — Ela admite, sua mão pressionando sua orelha e o dispositivo prateado enrolado lá. — Algumas das palavras não são traduzidas, ou são e eu não sei o que significam. — Balança a cabeça. — Acho que há algo acontecendo com o motor, no entanto. Eles continuam a falar sobre desacoplar o compartimento de carga e descarregar em um local seguro.

Meu estômago afunda.

—Hum, nós somos a carga.

Ela faz uma careta.





—Eu sei. Aparentemente, eles não vão conseguir cumprir um prazo de entrega, se o fizerem, então estão tentando contornar isso.

—Sorte a nossa. — Murmuro, olhando para o único guarda. Apenas um. Normalmente, existem dois. Meu corpo fica tenso com o pensamento. Se conseguirmos derrubar esse único guarda...só haverá mais um para lidar mais tarde. Nossas probabilidades são muito melhores se dividirmos os adversários.

E se tivermos a arma de um deles.

—Acho que devemos seguir em frente com nosso plano. — Digo em voz baixa enquanto o guarda começa a andar novamente.

—Eu não sei. — Diz Kira, mordendo o lábio. Mas Liz acena com a cabeça para mim.

—Nós vamos fazer isso. — Sussurro para as outras na cela. As garotas parecem estar desconfortáveis, mas se afastam para me dar espaço. Se eu estou disposta a ser o cordeiro do sacrifício, elas estão dispostas a deixar que eu me sacrifique.

Então, reúno minha coragem, dirijo-me até a grade e coloco meu rosto entre as barras da prisão.

—Ei.





O guarda não liga. Ele continua a andar de um lado para o outro, seu olhar indo para o teto como se estivesse esperando que mais dessas estranhas ordens piadas venham.

Eu tento de novo.

—Ei. Aqui. — Quando ele não me dá atenção, admito que estou surpresa. Normalmente, eles aproveitam qualquer desculpa para nos punir. Eu vi outra garota ser estuprada semana passada porque ela gritou em um pesadelo. Então eu tento uma nova tática para chamar sua atenção.

Eu reúno um grande punhado de saliva e cuspo nele.

A cuspada pouisa na parte de trás de sua grande cabeça careca e ele para. Seus olhos estranhos de peixe se estreitam quando se vira para mim, depois atravessa o compartimento de armazenamento em direção à nossa cela.

—Bom trabalho, Georgie. — Liz sussurra.

Respiro profundamente e aceno com a cabeça. Eu não me sinto muito bem sobre isso, mas fazer o quê. Afasto-me para a parte de trás da cela, como planejamos, então ele terá que entrar para vir atrás de mim, e quando as outras garotas se aproximam de mim, eu puxo o balde de merda para os meus braços.

A ideia que surgiu é a de jogarmos a porcaria nele para distraí-lo ainda mais, então as outras aproveitarão o momento para pular nele. Vamos dominá-lo e derrubá-lo, depois tirar





sua arma. Não que saibamos como disparar uma arma alienígena, mas um passo de cada vez. Enquanto ele não tiver a arma, já é metade da batalha ganha.

Claro, o fato de que o balde de merda em meus braços pareça tão pesado mostra também quão fraca e letárgica estou por causa das rações horrorosas que estão nos dando. Cambaleio com o peso, fazendo uma careta quando algo se desloca pela beirada do balde e caem no meu braço. Porra!

Ele rosna algo que soa como um xingamento na língua dos ETs e abre a cela.

Diferentemente de como planejamos, as garotas recuam, se encolhendo, deixando-me lá sozinha com o balde nas mãos e com uma expressão estúpida no rosto enquanto ele corre em minha direção. Eu jogo o balde em cima dele assim como ele me agarra, mas está muito pesado, toda a merda e a urina acabam caindo em cima de nós dois. O guarda agarra meu braço e eu grito assustada quando seus dedos cavam na carne do meu bíceps. Sua pele de cascalho não é só feia, é áspera também e rasga minha pele como se fosse uma lixa.

Ele dispara uma série de xingamentos e me arrasta para frente.

—Não. — Diz Liz, agarrando meu outro braço enquanto eu me contorço para escapar do cabeção. Para onde foi nosso grande e maldito plano de ataque? Por que as outras estão encolhidas como coelhos assustados? Eu olho para Kira, minha outra cúmplice, mas ela está com a cabeça inclinada, uma expressão estranha em seu rosto enquanto olha para o teto. Um piado de pássaros fraco soa do andar de cima.





—Iniciar desacoplamento? — Kira pergunta com um olhar confuso em seu rosto.

O andar inteiro se desloca para o lado e nós estamos flutuando.

Eu bato pela sala, meu corpo subindo pelo ar, aterrisso com força contra os tubos de hibernação e todo o ar sai dos meus pulmões.

O mundo inteiro se inclina, vira de cabeça pra baixo e o porão está cheio de mulheres gritando. Salpicos de algo molhado batem em meus braços e o balde voa sobre nossas cabeças. Então tudo fica no ar. As luzes se apagam, deixando-nos na escuridão.

Uma luz vermelha pisca. Oh, isso não é bom. As luzes vermelhas são sempre luzes de emergência, não é?

Olho para a sala que agora está toda vermelha pelas luzes de emergência, observo como pedaços de bosta flutuam no ar. No fundo, alguém se desequilibra no ar. Perdemos toda a gravidade.

Que diabos é isso?

Eu tento focar meus olhos quando algo dança por cima de minha cabeça. Algo preto, longo, com um cano grosso.

A arma.





Caramba. Eu me empurro em um dos armários e percorro o ar em direção à arma, então a gravidade volta novamente. Eu caio no chão em cima da arma.

A poucos metros de distância, o guarda cai também. Durante todo o tempo, o estranho piado de pássaros continua ecoando pelos intercomunicadores.

Pego a arma e procuro por um gatilho enquanto o guarda geme e balança a cabeça, tentando reunir seus pensamentos. Não há nenhum gatilho. Bem, merda. Funcionará tão bem quanto um porrete. Agarrando-a pela base grossa e pesada, levanto-a sobre minha cabeça e atinjo a cabeça do guarda.

BOOM

O guarda cambaleia.

Eu não paro. Eu bato nele de novo e de novo. Boom. Boom. Uma vez, outra vez, eu bato com o punho da arma na cabeça dele. Ele não se move, mas eu não paro. Estou aterrorizada que ele de alguma forma tenha um crânio de granito e vai me agarrar e me subjugar. Então, continuo batendo nele.

Mãos agarram as minhas.

—Georgie. Georgie pare. Eu acho que ele já está morto. — A voz de Liz corta a névoa que embaça minha mente. — Você pode parar agora.

Eu diminuo a velocidade, olhando fixamente para ela e depois para o guarda, Ou o que sobrou do guarda.





Seu rosto não passa de uma pilha de carne no topo do pescoço.

Eu encaro a cena. Então vomito.

—Você conseguiu. — Diz Liz, esfregando minhas costas. — Caramba. Você conseguiu, Georgie! Você é um maldito Rambo!

Não me sinto fodona. Sinto-me arrasada. Acabei de matar um homem. Algo parecido com um homem. Mais ou menos isso.

Definitivamente um estuprador.

Ainda assim, é uma criatura viva. Era. Era uma criatura viva.

Meu estômago se remexe de maneira desconfortável novamente e eu limpo minha boca com a parte de trás de minha mão e depois paro. Cheira a esgoto. Ugh. Estou coberta de merda também, a cabine está salpicada.

—O que diabos aconteceu?

—Eu não sei. — Diz Liz, ajudando-me a ficar de pé.

Eu sinto dor por toda parte, minhas costelas se machucaram quando pousei na arma. No entanto, seguro-a firme. Não me importo se está coberta de fezes e de pedaços de cérebro, é minha agora.





Um piado metálico ecoa no alto-falante enquanto meus ouvidos estalam. Liz aperta os ouvidos ao mesmo tempo e nós nos olhamos surpresas.

Kira vem correndo para fora da cela.

—Gente! Temos problemas maiores. A mensagem no alto-falante diz “Prepare-se para a reentrada”. Acho que isso significa que estamos caindo!

Porra.

Nós nos levantamos novamente e eu flutuo pelo ar, batendo contra os armários. Algo bate na minha cabeça e tudo fica escuro.



—Ei. — Uma voz familiar soa no meu ouvido. — Ei, acorde. Você está bem, Georgie?

Levanto lentamente e gemo quando uma pontada forte de dor dispara pela minha testa. Então, um momento depois, a dor não está apenas na minha cabeça, cada parte do meu corpo dói, meu pulso acima de tudo. Ele lateja com um incômodo que se espalha por todo o lugar até o meu cotovelo. Eu olho para Liz enquanto ela paira sobre mim.

—Oh.





Ela sorri de volta, exibindo um lábio inchado e um hematoma crescente em uma bochecha.

—Você está viva. Isso é sempre uma vantagem. — Ela se senta em seus calcanhares e me oferece uma mão. — Você consegue se sentar?

Com a ajuda dela, chego a uma posição sentada, estremeço. Sentar apenas faz tudo doer ainda mais.

—O que aconteceu?

—Nós caímos. — Responde. — A maioria de nós foi nocauteada por nos chocarmos contra as paredes e barras. Temos alguns ossos quebrados, alguns narizes sangrando e duas garotas que não conseguiram resistir.

Eu olho para ela em estado de choque, em seguida, corro o olhar pela sala.

—Duas pessoas... morreram? Quem?

—Além do guarda que você apagou a Krissy e a Peg. Parece que quebraram o pescoço. — Ela acena com a cabeça para outro lado da sala. — Pobrezinhas.

Engulo o nó de tristeza em minha garganta. Não as conheci bem, mas conheci o terror e o medo delas. Estou feliz por ao menos estar viva. Abraço Liz e ela me abraça e por um momento, estamos apenas aliviadas por estarmos respirando e inteiras. Por cima do ombro, eu olho, notando que toda a sala de carga parece estar inclinada em um ângulo. O chão metálico está coberto com





detritos, inclinado e congelado. Eu me levanto com ajuda de Liz, tremendo e olhando ao redor chocada.

Várias das garotas estão juntas em um cantinho, Megan está abraçando Dominique e tentando acalmá-la, ela está sufocando fortes soluços no choro. Outras garotas ainda estão esparramadas no chão, inconscientes e vejo dois corpos empilhados no canto ao lado do guarda morto. Os cabelos escuros de Krissy caem sobre seu rosto, obscurecendo seus traços. É melhor. Eu olho para longe. Ao lado, Kira está tentando ajudar outra garota a endireitar uma perna quebrada. O próprio rosto de Kira está machucado e sangue está escorrendo do implante em sua orelha.

Todo mundo parece machucado, ferido e danificado. Eu olho para as minhas pernas, mas parecem estar bem. Meu pulso, no entanto, está inchado e um pouco roxo, minhas costelas parecem que estão pegando fogo.

—Eu acho que o quebrei. — Digo, segurando meu braço machucado. Giro cuidadosamente o pulso e quase desmaio com a onda de dor que ele envia através do meu corpo.

—Suponho que você não vai mais espancar alienígenas. — Diz Liz alegremente. — Se não está quebrado, está gravemente deslocado. Você deveria ver os dedos do meu pé esquerdo. Eles também parecem terríveis. Parece que tentaram fugir do meu pé e não conseguiram.

Eu olho para ela com ceticismo.





—Então, por que você está de bom humor?

—Porque estamos livres. — Ela diz com entusiasmo. — Estamos livres finalmente e pousamos em algum lugar. Eu acho que essas são melhores chances do que as que tínhamos antes.

—Como você sabe que pousamos?

Liz manca ao meu lado, apoiando sua perna.

—Porque o chão está inclinado e frio e por causa disso. — Ela aponta para algo atrás de mim.

Eu me viro e olho. Acima, parece que um dos compartimentos se soltou parcialmente, deixando um rasgo comprido e estreito no casco do nosso compartimento de carga. Através do rasgo, entram raios de luz fracos e o que parece ser flocos de neve caem. Eu suspiro e me levanto, tentando ver.

—Isso é neve?

—É. — Liz diz alegremente. — E como não estamos todas morrendo asfixiadas por respirar metano ou algo assim, suponho que o ar seja oxigênio.

Esperança nasce em meu coração e olho para o teto. Volto para Liz, cheia de emoção.

—Você acha que caímos na Terra de alguma forma?





—Eu acho que não. — Diz Kira, sua voz suave interrompe meus pensamentos. Olho-a e estremeço. Ela parece muito machucada, todo o lado esquerdo de seu rosto magro está roxo e sangrento. Um dos olhos dela está com um vaso sanguíneo rompido, o vermelho muito vermelho contra sua pele pálida. Ela também está mancando, o joelho inchado.

—Como você sabe que não estamos na Terra? — Pergunto. Ainda me recuso a desistir da esperança. — Quantos outros lugares podem ter neve e oxigênio? Nós só podemos estar, quem sabe, no Canadá ou algo assim.

—Exceto que eu ouvi através dessa coisa. — Ela diz, apontando para o fone de ouvido ensanguentado ainda preso à cabeça dela. — Que eles estavam nos lançando em um “local seguro” até retornarem para uma coleta em uma data posterior.

Liz cruza os braços, franzindo a testa.

—Retorno para recolherem a gente? Então eles nos deixaram cair aqui para que fiquemos sentadas e quietinhas até que venham nos pegar novamente em um dia ou dois? Porra nenhuma.

—Eu não sei quando. — Diz Kira, seu rosto solene. — Mas quando eles mencionaram este lugar, definitivamente não era a Terra que estavam se referindo. Eles continuaram falando sobre uma nuvem de partículas, mas a única nuvem de partículas da qual eu me lembro da aula de ciências estava à beira do





nosso sistema solar: a Nuvem de Oort². E estamos recebendo muita luz. — Diz, apontando para o buraco no casco. — Nós não estamos em nenhum lugar perto de Plutão. Não acho que estamos na Terra. Eu não acho que estamos em nosso sistema solar também.

—Entendido. — Concorda Liz. Ela parece arrasada.

Ainda estou cética. Olhando para a neve caindo na rachadura, é difícil não se animar. Temos que estar em casa, não é? É inverno lá fora. Eles poderiam ter nos deixado na Antártica. Agora eu preferiria até a Antártica a um planeta aleatório.

—Não quero ficar sentada até que eles voltem.

—Eu também. — Kira suspira e geme, esfregando seu ombro. — Mas todas estão feridas. Eu não sei o quão rápido podemos nos mover, ou se é mesmo seguro nos mover. Por tudo o que sabemos, podemos muito bem estar flutuando em um mar de gelo cheio de tubarões-gelo que comem pessoas.

—Bom Deus, você é um raio de sol otimista, não é? — Liz diz, olhando para Kira.

—Desculpe. — Kira faz uma careta, pressionando uma mão em sua testa. —Tem sido um dia infernal e sinto que vai piorar.

² A nuvem de Oort, também chamada de nuvem de Öpik-Oort, é uma nuvem esférica de planetesimais voláteis que se acredita localizar-se a cerca de 50 000 UA, ou quase um ano-luz, do Sol. Isso significa que ela está a aproximadamente um quarto da distância a Próxima Centauri, a estrela mais próxima do Sol.





Ela parece tão abalada que quero abraçá-la. Eu me recuso a falar sobre isso. Um guarda está morto, nós temos sua arma e por enquanto, estamos longe de nossos captores.

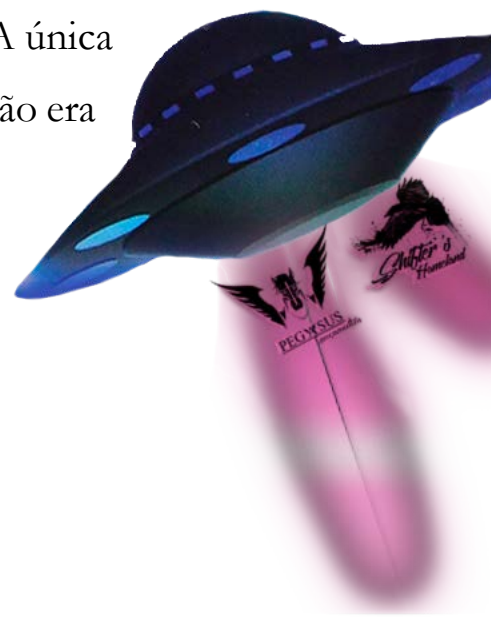
—Vai ficar tudo bem. — Digo brilhantemente. — Vamos descobrir as coisas.

—Podemos descobrir comida? — Megan diz do canto da sala. — Estamos com muita fome.

—Achar comida é um bom começo. — Concordo, acenando com a cabeça para Liz. — Vejamos o que temos, se era suposto que teríamos que esperar que os homenzinhos verdes voltem.

Contudo, uma hora depois as coisas parecem sombrias. Encontramos barras suficientes para uma semana e temos água suficiente para o mesmo tempo. Fora isso, porém, não há nada.

Ademais, além da arma que pertencia ao guarda que tínhamos matado, bem, que eu matara, não havia mais armas e nenhuma roupa adicional. Vasculhamos tudo, batendo nas paredes e tentando encontrar compartimentos ocultos no compartimento da nave, mas não encontramos muita coisa. A única descoberta foi uma espécie de material plástico grosso, mas não era quente nem flexível para ser algo muito útil.





—Com certeza, Robinson Crusoé³ não estava tão fodido quanto nós. — Diz Liz.

Não li Robinson Crusoé, mas eu concordo. Está claro que não estamos equipadas para sobreviver. Nós não estamos equipadas para nada, e está ficando mais frio no porão a cada minuto, graças à neve e ao ar frio que constantemente escorrem da abertura no casco.

—Quero dizer, eu não entendo. — Diz Liz, distribuindo algumas barras de algas marinhas. — Se eles querem que a gente sente e espere, você não acha que eles deveriam ter nos deixado com mais suprimentos?

—Você esquece que somos as extras. — Ressalto, afastando minha barrinha. Alguém mais pode comê-la. Meu estômago já está ruim como está. — Enquanto elas estiverem intactas, isso é tudo o que importa, certo? E elas não estão comendo. — Eu faço um gesto para os tubos que ainda estão na parede. — Elas ainda estão em perfeitas condições.

Naturalmente.

—Devemos acordá-las agora? — O pensamento de um punhado de mulheres flutuando adormecidas a poucos metros de distância sem

³ Robinson Crusoe é um romance escrito por Daniel Defoe e publicado originalmente em 1719 no Reino Unido. Epistolar, confessional e didático em seu tom, a obra é a autobiografia fictícia do personagem-título, um náufrago que passou 28 anos em uma remota ilha tropical próxima a Trinidad, encontrando canibais, cativos e revoltosos antes de ser resgatado. O livro foi originalmente publicado na forma de folhetins em The Daily Post, sendo o primeiro romance-folhetim.





entender o que estava acontecendo é bastante irritante para mim. Se tivesse desacordada, eu não gostaria de saber?

— Deus não. — Diz Liz. — Como sabemos se elas estão cientes de onde estamos? Provavelmente elas ainda pensam que estão enroladas em suas camas e que homenzinhos verdes não existem. Você gostaria de acordar para descobrir tudo isso e que por sinal, que estamos presas e não temos muito que comer?

— Bom ponto. — Eu olho para o quarto vazio, batendo meu pé descalço e pensando.

— Então o que fazemos? — Pergunta Kira, movendo-se para o lado das outras garotas amontoadas, juntas para dividir calor corporal. Ela parece estar exausta.

Liz olha para mim, esperando por algum sinal.

Eu sou o líder agora? Porcaria. Mas... alguém tem que fazer isso e estou cansada de ninguém ter ideias. Considero nossas opções por um longo momento.

— Bem, se estamos em um planeta com oxigênio, acho que há outras coisas vivendo aqui. Eu não sei muito sobre ciência, mas se a Terra pode suportar todos os tipos de vida, não é razoável pensar que este planeta também possa? Podemos estar realmente perto de uma cidade por tudo que sabemos.

—Uma cidade cheia de alienígenas. — Murmura alguém.





—É verdade. — Concordo. Mas não podemos ficar aqui e morrer de fome. Ou congelar. O sol está brilhando agora, mas não sabemos quanto tempo temos até a noite ...

— Ou quanto tempo à noite vai durar. — Acrescenta Kira.

—Talvez, você deva parar de tentar ajudar, Kira. — Diz Liz. — Estou apenas dizendo.

—Acho que precisamos explorar os arredores pelo menos. — Sugiro. — Nos orientar, procurar comida e água e conhecer o território à nossa volta.

—Mas a maioria de nós está ferida. — Choraminga uma das garotas. Tiffany. Ela parece que veio de uma fazenda e está completamente aterrorizada. Algumas de nós encararam nosso cativeiro com uma determinação sombria, outras se derrubaram completamente. Tiffany está na última categoria.

—Você deveria ir, Georgie. — Liz acena.

—Eu? — Eu engasgo.

—Você é tipo a nossa líder.

Minha nossa, eu odeio que não fui a única a ter pensado isso. Olho para a neve entrando na sala pela rachadura sobre nossas cabeças. Parece frio lá fora e estou usando só um pijama curto.

—Como eu sou a líder? Eu fui praticamente a última a chegar. — Somente Dominique foi capturada depois de mim.





—Sim, mas você foi à única que criou todos os planos. Você foi à única que matou o guarda e Kira precisa ficar aqui caso os alienígenas voltem porque ela tem a coisa da orelha. Meu joelho está todo ferrado, eu não chegaria muito longe. Além disso, você é a única que é boa em usar uma arma. — Liz sussurra, piscando seus cílios para mim.

Eu bufo.

—Sou boa em atacar as coisas, você quer dizer.

—Ei, você fez melhor do que o resto de nós, Georgie. Sério. — Ela diz, dando socos no ar, fingindo uma luta de boxe. — Você quer que eu cante a música do Rambo para você?

—Poxa, valeu mesmo. — Digo a ela, tentando estar chateada pelo fato de que acabaram de me voluntariar. Se bem que tinha que ser eu mesma, acho. Além de Kira e de Liz, as outras garotas não são muito líderes. Todo mundo está ferido e eu quero salientar que meu pulso está fodido e minhas costelas doem, mas...todas estão machucadas. Liz está mancando, Kira tem uma perna quebrada e as outras estão uma bagunça. Quero mesmo deixar meu destino nas mãos de outros e esperar que a pessoas façam um bom trabalho? — Qualquer uma aqui tem alguma experiência em sobrevivência?

Alguém funga com lágrimas. Além disso, só ouço silêncio.

Pois é. Ninguém está preparada para isso.

Ao meu lado, Liz cantarola a música “*Eye of the Tiger*” do Rambo.





Levanto o dedo do meio para ela.

—Certo, ok. Se eu for sair na neve, vou precisar de um par de barrinhas, da arma e de um pouco de água.

—Não temos nenhuma garrafa. — Afirmo Liz. — Apenas coma neve.

—Menos a neve amarela, é xixi. — Brinca outra garota.

— Ah, claro, todo mundo é um comediante agora que eu sou a única a sair para explorar. — Resmungo, estico minhas pernas e testo meu pulso e costelas, estremeando. É uma merda, mas estamos com poucas opções. — Ok, vamos descobrir alguma forma de sair por esse buraco no telhado. Preciso de roupas. — Eu olho para o meu pijama sujo. — Eu acho que essa aqui não vai dar conta.

— Eu sei onde você pode conseguir algumas roupas quentes. — Diz Liz, apontando para a guarda morto.

—Ugh. — Digo, embora estivesse pensando o mesmo. — Eu meio que estava esperando que alguém fosse milagrosamente arrumar um casaco ou algo assim.

—Não estamos com tanta sorte assim. — Diz Tiffany, levantando-se. — Eu vou ajudá-la a tirar a roupa dele.

Pouco tempo depois, Tiffany e eu tiramos a roupa do corpo e tentamos descobrir como colocá-la de em mim. Há estranhas fivelas e fechos invisíveis em vez de fendas e botões usuais e





está com cheiro de esgoto, de sangue e de algum outro cheiro horroroso, mas é surpreendentemente quente e forrado. A jaqueta fica um pouco apertada em meus seios e me faz parecer que eu tenho um seio só, mas como não estou usando isso para ficar fashion, ok. Os maiores problemas são os fatos de que não há luvas e os sapatos são projetados para se adequar a algo com apenas dois dedos grandes em vez de cinco pequenos. Eu empurro meus pés em cada sapato, mas dói.

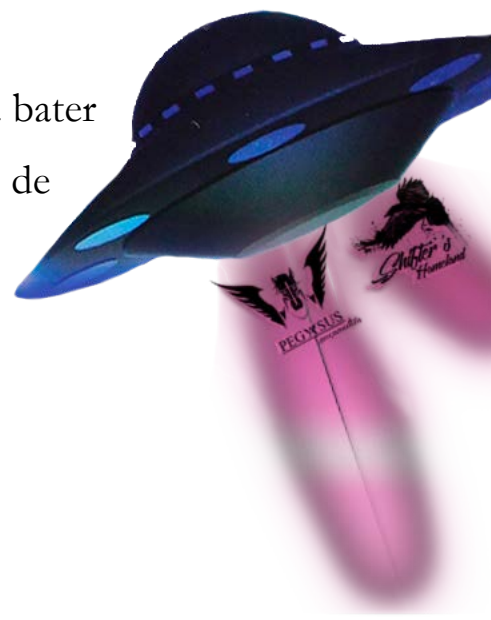
Mesmo assim, isso é melhor do que nada, suponho e nada era o que eu tinha antes.

—Mantenha as mãos enfiadas no casaco. — Sugere Tiffany. — O calor do seu corpo deve ajudar.

Aceno com a cabeça e empurro a arma pela frente da jaqueta também, deixando o longo cano descansando entre meus seios. Eu faço uma trança com meus cabelos sujos para tirá-los do meu rosto, pego as barrinhas que Liz me oferece e tomo uma respiração profunda.

—Eu vou o mais longe possível. — Digo às outras. — Vou procurar por ajuda. Ou por pessoas. Ou comida. Alguma coisa. Mas voltarei. Se eu não voltar amanhã, hum, bem... não venham me procurar.

— Deus, eu gostaria de ter um pouco de madeira para bater em você agora mesmo. — Diz Liz. — Não diga esse tipo de coisa.





—Eu vou ficar bem. — Digo-lhe, blefando. — Agora, me ajude a subir até o teto para que eu possa sair.

Nós manobramos uma mesa e duas garotas mantêm-na no lugar enquanto eu escalo, Liz e Megan me empurram mais alto. Meu pulso arde de dor em protesto e continuo subindo, indo para o topo do casco quebrado. O buraco é grande o suficiente para me espremer por ele, no momento em que chego aonde tem ar fresco, meu pulso está gritando de dor e está ficando mais frio a cada minuto. Eu enrolei meu short de dormir em volta do meu pescoço como um cachecol e capuz, o tecido extra se agrupou em volta da minha garganta exposta. Meu rosto sai do buraco. Tenho certeza de que não devo estar muito sexy agora, além do mais as roupas estão imundas, mas estou feliz por elas. O vento está cruel e ainda nem coloquei a cabeça no buraco.

Coloco minhas mãos no metal gelado, chiando quando meus dedos se grudam a ele. Eu os afasto com cuidado, estremecendo com a sensação de agulhas picando minha pele. Não é só frio lá fora, é muito frio. Eu uso o meu braço bom, agora coberto com o uniforme parecido com uma jaqueta do alienígena, para me impulsionar um pouco mais alto. Enquanto ergo meu torso através da rachadura no casco, tenho uma visão momentânea de enfiar a cabeça para fora e ter um alienígena mastigando-a.

Pensar assim não vai ajudar Georgie, eu digo a mim mesma e afasto a imagem da minha mente enquanto me impulsiono através da abertura e olho em volta.





A boa notícia é que o vento não é tão ruim assim como eu pensava. Em vez disso, a neve cai em flocos silenciosos e espessos, dois sóis brilhando no alto.

Dois sóis.

Dois malditos sóis.

Eu olho para eles, para ter certeza de que não bati minha cabeça no acidente e agora estou vendo em dobro. Com certeza, há dois deles. Eles se parecem quase como um oito, com um sol sendo mais achatado e menor e o outro maior. Ao longe, há uma enorme lua branca.

—Não estamos na Terra. — Aviso para baixo. Caramba. Eu lutei contra o desejo insano de chorar de decepção. Eu queria tanto sair e ver um prédio à distância que me diria: *oh, é apenas o Canadá ou a Finlândia.*

Dois sóis destruíram essa esperança.

—O que você vê? — Alguém me pergunta.

Olho ao redor da nave caída e vejo fileiras sem fim de neves. Olho para cima. Ao longe, existem outras montanhas, ou pelo menos tenho certeza de que são montanhas, que parecem com grandes cristais roxos congelados do tamanho de arranha-céus. Elas são diferentes desta montanha. Esta aqui não é nada além de pedra estéril. Não há árvores. Nada além de neve e pedaços de granitos irregulares. Nosso pequeno compartimento parece ter caído de um dos penhascos próximos; provavelmente foi assim que se rasgou.





Procuro criaturas vivas ou água. Alguma coisa. Qualquer coisa. Não há nada além de branco.

—Como é aí fora? — Alguém mais pergunta.

E passo a língua sobre os meus lábios, odiando que eles já estejam dormentes com o frio. Sou uma garota do sul, acostumada a climas quentes. Nós não lidamos bem com o frio.

—Você já viu *Star Wars*? Os filmes originais?

— Não me diga...

—Sim. Parece que nós aterrissamos em *Hoth*⁴. Exceto que aqui tem dois sóis pequenos e uma lua enorme.

—Não é *Hoth*. — Grita Liz. — Ele era o sexto planeta longe de seu sol e não me lembro dele ter uma lua.

—Ok, nerd. — Disparo de volta para ela. — Nós chamaremos este lugar de *Not-Hoth*, então. Cubram esse buraco com o plástico quando eu for embora. Isso ajudará a manter a temperatura aqui dentro mais quente.

— Fique segura. — Liz me diz.

—Deus te ouça. — Grito de volta. Então levo meu traseiro para fora da proteção do navio.

⁴ **Hoth** - Planeta gelado existente na franquia de filmes Star Wars.





Andando naquela paisagem de neve com nada além de roupa alienígena emprestada e uma arma que eu não sei disparar? Isso me custa cada grama de coragem que tenho no meu corpo. Tremo enquanto tropeço pela neve. Não sei nada sobre como se virar em um inverno severo. Eu sou da Flórida, pelo amor de Deus. Mosquitos? Eu posso lidar. Lagartos? Eu posso lidar. Minhas botas apertadas afundando na neve até os meus joelhos a cada passo? Não, eu não posso lidar com isso.

Porém há meia dúzia de garotas esperando por mim na nave espacial, dependendo de mim para encontrar algo. Qualquer coisa. E não temos muitas opções. Eu sempre posso me virar. Eu não acho que alguém iria me culpar por ter medo.

E então o que faríamos? Sentar lá dentro e morrer de fome? Ou sermos pegos pelos alienígenas novamente.

Ou posso arriscar congelar e tentar fazer alguma coisa aqui.

Então caminho sem direção.

Uma coisa eu posso dizer sobre o cabeça de bola que matei: suas roupas são decentemente quentes. Apesar do fato de que cada passo é uma luta e afundo na neve a com cada um, meus pés estão ok.





Meu rosto parece um bloco de gelo, no entanto. Minhas mãos também. As mangas estão muito apertadas para eu puxá-las para baixo sobre minhas mãos, então ando com uma mão enfiada dentro da minha camisa e a outra sob a axila. Quando fica muito frio, troco as posições delas. Meu pulso dói pra cacete e minhas costelas ainda queimam. Na verdade, elas doem ainda mais agora, porque tenho que respirar profundamente e isso faz com que uma dor aguda apareça no meu peito a cada vez.

Acima de tudo? Eu só quero me enrolar e chorar.

Mas há outras pessoas dependendo de mim. Então não posso me dar a esse luxo.

Depois de caminhar pelo que me parece ser uma eternidade, o chão começa a se inclinar um pouco mais e sigo para baixo. À distância, eu vejo coisas altas e finas que acho que são árvores. Pelo menos espero que sejam árvores. Não há outra folhagem a vista, então vou na direção delas. O vento está aumentando e minha roupa, não importa o quanto ela aguenta o clima, está começando a não dar conta do frio. Na verdade, estou com muito frio. É uma merda.

Queria estar de volta na nave. Viro e olho para o lado da colina rochosa. Vendo a nave daqui, ela é como um pontinho preto junto à encosta. Parece frágil de onde estou. Partida. E ainda não há alimentos, animais e nem mesmo água. Apenas neve.

Bem, merda. Acho que continuarei andando.





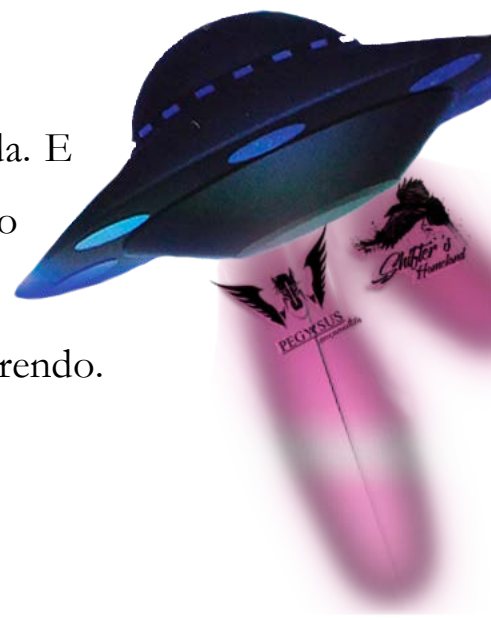
Os troncos estão mais longe do que imaginei, parece que estou caminhando para sempre pela encosta da montanha. Então vejo as coisas que se parecem com folhagem. Pelo menos acho que são folhagens. Existem tufo de um verde-azulado claro que se parecem mais com penas do que com folhas reais, mas há uma verdadeira floresta delas. Estas devem ser as árvores deste lugar estranho. Quando passo através delas, toco em uma. A casca, se você pode chamar isso de casca, é úmida e pegajosa, eu limpo minha mão na roupa, fazendo uma careta. Isso foi nojento.

Ok, eu encontrei árvores. Se existem árvores, então espero que haja uma forma de que elas estejam recebendo nutrição. Árvores precisam de luz solar e de água. Eu olho para os sóis duplos. Eles estão se movendo em direção à beirada do céu e a enorme lua está subindo mais.

Um pensamento repentino ocorre para mim. E se eu estiver aqui fora sozinha durante a noite?

—Isso vai ser uma droga. — Murmuro para mim mesma. Eu retiro a arma da roupa só porque é sempre bom ter uma arma à mão. Isso significa que meus dedos parecem gelo enquanto a seguro, mas não me importo. Eu prefiro ter uma arma de merda do que nenhuma.

À medida que avanço, começo a me sentir desesperada. E se eles nos deixaram aqui neste planeta justamente porque não conseguiríamos nos defender? Na hora em que esse pensamento terrível me ocorre, ouço o som de líquido escorrendo.





Água?

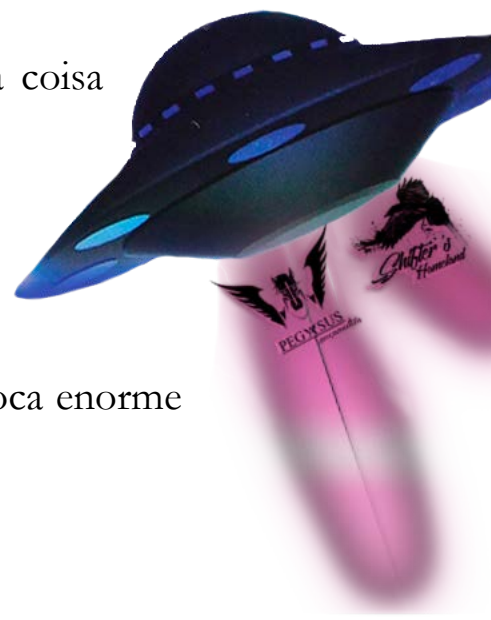
Eu paro, meu coração martelando. Oh, por favor, deixe ser água! Se for água, quer dizer que está quente o suficiente para não se transformar em gelo. Isso significa que algo está quente. E nesse momento? Eu tomaria uma bebida quente.

Eu corro em frente. O som da água parece vir da mesma direção que os caules esquisitos e altos. Os caules ficam cada vez maiores quanto mais me aproximo, encontro à beirada de um rio fumegante, os caules estão mais altos do que alguns edifícios. Eles se erguem sobre mim, como uma floresta de brotos de bambu que saem da água. Cada um está inclinado por cima de algo rosado de aparência delicada. É bastante bizarro, mas talvez seja normal para este lugar.

Existem alguns caules perto da margem enlameada que são do tamanho de um humano. Eu pego um. Está quente sob minha mão. Esse é um bom sinal de que a água está quente também. Talvez seja muito quente para tocar. Eu me inclino para a superfície, segurando o caule. Ao fazer isso, percebo que há um rosto do outro lado da água me encarando. Um rosto com uma boca enorme, dentes pontiagudos e olhos esbugalhados de peixe. E o caule que estou segurando? Parece estar colado ao seu nariz.

Eu grito e tropeço para trás no momento em que a coisa avança me atacando.

Eu continuo gritando e andando para trás, como um caranguejo, para longe da beirada da água. A coisa se agita, movendo-se ligeiramente para longe da superfície, com a boca enorme





abrindo e fechando. Então, ele afunda e o caule dá uma pequena tremida antes de voltar para o lugar.

Caralho.

Minha nossa... mas que porra era aquilo. Eu quase fui comida por um peixe alienígena... coisa.

Eu olho fixamente, com olhos arregalados, para as fileiras de hastes que se estendem ao longo do rio. Nos que são mais altos que um prédio de dois andares... será que todos eles são... monstros?

Eu me viro e corro. Com a respiração ofegante, corro o melhor que posso pela neve, subo a colina. De volta através das árvores azul-esverdeadas de penas. Estou cheia de tudo isso. Não estou preparada para lidar com formas de vida alienígenas em um planeta alienígena. Meus pulmões queimam, minhas costelas doem como facadas e caí sob o meu pulso lá atrás. Nada disso importa porque eu não paro.

Quando passo por uma das árvores estranhas, algo se agarra em torno dos meus tornozelos.

Eu mal tenho tempo de gritar antes que a coisa me arraste para trás e eu seja levantada, de cabeça para baixo, nos ramos da árvore, meus pés juntos e amarrados.

Eu grito uma e outra vez, contorcendo-me, virando-me de um lado para o outro. O chão está pelo a menos a 60 centímetros





abaixo de mim e não consigo tocá-lo. Lá em baixo? Minha arma. Deixei cair quando o que quer que seja isso me puxou para trás.

Quando nada acontece, paro de me debater e entrar em pânico e começo a tentar ver se consigo fazer alguma coisa para sair daqui. Eu me inclino, balançando no ar e dou uma boa olhada nos meus pés. Eles estão amarrados com alguma coisa que se parece com uma corda. Se eu me torcer o suficiente... isso definitivamente parece um nó. A outra extremidade está amarrada mais alta nos ramos. Eu choramingo e fico quieta, depois simplesmente me balanço de um lado para o outro gentilmente na árvore.

Eu... eu caí em uma armadilha de algum tipo.

Por um lado, isso é encorajador. Significa que há vida inteligente aqui, não é? O que é emocionante porque significa que não estamos sozinhas.

Mas eu não posso ignorar o fato de que estou em uma armadilha de caça e algo pode decidir que sou o jantar. Lembro-me de uma cena em *Star Wars* onde Luke se viu de cabeça para baixo na caverna da criatura de neve. Estou começando a entrar em pânico novamente, porque sei como esse tipo de coisa termina. Luke foi capaz de se libertar antes que a criatura o comesse porque ele era um Jedi.

Eu? Eu sou apenas uma cidadã da Flórida vestindo uma roupa espacial roubada, sem arma e com um pulso ferrado. Eu sei como isso vai acabar.





Gemo e me balanço mais, remexendo meus pés e tentando liberá-los da corda apertada que está me segurando de cabeça para baixo.

Não quero estar aqui quando o dono desta armadilha voltar para procurar o jantar.

Mexer meus pés não funciona, então, pelos próximos minutos me concentro em tentar me esticar o suficiente para alcançar minha arma no chão. Não que eu saiba como disparar, mas vou me sentir melhor se eu a tiver em mão. Está cada vez mais difícil de pensar e quanto mais tempo fico pendurada aqui, mais dói a minha cabeça.

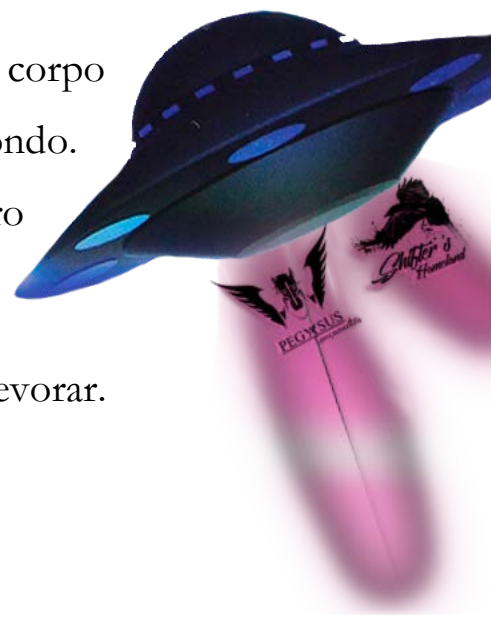
Provavelmente, não é muito bom ficar pendurada de cabeça para baixo por um longo tempo, percebo. Por quanto tempo um humano pode ficar pendurado de cabeça para baixo antes que todo o sangue desça para sua cabeça e ele morra?

Eu me contorço ainda mais e quando faço isso, percebo que há algo novo na minha linha de visão. Paro de me mover e observo enquanto uma figura branca e peluda se aproxima.

Merda. É tarde demais. Eu virei o jantar.

—Não. — Gemo e começo a lutar de novo. Mas meu corpo não consegue acompanhar as exigências que estou impondo. Minha cabeça lateja, e então eu desmaio quando o monstro começa a se mover em minha direção.

Pelo menos não vou estar acordada para senti-lo me devorar.





VEKTAL

Eu não reconheço a... coisa... contorcendo-se na minha armadilha.

Isso é novo.

Aproximo-me com cautela, minha lâmina preparada. Um momento atrás, a coisa estava se balançando e se contorcendo e agora ficou parada. O cheiro é de sa-khui e ainda sim... não é um sa-khui. Que estranho. Eu a cutuco com a ponta da minha espada para ver se vai pular mais uma vez, mas não, permanece imóvel. O vento está ficando mais forte, o ar frio preparando-se para a chegada da pequena lua, os sóis gêmeos estão dirigindo-se para suas camas.

Com a ponta de minha espada, corto a corda ligando suas pernas e a coisa cai no chão, deitada na neve.

E então eu estou chocado novamente quando meu khui vibra dentro de mim. Meu ser interior, que ficou adormecido por tanto tempo, que não reconhece nenhuma companheira entre meu povo? Ele vibra e canta ao ver essa nova criatura. Eu olho para ela.

Meus pensamentos estão confusos e tumultuados, eu a pego em meus braços e corro para a caverna de caça mais próxima.

Estamos na estação amarga, quando os caçadores devem ser cautelosos quando viajam para longe das cavernas. Há uma





série de cavernas de caça que só são usadas nas noites mais frias, quando um caçador está a muitas corridas longe de casa. Elas estão gravadas em meu cérebro depois de fazer inúmeras viagens de caça, localizo a caverna mais próxima facilmente. Eu afasto a cortina de couro protegendo a entrada e coloco minha carga no chão. Dou uma vasculhada rápida na cama de peles dentro da caverna e a busca não revela ocupantes ocultos, então movo a criatura, que deve ser fêmea, para a cama. Seus dentes se batem, fazendo o som que as crianças fazem quando estão com muito frio, antes de se tornarem sa-khui, então eu toco em sua pálpebra e a levanto para ver se seus olhos estão iluminados por baixo delas.

O olho embaixo está branco, apagado. Não há khui dentro dela, ou, se existe está morto. Ela precisará ser tratada como se fosse uma criança, então. Eu faço uma fogueira rapidamente e espero que a aqueça. Porque simplesmente não consigo resistir a minha curiosidade, e a examino. Digo a mim mesmo que é simplesmente para determinar se ela está ferida, mas minha mente canta com curiosidade, o meu khui está vibrando em meu peito com uma música que cresce mais alta a cada momento.

Ela está me fazendo vibrar. *Ela é minha.*

Passo uma mão sobre seus membros. Ela está vestindo um tipo de roupa que fede a memórias antigas e amargas. Quero arrancá-lo dela, mas se ela estiver tão vulnerável como um filhote, vai precisar disso. Então tomo meu tempo para encontrar os fechos e desfazê-los, revelando a pele embaixo.





Ela é suave. Não é como uma sa-khui. Sua pele é quase que completamente sem pelos, exceto pelos longos e volumosos cachos em sua cabeça e por um pequeno tufo no meio de suas coxas que é revelado enquanto tiro os couros dela. Eu bufo com diversão ao ver aquele pequeno tufo.

Adorável. Adorável e sem sentido.

Ela não tem saliências sob sua pele para definir seus músculos e a sensação esmagadora que tenho ao ver seu corpo é de suavidade e fragilidade. Talvez, esteja doente e por isso seu khui se foi. Eu corro meus dedos sobre seu rosto estranho. É suave também, sua testa lisa. Ela não tem saliências em qualquer lugar. Apenas suavidade.

Como um ser tão delicado como ela conseguiu encontrar o caminho para o campo de caça externo? É um mistério, quase tanto quanto o fato de que faz meu khui vibrar forte no meu peito. Está trovejando com o chamado e a necessidade de acasalar que corre através do meu corpo quando ela abre suas coxas suaves e arredondadas e seu perfume enche minhas narinas.

Um gemido me escapa quando meu pau começa ficar duro, inchado.

Eu enterro meu rosto entre suas pernas para que possa saboreá-la.

GEORGIE





Tenho certeza que estou sonhando.

Talvez seja isso. Um longo sonho ruim. Acabei de ficar presa por um bom tempo na parte ruim e agora estou chegando à parte molhada do meu sonho. Porque tenho certeza de que estou nua e tem uma boca entre minhas pernas me lambendo como se não houvesse amanhã.

Eu gemo suavemente, o que é isso? Este sonho é muito melhor do que toda aquela merda de nave espacial.

Algo escorregadio e áspero se move para cima e para baixo em minha buceta. Uma boca, uma língua. Desloca-se pelas minhas dobras e pressiono a mão na testa porque me sinto muito bem. Um flash de dor dispara no meu pulso, mas é rapidamente enterrado sob outra rodada de prazer. Ouço rosnados suaves, quase como uma linguagem e apesar de não conseguir entender nenhuma palavra. Esse cara está devorando minha buceta como um campeão.

Sua cabeça levanta e ele acaricia com o rosto meu tufo lá em baixo, murmurando algo de novo. Minhas mãos descem para puxar a cabeça dele mais para baixo, exatamente para onde eu o quero.

Exceto que eu encontro chifres.

Eu pulo acordada, percebendo que isso não é um sonho. Nada disso é um sonho. Olho para o meu corpo em estado de choque. *Estou nua*. Estou nua e tem um cara com um par de





enormes chifres enrolados saindo de sua cabeça entre as minhas pernas. Enquanto eu assisto, sua língua se arrasta sobre minha buceta novamente.

— Oh meu Deus. — Sussurro. Empurro sua cabeça, tentando afastá-lo para longe. Isso não é normal. Não é normal.

Ele olha para mim e quando faz isso, eu suspiro.

Ele não é humano. Quero dizer, eu já sabia disso por causa dos chifres e tal, mas olhando para seu rosto, posso dizer que realmente não é humano. Os chifres saem da linha dos cabelos e se enrolam em torno de seu couro cabeludo como um capacete pontudo e letal. Ele é azul, a propósito. Bem, cinza-azulado com uma cabeleira preta que lembra a juba de um leão. Suas sobrancelhas são grossas, mais grossas do que qualquer sobrancelha humana que eu já vi, seu rosto austero como se fosse esculpido em pedra. Vindo de sua testa até a ponta do nariz há um padrão estriado de cristas de algum tipo, sua pele é cinza-azulado um pouco mais escuro aí.

Seus olhos são um tom brilhante de azul que eu nunca vi. Azul como as águas do Caribe, mas completamente sem pupilas de qualquer tipo. E eles estão brilhando como se iluminados por dentro.

Um pequeno gemido escapa da minha garganta quando ele se levanta sobre mim. Vejo as peles brancas e peludas que cobrem seus ombros e percebo que as vi quando estava de cabeça para baixo. Não era um monstro que tinha vindo me devorar. Era esse monstro que veio.





Que está me devorando agora.

Isso me parece incrivelmente ridículo e eu quero rir, mas estou muito aterrorizada para isso.

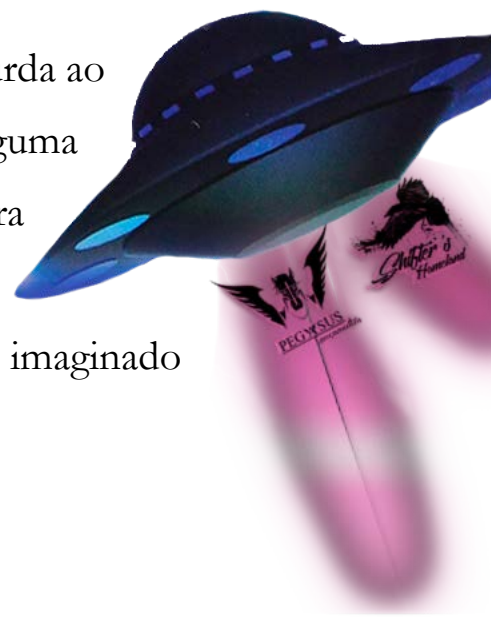
—O que você vai fazer comigo? — Pergunto suavemente, meus olhos arregalados. O refrão: *“por favor não me mate, por favor não me mate”* ecoando pela minha cabeça.

Ele diz algo e move uma mão pelo meu estômago. Então, aqueles olhos brilhantes e estranhos desvia o olhar e sua cabeça desce novamente.

E ele começa a me lambar novamente. Lambidas longas, lentas e deliciosas, bem nas dobras da minha buceta.

Não consigo me controlar e começo a rir. Está me fazendo cócegas e me fazendo me contorcer, sei que deveria estar gritando: “Não! Socorro! Estupro!” E em vez disso, eu tenho uma crise de riso. Porque ele não quer me comer literalmente. Ele apenas... quer lambar minha buceta. Eu namorei caras que não consegui convencer a ir aqui lá em baixo em mim e esse está fazendo isso como uma saudação, como um oi.

O riso corre através de mim, uma risada aliviada e absurda ao mesmo tempo. Eu posso estar um pouco histérica. De alguma forma não importa. Eu não vou morrer ainda, e um cara estranho com chifres está determinado a me dar prazer oral. Simplesmente isso... de todos os cenários horríveis que havia imaginado





desde que fui abduzida por alienígenas, ser chupada até gozar não estava em nenhum lugar na lista.

E ele é realmente muito bom em me lamber.

Algo rugoso e ligeiramente cheio de pequeninas saliências se move contra a entrada do meu núcleo e eu percebo que ele tem essa textura em sua língua. É incrível. E mesmo que todos os meus instintos me digam para procurar minhas roupas e dar o fora daqui, não me movo. Eu mal estou respirando.

Quando uma grande mão empurra minha coxa, instigando-me a abrir mais minhas pernas, eu faço isso. Eu vou me levantar e começar a reclamar daqui a pouco, só mais um minuto.

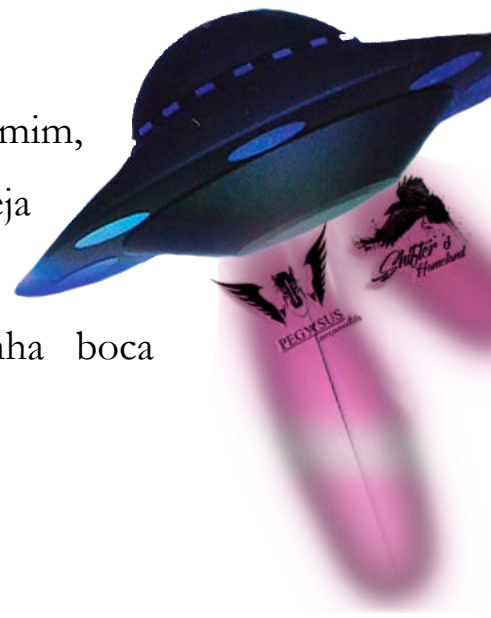
Só.

UM.

Minuto.

Ele me lambe novamente, e sua língua roça meu clitóris. E eu não posso evitar. Um grito degradante irrompe de mim. Meu clitóris está especialmente sensível e ele o tinha evitado até agora.

A cabeça do homem com chifres se levanta e olha para mim, com uma expressão em seu rosto que só posso assumir que seja surpresa. Eu tremo porque aqueles olhos estranhos estão me encarando, pressiono minha mão boa sobre minha boca





determinada a não fazer outro barulho e assustá-lo. E se ele ficar bravo e, tipo, me espetar com esses chifres gigantes?

Mas ele só parece ficar confuso por um momento. Então, enquanto o observo, grandes dedos espalham as minhas dobras e ele me estuda atentamente. Humilhação queima minhas bochechas e tento fechar minhas pernas. Suas mãos enormes mantêm minhas pernas imóveis, impedindo-me de fechá-las, então espalha minhas dobras novamente. Ele parece chocado, totalmente chocado, ao ver meu clitóris. Diz algo que soa como “saah” e é definitivamente uma pergunta.

Tento fechar minhas pernas novamente e me levantar.

— Agora não é hora de uma aula de anatomia, amigo.

O grande alienígena me empurra para trás sobre as peles com uma palavra severa.

Empurro suas mãos, mas ele é muito mais forte do que eu e está determinado. Ele mantém minhas coxas separadas, e não posso deixar de notar que a mão dele é enorme, como uma luva de beisebol. Qual a altura desse cara? Sua mão espalha as dobras da minha buceta novamente, para minha humilhação absoluta, ele toca meu clitóris como se isso fosse mordê-lo.

Eu permaneço perfeitamente imóvel.

Isso não o satisfaz. Ele murmura alguma coisa, e então começa a esfregar o capuz do meu clitóris, como se tentasse descobrir o toque certo para me fazer reagir novamente.





E eu respondo, apesar de tentar me controlar. Fecho meus olhos para não ter que ver seu rosto. Ele continua a me tocar, acariciando meu clitóris com muito cuidado. Estou fazendo um bom trabalho em tentar controlar minha reação, mesmo que cada toque de seus dedos me faça querer gemer. Então eu sinto sua boca no meu clitóris, e ele suga suavemente.

Meus quadris balançam contra ele e eu grito.

Ele murmura algo e parece satisfeito, então continua a lamber e a chupar meu clitóris até minhas coxas tremerem. Eu vou gozar. Maldito seja esse cara. Maldito seja ele e o fato de me fazer sentir incrível. Aquelas protuberâncias e sulcos em sua língua se movem contra o meu clitóris, e todo o meu corpo estremece, e então estou gozando. Uma e outra vez, minha buceta aperta e o orgasmo balança através de mim, meu corpo inteiro travado com a tensão e força do meu orgasmo.

Eu desabo na cama de peles, esgotada. Passo a mão nos meus olhos e esfrego meu rosto.

Ok, então eu fiz isso. Eu simplesmente acabei de ter um orgasmo com um alienígena. Eu não tenho ideia de como vou explicar isso para Liz e as outras.

O alienígena diz outra coisa e abro um olho para espia-lo. O olhar em seu rosto é feroz, e não há como confundir o olhar masculino de orgulho em seu rosto desumano. Ele está feliz por ter me feito gozar. Eu levanto o dedo do meio para ele.

— Você é um idiota. — Murmuro.





Em resposta, ele diz algo, então me agarra pelos meus quadris e me deita de barriga para baixo.

Eu sei o que vem a seguir. E mesmo que eu tenha acabado de gozar, uma garota tem que ter limites. Não quero fazer sexo. Oral está bem, desde que eu seja a destinatária, mas isso é muito, muito rápido. Eu me contorço em seus braços e começo a chutar e a tentar golpeá-lo. Meu pé se conecta com seu peito.

Parece que eu quebrei meu pé, isso sim. Não o peito dele.

Parece que eu chutei uma parede de ferro. Eu dou um grito de dor e desabo nas peles novamente, minha perna está latejando e a dor no tornozelo percorre todo o meu corpo.

Quando eu olho para cima, o alienígena está furioso.





PARTE DOIS

Cativa

VEKTAL

Minha companheira, a vibração do meu khui, minha nova razão de existir, acabou de empurrar seu pequenino e estranho pé em meu peito e me chutou. É quase como se não quisesse acasalar comigo.

Seus olhos estranhos e mortos estão largos com medo, sem o brilho reconfortante do khui neles. Eu quero dizer a ela que vai ficar tudo bem. Que ela é minha agora e eu vou cuidar dela. Que derrubaremos um dos monstruosos sa-kohtsk e colheremos um novo khui de suas entranhas para que ela não sofra mais.

Mas eu estou intrigado sobre o porquê dela se machucar. Eu esfrego meu peito onde seu minúsculo pé pousou. Sem seus couros, seu corpo parece ainda menor, e ela é macia e sem nervuras. Ela parece ter se esquecido disso também, quando me olha indignada, então uiva de dor e agarra seu pé.

Não a entendo. Talvez sua falta de khui esteja afetando seus sentidos.





—Eu não vou machucar você. — Digo devagar, porque ela parece aterrorizada. — Você é minha companheira agora.

—Issi Doyu caraumba!

—Deixe-me ver seu pé. — Exijo. Se ela não tiver khui, provavelmente, não se curará como deveria. Quando continua a lançar-me um olhar assustado, eu me adianto e coloco a mão no seu tornozelo.

Ela grita algo e me bate de novo. Sua mão se enrola em um punho e soca meu rosto, batendo nos meus lábios contra os meus dentes. Um flash de dor dispara pela minha boca e eu rosno.

Ela imediatamente fica quieta, inclinando-se para trás, levantando as mãos para se proteger.

Estou perplexo com sua reação.

Esta fêmea, essa pequena criatura que tem metade da estatura de um sa-khui é minha companheira. Como ela pode pensar que eu iria machucá-la? Mas ela está encolhida até agora, como se estivesse esperando o golpe acontecer. Raiva me enche, porque esta não é uma resposta normal.

Alguém machucou minha companheira no passado.

Avanço e viro seu rosto pálido em minha direção. Ela luta, mas seus olhos se fecham novamente e começa a tremer. Eu olho para suas feições pequeninas e planas. Seu tom de pele





é regular, com exceção de hematomas em um lado. Há! As evidências do que eu suspeitava.

—Quem fez isso com você? — Pergunto.

Ela treme, mas não me responde. Minha companheira não é muda. Ela faz sons, e eu me pergunto se bateu a cabeça. Ou talvez seu povo fale a linguagem absurda das sílabas duras com as quais ela está preenchendo meus ouvidos. Não soa em nada como o meu idioma.

Mas, novamente, ela não é nada parecida com os sa-khui. Eu não deveria esperar semelhanças.

Ainda assim, estou fascinado por ela. Os homens da minha tribo dizem que não há prazer maior do que o sabor de uma companheira vibrando em seus lábios e eles estão certos. Enterrar meu rosto entre as pernas dela foi um dos prazeres mais verdadeiros que já senti, e quero sentir isso de novo.

Está claro pela reação dela e pelo jeito que ela se encolhe que eu sou o único a se sentir assim, no entanto. Eu fico perplexo com sua reação, mas deve ser a falta de khui dela. Ela não sente a vibração como eu sinto.

Ela não sente a enlouquecedora necessidade de reivindicar. Não sente o vazio de um espírito solitário. Como poderia? Não há khui dentro dela para vibrar.





Claramente os deuses a enviaram para mim para que eu aprendesse a paciência. Eu sorrio com tristeza. Não é meu traço mais forte.

—Pois bem, pequena. — Digo-lhe e passo meus dedos sobre sua pele estranha e lisa. — Você e eu vamos aprender a paciência juntos.

—Naum entindo voci.

Suas palavras tropeçam e saem de sua boca ágil. Eu percebo que suas presas desapareceram e meu coração para em meu peito, meu khui cessando sua vibração. Apesar do tapa que ela me dá, eu abro seus lábios para examinar seus dentes. Eles estão quebrados?

Mas não, parece que seus pequenos dentes são exatamente assim: inteiros e não tão grandes como as minhas próprias presas frontais. Criatura estranha.

Eu solto e ela bate as minhas mãos para longe, seus olhos estranhos se estreitam.

—Vá si fyodder.

Seu corpo é diferente de um sa-khui. Ela é macia e sem pelos na maioria dos lugares e não vi uma cauda. Então há também aquele mamilo estranho entre suas pernas. Eu acho isso excitante porque me faz pensar no sabor dela. Eu o quero na minha língua novamente. Mesmo agora, minha boca se lembra, meu khui vibra em meu peito.





Então eu apenas sento e a observo, para ver o que ela fará a seguir.

Ela recolhe seus estranhos couros ao redor dela determinada a cobrir seu corpo pequeno e macio. Ela está com frio? Meu instinto protetor fica alerta e volto para o fogo, alimentando-o com mais madeira. Preciso cortar madeira e reabastecer o estoque daqui para o próximo caçador, mas é uma tarefa que farei com prazer por minha companheira. Quero que ela fique quente e confortável.

Quando termino de acender o fogo, ela se aproxima e coloca as mãos perto das chamas. Elas parecem... estranhas.

—Você tem cinco dedos. — Digo a ela e levanto minha própria mão. Eu tenho quatro. É mais uma diferença entre nós. Estou fascinado e um pouco perplexo pelos dedos extras.

Sua mão toca em seu peito.

—Shhheorshie. — Ela toca seu peito novamente e olha para mim. — Soou sheorshie.

Há algo de errado com o peito dela agora? Ela está tentando me dizer que seu khui se foi? É tão óbvio com seus olhos brancos e apagados.

—Sim, eu sei. — Digo a ela. — Não se preocupe. Nós vamos realizar a cerimônia quando retornarmos para casa na tribo.





—Shhheorshie. — Diz, tocando em seu peito novamente e então se estica e bate em meu peito. Ela olha para mim com expectativa.

Ela está me perguntando sobre minha vibração? Pressiono sua pequenina mão em meu peito para que possa sentir meu khui vibrar. Ela se afasta assustada e olha para mim com os olhos arregalados.

—Oq iss? Seew nom?

—Vibração. — Explico para ela e meu khui canta ao sentir seu toque.

Ela olha para mim em choque que começo a sentir uma sensação de desconforto. Quando coloca a mão no meu peito novamente e eu vibro, afasta sua mão tão rapidamente como se tivesse tocando algo gelado.

—Naum posss pronunciiaw iss. — Ela me diz e pressiona sua mão em meu peito novamente, depois voltou para o dela. — Sheeorshie.

—Sheeorshie. — Eu ecoo.

Seu rosto se ilumina.

—Siiim! — Ela dá ao peito um tapinha feliz. — Shorshie!

Ela não está tentando falar sobre seu khui ou sobre sua falta de vibração. É o nome dela.

Ela toca em seu peito novamente e me olha com expectativa.





Perfeito, toco meu próprio torso.

—Vektal.

Sua boca se fecha e ela tenta dizer meu nome corretamente. Ele sai mais como “Huptal”. Ela é incapaz de fazer a primeira sílaba muda adequadamente. Está tudo bem. É um começo.

—Huptal. — Diz com alegria e toca nos ombros novamente. — Shorshie.

Seu próprio nome é silabado, mas procuro pronunciá-lo para fazê-la feliz.

Ela é Shorshie.

E Shorshie é um mistério para mim. Ela não tem cauda nem pelos. Usa couros estranhos e caminha nas perigosas rotas de caças desarmada. Ela é frágil, macia e não tem khui, não fala uma palavra de nossa língua.

Isso não faz sentido. Como Shorshie chegou aqui? Toda criatura tem um khui. Meu povo, os sa-khui, são as únicas criaturas inteligentes do mundo. Há metlaks, mas estão cobertos de pelos e não são mais inteligentes do que rochas. Eles ainda não descobriram o fogo.

Shorshie é inteligente. Ela não se afasta do fogo como um metlak. Ela sabe o que é. E está usando couro curado. Suas botas são as mais finas que já vi. Shorshie veio de um povo, de algum lugar.





Mas de onde? Não posso perguntar a ela. Nós mal podemos nos comunicar.

E então um pensamento me ocorre... ela não está vibrando. Ela não sente o que eu sinto porque não tem khui. Talvez, nunca tivera.

Sou atingido com uma sensação de perda tão forte que me faz cerrar os dentes. Isso... Isso não pode acontecer. Como é que ela não pode vibrar por mim? Como pode não estarmos conectados? É como se eu tivesse encontrado a minha outra metade depois de tanto tempo... e ela está morta para mim. O pensamento me confunde. A falta de um khui é uma sentença de morte nesse planeta. Ao ver Shorshie tão vibrante e ao mesmo tempo tão condenada faz a minha alma sofrer.

Mas não. Ela é minha companheira. Minha outra metade. Farei o que for necessário para mantê-la comigo.

GEORGIE

Ele tem fogo. O que já é uma grande vantagem no meu livro. Esfrego minhas mãos perto das chamas e me aqueço em seu calor. Está afastando o frio do lado de fora. O vento está assobiando através da abertura da porta e vejo que está ficando escuro lá fora, mas estou decentemente quente nesta caverna, enquanto estiver perto do fogo. Sinto-me culpada, penso na Liz, na Kira e nas outras. Acho que elas podem se manter aquecidas ficando amontoadas juntas, não podem?





Olho para cima enquanto Vektal começa a andar na pequena caverna. Ele parece incomodado com algo e isso me deixa nervosa. É como se eu tivesse feito algo errado e não tenho ideia do quê. Ele continua ronronando para mim, então pensei que estava feliz? Mas acho que não.

Meu estômago ronca e eu aperto a mão nele. Está na hora de comer uma barrinha de algas. Verifico os bolsos do meu macacão roubado e não encontro nada, começo a entrar em pânico. Agora eu perdi minha comida e minha arma. As únicas coisas que me restam são as botas que apertam meus pés e o macacão. Cara, eu sou uma merda nessa coisa de explorar. Ugh.

Ele se move e se ajoelha ao meu lado, e recuo instintivamente. Eu dou a Vektal um olhar cauteloso. A boca dele fez eu me sentir maravilhosamente bem há pouco tempo, mas sei o que ele quer e me recuso a ficar muito próxima.

Mas ele apenas gesticula para meu estômago.

—Kuuuusk? — Há uma riqueza de tons na pronúncia da palavra que não posso repetir. É como se ele estivesse fazendo um som estranho na parte de trás da garganta.

—Com fome. — Digo-lhe e acaricio meu estômago. Então, eu faço um gesto de comer.

Ele aponta para meus dentes e faz outra pergunta. Certo. Algo sobre eles o incomoda. Eu abro a boca e mostro-lhe meus dentes, em resposta, ele mostra os dele para mim.





Presas. Claro que ele tem presas. Seus caninos são três vezes maiores que os meus e parecem brutais. Não é de admirar que esteja confuso com meus dentes curtos e retos.

—Espero que esses aí sejam para mastigar vegetais. — Digo a ele alegremente.

Ele tira um capuz de pele e cara... estou feliz por ver que é uma peça de roupa e não uma parte dele. Posso lidar com os chifres, eu acho. Mas fico feliz que o pelo desgrenhado não é dele. Olhando-o de novo, vejo que uma grande quantidade dele pode ser roupas. Isso é bom. No entanto, não tem como disfarçar que tem mais de dois metros.

Eu o observo enquanto ele se despe cauteloso.

—Espero que você não tenha confundido meu estômago roncando com a “hora de dar uns pegas”.

A capa de peles cai no chão da caverna e meus olhos se arregalam ao olhar sua roupa de baixo. Acho que é couro e é toda em um tom suave de um cinza-azulado, claro que me faz pensar em um dia nublado. Também não parece muito quente. Seus braços estão nus e seu peito está coberto por um colete que parece ser feito inteiramente de bolsos e amarras. Ele leva algumas facas de osso de aparência perversa amarradas ao peito. Ele tem muita carne exposta, apesar da tempestade de neve lá fora, e eu me pergunto o quão quente essa capa estúpida é.





E se eu puder roubar isso.

—Provavelmente, essa é uma ideia ruim, Georgie. — digo a mim mesma. —
Esse cara é seu único amigo no momento.

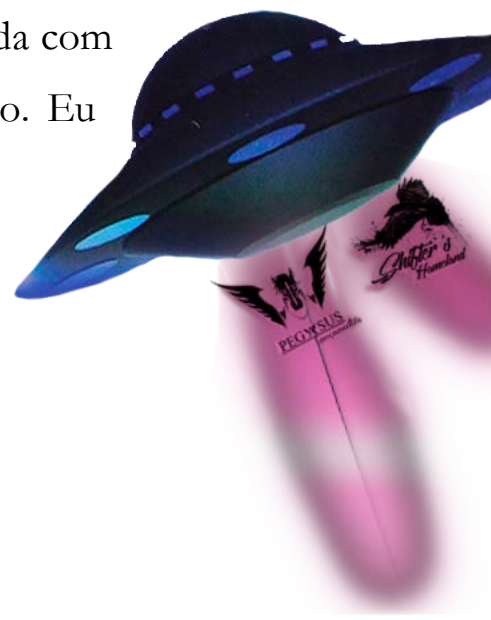
Mesmo que ele queira apenas lamber minha buceta. Aperto as coxas com força na lembrança e tento não corar. Volto a cobiçar o alienígena. Seus braços estão nus e mostram uma quantidade louca de músculos. Eles são enormes e intimidadores e eu imagino que os peitorais sob o colete de couro são igualmente surpreendentes.

Ele puxa uma alça de um ombro e vejo que além das inúmeras fivelas e bolsos, tem uma bolsa pendurada no peito dele. Meu estômago ronca novamente. Talvez, tenha comida.

Comida real. Não barras de algas...

Eu fico com água na boca e aperto minhas mãos firmemente para evitar alcançá-lo. Eu nunca senti tanta fome na minha vida. Ele abre sua mochila e retira uma bexiga de algum tipo que deve ser uma pele com água, juntamente com um pacote embrulhado em couro. Entrega-me e eu o desenrolo. Ali, nos embrulhos, há algumas barras grossas do que parece uma carne misturada com uma aveia de algum tipo. Rações de viagem. Deve ser isso. Eu tremo e olho para ele.

—Isso é para mim?





—Kuuus-kah. — Diz naquela linguagem estranha dele e faz uma mímica de quebrar um pedacinho da coisa e comer.

Eu poderia beijá-lo agora, com presas e tudo.

—Obrigada. — Digo e quebro um grande pedaço. Eu não me importo se pareço esfomeada ou não. Estou faminta. Enfio o pedaço inteiro na minha boca e começo a mastigar.

De imediato, posso dizer que foi um erro.

O gosto é... bem, horrível é a palavra mais gentil que posso pensar. É como se eu tivesse dado uma mordida em um pacote de pimentas jalapeno misturadas com uma textura macia e estranha. As especiarias são tão fortes que meu nariz arde e meus olhos imediatamente começam a lacrimejar. Começo a tossir, desesperadamente tentando engolir o pedaço que tenho na boca, mas está queimando minha língua. Eu acabo engasgando e cuspiendo metade da comida em minha mão, enquanto o alienígena me olha com curiosidade.

É brutal. Eu mastigo e tusso por um momento mais, até que ele me empurra a pele com água na minha mão e diz uma pequena palavra. Dou um gole cauteloso, com medo do gosto. Para o meu alívio, a água é fresca e refrescante e tem um gostinho cítrico. Engulo com alívio e minha tosse sufocada diminui lentamente.

Empurro o alimento seco para ele e balanço minha cabeça. Mesmo que eu quisesse comer isso, e pode eu acreditar, eu





quero, não consigo. Apenas o pensamento de colocar mais um pedaço pequeno na minha boca faz a minha boca se fechar automaticamente. Meu estômago grita um miserável protesto.

O alienígena está perplexo com a minha rejeição à comida. Ele examina minha boca novamente e tenta tocar minha língua. Afasto sua mão curiosa de lado.

—O problema não é minha boca, é sua comida.

Ele diz algo em sua língua e gesticula para minhas contusões. Oh. Acha que estou ferida e por isso não consigo comer. Eu agito minha cabeça.

—Estou bem. Sério.

O alienígena, Vektal, olha para mim com curiosidade.

—Eu não suponho que haja uma cidade agradável cheia de alienígenas amigáveis a uma curta distância daqui, não é? — Pergunto. A pequena caverna está ficando mais e mais fria e os assobios do vento mais altos, então eu aperto minha jaqueta um pouco mais perto do meu corpo.

Vektal pega sua capa de pelo e a põe sobre meus ombros, falando comigo naquela estranha língua rouca.

—Obrigada. — Digo e aperto a capa mais perto de mim. Ele não está vestindo outras roupas, então o frio não deve incomodá-lo tanto. Olho enquanto ele se inclina e alimenta o fogo com outro tronco.





Ele tem uma cauda. OK. Muitas coisas têm caudas. Isso não é tão estranho. Estou tentando não ficar surpresa com ele, mas Vektal é só isso... diferente. Seus chifres, por exemplo. A mão que coloca outro pedaço de madeira no fogo tem apenas quatro dedos. As botas em seus pés parecem um couro macio, mas têm uma forma extremamente larga nos dedos dos pés, então só posso imaginar o que tem dentro delas.

Ah, ele é de uma cor cinza-azulado. Não consigo esquecer essa parte. E ele ronrona. Então sim, além de ser bípede, talvez, não seja muito parecido comigo afinal.

—Sheorshie. — Diz, mutilando meu nome. Ele o repete e então faz uma careta e sacode seus cabelos pretos trançados. — Sheorshie Vektal. — Repete, em seguida, aponta para o olho e, em seguida, balança a cabeça.

—Eu não sei o que você está tentando me dizer. — Digo-lhe. — Que eu não sou como você? Eu sei que não sou. — Aponto para a comida dele. — Juro por Deus que eu queria poder comer isso, mas não consigo. — Meus olhos se enchem de lágrimas. Tudo parece que está desabando sobre mim. — Você não tem ideia de quão horrível minha vida fora nas últimas duas semanas.

Ele diz algo com uma voz mais suave e enxuga a lágrima que escorre em minha bochecha. Percebo que sua pele parece uma camurça ou veludo. Isso é... bom. É algo agradável, mesmo que todo o resto do mundo esteja todo fodido.





Vektal puxa o manto mais apertado em mim. Ele dá tapinhas na cama de peles junto ao fogo e diz algo. Meu palpite é que é algo parecido com “descanse aqui” porque bate nas peles novamente e espera. Eu me deito. Eu estou quente e aconchegada em peles e pela primeira vez no que parece uma eternidade, não sinto que estou em perigo iminente. Tudo o que esse alienígena deseja é sexo oral.

O pensamento me faz rir internamente e estou sorrindo quando adormeço.



Eu acordo depois, sentindo-me melhor do que há muito, muito tempo. Aquecida e sob um cobertor espesso, estou aconchegada contra uma forma grande e firme que é mais quente do que qualquer almofada de aquecimento que já tive. Meus dedos se movem sobre a superfície. Parece uma camurça sobre ossos, eu percebo depois que ouço o ronronar suave começar, que estou pressionada contra o peito de Vektal.

Este... não é o pior lugar do mundo para se estar. Quero dizer, se eu tivesse que escolher entre o antigo compartimento de carga, sozinha na neve, ou aconchegada ao lado do alienígena amante de buceta, eu escolho a opção número três.

Eu debato se finjo estar adormecida, mas há algo grande e duro encostado em meu estômago que me diz que Vektal





está consciente, muito consciente de minha presença, e mais generosamente equipado do que qualquer cara que já conheci.

Eu me sento, puxando os cobertores em volta de mim. Minha respiração fica embaçada no ar e olho em volta da caverna. A luz fraca do sol está entrando pela fresta na porta e o fogo apagou. Está muito frio, a menos que eu esteja pressionado ao lado de Vektal, e a vontade de rastejar de volta contra ele e receber seu calor é real e forte.

Mas ele se senta e começa a ajustar sua roupa.

—Vy droskh. — Ele me diz. Eu não sei se isso é “bom dia” ou “tá frio pra caramba” ou o quê. Levanta-se e quando o faz, meu estômago ronca novamente.

Vektal pisca para mim.

—Eu sei. — Eu digo. — Confie em mim, eu sei. Também é embaraçoso para mim.

Ele começa a desembrolhar a comida da noite anterior, mas eu faço uma careta e balanço a cabeça. Gesticulo que aquele negócio queimou minha língua. Ele ri e depois faz um gesto que se parece com alguém balançando um bebê, o que me confunde. Não estou entendendo o que ele quer dizer.

—Estou com fome. — Digo. E esfrego meu estômago e faço mímica como se estivesse comendo algo. — Comida?

— Cada milímetro de mim se sente como uma aproveitadora por





encontrar um cara e logo em seguida, exigir que ele me alimente, mas expressar “comida” é mais fácil de que fazer uma mímica para “Se você me der uma boa arma, eu pegaria meu próprio café da manhã”. Por hora, temos de prosseguir a passos de bebê.

Vektal balança a cabeça e começa a colocar as ferramentas que descartou durante a noite. Ele está com o peito nu nesta manhã e seus peitorais são tão fascinantes como eu suspeitava que fossem. Eles são como blocos de ferro sob seu peito cinza-azulado. Lembro-me da sensação quente e de camurça de sua pele. Com certeza foi bom de esfregar. Vejo-o se vestindo, intrigada pelas diferenças em nossos corpos. Sobre certos pontos em seu corpo, ele tem algumas saliências. Elas seguem pela parte de trás de cada braço até o cotovelo. Os cumes se deslocam pelo centro de seu peito e suavizam-se em entre seus peitorais e umbigo. Suas coxas têm essas saliências esbranquiçadas e rugosas também. Pergunto-me para que servem. Elas também decoram sua sobrancelha e descem pelo nariz.

Ele está de bom humor esta manhã também. Vektal mantém uma conversa unilateral comigo enquanto coloca seu colete de volta sobre o peito e começa a amarrar suas facas e lâminas de volta aos seus locais apropriados. Quero pedir-lhe uma, mas não conheço sua cultura. Talvez, seja um tabu para ele me dar uma e o insultaria perguntando. Agora eu tenho medo de irritá-lo, porque é a única tábua de salvação que eu tenho. Olho para a névoa que minha respiração solta no ar enquanto ele continua falando e penso nas garotas na nave, amontoadas juntas.



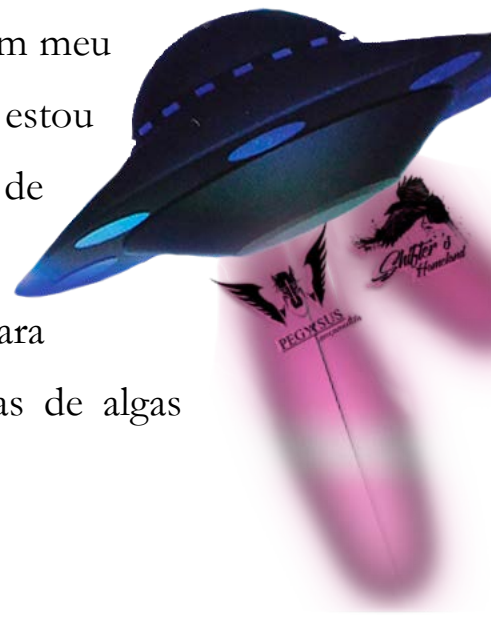


Espero que estejam bem. Deus, espero mesmo que estejam bem. Preciso voltar para elas hoje para que não se preocupem. Posso dizer-lhes que encontrei... se bem que, na verdade, não foi muito. Eu encontrei peixes comedores de gente que tem talos que parecem bambu. Encontrei um rio quente (cheio do peixe comedor de rostos) e encontrei um alienígena que gosta de comer buceta como uma forma de saudação.

As três coisas não nos ajudarão a voltar para casa. Não encontrei uma cidade. Não encontrei outra nave. Certamente não encontrei alguém que fale inglês. Para piorar as coisas, perdi nossa única arma. Não estou me saindo tão bem com essa coisa de salvar o dia.

Vektal termina de amarrar suas bolsas e depois calça as botas. Eu dou uma espiada nos dedos dos pés apenas para satisfazer minha curiosidade. Três dedos grandes e esticados e uma saliência óssea que provavelmente foi um quarto dedo em algum ponto da evolução. Eu provavelmente não seria capaz de usar suas botas também, e o pensamento me deprime quando coloco meus pés de volta em minhas desconfortáveis botas roubadas.

Eu paro e manchas nadam diante dos meus olhos. Eu fraquejo e na mesma hora sou puxada contra um peito forte. Ele murmura algo em meu ouvido e oferece a comida novamente, mas eu a afasto. Não estou sendo exigente. Não consigo comer essa coisa. Aceito o odre de água que Vektal põe na minha mão e bebo, mas isso não vai me fazer durar em pé. Talvez eu possa convencê-lo a voltar para onde me capturou para que possa procurar minhas barras de algas





marinhas. Neste momento, estou com tanta fome que as comeria mesmo que tenham se transformado em blocos de gelo durante a noite.

Ele me leva para fora da caverna, observando-me enquanto eu o sigo. Uma nova camada de neve caiu durante a noite e olho para a neve mais profunda com desespero. Lá se vai minha esperança em encontrar meus suprimentos antigos.

Vektal gesticula com seus ombros, sem qualquer tipo de casaco desde que eu estou vestindo o que tinha. Ele ajoelha-se e indica que eu devo subir em suas costas e colocar meus braços em volta do seu pescoço. Bem, isso é humilhante. Mas estou tão cansada e fraca que não protesto. Coloco meus braços em volta dele e me agarro às suas costas, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura. Ele dá tapinhas em um dos meus braços ao redor de seu pescoço, diz algo calmante e então começa a correr pelo lado da montanha.

Estou atordoada por um momento de quão rápido ele é. Vektal não é afetado pela neve, suas botas passando pela neve como se não fosse nada. Ele também aquece como uma fornalha, sua pele é tão quente ao toque que as minhas partes que o tocam estão aquecidas e as expostas ao vento estão frias como enfiar a mão em um balde de gelo. Isso me faz aconchegar mais perto do seu corpo, uma vez que percebo que não precisa da capa. Ele parece bem nessa paisagem invernal sem isso. Então, eu empurro minha cabeça contra seu pescoço e pressiono meu rosto frio em seu cabelo quente. Ele cheira bem também.

Ótimo, agora estou com síndrome de Estocolmo.





Ele desce pelas encostas íngremes como se não fossem nada. Passamos por outro bosque de árvores e percebo pela primeira vez que estamos na direção errada do local do acidente. Não tinha prestado atenção, atordoada de fome e de frio. Mas isso está errado. Todas lá em cima estão esperando por mim, tremendo e morrendo de fome. Não posso deixá-las.

—Espere. — Digo, batendo em seu ombro. — Vektal, espere!

Vektal faz uma pausa e, quando ele para, movo de suas costas. Eu tremo imediatamente no frio intenso, mas eu o viro para que possa apontar para a colina, na direção de que eu vim.

—Nós temos que ir para lá e resgatar as outras.

Ele balança a cabeça e aponta para a colina. Na direção que está apontando, eu posso ver árvores grossas e mais vegetação. Ele quer descer a montanha.

Mas eu não posso deixar todo mundo para trás. Eu insistentemente aponto de volta.

—Por favor. Eu preciso voltar. Há mais pessoas. Mais mulheres. Elas estão com fome e frio e não têm nada.

Vektal sacode sua cabeça desgrenhada e faz gestos de comer. Então, ele aponta para a floresta abaixo de nós, descendo as encostas cobertas de neve.





Eu vacilo. Deixo-o me levar mais longe para comer? Ou nós imediatamente subimos até as outras e continuamos com fome? Eu hesito. Elas provavelmente acham que algo aconteceu comigo.

Meu estômago ronca novamente. Vektal me dá um olhar exasperado. Ele diz a palavra comida novamente.

—Kuuusk.

Eu mordo meu lábio, pensando. Olho de volta para a montanha. Tudo em mim diz que preciso insistir. Mas estou me sentindo tão fraca e faminta. Posso convencê-lo a voltar mais tarde, não posso? Assim que conseguir comer algo?

E não será melhor aparecer sem as mãos vazias?

Com um suspiro pesaroso, olho para ele. Seus olhos azuis brilhantes parecem estar queimando furos em mim.

—Kusk, então nós subimos a colina, ok? Vamos ter bastante kuusk para todas.

Talvez, uma barriga cheia de comida diminua minha culpa.



VEKTAL



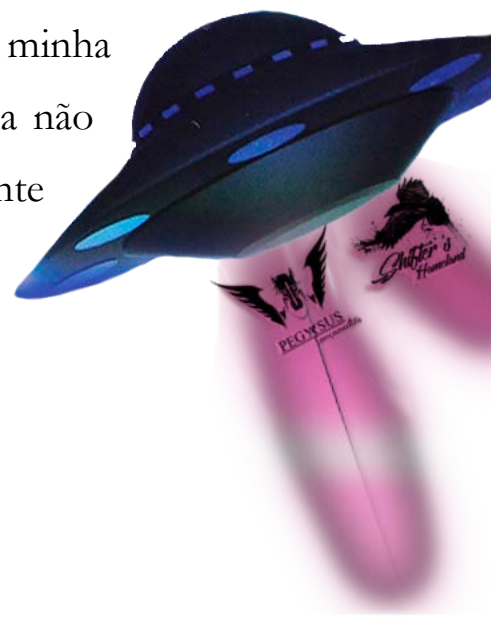


Quando minha companheira sobe em minhas costas novamente e envolve seus braços pequenos e macios ao meu redor, tenho que lutar para controlar meu prazer. Ela está com frio, com fome e preocupada com alguma coisa. A necessidade de agradá-la toma conta do meu ser. Vou caçar uma refeição para ela, para que possa recuperar suas forças. Agora, sua pele clara está ainda mais pálida e eu me preocupo se ela vai suportar ou se estará muito fraca para aceitar um khui.

Tenho planos para minha doce companheira. Gostando ou não, ela receberá um khui. Não estou disposto a perdê-la agora que a encontrei.

O vale floresce com abundantes animais selvagens. Posso dizer pelo aperto tranquilo de minha companheira em meu pescoço que ela não está vendo os gatos da neve escondidos espreitando à distância ou a forma do falcão-bicudo atrás de uma árvore próxima. Meu olhar de caçador os identifica e procuro um lugar seguro onde eu possa deixar minha companheira sem preocupar-me por um curto período de tempo. Ela é muito frágil para caçar sua própria comida ou se defender se algo a atacar.

Há uma grande rocha que eu posso usar para deixá-la e ainda sim observá-la do outro lado do estreito vale e me dirijo para lá, empurrando a neve cada vez mais profunda. Embora o clima não me incomode, o tremor de minha companheira aumenta à medida que vamos mais longe. Ela não poderá viajar muito, a menos que eu consiga algo mais quente para ela usar. Comida primeiro, depois as peles para que eu possa vestir minha Shoreshie frágil e macia.





Eu vou protegê-la com a minha vida.

A necessidade de reivindicá-la vibra em meu peito, meu khui me lembra que encontrei minha companheira e ainda não a reivindiquei. Eu acaricio meu peito como se dissesse que eu sei. Eu sei que ela é minha. Comunicar-me com ela é difícil e ela está assustada e fraca. Assim que estiver forte e pudermos compartilhar mais palavras, minha companheira entenderá o que tento dizer. Então, espalhará aquelas coxas macias e rosadas para mim novamente e a terei na minha língua. Vou enterrar meu pau dentro dela e sentir a vibração reverberar entre nós dois.

Meu pau cresce duro com o pensamento e eu o ignoro.

Quando chego à rocha, coloco suavemente Shorshie no chão. Ela sobe na rocha quando gesticulo que o faça.

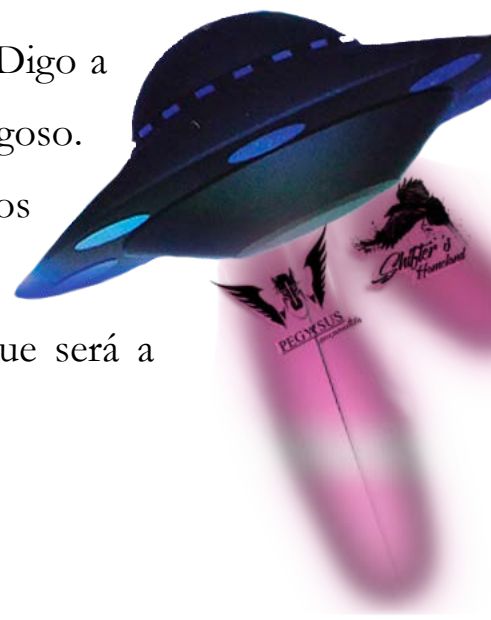
—Fique aqui. — Digo-lhe.

Claro, ela tenta me seguir.

Eu gesticulo que ela deveria ficar novamente e ela me dá um olhar de pânico.

—Sheorshie Vektal?

—Eu não vou deixar você, minha doce vibração. — Digo a ela, acariciando um dedo sobre sua bochecha pálida. —É perigoso. — Aponto para as criaturas à espreita que estão até agora nos observando. Eu aponto para o falcão-bicudo e depois para os gatos da neve. Eu até mostro um roedor escondido que será a





refeição dela. Demora alguns minutos para ela perceber as criaturas escondidas à vista, misturando-se na neve. Quando os vê, seus olhos se arregalam e me dá outro olhar assustado.

—Você vai ficar aqui. — Repito. — Vou caçar algo para você comer.

Ela balbucia algo em sua linguagem estranha.

—Minya nuss, essaz coizas saum grandis, naum mi deixx!

— Vai ficar tudo bem. — Ajusto a capa mais apertada em torno de seus pequenos ombros. Ela responde pegando uma das minhas facas, uma pergunta em seus olhos. E aceno com a cabeça e entrego-lhe uma faca de osso que fiz. Agora tem proteção.

Está claro que ela se sente melhor com isso na mão. Agacha-se na rocha e acena com a cabeça, segurando a faca. Passo meus dedos sobre sua pele fria e sem pelos novamente e depois puxo minha funda⁵ da minha mochila. Mantenho algumas pedras lisas na mão e coloco uma na bolsa, depois giro a funda através do ar, apontando. Meus braços se flexionam enquanto deixo a pedra voar e fico feliz em ver que o roedor caiu no chão, cambaleando.



5

Uma **funda** ou **fundíbulo** é uma [arma](#) de arremesso constituída por uma correia ou corda dobrada, em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar. Também chamada de [atiradeira](#), [catapulta](#) ou [estilingue](#).





Eu me aproximo antes que ele possa se recuperar e corto a garganta com um movimento de minha faca. Então, corto uma fenda no pescoço para drenar o sangue e outro na barriga para remover as vísceras. Deixo o coração e outros pedaços saborosos para minha companheira e levo tudo para ela. Estou deixando uma trilha para os gatos de neve seguirem, mas eles não atacam enquanto me cheirarem. Suas memórias são boas e eles não gostam do sabor da carne sa-khui. Somos uma refeição amarga.

Eu volto com o meu prêmio e o mostro para minha companheira tremendo de frio.

Ela franze o nariz e me dá um olhar confuso.

—Não está familiarizada com esses animais, não é? — Digo, só porque é bom falar com ela, mesmo que não entenda. Coloco a caça na pedra gelada em que ela está agachada e percebo que recua. — Ele está morto, doce vibração. Olhe, separei as partes mais suculentas para você. — Seguro a barriga aberta e mostro o coração e o fígado. Eles ainda estão quentes, mas vão esfriar rápido neste clima e não permanecerão tão bons. — Apenas evite as penas com pele. Nós teremos algo maior para um manto. Há dvistis peludos nesta área que será uma boa refeição.

Shorshie olha fixamente para a caça. Então, ela aponta.

—Voss querr que ewcoma iss?





Ela não está familiarizada com essa comida? Ela comeu a barra de refeições com bastante facilidade. Eu puxo o coração e o seguro nos seus lábios.

—Aqui. Prove.

Ela quase cai da rocha em sua pressa para se mover para trás.

—Aimia nuss, naum! — Um momento depois, ela aponta para a iguaria pingando entre meus dedos. — Timos q cociniar iss!

Inclino minha cabeça para ela.

—O que foi? O que está dizendo?

Ela simula um gesto, segurando as mãos como se estivesse perto do fogo. Então, aponta para a comida.

—Fooogu. — Ela me diz. — Cociniaarr.

Desta vez meu lábio se enrola.

—Você quer queimar a comida? Você não entende o que é isso? — Eu jogo o coração em minha boca para mostrar a ela. Um sabor sangrento e delicioso explode em minha língua, ardente e doce.

Seu rosto se contrai e ela engasga. Sua mão sobe e ela gesticula para que eu a coloque de volta.

—Minia nuss, ecaaa.





—Coma. — Digo severamente. Ela está muito fraca para ser exigente com sua comida. — Eu vou queimá-lo mais tarde se você quiser, mas deve comer agora. — Corto outra porção espessa do flanco da criatura e entrego-lhe a carne. Forço seus dedos pequenos a se fecharem em torno do pedaço, ignorando o fato de que ela faz esse barulho engasgado novamente. —Coma para que você tenha forças para o resto do dia.

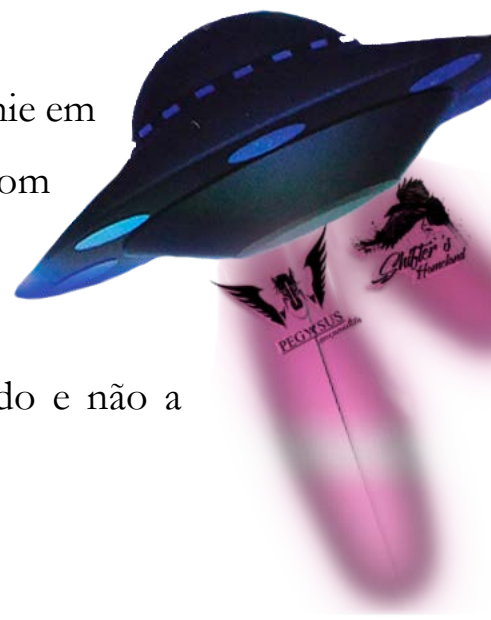
Ela sacode a cabeça.

Eu dou uma mordida e lhe mostro, então insisto que coma também. Seu estômago ronca e ela fica com uma expressão de dor no rosto.

—Tumara qui sej como sushy. — Shorshie faz outra careta e depois dá uma mordida, fazendo careta durante todo o tempo.

Estou satisfeito. Ela não está, mas pelo menos está se alimentando. Ela não gosta dos órgãos saborosos, então. Eu os como, ignorando seus pequenos sons de aversão porque um bom caçador não desperdiça carne. Eu corto mais partes saborosas e a alimento e ela protesta o tempo todo, mas pelo menos sua barriga está se enchendo. Bebe toda a minha água e em seguida, sugere que ainda está com sede.

Eu concordo. Uma coisa de cada vez. Cuidar de Shorshie em um território tão perigoso é algo que deve ser tratado com cuidado. A última coisa que quero é que ela acidentalmente se depare com um gato de neve perto de sua cova... ou pior, um grupo de metlaks de caça. Devo guardá-la com cuidado e não a





deixar sair da minha vista. Isso significará uma caça lenta e um retorno ainda mais lento às cavernas tribais, mas estou preparado para fazer o que for preciso.

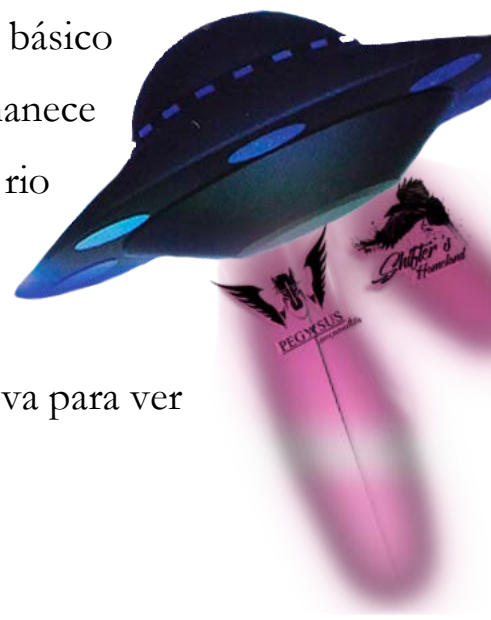
—Venha. —Digo a Shorshie, pendurando a caça em meu cinto para que a carne possa congelar no frio. Isso a conservará até mais tarde. Eu ofereço uma mão para que ela possa descer da rocha.

Ela sobe de volta nas minhas costas e percebo novamente quão pequena e frágil é. Posso carregá-la como se não pesasse nada. Isto não é bom. Mesmo o mais delicado membro da tribo poderia esmagá-la como um galho. Isso desperta meu instinto protetor. Luto contra o desejo de rosnar com o pensamento.

Shorshie estará segura, não importa o custo.

Nós caminhamos pela neve por algum tempo, e eu fico feliz em ver que ela está quieta, observando o mundo à sua volta. Shorshie não chama a atenção para nós. Ela não reclama ou exige mais coisas em sua língua estranha. Não faz perguntas quando eu quebro um galho de árvore de um broto nas proximidades e recuo, varrendo-o sobre nossas impressões para esconder nossa trilha. Ela é uma observadora silenciosa.

Mas eu ainda me preocupo que ela não saiba nem o básico sobre como se defender. Seu pedido por uma fogueira permanece no fundo da minha mente e me preocupa. Eu acho um rio descongelado, aquecido pelo chão. Tem um cheiro como de algo podre, mas o sabor será agradável o suficiente e o calor será bom para os músculos cansados. Também será uma prova para ver





o quanto minha Shorshie sabe sobre nosso ambiente. Há coisas que até o menor dos kits sabe sobre a vida selvagem que me preocupo que ela não saiba.

Com certeza, ela trota confiantemente em direção ao fluxo de água, chegando muito perto. Já a testei o suficiente. Agarro-a pelo braço antes que possa caminhar perto da margem e ela geme de dor.

Estou instantaneamente escandalizado com a minha própria força.

—Shorshie? — Se eu machuquei minha companheira, ficarei enojado comigo mesmo. O meu khui parece estremecer em mim, concordando.

—Tud beim. — Diz com uma respiração pesada. Ela estremece e flexiona o pulso. — Machuq'i na quedda nav.

Pego sua pequenina mão na minha e ela confiantemente me deixa examiná-la. Está com hematomas no braço, a carne inchada. Ela estava machucada e eu não tinha percebido. Estou furioso comigo mesmo por não ter notado algo tão óbvio. — Perdoe-me, minha Shorshie. Não serei tão desatento novamente.

Eu a afasto do córrego e olho ao redor em busca de algo para amarrar seu pulso. Eu apalpo minha roupa, procurando por algum tecido solto, mas ela ri e sacode a cabeça. Shorshie me cutuca e aponta para a água, indicando que prefere beber a se preocupar com seu pulso.

Tudo bem, então. Posso mostrar-lhe como beber. Olho em volta e encontro uma vara quebrada na base de





uma árvore. Eu pego e indico que ela deve me observar. Então, chego o mais perto que me atrevo e atiro na água.

Por um longo momento, nada acontece. Então, a água se agita com a atividade. Eu vejo Shorshie ofegante ao observar o ataque dos peixes-presas na lama. Sua surpresa é assustadora para mim. A terra aqui não é hospitaleira durante muitos meses do ano, mas mesmo os kits menores sabem que os rios quentes de cheiro ruim estão lotados de criaturas perigosas. Um peixe-presa pode esfolar a pele de um dvisti adulto em questão de momentos. Shorshie teria morrido antes de eu piscar.

O pensamento me faz puxá-la para perto de mim. Ela treme e se aproxima, aterrorizada.

— Cuidado. — Digo a ela. — Assista.

Ela concorda, olhando para mim com enormes olhos brancos que não brilham com a luz de um khui. Isso me lembra de sua vulnerabilidade. Sua fragilidade. Isso deve ser corrigido e em breve.

Pego minha bolsa de viagem. Nenhum caçador deixa as cavernas tribais sem uma, e nela tenho várias frutas vermelhas que são tão abundantes aqui. Pego duas delas, esmago-as entre meus dedos, misturo o suco com um punhado de neve em meus pés e, em seguida, arremesso a coisa toda na corrente do riacho. Então, olho para Shorshie novamente.





—Assista.

Ela observa, com o rosto determinado. Vejo sua surpresa quando a água começa a borbulhar e os peixes nadam contra a corrente, fugindo das águas e da mancha da fruta que odeiam tanto.

—Eles não gostam do suco. — Eu digo a ela. — Eles não voltarão até as luas caírem mais uma vez. Agora podemos beber.

Ela olha para mim com curiosidade, então mostro-lhe, movendo-me na direção da água. Eu mergulho meu odre dentro e o encho de água, então indico que pode beber a água diretamente da corrente.

—Tud’beim? — Ela pergunta com cautela. — Sim munstros?

Eu aceno com a cabeça, concordando com seja lá o que ela esteja dizendo e bebo novamente, então lavo meu rosto com um punhado de água.

Isso chama sua atenção.

—Lauvar? — Ela pergunta, puxando meu colete. Eu vejo agora que está segurando minha faca de osso na mão, sem dúvida assustada com o peixe-presa, mas seu olhar está no meu rosto e ela imita meu gesto de agora há pouco.

—Lauvar?

—Sim, você pode se limpar. — Digo, tirando a faca dela antes que possa se machucar. Então, entrego a ela um pouco mais





das frutas vermelhas. Além de ser um gosto do qual os peixes não gostam, elas são um sabão excelente. Eu indico que ela pode fazer espuma com elas e Shorshie parece animada.

—Vektal lavar? — Ela pergunta, então aponta para o fluxo de água antes de dizer mais palavras sem sentido antes de imitar um gesto de banho. — Vektal lavar?

—Você tem medo de entrar no riacho sozinha, minha vibração? — Provoco-a. — Devo entrar primeiro para que os peixes comam minha carcaça antes da sua? — Pergunto, divertido.

Ela balança a cabeça levemente indicando que não está me entendendo, mas há um sorriso animado em seu rosto.

—Lavar? — Ela pergunta novamente.

Aceno e começo a remover meus couros. Vou banhar minha companheira com prazer. Vejo sua forma graciosa enquanto ela se despe, arrancando seus próprios couros estranhos. Pela primeira vez percebo que a vestimenta dela está coberta de manchas e elas fedem a vísceras. Fiquei tão encantado por Shorshie que prestei pouca atenção ao fato de que estava suja. Não é de se admirar que esteja tão entusiasmada com a ideia de se lavar.

Minha companheira de vibração está falando sem parar, tremendo e esfregando os braços enquanto se despe. Assim como sua mão, seus pés pequeninos têm muitos dedos e têm uma forma





estranha, mas eu não vou dizer isso. Eu amo cada pedacinho de seu corpo estranho, mesmo que ela não tenha pelos nem cauda. Meu khui começa a ronronar de prazer ao vê-la e eu termino de tirar meus couros e depois entro na água.

—Aw garrotoo. — Ela respira, ainda na margem. Ela está encarando minha virilha. Contenta com a atenção dela, eu me estico e passo a mão no meu estômago. Meu pau cresce duro em seu olhar, e meu corpo ronrona com a vibração. Seria essa a maneira de Shorshie de incentivar o acasalamento?

—Venha para mim, então, minha companheira. — Gesticulo em minha direção. —Vou suprir todas as suas necessidades.

GEORGIE

O ditado “Bem dotado como um cavalo” realmente nunca teve muito significado até agora.

Tento não olhar e falho.

Posso lidar com presas. Com a cauda. Com a pele cinza-azulada semelhante à camurça. Droga, eu estou bem até com os chifres que se curvam em sua cabeça como um algum tipo de coroa.

Digo a mim mesma que deveria ter imaginado que um cara de dois metros de altura teria um pênis enorme. É o





tamanho proporcional. Estava quase preparada para isso, mesmo assim, vê-lo crescer ereto ainda faz minhas coxas tremerem se unirem.

Não estou preparada para nervuras.

Ele tem nervuras em seu pênis.

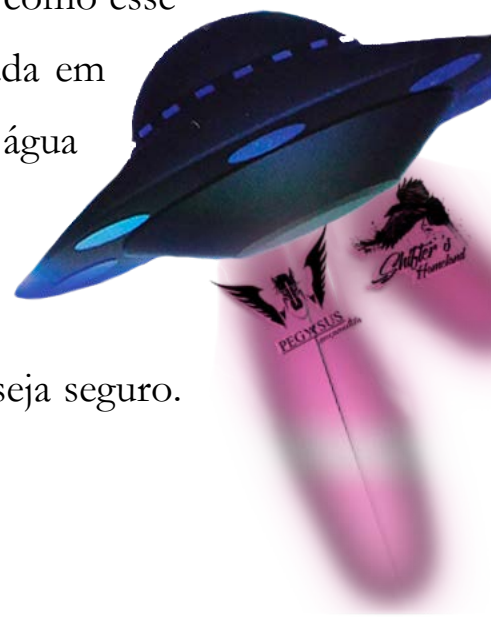
Assim como as saliências que corre ao longo de seu peito, sobrancelhas e braços, ele tem as nervuras elevadas ao longo do topo de seu pênis. Seu pau enorme e muito grosso. Além dessas nervuras, ele tem um adicional que quase se parece com outro chifre, exceto que é arredondado na ponta em vez de ser afiado. Um pequeno milagre, isso. Então, tudo bem. Ele tem um pau enorme e texturizado com um pequeno membro como um osso proeminente, de mais ou menos três centímetros na parte de cima do pênis, na virilha. Sinto que se eu tivesse um cartão de bingo alienígena aqui, acabaria de bater e ganhar o jogo.

Chifres? Confere. Cauda? Confere. Pau bizarro? Confere.

E como estou encarando, ele está me dando um olhar aquecido com aqueles olhos azuis brilhantes dele. É como se estivesse me desafiando a tocá-lo.

E... OK. Confesso que estou um pouco curiosa sobre como esse equipamento afetaria uma garota, mas estou mais interessada em me limpar do que brincar de esconder a salsicha. Olho para a água que vai até sua coxa e ele cruza os braços sobre o peito.

Certo. Minha vez de entrar. Ainda tenho medo dos peixes de mais cedo, mas se ele está na água, suponho que seja seguro.





Mesmo assim, aproximo-me de onde ele está só por precaução. Estou tremendo de frio, então preciso entrar na água com ele ou voltar a me vestir.

Olho para minha roupa imunda e decido entrar na água. Ainda posso sentir o cheiro do sangue e da nojeira que derramei em mim e quero desesperadamente ficar limpa. Então, eu dou um salto de fé e entro na água.

A água tem cheiro de ovos podres, eu tinha ouvido dizer que as piscinas termais subterrâneas cheiram assim. Mas não me importa, a água está quentinha como um banho de banheira e considerando que está nevando e gelado aqui, amo isso. Eu gemo quando a água toca nos meus membros e então afundo mais, tentando mergulhar meu corpo inteiro na água escaldante.

Isso é incrível. Agora eu poderia beijar Vektal por me trazer aqui, com peixe assustador e tudo mais. Espalho a água sobre meus membros, esfregando-os para me livrar do cheiro desagradável dos últimos dez dias de cativo.

Vektal se move para o meu lado na água. Ele diz algo e depois me entrega mais frutinhas. Vektal sugere que eu deveria apertá-las e depois esfregar o suco sobre mim. E talvez não me mova o suficientemente rápido para ele, porque tira as bagas da minha mão e aperta o suco em meus ombros. Então suas mãos grandes começam a esfregar a minha pele.

Eu congelo de início, mas o toque dele é tranquilo. É como se ele soubesse que eu só quero ficar limpa e não vai tentar gracinhas, apesar da enorme ereção que esbanja. E isso é meio que... doce, eu acho. Vektal não está me tocando como um





idiota. Está me tocando porque quer me mostrar como usar o sabão. Começo a esfregar a espuma estranha e com cheiro de fruta nos braços e pernas, quando ele tira um punhado de espuma do meu ombro e começa a lavar meu cabelo para mim, gemo com prazer.

Estar limpo nunca foi tão incrível.

Eu o ouço inalar bruscamente. Ouça o ronronado começar a vibrar em seu peito novamente. Ele murmura algo, sua voz rouca, mesmo assim, tudo o que faz é lavar meu cabelo. Nenhum toque exigente. Nenhuma insistência inapropriada. Apenas satisfação em me tocar. Em me agradar.

Na verdade, apesar do fato de que ele quase me matou de susto com o sexo oral quando nos encontramos, Vektal tem sido até que doce. Tudo o que ele fez até agora foi com o objetivo de cuidar de mim e de me agradar. Eu processo esse pequeno lote de informação. Talvez, seja a síndrome de Estocolmo falando por mim. Talvez, seja porque com Vektal, sinto-me segura. Mais segura do que me senti nas últimas duas semanas. Mas não me importo com o seu toque. Na verdade, até gosto, provavelmente muito mais do que deveria.

Eu não consigo olhar para ele enquanto estou, estamos tomando banho. Minhas bochechas estão pegando fogo porquê de vez em quando ele se inclina perto de mim e o pau enorme dele roça em mim e isso me faz pensar em coisas sujas. Pensar em sua boca em mim. A sensação de camurça de sua pele contra a minha. Seu calor. Seu cheiro intrigante.





—Shorshie. — Ele murmura, suas mãos acariciando meu couro cabeludo.

—Gee-or-gee. — Corrijo. Não deve haver nenhum som similar em sua língua, porque ele não consegue pronunciar direito.

—Shorgee. — Ele tenta.

—Gee. — Digo.

—Shhhzhee... — Ele começa, então para e tenta novamente. — Corgee.

Eu rio. Corgi? Passou longe. Eu me viro e aponto para minha boca para mostrar-lhe como mover a língua.

—Georgie.

Seus dedos movem em meus lábios em uma carícia delicada.

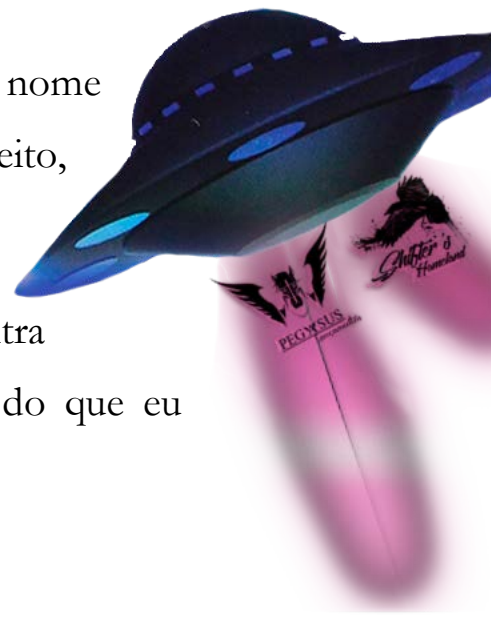
—Zheorzhe. — Então, ele tenta novamente. — Geeeeorgie.

Seu G é praticamente ronronado.

—Muito bom. — Digo, minha voz suave. Acabei de perceber que estou praticamente pressionada contra ele e estou nua.

—Georgie. — Ele repete, ronronando meu nome novamente. Então, pega minha mão e a coloca sobre seu peito, onde ele vibra como um gato. — Georgie sa-akh Vektal.

A maneira como ele diz isso, com a mão apertada contra o coração, faz-me pensar que tem um significado maior do que eu





gostaria de imaginar. Seu olhar é intenso, como se estivesse esperando por mim para responder.

Ele é um alienígena. Lembro-me disso, mesmo que me ocorre que posso convencê-lo a me ajudar, ajudar-nos a escapar dos outros alienígenas. Os captores que querem nos vender.

Isso tem que ser um plano com várias fases, eu acho. O planeta de Vektal é frio como o polo norte e, a julgar por suas ferramentas, provavelmente, não passou da Idade da Pedra. Mesmo assim me recuso a desistir da esperança de encontrar um caminho de volta para casa. Só sei que não vai acontecer com os pequenos homens verdes ou os alienígenas com cabeça de bola. Eles pensam que somos gado.

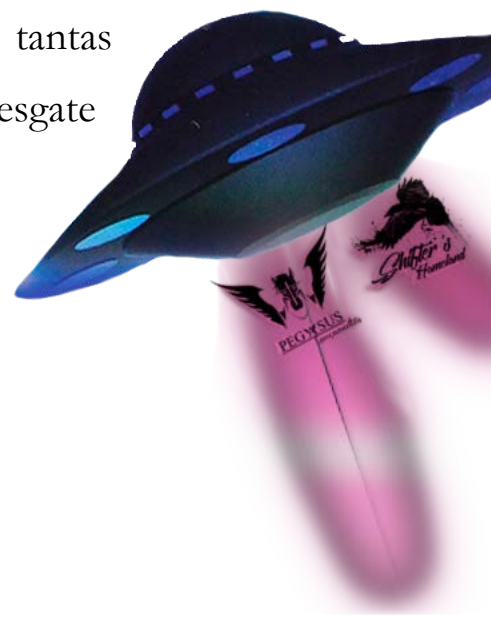
Vektal é a minha melhor aposta.

Talvez, esteja usando-o um pouco quando esfrego os dedos no peito dele. Eles estão gelados no ar frio e nevado e meus mamilos estão duros. Eu me esfrego contra ele deliberadamente, deixando-o sentir meu corpo. Passo a língua em meus lábios e depois olho para aqueles olhos azuis e brilhantes.

Eu aponto para a montanha ao longe, onde sei que tantas mulheres (a metade em tubos) estão esperando por resgate enquanto eu tomo banho de espuma com um nativo.

—Você me leva para aquele lado da montanha?

Ele acaricia meu rosto, uma pergunta em seu olhar.





—Mon...

—Sim. — Digo e traço meus dedos sobre sua pele. — Lá em cima.

Suas sobrancelhas se juntam e ele agita sua cabeça indicando que não, ele não vai me levar para lá.

Tudo bem então, agora é a hora de usar minha melhor arma.

—Vektal. — Murmuro. — Você sabe beijar?

A expressão em branco do alienígena me diz que ele não tem ideia do que estou dizendo. Claro que não. Então, coloco uma mão na parte de trás do seu pescoço e puxo-o para mais perto de mim. Ele é quente e eu gosto da sensação de como bloqueia o vento frio.

—Beijo? — Digo novamente e então me inclino e acaricio meus lábios contra o dele.

O olhar no rosto dele está atordoado. É como se nunca tivesse ocorrido a ele que as pessoas colocariam suas bocas umas nas outras. E sufoco a risada ameaçando entrar em erupção e arrasto um dedo pela frente de seu peito.

—Posso mostrar-lhe mais coisas... se você me levar até a montanha.

Eu sei que estou brincando com fogo. Oferecer favores sexuais em troca de resgate provavelmente não é o melhor plano, mas estou trabalhando com as armas que tenho. Enquanto ele





estiver fascinado por mim, posso usar isso a meu favor. É mercenário, mas as vidas de outras pessoas estão em jogo. Se eu tiver que beijar um alienígena e flertar com ele para conseguir um resgate para minhas amigas, farei.

Não é exatamente um sacrifício, tenho que admitir. Ainda estou pensando em sua boca na minha pele na noite passada. O jeito que ele me lambeu até que gozasse. A maneira como Vektal está me olhando agora me faz pensar que o sexo com ele não seria algo terrível a ser suportado. Seria lento, cheio de descobertas e oh, tão perverso. Não estou odiando a ideia. Não mesmo. Talvez, não esteja muito bem da cabeça para ficar vagueando em pensamentos sensuais agora, mas não posso evitar.

Eu brinco ainda mais com fogo quando envolvo meus braços ao redor de seu pescoço e aperto meus seios contra seu corpo quente, tão quente. Seu pau empurra meu estômago insistentemente, e o ignoro, entrelaçando meus dedos em seu cabelo preto e grosso.

Vektal inclina o rosto para o meu novamente, o olhar focalizando minha boca e depois para meus olhos. É como se ele estivesse pedindo outro beijo, mas não sabe como fazer isso.

—Alienígenas não beijam? — Pergunto suavemente, inclinando-me para aproximar meus lábios sobre o dele novamente. — Vou te ensinar a dar todos os tipos de beijos se você subir a montanha comigo.





—Moun... — Novamente, ele repete, seus olhos se estreitam. Ele coloca os dedos em minha boca e depois na dele, depois faz os mesmos gestos novamente. — Georgie montanha?

—Isso mesmo. — Digo, satisfeita que está entendendo. —Leve-me para a montanha e Georgie vai te beijar de novo. — Pressiono meus dedos dos meus lábios para os dele.

Um olhar perspicaz me observa. Ele se inclina e acho que vai me beijar, mas Vektal apenas acaricia meu nariz.

—Georgie... montanha. — Ele diz em uma voz baixa e então sinto sua mão percorrer para baixo, para meus cachos lá em baixo, onde arrasta os dedos sobre minhas dobras. — Montanha.

Eu engasgo. É tão surpreendente quanto é excitante o toque dele e o que está pedindo. Vektal quer que eu faça sexo com ele se me levar até a montanha.

Considero o que fazer por um longo momento, olhando para ele. Então abaixo a mão e agarro seu pênis.

—Georgie montanha. — Concordo e dou uma rápida bombeada em seu membro debaixo da água. *Se você me levar até a montanha, é isso que vai ganhar.*

Ele geme e tenta se pressionar contra a minha mão, mas o solto tão rapidamente quanto o segurei.





—Montanha. — Insisto.

—Montanha. — Rosna e me puxa contra ele, seu corpo enorme apertado junto ao meu. Por um momento entro em pânico, perguntando-me se simplesmente vai tomar o que estou oferecendo em troca. Mas Vektal apenas esfrega o nariz contra o meu novamente e depois me libera, apontando para minhas roupas na margem.

Perfeito, vamos subir a montanha. Equipe de resgate de duas pessoas a caminho.

Nós nos vestimos rapidamente e faço uma careta ao ter que colocar meu macacão imundo novamente.

O ar frio e seco do inverno é ainda pior agora que estou molhada e gelada e Vektal insiste em cobrir meus cabelos molhados com o casaco. É uma boa ideia, mas ainda estou gelada nesse frio brutal. Talvez, um mergulho rápido no rio não tenha sido a mais inteligente das ideias, mas agora pelo menos estou limpa.

Ele me puxa de volta para os seus ombros e então tomamos a trilha para a montanha novamente. Vektal está proferindo uma narrativa resmungada que não faço ideia do que seja, ocasionalmente, ele acaricia minhas mãos frias. Aponta para a paisagem como se me mostrasse algo além da neve, mas eu não consigo entender.

Subimos a colina constantemente pelo que parece uma eternidade e estou ficando com mais frio a cada minuto. Meus





dentes estão batendo e minha cabeça está fria como um bloco de gelo. Estou com frio e com fome, a carne crua que comi só me deixou mais faminta. Eu não tinha percebido o quão distante estávamos da montanha até eu olhar para cima e ver que o penhasco rochoso que segura o navio está a horas de distância. O que só faz meus dentes baterem mais forte.

A trilha segue por encostas íngremes em direção a um penhasco íngreme que não reconheço e estou surpresa quando Vektal se dirige para ele. Coloca-me no chão, diz algo que provavelmente significa “fique aqui” e depois se move para a base do penhasco e começa a cavar. Observo-o por algum momento, confusa, antes de perceber que ele está descobrindo a boca de uma nova caverna.

Ele não está me levando até a montanha. Ele está me levando para outra caverna.

—Você só pode estar de brincadeira. — Explodo com raiva. — Não! Vektal, vamos subir a montanha!

O alienígena se vira e me dá um olhar irritado. Ele então faz um discurso do qual não entendo nada, apontando para meus cabelos cobertos de gelo, para o fato de meus dentes estarem batendo loucamente e estou tremendo. Continua falando, gesticulando para a caverna. Eu não preciso entender seu idioma para saber o que ele está dizendo.

Você está com frio. Nós ficaremos aqui esta noite. Para depois subir a porra da montanha.





Não posso deixar as outras lá sozinhas por mais outro dia. Simplesmente, não posso. Estou congelando mesmo com sua capa emprestada e elas lá não têm nada. Nada para comer, nada para beber e nenhum abrigo. Estou tão frustrada que poderia gritar.

Em vez disso, viro e começo a marchar, seguindo para o que parece ser o caminho até a montanha. Dou a volta pela parede do vale, coberta da neve que escorreu de cima. Parece que estou navegando em neve, mas não vou desistir. Se eu tiver que marchar cada passo de volta para a montanha para que Vektal vá comigo ver as outras, eu irei.

—Georgie. — Chama de trás de mim. Então, ele fala a sílaba que agora sei que significa “Não”.

Ignoro-o e ando ainda mais rápido.

—Georgie, não!

Tarde demais. Eu não vejo a sombra na neve antes de perceber que quando eu passo perto da parede do penhasco, meu pé não se conecta com nada. O chão abaixo dos meus pés desaparece e eu grito enquanto movo para baixo em uma fenda de gelo profunda pelo que parece durar para sempre.

Só não é para sempre. São por dez, talvez, quinze segundos. Então, eu caio em uma pilha de neve no fundo e fico ali atordoada. Vektal não está tão longe, posso ouvi-lo gritar meu nome de cima.





—Sim, sim. — Murmuro. Eu não posso esperar pelo sermão do alienígena de que “eu estava certo e você estava errada”. Sento e estremeço ao palpitar do meu pulso machucado. Está piorando à medida que o tempo passa.

Algo se mexe nas proximidades e congelo. Olho em volta pela primeira vez aqui em baixo.

Estou em uma caverna de gelo de algum tipo. Espetos de gelo pendurados no teto. As fileiras de neve alinham as paredes e, acima, um pingo de luz do sol entra.

Há luz suficiente para me deixar ver as duas dúzias de olhos olhando para mim.

Eu não estou sozinha. Estou muito, profundamente, ferrada.



Rubi  Dixon

PARTE TRÊS

Perdida

GEORGIE

Eu olho para os lados, cautelosa. De alguma forma, caí em um buraco coberto pela neve. Um estúpido passo em falso, e parece que este planeta está absolutamente cheio de cavernas e acabei de cair dentro de uma.

E ela está ocupada. Totalmente, totalmente, ocupada.

Uma dúzia de pares de olhos me encara de estranhas faces parecidas com peixes. Eles são meio humanos, só que não. Eles são bípedes e têm dois braços e pernas e são altos. Mais altos que eu. Seus olhos são enormes em seus rostos pontiagudos, suas bocas pequenas e redondas. Eles se parecem quase como personagens de desenho animado, exceto pelo cabelo pálido emaranhado que cobre quase cada centímetro de seus corpos. E eles cheiram como um cachorro molhado e sujo. Eca.

Uma grita para mim, o som engraçado.

—Oi. — Digo suavemente. Não movo um músculo enquanto eles me olham. Está claro que estão tentando decidir se sou





amiga ou inimiga. Eles me lembram, um pouco, dos Wookiees⁶ do filme de *Star Wars*, *Minha nossa, eu realmente tenho que tirar minha mente de Star Wars*, exceto pelo fato de que eles são brancos e têm olhos enormes. E caudas, eu percebo quando uma criatura avança com sua cauda balançando para frente e para trás como um gato irritado.

Ela inclina a cabeça e me estuda. Então, grita novamente.

—Georgie. — Vektal rosna lá em cima. — Georgie!

Ouçó suas mãos raspando contra o gelo acima e a neve cai na minha cabeça.

—Eu acho que estou bem. — Digo-lhe.

A criatura que agita a cauda ergue a cabeça e grita de novo para o ar, parecendo um pouco como uma coruja.

Mais neve cai no meu rosto e eu olho para cima. A caverna rochosa tem um buraco acima e Vektal está escavando desesperadamente, tentando abrir espaço suficiente para que seu corpo muito maior possa chegar até mim. Ele parece frenético e diz outro comando que não entendo. É “fique parada” ou “saia daí”?

Eu olho para os pés grandes com olhos de inseto.

Um inclina a cabeça para mim e abana o rabo mais rápido. É quase como um cachorrinho feio. Quase. Eu sorrio e fico de

⁶ Os Wookiees são uma raça ficcional do universo de *Star Wars*. São grandes humanoides peludos de constituição forte e cultura tribal.





pé lentamente, percebendo que o “cachorrinho” é um metro mais alto do que eu.

—Olá. — Digo, mantendo minha voz doce e suave. Talvez se eu o tratar como um cachorrinho, vamos nos dar muito bem. Quando suas narinas se alargam e a batida da cauda aumenta, eu estendo minha mão boa para que ele possa cheirar.

Imediatamente, a criatura rosna. Ele bate a minha mão e me dá um empurrão vicioso. Eu dou um pequeno grito assustado quando caio no chão. Outra criatura pula em mim imediatamente, puxando meu cabelo e minha roupa. Outro grita e joga neve em cima de mim. Eu percebo que eles não são como cachorrinhos, estão mais para macacos maldosos e furiosos.

E eu caí dentro de uma toca cheia deles.

A mão torcendo meu cabelo puxa forte e eu grito de novo tentando afastá-lo. Outro cheira minhas costelas feridas e minha respiração congela. Eu tusso e me arrasto no chão, tentando me proteger de seus empurrões selvagens e gritos.

De cima, ouço um rugido selvagem e feroz. Então, o teto inteiro parece desmoronar.

Vektal. Graças a Deus.

Algo pesado bate no chão e as criaturas gritam e recuam. Eu fecho um olho bem a tempo de ver Vektal rugir com fúria, o som vibrando com intensidade. A caverna inteira treme e vejo quando ele tira suas facas.





As criaturas recuam ainda mais.

Eu não as culpo, Vektal parece absolutamente aterrorizante. A luz em seus olhos está ardendo e suas presas estão expostas em sua fúria. Estou um pouco assustada quando ele olha para mim.

Mas então ele me tira do chão e me arremessa por cima do ombro, estilo homem das cavernas, antes de abrir caminho por uma passagem inteiramente diferente. As criaturas piam e gritam para ele e quando um avança, sinto o braço grande de Vektal empurrá-lo como se não fosse nada.

Eles se aglomeram, gritando e um puxa meu cabelo novamente, arrancando um punhado antes que eu possa estapeá-lo. Eu grito e Vektal se vira, desta vez com uma faca.

A criatura está morta antes de atingir o chão.

Engasgo com a visão, mas então Vektal está se apressando pela caverna, caminhando entre as criaturas, estou tão aliviada em ver a luz do sol poucos minutos depois que quero chorar.

Estamos fora da caverna e as criaturas não estão nos seguindo.

No entanto, isso não significa que meu alienígena pare. Ele continua caminhando pela neve profunda com tanta determinação que me deixa um pouco intimidada. Ainda estou esperando pelo sermão de “Eu te avisei”.





Mas estou com frio e apavorada, e não digo nada para protestar contra minha atitude estúpida. Se ele quiser bancar o homem das cavernas, desde que me mantenha segura, para mim tudo bem. Ele está zangado. É bastante óbvio para mim que está bastante furioso, na verdade. Vektal resmunga baixinho em um tom irritado e seu corpo está tenso contra o meu. E o que mais me frustra é que nem consigo pedir desculpas por ter feito merda. Nós não temos as palavras para nos comunicarmos. Estou tão frustrada e infeliz que poderia chutar alguma coisa.

Só que todo meu corpo está doendo da minha queda e minhas costelas parecem que estão em chamas.

Então, em vez de chutar alguma coisa, talvez, eu apenas chore. Se eu fizer isso, porém, provavelmente, as lágrimas ficarão grudadas no meu rosto, congeladas.

Todo esse maldito planeta está contra mim.

Estou me sentindo muito infeliz quando Vektal me coloca na neve e me encara ferozmente.

—Saas tes. — Ele aponta para o chão. — Tes!

—Fique aqui. Entendi. — Eu murmuro, sentindo-me culpada. Cruzo os braços sobre o peito e aguardo.

Ele me lança um olhar exasperado e depois se dirige a alguns metros de distância. Percebo que estamos de volta àquela parede idiota do penhasco com a caverna enterrada. Estamos de





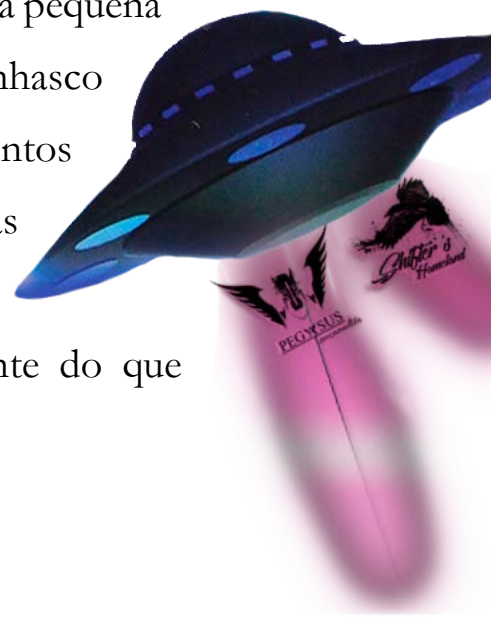
volta ao ponto em que começamos há pouco tempo, exceto que, entretanto, tive metade do meu cabelo arrancado pelo pé grande raivoso, adquiri mais alguns hematomas e agora ele está puto comigo.

Eu odeio este lugar. Odeio que está frio e está nevando todo maldito tempo e tudo quer comer meu rosto. Odeio usar um macacão fedorento e grosso, que comi carne crua, que há uma dúzia de garotas na colina que provavelmente matariam para estar aqui no meu lugar no momento e nem consigo me sentir grata.

Apenas me sinto miserável.

Faço o meu melhor para lutar contra as lágrimas exaustas e frustradas, mas elas estão caindo de qualquer maneira. Estou tremendo de frio e de miséria, e quando Vektal escava a boca da caverna e entra para garantir que é seguro, lágrimas silenciosas escorrem pelos cantos dos meus olhos e congelam nos meus cílios. Claro que iam congelar. Nem mesmo a capa de Vektal está me mantendo aquecida agora e eu sinto uma pontada de ressentimento por ele estar praticamente só de camiseta e calça e parece nem ligar para o clima.

Depois de um momento, Vektal sai da caverna e indica que é seguro entrar. Eu me junto a ele, não há muito para ver aqui, o interior é uma pequena gruta escavada nas rochas que se abre perto da parede do penhasco e depois serpenteia mais para dentro da terra. Há suprimentos perto da entrada, outra “porta” de couro pendurada, algumas peles para se aquecer e uma pequena pilha do que parece ser bolos de barro com alguma madeira. É mais aconchegante do que





qualquer lugar que vi recentemente e está longe do vento. Enquanto Vektal empurra a cobertura de couro sobre a entrada para bloquear o resto da neve e do vento, fica escuro no interior.

Mas seguro.

Estou a salvo. Tremo e depois estou me sacudindo quando um soluço escapa de minha garganta.

VEKTAL

Não é a primeira vez que me desespero com o quão indefesa é a minha companheira. Estou completamente confuso com ela, se não sabe nada sobre a terra, como Georgie chegou aqui? Até mesmo os Metlaks não sabiam o que fazer com ela. Estou furioso comigo mesmo por deixá-la se afastar. Estou furioso que os metlaks poderiam tê-la machucado mais gravemente. Eu sei de pequenos kits que foram esfaqueados por acidentalmente terem se encontrado com um grupo de metlaks.

Georgie, minha preciosa companheira, minha vibração, caiu em um covil inteiro deles.

Ela poderia ter sido morta antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para resgatá-la.





O pensamento deixa minhas mãos tremendo e meu khui batendo contra o meu peito com uma batida furiosa. Como posso cuidar de alguém que é mais indefeso do que um kit. Alguém que exige ir para as montanhas perigosas em vez de me deixar levá-la para o meu povo?

Quem é minha Georgie? Como ela chegou aqui? Além dos metlaks e dos sa-khui, não há outras pessoas nesta terra.

Ela é preciosa e quase a perdi. Estou abalado pela minha própria raiva, marchando pela caverna enquanto preparo uma fogueira para minha companheira que treme de frio. Apanho pedaços de madeira e de esterco, esfrego os utensílios que geram fogo entre minhas mãos até eu conseguir uma faísca e em seguida, crio um fogo alimentando-o. Quando as chamas começam a queimar a madeira, eu gesticulo para Georgie, que está tremendo de frio, se aproximar.

—Obryg'da — Ela diz com uma voz suave.

— Eu não a entendo. — Rosno para ela. Esse é outro obstáculo do meu acasalamento. Quero lhe dizer que ela é minha. Que é minha vibração. Que ela está segura comigo e que não deixarei nenhum mal lhe acontecer se confiar em mim. Que ela é minha luz e minha razão de ser agora, que devemos criar um lar e uma família juntos. Mas não posso lhe dizer nada dessas coisas.

Ela funga alto e se aproxima um pouco mais do fogo, estendendo suas minúsculas mãos com cinco dedos para aquecê-las. Seu pulso machucado está com uma coloração pior. Maylak,





a curandeira da tribo, poderia curar isso com apenas um toque. Mas ela não está aqui e minha Georgie está sofrendo.

—Dê-me isso. — Digo bruscamente, indicando que ela deveria me dar sua mão ferida. Georgie, provavelmente, machucou ainda mais durante a queda e estou devastado que tenho cuidado tão mal de minha companheira.

—Agora vou estar furioso comigo. — Diz e funga novamente. Então, ela começa a chorar.

—Ah, Georgie. — Murmuro e a puxo contra mim. Seu rosto pressiona meu colete e ela soluça. Acaricio seus cabelos, agora crocantes e duros com gelo. Georgie vai ficar doente. Esqueci que ela não tem khui para esquentá-la e a arrastei pelo lado da montanha e para abaixo. Ela é frágil, minha pequena de cinco dedos. Eu me repreendo por não cuidar melhor dela. — Não vai acontecer novamente, minha vibração. — Digo-lhe, acariciando sua bochecha arredondada. — Eu vou cuidar melhor de você, começando agora.

E mesmo que seja insensível de minha parte usar todos os suprimentos dessa caverna, eu construo uma fogueira ainda maior. Não me importo se estou suando enquanto minha Georgie estiver quente e confortável. Eu a abraço contra mim pelo que parece ser uma eternidade. Suas mãos entram debaixo da minha roupa, buscando minha pele quente e meu pau cresce duro com seus pequenos toques. Mas ainda está chorando e então a abraço e a consolo da melhor maneira





que posso, até que as lágrimas parem e ela está apenas fungando sua infelicidade.

Suas mãos ainda estão debaixo da minha roupa, no entanto. Meu pau não esqueceu isso e sofro com a necessidade, o meu khui batendo no meu peito. Eu quero fazê-la feliz. Eu quero fazer seu rosto estranho e doce sorrir em vez de chorar.

Então, enquanto ela se aquece junto ao fogo, mimo minha companheira, como deveria. Examino seu pulso e depois corto uma tira de uma das peles, prendendo-a com força contra uma das minhas facas de osso. Esse arranjo vai imobilizar seu pulso até que eu possa levá-la à curandeira. Ela me dá um sorriso grato e aponta para outra das facas de osso no meu colete.

—Poss ficacom uma?

Balanço a cabeça para indicar que não entendo e com gestos, ela me mostra que quer segurá-la. Ah. Georgie quer se defender. Eu dou-lhe uma das lâminas. Eu tenho seis, agora estou com quatro. Amanhã, vou lhe mostrar como usá-las e como esfaquear com isso, então, se ela for atacada por metlaks novamente, será capaz de lutar de volta. Eles são criaturas covardes e fugirão se estiverem em perigo.

Ao receber o presente da faca, o sorriso dela se alarga e me olha sorrindo alegremente, como se eu tivesse lhe dado o maior tesouro.

—Messint o melhr cumisso.





Aceno com a cabeça, embora eu não saiba o que ela está dizendo. Só que está sorrindo. Isso é suficiente para mim. Eu farei mais, no entanto. Há peles nesta caverna, as peles deixadas para o conforto dos guerreiros e caçadores que se aventuram por estes lados. As peles estão velhas e duras com a idade, mas estão quentes. Quando sairmos de manhã, vou quebrar as regras de cortesia de caça e levarei as peles conosco, ela as usará enquanto viajamos. Não vou tê-la tremendo mais.

—Cociniarr? — Ela pergunta e aponta para a caça no meu cinto. — Cociniarr agora?

—Cociniarr? — Repito, segurando a besta morta para ela ver. — É assim que você chama isso? Cociniarr?

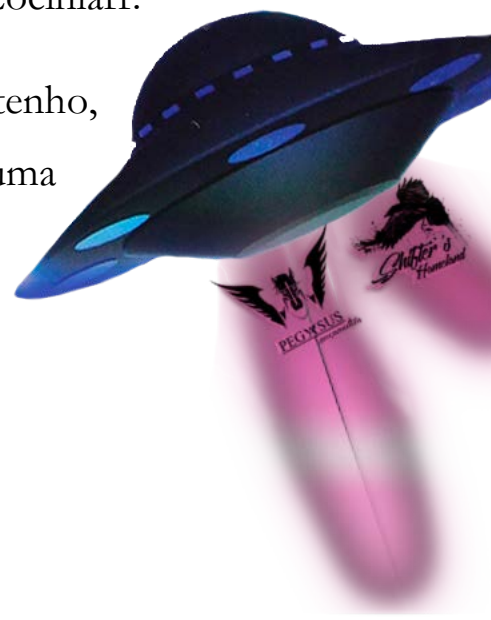
—Issu. — ela diz e sorri para mim, seus pequenos dentes brilhando. Aponta para o animal, depois para o fogo. — Cociniarr iss purrfavr.

Ah. Instruções. Aponto para o fogo.

—Cociniarr?

—Biem, é fog, simm. — Ela acena com a cabeça. — Cociniarr.

Mesmo que isso vá contra todos os instintos que eu tenho, faço o que ela pede. Pego os pedaços do animal e espeto em uma das minhas facas de osso e ela as coloca no fogo e depois come um pedaço fazendo ruídos felizes. Exclama a cada





mordida e no momento em que a comida foi devorada, seus olhos estão ficando sonolentos e contentes.

Estou satisfeito também. Paramos cedo, mas Georgie está aquecida, segura e alimentada.

Explico-lhe com sinais que devo coletar mais madeira e colocar armadilhas para pegarmos mais comida. Ela deve ficar na caverna, manter o fogo e descansar. Ela parece desconfortável, mas acena com a cabeça e eu a deixo com minha faca de osso e a água.

Eu me apresso, encontrando esterco de Dvisti em vez de madeira. Não tenho nenhum machado comigo e até o alto da montanha, as árvores estão raquíticas. Monto armadilhas para animais, mais Quilled e pássaros bico de foice. Dvisti são os melhores para se comer, mas Georgie parece determinada a subir a montanha e não podemos carregar muita carne. Se ela fosse uma sa-khui, seria fácil, mas minha Georgie é delicada e não é tão forte quanto nossa guerreira mais fraca.

Volto para a caverna perto de escurecer para encontrar Georgie dormindo, enrolada nos cobertores, com a faca na mão. O fogo está em brasas e seu cabelo secou em cachos marrom-dourados e brilhantes que são adoráveis de se ver.

Eles são quase tão adoráveis quanto o sorriso suave que ela me dá quando acorda. Senta no ninho de cobertores e me dá um olhar sonolento.





—Montanha?

Balanço a cabeça e coloco os suprimentos para o fogo em um lado da caverna. Há uma nevasca feroz lá fora e a neve que devemos atravessar para subir à montanha está ficando mais profunda a cada momento. Eu puxo a porta de couro para mostrar a neve e ela parece arrasada.

—Amanhã iremos para a montanha. — Digo-lhe. Não sei por que está tão desesperada para ir, mas deve significar algo para ela. Gesticulo com as mãos, tentando explicar que iremos quando o sol voltar a subir e as tempestades pararem. Eventualmente, acabo me contentando em explicar o “em breve”.

—Em breve. — Ecoa e me dá um sorriso. Ela parece satisfeita com minha resposta. O dia vai ser longo. Os sóis ainda estariam altos no céu se estivessem fora, estamos presos na neve, escondidos contra o frio amargo. Georgie não pode aguentar o frio como eu posso e tê-la comigo me faz andar um pouco mais lento. Eu não trocaria sua presença pela melhor caçada, mas devo reconhecer que ter minha companheira comigo significa que devo fazer escolhas diferentes das que eu faria se estivesse sozinho.

Cuidar dela agora é minha prioridade.

O pensamento de estar com ela o dia todo é como um presente. Ela gesticula para o fogo e diz minha palavra para o fogo.

—Sim, fogo.





—Fogo. — Repete. Então, ela agarra um punhado das peles em que está sentada e me dá um olhar questionador.

—Peles.

—Peles. — Ela ecoa. As palavras soam engraçadas em sua boca, como se tivesse dificuldade em fazer os ruídos que eu faço na garganta. Mas estou satisfeito por ela querer aprender a se comunicar comigo. Durante as próximas horas, ficamos descrevendo as coisas que são facilmente apontadas e Georgie tenta pronunciá-las. Então, ela volta e as repete em diferentes ordens de cada vez, tentando aprender as palavras.

Eventualmente, ficamos sem coisas para apontar dentro da caverna e prosseguimos para partes do corpo. Ela segura seus fios encaracolados e espalhados.

—Cabelo. — Digo, automaticamente, divertindo-me em ver que ela imediatamente começa a pentear seus fios com os dedos. Farei um pente de ossos para ela quando retornarmos à minha caverna.

—Cabelo. — Ela resmunga, desistindo dos nós em seu cabelo. Então, inclina-se para mim e toca em meu cabelo. — Cabelo?

—Cabelo. — Concordo.

Seus dedos se movem para os meus chifres e ela levemente acaricia um deles.





—Oquisso?

—Chifres. — Digo-lhe. Quase não ousa respirar enquanto ela move os dedos ao longo dele. Embora meus chifres não tenham tanta sensibilidade, seus seios estão perto do meu rosto e o cheiro dela me desperta, assim como seu toque fascinado. Eu anseio por agarrá-la e puxá-la contra mim. Em vez disso, aperto meus punhos e me forço a permanecer imóvel.

—Oquisso? — Ela pergunta novamente e seus dedos acariciam minha testa, sentindo as nervuras salientes nela, que se estendem para meu nariz.

—Rosto? — Não entendo o que ela está perguntando. Eu toco em sua bochecha. — Rosto, como o seu.

Mas ela dá uma pequena balançada de cabeça e esfrega um dos cumes com uma pequena ponta do dedo. Isso faz meu pau saltar e agora estou totalmente ereto e dolorido, meu pulso batendo diretamente na minha virilha. Seus dedos tocam os sulcos ao longo do meu nariz e depois sobre minhas sobrancelhas e então toca em meu coração.

—Como armadura?

—É apenas pele. — Digo-lhe. A dela é lisa por toda parte, enquanto a minha tem textura em certos lugares. Sua testa é engraçada, lisa e seu nariz pequeno parecem diferentes para mim, então seu comentário me faz pensar que talvez eu pareça estranho para ela também.





Seus dedos percorrem meu peito um pouco mais, ela continua me tocando com os dedos suaves e delicados, seus toques me fazem cócegas. Meu khui vibra com necessidade e eu tenho que fechar os olhos para me controlar. Eu vou explodir em sua mão se ela chegar mais abaixo, então, pego sua mão antes que continue explorando.

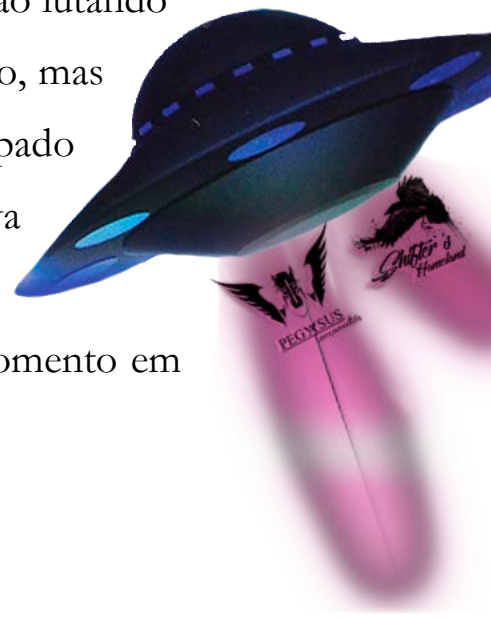
Georgie está no controle, mas não consigo aguentar muito mais dessa gentil exploração. Se ela me tocar de novo, eu vou jogá-la na cama de peles e fodê-la até que grite de prazer.

GEORGIE

Vektal pega minha mão quando eu corro meus dedos por um ombro grande que tem aquela placa enrugada, semelhante a uma armadura no bíceps e nas costas de sua mão.

—Não. — Ele me diz na língua dele.

Estou confusa. Pensei que ele gostasse de mim e queria que eu o tocasse. Suas calças de couro suaves não conseguem esconder a ereção lutando contra elas. Estou um pouco assustada com o tamanho disso, mas sei que Vektal nunca me machucaria. Ele tem estado preocupado comigo a tarde toda, certificando-se de que meu pulso estava bem, verificando minhas contusões e empurrando pequenos pedaços de comida cozida em minha boca no momento em





que estavam prontos. Durante todo o tempo, estava me tocando com pequenos toques possessivos que me deixavam saber que estava bem ali comigo, que estava bem ciente de mim.

Então ser afastada agora? Justamente quando estamos aprendendo um sobre o outro? Fere meus sentimentos.

—Não?

Ele vê a dor em meu rosto e eu ouço seu peito rugir ainda mais alto.

—Georgie. — Diz naquela maneira suave e única dele. Ele gesticula para si mesmo, então olha para o céu e murmura algo que não consigo entender.

—Nós terminamos de jogar nosso jogo, então? — Pergunto. Estava chegando às partes interessantes. E, ok, talvez eu esteja flertando um pouco. Porque tocá-lo e sentir aquela pele macia de camurça contra a minha e vê-lo reagir a meus toques? É como dar salmão para um gato. Ele é tão quente e tem uma pele tão macia sobre aqueles músculos duros como pedra, e olha para mim como se eu tivesse pendurado a lua, e . . . é intoxicante.

Pergunto-me se ele é atraente para o seu povo. Vektal é atraente para mim, agora que superei meu choque inicial com a coisa dos chifres, olhos brilhantes e pele azulada. Suas feições são fortes e bem definidas, com o nariz reto e majestoso, mesmo que tenha pequenas nervuras. Suas maçãs do rosto são altas e ele tem uma boca bem esculpida.





Vektal tem os ombros e bíceps mais surpreendentes que já vi. Quero me abanar só em pensar neles. O fato é que ele é uma delícia de se tocar. Eu gostei de correr minhas mãos sobre ele um pouco e não consigo tirar nosso pequeno interlúdio no rio há algumas horas atrás da minha mente. Sobre a mão dele, arrastando-se para baixo na minha buceta e a reivindicando com um toque. Permitindo-me saber que me quer se me levar para a montanha.

Eu o toquei de volta. Segurei aquele pau grande e delicioso em minha mão e dei um aperto para deixá-lo saber que eu estava disposta a jogar seu jogo.

—Georgie. — Diz novamente e dá outro balanço em sua cabeça imponente e depois esfrega uma mão pelo rosto em um gesto de frustração tão humano que me faz sorrir.

—Sim? — Ronrono, aproximando-me dele novamente. Agora que a caverna está quente, tirei a maior parte das peles nas quais estava enrolada e descí até no meu macacão. Estou tão perto que posso praticamente esfregar meus seios no braço dele.

E ele não me olha. Em vez disso, balança a cabeça e diz algo que soa como:

—Sa nisok ki yemev.

—Sim, eu não sei o que isso significa. — Digo, passando um dedo em seu cabelo. Seu cabelo é liso, preto e super espesso. Também, não cresce em nenhum outro lugar em seu corpo, o que eu acho interessante.





Ele afasta minha mão, mas ouço o ronronar estranho enlouquecendo em seu peito. Eu sei que ele está gostando do meu toque. Não entendo porque não olha para mim, ou porque me afasta.

—Vektal? — Pergunto. — Eu não entendo.

Seus olhos se acendem de novo e ele pega meu pulso e guia minha mão para a sua ereção apertada nas calças macias. Então, ele me dá um olhar como quem diz “vê o que você faz comigo?”

Ah. Agora entendi. Um pequeno sorriso curva minha boca e me sinto bastante poderosa no momento. Ele não vai me tocar, nem mesmo me olhar, porque estou excitando-o e não quer me pressionar a fazer nada.

Realmente, para um grande bárbaro, ele é o perfeito cavalheiro.

É irônico porque agora sou eu quem quer fazer mais. Talvez, seja a necessidade de conforto ou o fato de que eu o ache estranhamente atraente. Ou, talvez, seja a minha barriga cheia e eu me sinto segura pela primeira vez no que parece uma eternidade, mas estou totalmente no clima para algo mais. Quanto mais ele tenta ser nobre? Mais excitada fico.

—Acho que eu não preciso perguntar sobre controle de natalidade, não é? — Eu digo a ele e coloco uma mão em seu ombro. Deus, amo tocá-lo. Parece totalmente decadente. — Não estou tomando pílula, não que isso importe agora.





Tenho certeza de que como somos espécies diferentes, você não pode me engravidar.

Ele me observa com os olhos semifechados, como se esperasse para ver o que eu vou fazer.

—Permita-me dar o primeiro passo. — Digo suavemente, tentando desfazer o fecho de cima em seu colete incomum.

Os estranhos olhos de Vektal brilham com a luz, e, então, ele ronrona mais forte que nunca, seu peito praticamente vibrando com a força dele.

—Apreciei o resgate mais cedo. — Digo, puxando os laços. O tecido, um couro mole de coloração não natural, cai ao meu toque. Afasto as facas e as bolsas amarradas, revelando o tórax largo de Vektal e os sulcos que caem em cascata pelo peito, entre dois peitorais maciços e duros. — Permita-me mostrar o quanto estou agradecida.

Eu me inclino para frente para beijá-lo e ele automaticamente se afasta, olhando para mim com surpresa.

—Beijo. — Falo, sufocando uma risadinha. Quase me ofendi com sua expressão de surpresa, mas eu sei que o Vektal não está familiarizado com beijos. Talvez, ele também não faça amor como os humanos fazem. O pensamento me intriga.

—Beijo. — Ele concorda, então quando me inclino para frente novamente, ele não se afasta.





Movo meus lábios sobre sua boca firme. Seus lábios não se separam dos meus. Ele está rígido e não responde enquanto o beijo. Decido persuadi-lo um pouco mais, pressionando meus lábios nos dele uma e outra vez, depois mordiscando seu lábio inferior. Vektal não abre a boca, não importa o quanto o persuada, então, gentilmente, acaricio o canto de sua boca com a língua.

Ele se afasta com surpresa, os olhos estreitos enquanto olha para mim.

—Ainda é um beijo. — Digo a ele. Enrolo meus braços ao redor de seu pescoço. — É chamado de beijo francês. É onde as línguas se encontram. Acho que você vai gostar se me der uma chance.

O olhar de Vektal permanece focado em minha boca enquanto falo. Ele se inclina e pressiona sua boca na minha, rapidamente, e então me dá um olhar desconfiado, como se estivesse esperando para ver se eu vou corrigi-lo.

—Beijo. — Concordo e pressiono minha boca suavemente na dele novamente.

Quando sinto sua língua tocar meus lábios, eu capturo a ponta dela e a sugo levemente.

Ele geme...e eu também. As nervuras em sua testa, peito, pênis... também estão presentes em sua língua. Eu havia esquecido isso e gemo quando lembro como me senti enquanto lambia minha buceta.





Vektal enfia as mãos em meus cabelos emaranhados e me segura contra ele.

—Beijo. — Exige novamente. Está claro que ele quer mais.

Então dou mais para ele. Colo minha boca na dele e ponho minha língua contra a sua língua texturizada, gemendo novamente enquanto ele a esfrega contra a minha. Vektal ainda está um pouco tímido, como se avaliasse meus movimentos. Aprendendo-os. Então passo minha língua ao longo de uma de suas longas presas, feliz por sentir o ronronar em seu peito intensificar. Quando fico sem fôlego de beijar, afasto-me e dou-lhe um olhar satisfeito.

—Então, o que achou?

—Beijo. — Diz novamente e então ele assume o controle. Puxando minha boca para a dele, Vektal começa um ataque de beijos que me deixa completamente atordoada. Ele mordisca, chupa minha língua e inicia um movimento lento e lânguido que lembra sexo e me deixa dolorida de necessidade.

Quando o afasto para puxar o ar, estamos na cama de peles juntos e estou pressionada contra seu peito. Meu pulso está latejando, e entre minhas coxas estou louca de luxúria.

—Você é muito bom nisso. — Rapaz, muito, muito bom. Ele me mataria se fosse melhor.

—Georgie. — Murmura contra minha boca. — Beijo.
— E sua mão vai para o colarinho de meu macacão sujo.





Ele pressiona sua boca ao longo do meu lábio superior. Então, em minha bochecha. Então, no meu queixo. — Beijo. — Diz suavemente novamente.

—Sim. — Digo e abro os fechos do meu macacão e meus seios se libertam.

Ele olha para minha pele nua com uma expressão maravilhada. Levanta suas enormes mãos com quatro dedos e pressiona a palma da mão não contra meu peito, como imaginava, mas no vale suave entre eles. Vektal acaricia minha pele, depois corre os dedos para cima e para baixo sobre meu esterno, fascinado.

Então, a atenção de Vektal se volta para os meus seios, e ele passa os dedos pelo meu mamilo. Suspiro, sentindo excitação através do meu corpo, e ele parece igualmente surpreso com a textura da minha pele lá. Toca suavemente com as pontas dos dedos e o mamilo endurece e enruga com o seu toque.

—*Sem*. — Diz com uma voz baixa e reverente. Então, ele toca minha pele entre meus seios novamente. — *Sem*.

—Macio? — Pergunto. E toco seu peito, nas nervuras lá e depois agito minha cabeça. — *Sem?*

—Georgie *sem*. — Diz ele, com voz rouca. O pensamento parece torturá-lo.

—Sim, acho que sou bem macia. — Concordo, sorrindo.
— Mas é bom de tocar, certo? — Pego sua mão e a coloco sobre meu seio.





Vektal responde me beijando de novo e me inclino para suas carícias. Há algo nele que é tão delicioso. Seus beijos se tornam mais famintos e eu gemo enquanto a mão dele apalpa meu seio. Pressiono contra ele, querendo mais do seu toque.

A grande mão dele move-se sobre o meu corpo, explorando-me. Ele abre minha jaqueta e a retiro porque quero que me toque por todo o lugar. Pressionar minha pele na dele me aquece mais do que qualquer peça de roupa. Quero estar contra Vektal, nua, o pensamento de seu grande corpo cobrindo o meu envia arrepios de antecipação através de mim. Saio de minha jaqueta, as mangas apertadas resistem um pouco graças ao meu pulso ruim e as peles enroladas nele, mas logo estou de topless.

Empurro seu colete, porque aqui os direitos são iguais, e ele o remove. Então, nós dois estamos seminus e olhando um para o outro, explorando as diferenças em nossos corpos. Vektal tem as nervuras texturizadas e parecidas com armaduras em seus braços e peito; eu sou toda lisa. Ele tem uma pele de camurça que parece com o céu contra a minha. Nós dois temos umbigos e mamilos. Eu percorro minhas mãos sobre as dele, e elas parecem duras, texturizadas, como as placas da armadura em seus braços. Talvez, seja por isso que ele está tão fascinado com a minha suavidade.

Pressiono meus seios contra ele e coloco meu queixo contra um ombro duro. Isso me permite passar minhas mãos por suas costas, e suspiro de prazer enquanto continuo a tocá-lo. Vektal está ronronando com tanta força que seu peito está





praticamente vibrando e isso é bom contra a minha pele. Seus ombros são enormes, a força deles está me excitando. Suas costas têm mais ondulações texturizadas em sua espinha e elas conduzem à sua cauda. Eu tenho que admitir que sua cauda me faça sorrir. É longa, com um tufo de pelos pretos como seus cabelos na ponta e no momento está balançando para frente e para trás contra os cobertores.

—Georgie. — Vektal murmura no meu ouvido e então o sinto acariciar meu pescoço com o seu nariz. Oooh! Meus mamilos endurecem em resposta, e me agarro a ele enquanto lambe a pele macia do meu pescoço, então vai para os meus ouvidos e provoca um lóbulo da orelha com a língua. No momento em que ele retorna ao meu pescoço alguns instantes depois, estou gemendo com prazer e esfregando meus seios contra seu peito largo.

Suas mãos vão para meu traseiro e me puxa contra ele. Então, Vektal começa a beijar meu peito e grito quando ele toma um mamilo em sua boca. Eu me agarro a seus chifres, segurando-o enquanto acaricia e provoca meu mamilo com seus lábios.

Oh, doce Jesus, as nervuras na língua dele são uma deliciosa tortura. Elas se arrastam sobre meus mamilos sensíveis, até que estou praticamente escalando o grandalhão. Estou ofegante e alimentando-o com meu peito, uma e outra vez, ele acaricia-o com a boca até eu querer gritar com desejo.





As mãos de Vektal puxam minhas calças e isso parece uma ideia fantástica para mim. Empurro-o para baixo com movimentos rápidos, ansiosa para ficar nua contra ele.

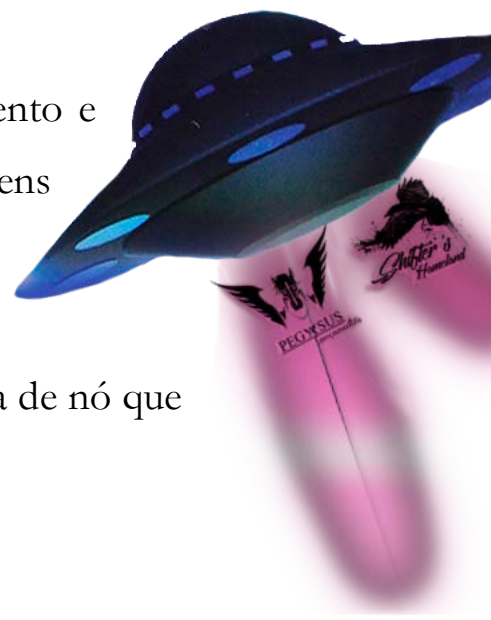
—Você também. — Digo a ele, pressionando minha boca na dele novamente. —Quero você nu também.

Fico de pé para tirar as calças apertadas. Estou bem molhada e sinto minha lubrificação quando pressiono minhas coxas juntas. Não estou usando calcinha sob o uniforme, então, quando o tiro, estou totalmente nua, pele pálida, com hematomas e tudo mais.

Meu alienígena grandão afasta minhas mãos quando tento voltar para seus braços. Em vez disso, ele insiste em verificar todas as minhas contusões, presumo que seja para procurar novos machucados. Reviro meus olhos e suporto seus cuidados, mais interessada em tirar as calças dele do que em deixá-lo espiar minhas contusões. Quando Vektal insiste que me vire para que ele possa olhar para as minhas costas, dou um suspiro exasperado e coloco minhas mãos dentro de sua calça, movendo-as para tocar sua virilha.

Isso chama a atenção dele, rápido.

Minhas mãos se enrolam em torno de seu comprimento e com apenas um toque, sinto as diferenças entre ele e os homens humanos. Por um lado, sua circunferência é muito impressionante. Ele é quente ao toque e além do tamanho enorme, tem aquele botão rígido, como uma crista em forma de nó que





se projeta sobre seu pau. Não tenho a menor ideia do que é e não tenho como perguntar sobre isso agora. Ele também é texturizado lá, embora a pele seja mais suave, como sua língua.

Deus, eu aposto que a sensação dele dentro de uma garota deve ser incrível. Eu tremo com o pensamento. Sorte das fêmeas de sua raça.

—Estou interessada em ver mais disso. — Digo a ele. Movo meus dedos por baixo de seu pênis e sinto a base de suas bolas. Eu me pergunto se é sensível lá.

Suas mãos vão para o meu cabelo e ele começa a me beijar novamente, movendo sua língua texturizada contra a minha. Eu gemo e aperto seu pênis mais forte. Quero-o nu, mas ainda está usando suas calças, então, tento resolver isso por ele. Infelizmente, não consigo descobrir como desabotoá-la. Vektal está usando uma calça colada que tem um emaranhado de laços complexos demais para essa garota necessitada aqui descobrir. Eu me conformo em empurrá-las para baixo no seu quadril.

Vektal ri e murmura algo contra minha boca. Ele puxa os laços e elas cedem, depois caem. Bem, droga. Talvez eu não saiba como funciona a roupa alienígena. Também, não me importo mais, porque meu grande e bonito alienígena está nu e eu tenho que aproveitar a glória que é Vektal. Quando se levanta em toda sua altura, ele é absolutamente maravilhoso.





Vektal olha para mim com olhos azuis brilhando intensamente e seu peito vibra com o ronronar contínuo. Sua mão vai para o meio dos meus seios de novo e me pergunto se está esperando que eu ronrone também.

— Humanas não fazem isso. — Digo-lhe. — Nós ficamos molhadas em vez disso. — Pego sua mão e a guio para minha buceta para que ele possa ver por si mesmo.

Meu alienígena grandalhão cai de joelhos e geme. Ele pressiona beijos no meu estômago e depois na minha buceta, e então segura meus quadris e coloca sua boca diretamente sobre mim.

Eu suspiro e meus joelhos fraquejam, então tenho que me agarrar a um de seus chifres novamente. Em resposta, ele me levanta e me coloca nas peles, coloca minhas pernas sobre os ombros e enterra o rosto entre as minhas coxas. Sua língua percorre meus lábios e gemo quando ele circunda meu clitóris.

Oh, Deus! Então, ele começa a me lambe com aquela língua louca, movendo essas nervuras sobre minha carne sensível e lambendo meus sucos. Eu choramingo e me agarro a seus chifres, abrindo mais as minhas pernas. Isso é absolutamente incrível. Já fiz sexo antes e fiz sexo oral várias vezes, mas com ronronado e língua texturizada? Nunca tive nada parecido com isso. Duas lambidas e estou gemendo. Mais três e começo a balançar meus quadris contra o rosto dele. Mais duas depois disso e estou praticamente saindo das peles, ofegante e gritando com necessidade.





E meu grande e brutal alienígena simplesmente ignora meu pedido por um orgasmo e continua a me lambar com movimentos lentos, firmes e sensuais que me dizem que ele está gostando disso tanto quanto eu. Murmura palavras suaves e ininteligíveis a cada golpe de sua língua e quando ela gira em torno da entrada do meu núcleo praticamente saio da minha própria pele.

—Por favor. — Solução. Oh Deus, por favor!

Mas é claro que ele não me entende. Então, choramingo e imploro por um orgasmo e ele apenas me lambe enquanto aperto seus chifres, acho que essa é a tortura mais incrível e prazerosa que já tive.

—Pare. — Gemo. Estou tão pronta para gozar que estou ardendo por dentro. Quero-o enterrado profundamente em mim, preenchendo-me. As lambidas e mordiscadas estão apenas me deixando totalmente insana de desejo.

— Oh Deus, pare, Vektal. Eu quero você dentro de mim agora.

Em resposta, ele empurra sua língua dentro do meu núcleo.

Profundamente.

E esfrega.

Eu tenho o orgasmo mais intenso que já tive na vida, minhas pernas se fechando em seu rosto. Eu posso estar gritando seu nome e me agarrando aos seus chifres. Posso estar me debatendo contra as peles, não tenho muita certeza porque estou





vendo estrelas no momento e entre isso e o orgasmo, não há espaço para nenhum outro pensamento consciente.

Ele rosna, claramente desfrutando do fato de que estou gozando e simplesmente começa a me lambe mais forte, o que faz meu orgasmo parecer continuar por mais e mais tempo. Estou completamente acabada e exausta quando ele finalmente levanta a cabeça, seus olhos praticamente brilhando como faróis e lambe sua boca pecaminosa e molhada.

Sinto-me dividida ao vê-lo tão satisfeito. Gozei tão forte e tanto que tenho certeza de que não foi só um orgasmo, mas uma dúzia, um após outro, em cascata com cada movimento de sua língua talentosa.

— Deus, suas mulheres devem ter uma resistência incrível. — Digo a Vektal fracamente enquanto ele rasteja sobre o meu corpo como uma grande pantera cinza-azulada e começa a acariciar minha garganta com a boca. Eu preciso de um descanso, mas ele está ansioso para continuar, e pressiona sua boca ao longo da minha pele e lambendo todas as partes que acha mais suave.

E em pouco tempo, estou gemendo de novo e arrastando minhas mãos sobre aquela pele macia de camurça, querendo-o profundamente dentro de mim

—Vektal. — Respiro e coloco uma perna ao redor de seus quadris. Ele está tão quente e o ronronar dentro dele é feroz.





Ele toca minha bochecha e murmura algo suave e doce e depois meu nome.

Seus quadris se posicionam entre os meus e percebo novamente quão grande é o seu equipamento.

De repente, todas as suas lambidas e chupadas entusiasmadas fazem sentido, porque pelo menos estou muito molhada, o que facilitará sua penetração.

—Georgie. — Murmura e percebo que ele está dizendo algo que já ouvi antes. — Georgie sa-akh Vektal. — Acaricia minha garganta com o rosto novamente e eu sinto seu pênis se posicionar em minha entrada. É enorme, mas estou nisso até o final, estou pronta para ele me preencher. Tão pronta.

Além de pronta, na verdade.

Vektal pressiona seus lábios nos meus novamente e então começa a empurrar para dentro de mim. Meu corpo está se esticando para acomodá-lo, movo minhas mãos sobre sua pele, acariciando e acariciando enquanto ele pressiona, centímetro a centímetro de espessura.

Quando ele está inteiramente dentro, descubro algo novo. Aquele botão? O cume ósseo que eu não tinha ideia do que era? Bem, ainda não tenho nenhum palpite, mas percebo que quanto Vektal se afunda em mim, empurra meus lábios e move sobre meu clitóris. Estou tentando entender essa sensação única quando move seus quadris e dá uma estocada rasa em mim.





Todas as terminações nervosas se acendem em resposta ao estímulo desse botão contra meu clitóris.

—Ooooooh. — Gemo. Isso me lembra do tempo em que eu tinha um vibrador tipo Coelho que estimulava meu clitóris e minha vagina ao mesmo tempo. Transar com Vektal? É assim, mas melhor. Ainda mais intenso.

Isso... pode me matar por puro prazer. Eu me agarro a Vektal quando ele começa a empurrar de novo, respirando fundo quando seu botão empurra contra meu clitóris novamente. Eu achava que oral era demais para se lidar por causa do puro entusiasmo dele? Não é nada comparado com a sensação dele me fodendo até eu perder a cabeça, esse botão provocando meu clitóris a cada estocada, as nervuras dentro dele batendo contra meu ponto G. E gozo novamente. E de novo. Arranho as costas dele e grito com êxtase enquanto Vektal empurra dentro de mim uma e outra vez, sussurrando palavras suaves. Estou me desmanchando com cada golpe de seu pau até que me sinta desossada, fraca, choramingando...

...e ainda gozando.

Minhas pernas exauridas tremem quando seus golpes começam a assumir um ritmo mais selvagem. Vektal mostra suas presas, suas feições contorcendo-se quando um orgasmo se eleva dentro dele. Arrasto minhas unhas pelas nervuras em seu peito e braços, e ele rosna baixo em sua garganta e estremece. Posso dizer que ele está gostando disso, então faço de novo. “*Goze para mim, baby*”.





Penso enquanto ele arranca outro orgasmo de mim, e engasgo com o prazer esmagador.

Então, sinto-o pulsar dentro de mim. Como o resto de seu corpo, seu sêmen é vários graus mais quente do que a minha pele, e eu posso sentir os jatos quando ele goza rosnando cada vez mais alto de prazer, o ronronar na garganta estrondando. Vektal empurra com força, e seus dedos cavam nos meus quadris quando goza, eu o sinto gozando dentro de mim, uma e outra vez. É uma sensação nova para mim.

Porra, tudo isso é.

Mas quando ele desaba em cima de mim como um grande cobertor delicioso e, em seguida, pressiona sua testa junto à minha e murmura meu nome?

Sinto-me realizada. Desossada, claro, mas, totalmente, completamente contente. Quero perguntar-lhe se quer me levar até a montanha amanhã. Mas parece que é hora errada de perguntar. Não quero que Vektal pense que eu só dormi com ele porque quero que faça algo por mim.

Se eu for totalmente honesta comigo mesma, dormi com ele porque estou completamente atraída. Os chifres, a pele azul-acinzentada, a cauda, o pau estranho, tudo. Seu comportamento rude e protetor. Tudo isso foi o bastante para me deixar interessada.





Vektal se afasta, claramente tentando tirar seu peso de mim e me agarro a ele, porque adoro a sensação de seu grande corpo quente sobre o meu, dentro do meu. Eu suspiro satisfeita.

Vektal, por outro lado, começa a me beijar novamente. Eu o sinto mover seus quadris em uma estocada rasa.

Um pequeno gemido nasce da minha garganta novamente.

—É uma coisa boa que você não pode me engravidar, amigo. — Digo, enquanto enrolo meus pés atrás de suas costas.



VEKTAL

Durante toda a noite, meu khui vibra com satisfação em meu peito.

Reivindiquei minha companheira. Uma e outra vez, ela me recebeu em seu pequeno corpo macio, até que ambos estivéssemos exaustos de prazer. Estar com uma companheira de vibração é diferente de qualquer outro sentimento. Estou satisfeito de todo meu coração com minha doce Georgie. Mal posso esperar para voltar às cavernas tribais com ela. Minha mão acaricia sua pele suave mesmo quando ela ronca suavemente no meu ouvido, a luz do sol atravessando as aberturas na cobertura da caverna.





Mal posso esperar para vê-la inchada com meu filho. Nossa criança. O meu khui foi sábio em escolhê-la, mesmo que seja pequena. Ela é forte de coração e espírito, criativa e entusiasmada nas peles. Ela não vibra por mim. Ainda não. Mas quando ela receber um khui, vibrará de prazer com meu toque, como eu faço com o dela.

De agora em diante até o dia que meu espírito partir desse plano, não haverá outra para mim, senão ela. Eu toco em suas feições adormecidos com reverência, memorizando-as. Ela é uma coisinha estranha, pequena e macia por toda parte, mas sua buceta agarra meu pau de forma tão forte que é um êxtase que não pode ser descrito. O sabor dela é doce, mas as expressões que faz quando a preencho com meu pau? Ainda mais doces.

Estou ansioso por hoje à noite, quando arrastarei minha Georgie de volta para a cama até que ela esteja gemendo de exaustão, mas ainda assim querendo mais enquanto eu bombeio dentro ela.

Pressiono minha boca na dela para acordá-la.

—Georgie?

Os olhos dela, que ainda são apagados e sem vida, sem o brilho de um khui, abrem-se. Isso deverá ser corrigido, logo, eu decido. Ela parece cansada, círculos escuros sob seus olhos em sua pele pálida.





—Vektal. — Ela murmura alegremente e move uma mão sobre meu peito, o que faz meu khui começar a vibrar novamente.

—Montanha? — Eu pergunto a ela, erguendo uma sobrancelha com diversão enquanto ela tenta se enterrar sob os cobertores e voltar a dormir.

Isso a desperta.

—Montanha? — Ela pergunta com os olhos arregalados.

Eu concordo.

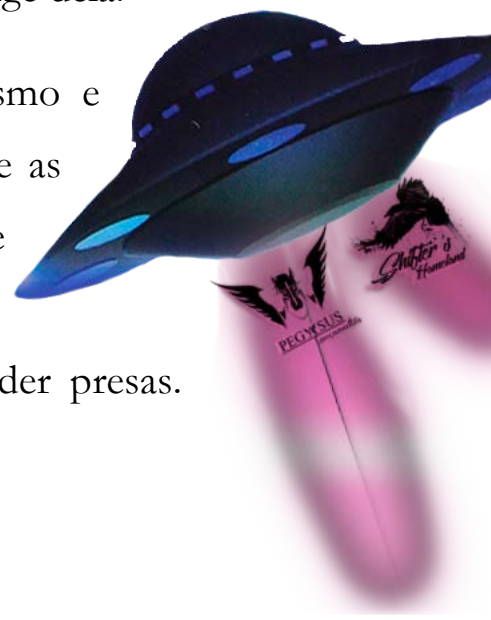
—Vista-se. Vou verificar as armadilhas e depois partiremos.

—Naum si oq vocdiss mas vams. — Ela parece animada, mexendo seus braços pálidos ao redor da caverna e procurando por suas roupas descartadas.

Leva um pouco de tempo para convencê-la a ficar na caverna enquanto eu saio para verificar as armadilhas, mas com gestos de mão e nossas poucas palavras, consigo transmitir que irei muito mais rápido se estiver sozinho. Beija-me freneticamente antes de eu sair, como se quisesse garantir que voltaria para ela.

Até parece que alguma coisa poderia me fazer ficar longe dela.

Esfregando meu peito pulsante, sorrio comigo mesmo e atravesso a neve. Essa foi outra noite de neve constante e as trilhas estão quase inteiramente cobertas. Já percorri esse trajeto muitas vezes no passado e sei exatamente onde colocar minhas armadilhas para que elas possam me render presas.





Como é só Georgie e eu, minhas armadilhas são pequenas e suas capturas, ainda menores. Se eu estivesse que caçar para meu povo, eu buscaria por dvisti, abateria-os e depois iria enterrá-los na neve com um marcador até que um grupo pudesse ser enviado mais tarde para recuperar a recompensa. Esta manhã, no entanto, eu tenho dois quilt e um pequeno roedor para alimentar minha Georgie. Não há nem um rio próximo, então, coloco neve pura e doce no meu saco de pele, depois, seguro-o contra meu peito para que possa derreter.

Eu verifico todas as minhas armadilhas, e é só quando estou voltando da última que noto um caroço de forma estranha na neve recém caída. Curiosidade me impulsiona a ver o que é e me aproximo, em seguida, empurro a neve com uma bota para descobrir o que está embaixo.

É um pé. Pequeno, nu e com cinco dedos, como o da minha Georgie.

Está congelado.

Enquanto olho para baixo, percebo que minha Georgie não está aqui sozinha. É por isso que ela está tão frenética para subir a montanha. Há outros como ela.

Ou... havia.





PARTE QUATRO

Encontrada

GEORGIE

Vektal está checando as armadilhas e providenciando nosso café da manhã. Enquanto estou esperando aqui na caverna, decido que hoje vou sair e levar os cobertores em vez de abandoná-los na caverna como fizemos da última vez. Vektal já indicou que ele quer que eu esteja ultra empacotada quando saímos e como estamos indo para a montanha, quero cobertores para as outras garotas. A única maneira que vai funcionar é se eu puder empilhá-los sobre mim.

Então me mantenho ocupada cortando tirinhas improvisadas do revestimento da minha jaqueta e abrindo buracos através da borda de uma das peles com minha faca para fazer uma capa. Eu não sou muito boa nessa coisa de costura, especialmente com esses suprimentos terríveis, mas é algo para fazer enquanto espero que Vektal volte. Estou testando minha segunda “capa” quando Vektal corre de volta para a caverna, seus olhos brilhantes frenéticos.

Eu me levanto, alarmada.

—O que foi?





Ele me agarra e me puxa contra o peito, acariciando meu cabelo. Ele está respirando com dificuldade, essa é a primeira vez que o vejo angustiado. Normalmente, nada o abala.

Mas agora? Ele está perturbado. E isso me deixa com medo.

—Vektal?

Ele toca minha bochecha e olha para meu rosto. Então, olha para meus olhos. Coloca uma mão na minha testa, depois sobre meu peito e faz uma pergunta que não consigo entender.

Eu franzo a testa e balanço a cabeça.

—Estou bem. O que está acontecendo?

—Georgie. — Diz e então fala algo mais que tenho certeza que eu tenho certeza que é: — Venha comigo.

Pego as pesadas peles e ele concorda com a cabeça, ajudando-me a vesti-las. Quando cada centímetro de mim está coberto de peles desgrenhadas, eu estou praticamente suando, ele me puxa para trás e nós andamos pela neve.

É muito mais quente desta maneira e estou quase curtindo o clima gelado, Vektal faz o trabalho árduo, pisando na neve profunda. Os dois sóis têm um brilho pálidos e estão lá fora, esse mundo parece bastante bonito agora. Como um paraíso nevado.





Estou tão ocupada admirando meus arredores que não percebo que Vektal parou até que ele cutuca meu braço e então gesticula para a neve.

Há algo no caminho.

De alguma forma, não acho que isso seja uma caça. Meu estômago se aperta com um mau pressentimento e me desloco de suas costas. Segurando minhas peles contra meu corpo, avanço e tiro da trilha um pouco de neve.

É um rosto. Humano. Cabelo vermelho. Seus olhos estão abertos e congelados.

Eu engasgo. Dominique. Sua roupa está esfarrapada e suja e está claro pelo tom de sua pele que ela está aqui por um tempo. Ela está completamente congelada. Um soluço me escapa e eu olho para Vektal.

Ele aponta para a garota, com os olhos pálidos como se estivesse chocado.

—Georgie?

—Não, eu sou Georgie. — Digo, apontando para ela. — Essa é Dominique. — Então tento ensinar-lhe a palavra “humano” espalhando meus cinco dedos. Não consigo parar de chorar. O que ela está fazendo aqui? Eles a enviaram depois de mim? Outro soluço sobe em minha garganta. — Vektal, nós temos que subir a montanha. Por favor.

—Montanha. Humano? — Ele pergunta com voz baixa.





—Sim. — Digo, sentindo-me frenética. Enquanto transava com um alienígena, comendo e vestindo peles quentes, as outras estão famintas e com frio. Aponto para a montanha. — Por favor. Por favor, vamos subir a montanha. Mais humanos.

Ele acena com a cabeça e profere um fluxo de sílabas. Eu não entendo, mas quando gesticulo que quero subir nas costas dele, puxa-me contra ele e começa um rápido ritmo pelas colinas nevadas cobertas de neve e pelo penhasco onde passamos a noite.

Desta vez, vamos subir a montanha. Quero soluçar de alívio. Em vez disso, continuo pensando no rosto gelado de Dominique. Pobre Dominique. O que aconteceu? Por que elas a enviaram sem roupas? É uma sentença de morte. Elas ficaram tão desesperadas que não tiveram escolha?

—Depressa, por favor. — Digo-lhe. Ele não entende a palavra, mas talvez ouça a urgência na minha voz. O ritmo dele se aperta.

Leva pelo menos duas horas do ritmo constante e vigoroso de Vektal antes de termos um vislumbre do casco preto da nave. Está quase totalmente coberto de neve neste momento e suspiro fundo ao vê-lo. Isso não pode estar quente por dentro, independentemente do isolamento. Aqui do alto, vejo que não há muitas árvores e não há vida selvagem. O ar parece mais fino e eu me pergunto se os alienígenas nos abandonaram deliberadamente no lugar mais inóspito para que não fugíssemos.





Merda. Nós vamos sair daqui hoje e eu vou levar minhas garotas comigo.

Apenas rezo para que elas ainda estejam vivas.

Vektal aponta para a parte da nave preta que se separou da nave.

—Sa?

—Sim. — Digo a ele. — Sa!

Demora um pouco mais para que possamos chegar até a porção descartada da nave. A encosta é rochosa e íngreme, subir é um desafio que eu não tive enquanto estava descendo. Chegamos ao limite, e vejo que a neve está alta o suficiente de um lado para poder funcionar como uma rampa. Deve ter nevado muito aqui. Ugh.

Eu deixo as costas de Vektal e vou em frente, assumindo a liderança. A brisa está aumentando, então puxo as peles para mais perto do meu rosto e subo a rampa. O buraco está coberto pela lona, então eu a afasto.

Uma bola de neve imediatamente me atinge no rosto.

Eu recuo, estremecendo e cambaleando para trás. A pancada pegou bem no meu nariz e meu rosto lateja, meus olhos ardendo.

—Para trás! — Uma voz grita. Outra bola de neve voa em minha direção e eu me esquivo.





Vektal solta um grito furioso, puxando-me para trás, raiva iluminando seus olhos. Enquanto observo, ele puxa duas espadas esculpidas e curvadas do seu colete.

—Espere. — Grito. — Pessoal, sou eu! Georgie!

Silêncio.

—Georgie? — Uma voz grita. Parece ser Liz. — Você está viva?

—Eu estou. — Grito de volta. — Acabem com essas porras de bolas de neve!

—E esse leão aí fora, Georgie? — Outra pessoa grita. — Espante isso!

—Não é um leão. É um nativo e é meu amigo. O nome dele é Vektal. — Eu dou batidinhas no braço de Vektal tentando acalmá-lo, pois ele ainda parece como se quisesse pular lá dentro e assassinar a todos. — Está tudo bem, grandão. Sério. — Estou tão aliviada em encontrar as outras vivas que eu poderia derramar grandes lágrimas de alegria.

Tento avançar, mas Vektal me bloqueia novamente. Eu lhe dou um olhar exasperado.

—Sério Está tudo bem. Estas são do meu povo. Humanos.

—Humanos. — Ele repete e aponta seus dedos.

—Isso mesmo.





De má vontade, ele se afasta e empurro a lona e me abaixo, apenas no caso de outra bola de neve vir voando em minha direção. Quando nada acontece, eu olho.

Cinco garotas esfarrapadas me encaram, as faces estão sujas. Liz, Kira, Megan, Tiffany e Josie ainda estão vivas, embora todas pareçam péssimas. Seus olhos estão vazios, seus cabelos murchos e elas tremem enquanto olham para mim.

Acho todas elas estão lindas. Estou tão feliz em vê-las que me derramo em lágrimas

—Oi. — Digo entre soluços.

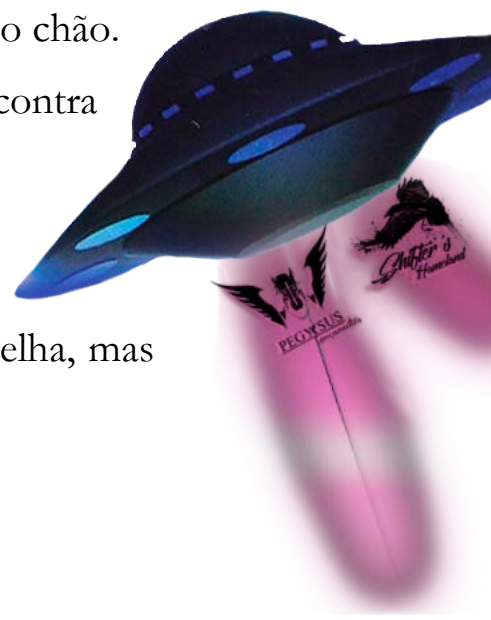
—Georgie? — Vektal pergunta. Suas mãos vão para as minhas costas, seu toque possessivo.

Eu me viro e o acaricio, tentando não chorar e falhando miseravelmente.

—Ajude a descer?

Meu pulso ainda está uma porcaria, mas Vektal é forte. Ele me ajuda descer no porão o suficiente para que possa agarrar alguns dos destroços. Desço desajeitadamente, caindo para frente quando me aproximo do chão. Então as cinco garotas estão me agarrando, empurrando-me contra elas em grandes abraços fedorentos.

— Vocês tem um cheiro horrível. — Digo entre soluços e abraço cada uma. Liz está sorrindo de orelha a orelha, mas





Josie parece apática, sua figura delicada praticamente esquelética. Tiffany está chorando tanto quanto eu, Megan e Kira estão quietas. —Aqui. — Digo, tirando as peles do meu corpo. — Por favor. Fiquem com estas. Vocês devem estar congelando.

Elas agarraram as peles com mãos gananciosas e nem me importo. Retiro-as feliz por ouvir seus gemidos de prazer quando eles pegam suas primeiras roupas quentes em dias.

—Nós pensamos que você estava morta. — Diz Tiffany. — Você nunca voltou.

—Eu fiquei presa. Vocês estão bem? — Pergunto enquanto se aconchegam nos cobertores. Kira está vestindo o manto de viagem de Vektal, Liz e Megan estão se amontoando sob uma pele, Josie e Tiffany sob a outra. Elas estão de pé e alertas, isso é bom.

Megan cheira e depois espirra. As outras fazem caretas. Liz esfrega a testa, está claramente exausta.

—Estamos nos virando como dá. — Diz Liz. — A comida quase acabou. A água também. Mas...

Algo grande e pesado cai atrás de mim, balançando todo o compartimento.

Os olhos de todas se arregalam na medida em que se dispersam, recuando.





Eu me viro e vejo Vektal sacudindo um pouco de neve de suas botas de couro. As suas narinas se alargam com o fedor de corpos sujos e dejetos humanos e então seu olhar fixa-se em mim. Ele franze a testa ao perceber que eu doeï todas as minhas peles.

—Está tudo bem. — Digo a ele, movendo-me para seu lado. E dou batidinhas em seu grande peitoral, tentando acalmá-lo com pequenos toques. — Vektal, estas são meu povo.

—Ele entende você? — Pergunta Liz com uma voz baixinha.

—Bem, apenas pequenas partes. — Digo, observando-o. Não acho que ele vai se apresentar às outras com sexo oral, mas nunca se sabe.

Ele olha para todas e depois coloca uma mão na parte de trás do meu pescoço e me puxa contra ele, possessivo.

Sim, acho que sou a única especial o bastante para receber essa saudação. Curiosamente, estou satisfeita com o pensamento. Gosto de ser especial para ele.

—Senhoras. — Digo, gesticulando para o meu grande amigo cinza-azulado. — Este é Vektal. Ele é daqui.

Elas o encaram cautelosamente.

—Ele se parece com um demônio. — Diz Liz.

—Ele é legal, eu prometo. — Digo e dou-lhe outro tapinha no peito. — Ele tem me mantido viva pelos últimos dias.





—Não me importo se ele se parece com um demônio. — Diz Josie, sua voz pequena tremendo. — Isso é um animal morto pendurado no cinto dele? Podemos comer?

Eu olho para baixo. Com certeza, Vektal tem suas caças amarradas em sua cintura. Eles parecem ratos gigantes ou com coelhos sem pelos nem orelhas. Faz sentido. Ele estava checando armadilhas esta manhã.

—Tenho certeza de que ele vai compartilhar. — Digo e gesticulo para o cinto dele. — Posso pegar isso, Vektal?

Quando eu alcanço seu cinto, ele aperta minha mão e me dá um olhar incrédulo, então profere uma série de sílabas.

—Ele acabou de perguntar se você quer se acasalar aqui. — Diz Kira, com a voz cheia de descrença.

— Oh merda. — Diz Liz. — Isso é o que segurou ela. Dar um pega no alienígena.

Sinto meu rosto esquentar. Puxo minhas mãos para trás.

Todas estão olhando para mim. Megan parece divertida enquanto Tiffany parece um pouco horrorizada.

—Posso explicar. — Começo.





—Eu não. — Diz Liz. — Deixe-nos imaginar um pouco. E nos alimente. Não me importo se você tenha fodido um estádio inteiro de alienígenas se você me der algo quente para comer.

—Ele não concorda muito com a parte do “quente” na refeição. — Digo e depois me viro para Vektal e aponto para o coelho, para a coisa, pendurada em seu cinto. — Comida? Alimentos para humanos?

—Humanos. — Ele concorda, tirando a carne do cinto. Quando eu pego, oferece sua faca.

—Precisamos de fogo. — Digo-lhe e imito o gesto de aquecimento das mãos. — Fogo.

—Oh, merda. — Diz Josie. — Eu mesma vou chupá-lo se ele puder fazer uma fogueira.

—Justo? — Liz diz de acordo.

Sinto uma pontada de aborrecimento com as garotas. Elas estão com frio. Não há motivo para eu ter ciúmes delas. Estive brincando na neve com um alienígena grandão e sexy durante os últimos dois dias enquanto elas estavam congelando e morrendo de fome. Contudo, o pensamento de elas tocando nele me deixa... infeliz.

Com ciúmes.





Porcaria. Não posso estar me apaixonando para um grande alienígena azul. Não importa o quão bom ele é na cama.

—Fogo? — Vektal pergunta. Ele olha ao redor do compartimento de carga e franze a testa, depois aponta em direção ao teto e fala outro fluxo de sílabas.

—Ele diz que não há madeira a essa altura da montanha. Ele terá que ir buscar um pouco da caverna e voltar.

Eu aceno com a cabeça para Kira, então para Vektal.

—Por favor, faça isso.

Suas sobrancelhas se juntam e depois ele aponta para Kira e diz algo mais.

—Ele quer saber se o entendo. — Sussurra Kira. Ela se aproxima dos outros. —O que devo dizer?

Alcanço-o e acaricio o queixo tenso de Vektal, que vira seu rosto franzido para mim. É impossível dizer o que ele está pensando agora.

—Vektal? — Quando sua atenção se volta para mim, gesticulo para minha orelha, depois vou para perto de Kira e puxo-a para frente. — Você fala e ela ouve isso. Entende o que você fala. — Acrescento alguma mímica às palavras e movimentos de lábios, na esperança de que ele compreenda.

Seu rosto se acende, olhos azuis brilhando. Profere outra série de palavras e gesticula para a orelha de Kira.





O rosto de Kira se enrugou.

—Ele diz que tenho uma concha que está permitindo que o compreenda. Eu me pergunto se a tradução não é tão clara.

—É algo assim. — Digo, acenando com a cabeça para Vektal.

Ele se volta para Kira e diz algo mais.

—Ele quer saber se meu parasita me ensina sua língua. — Ela balança a cabeça. — Apenas traduz. — Toca a orelha e depois a boca. — Só ouvir, não falar.

Vektal examina Kira por um longo momento e depois diz algo mais. Então, ele se vira, agarra-me pela cintura e me puxa contra ele, pressionando um beijo forte em minha boca na frente de todas.

—Ele diz que vai caçar e pegar lenha e que é para nós cuidarmos de sua companheira. — Relata Kira, divertimento em sua voz. — Companheira, hein?

Desta vez, é minha vez de ficar chocada.

—Companheira? O quê? Ele acha que estamos acasalados? — Mas quando me viro Vektal já subiu pelo lado do casco e voltou para a neve.

VEKTAL

Há outros cinco seres humanos além da que estava morta na neve. Todas são mulheres. Minha mente não pode





compreender isso. Todas são mulheres. Penso na minha própria tribo, com mais de vinte homens não casados. Existem apenas cinco fêmeas adultas em nossa tribo. Nunca houve muitas. Maylak era a única fêmea da minha idade que não estava acasalada e nós fomos amantes por um tempo até que ela vibrou por Kashrem. Agora eles têm a pequena kit Esha, trazendo a contagem das fêmeas em nossa tribo para seis. A maioria dos nossos guerreiros pode apenas sonhar com a vibração de uma companheira.

Encontrei uma. E há mais cinco que poderiam vibrar por um da minha tribo. Cinco mais que poderiam trazer nosso pequeno povo, à beira da extinção, de volta à vida. Nós vivemos por muito tempo, graças ao nosso khui, mas é uma vida longa e solitária e passei grande parte da minha invejando outros com suas companheiras.

Agora, eu tenho Georgie. E Georgie traz esperança com ela.

Eu não sei como elas chegaram aqui ou porque estão tão mal equipadas para sobreviver. Não podemos nos comunicar bem o suficiente. Com o tempo, terei respostas. Por enquanto, devo caçar e alimentar minhas humanas pequenas e frágeis. Preocupo que elas estejam muito fracas para leva-las de volta às cavernas tribais.

Nenhuma delas tem khui.

Em pouco tempo, elas vão adoecer e morrer. É muito cedo para ver a fraqueza em minha Georgie, mas eu a tenho alimentado e a mantido aquecida. As outras não têm a





centelha nos olhos. Elas parecem cansadas. Frágeis. Uma delas tem um chiado em seus pulmões que mostra doença.

Penso na morta na neve, congelada. Isso não vai acontecer com minha Georgie.

Viajo o mais rápido possível através da neve que fica cada vez mais profunda. Limpo primeiro a caverna em que dormimos no início desta manhã. Então, viajo mais abaixo pela montanha e removo o conteúdo de mais uma. Com sorte, talvez, encontre algo para caçar. Só tenho uma pele de água e há muitas bocas humanas, no entanto. As humanas precisam de tudo. Não estão equipadas para sobreviver, nem ao mínimo. Pensar nisso me faz correr pela neve ainda mais rápido. Raahosh está fora em uma de suas caminhadas de caça e seu território fica perto do meu. Poderia dirigir-me para o sul, recrutar sua ajuda e juntos poderíamos alimentar as humanas doentes.

Mas pode levar dias para encontrá-lo e não deixarei Georgie por tanto tempo. Não quando ela não consegue se defender. Não quando já poderia estar carregando nosso kit. Não quando há metlaks na área e a tribo de Georgie não tem nenhuma arma, apenas neve.

Não tenho ideia de por que ou como estão aqui, mas meus instintos protetores surgem com o pensamento de minha Georgie aqui fora encontrando com um dos raivosos e imprevisíveis Metlaks. Devo ensinar-lhe como se defender. Um pequeno





passo antes do próximo, eu me lembro. Primeiro comida e abrigo para as humanas.

Quando termino de reunir os suprimentos, ambos os sóis já estão desaparecendo no horizonte, a maior das duas luas está fora, cobrindo o céu. A neve começou a cair novamente e volto para a estranha caverna negra em que as mulheres de Georgie estão amontoadas. O conteúdo das cavernas está amarrado às minhas costas, o fardo pesado. Além da lenha e das peles, também cacei um pequeno dvisti que alimentará todas as bocas famintas por pelo menos alguns dias se congelarem a carne corretamente. Estou cansado por ter passado o dia correndo e estou exausto quando pulo dentro da caverna de Georgie.

Gritos assustados ecoam quando chego.

—Calm. — Ouço Georgie dizer as outras. — ÉwVektal.

Deixo meus fardos no chão duro e frio e me estico. Minhas costas estalam, os músculos doloridos.

—Porr qul a altra dle?

—Ach q dois metrs e dez. — Diz Georgie e ouço um pouco de orgulho em sua voz. Ela se aproxima de mim e vejo preocupação em seu rosto quando olha para mim. — Voc demrou.

—Estou bem, minha doce vibração. — Digo a ela. Acaricio sua bochecha. — Você comeu alguma coisa? Você é tão pequena e fraca quanto suas companheiras humanas.

— Olho para as outras cinco-dedos. Elas pegaram todas as peles de





Georgie e se amontoaram contra as paredes juntas. Eles cheiram mal, mas também estão presas dentro desta caverna, então não as culpo.

—El stá perguntado se voc comeu. — Aquela com a concha no ouvido diz.
— Diz q voc est fraca.

Georgie faz uma cara engraçada, enrugando seu nariz pequeno e suave.

—S'ta congldo. — Ela olha para mim com esperança e pergunta na minha língua, — Fogo?

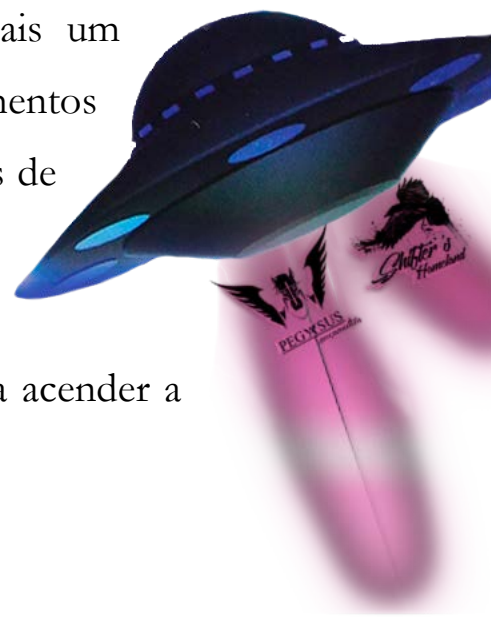
Eu aceno com a cabeça e puxo-a para perto do meu corpo. Farei fogo para ela em um momento. Por enquanto, sinto a necessidade dolorosa de estar ao lado dela. O meu khui troveja e começa a vibrar no meu peito em sua presença. A ansiedade que senti por deixá-la desapareceu com a doce pressão de sua bochecha contra meu peito.

Uma das outras faz barulhos com a boca ao ver nossa interação e as bochechas pálidas de Georgie ficam coradas.

—Vasi lascr. — Ela diz, mas ri. — Ewgostu de'l.

Respiro o perfume da minha companheira por mais um momento, então libero minha Georgie e vou até os suprimentos que trouxe. Faço uma pequena pirâmide de madeira e bolas de esterco e adiciono um pouco de pelúcia que mantém as minhas botas quentes para usar como material inflamável.

As mulheres observam silenciosamente enquanto começo a acender a





fogo. Quando uma faísca se acende, eu sopro para aumentar a chama, sento-me e vejo que tenho seis rostos diferentes e suaves que me olham com felicidade.

—Caramb, ewgostu de'l tmbeim. — Diz uma.

Eles se amontoam perto dele para se aquecer enquanto coloco uma das minhas caças no espeto para assar. Não entendo a necessidade delas de queimar o sabor da carne, mas Georgie me ensinou que não vai comê-la de outra maneira, então, queimarei se é assim que deve ser. Do outro lado, uma com uma juba longa de cabelo amarelo pálido começa a tossir de novo, uma tosse profunda e alta que agita seu corpo pequeno.

Georgie faz uma careta e olha para mim.

—Remédyo?

Eu não sei o que ela está perguntando, mas balanço a cabeça.

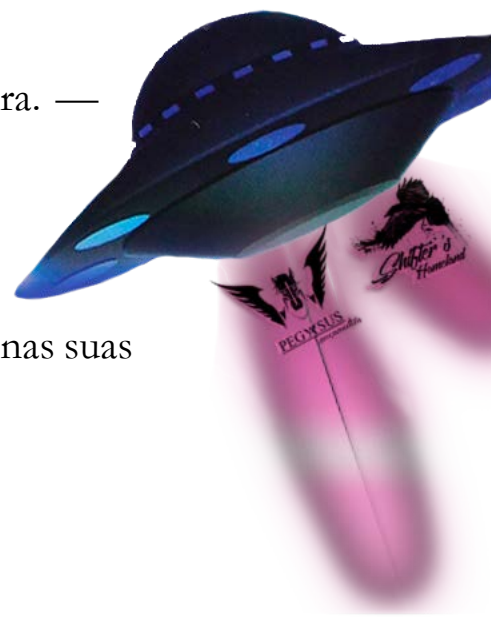
—Nada que eu possa ajudá-la. É a doença do khui.

GEORGIE

—O que essa palavra significa? — Eu pergunto a Kira. — Cwee?

—Eu não sei. — Ela diz com um encolher de ombros.

As outras estão empacotados até seus pescoços nas peles, apenas suas





cabeças espiando pelas coberturas de pelos. Estou com um pouco de frio agora que não estou agasalhada, mas não me queixo. Como poderia? Esta é a primeira vez que elas estão quentes em dias. Estou emocionada por pelo menos fazer isso por elas.

Ou melhor, que Vektal pode fazer isso por elas. Simplesmente me mantenho em pé e me sinto orgulhosa de tê-lo trazido.

As garotas me encheram o saco por horas. Não me importo, porque mereço isso. Depois de ser levada em cativo por alienígenas, apareço com um novo que está me chamando de companheira? Que me beija e me arrasta contra o peito a cada chance que tem?

Que me fodeu por horas na noite passada até que quase desmaiei de orgasmos?

Sim, eu mereço toda a chatice que recebo.

Estou tão feliz no momento. Vektal nos fez fogo e comida e todas as garotas estão vivas. Fiquei em cima delas durante as últimas horas, certificando-me de que estão aquecidas e pegando neve para derreter em uma das bacias improvisadas para que possam se lavar um pouco. Elas estão fracas com a fome e os dedos dos pés de Tiffany parecem ter congelado. Josie está apática e fraca, Megan tem uma tosse profunda e alta que sacode todo o seu corpo. Mas elas estão vivas. Podemos resolver as outras coisas.





A comida vai levar um bom tempo para fazê-las sentirem-se melhores. Além dos ratos sem pelo (que têm uma camada grossa de gordura que Vektal insiste que comamos e ninguém é corajosa o suficiente para tentar), temos algo que parece ser um cruzamento entre um javali e um pônei que ele chama de dvisti. A carne está assando no fogo e até a minha boca está salivando, então nem consigo imaginar quão famintas elas estão.

—O que é doença de khui? — Megan me pergunta com um olhar preocupado em seu rosto quando se agacha mais perto do fogo.

—Eu não sei. — Respondo com uma pequena sacudida da minha cabeça. Quando pergunto a Vektal, tudo o que ele faz é pressionar uma mão em seu peito e depois para o meu.

—O khui vive aqui. — Kira traduz com um encolher de ombros. — Nenhuma pista.

—Você só precisa de comida e de um lugar quente para ficar. — Digo a Megan, tentando aliviar a preocupação em seu rosto. — Vamos lidar com uma coisa por vez.

Ela acena com a cabeça. Tenho medo que vá questionar mais, mas Vektal puxa uma das pernas do rato sem pelos e parece uma coxa de frango. Ele me entrega automaticamente.





—Oh, Deus. — Digo, envergonhada. — Não me alimente, Vektal. Eu vou comer por último. — De imediato entrego o pedaço a Megan.

Ela agarra a carne antes que alguém possa tirá-la dela, Liz me dá um olhar alegre e faz imitações de beijos.

—Ele está alimentando a companheira dele, Georgie. Dê um tempo para o cara.

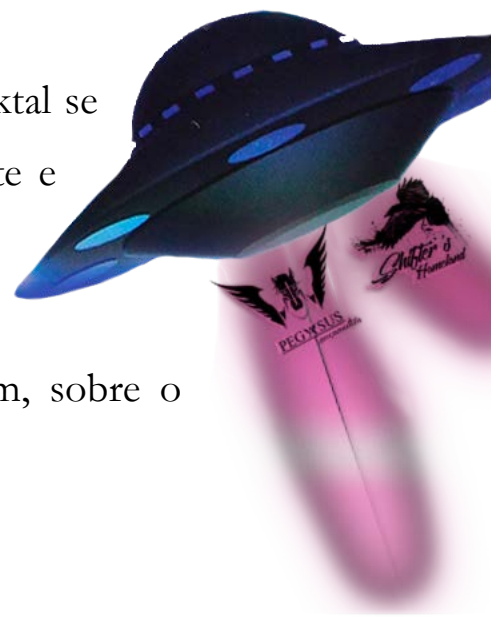
As minhas bochechas se aquecem novamente. Sinto que passei toda a tarde corando.

Ele puxa outra perna e levanta uma sobrancelha para mim. Balanço a cabeça e ele oferece a Kira em vez disso, que aceita com gratidão. Uma a uma, as mulheres são alimentadas. Só pego pequenas mordidas do dvisti enquanto ele assa, deixando a maior parte para as outras.

Isso desagrada a Vektal, que insiste em me alimentar mais. Eu dou às garotas um olhar infeliz cada vez que ele empurra outro pedaço cozido em minhas mãos.

—Não o irrite. — Diz Tiffany, lambendo os dedos sujos para comer até a última gordura. — Se alimentar você o deixa feliz, coma.

Então, eu como. Uma vez que todas estão cheias, Vektal se agacha perto de mim e me puxa contra o peito novamente e começa a ronronar. Ele acaricia meus cabelos e toca meu rosto enquanto as outras conversam calmamente. Discutimos sobre nossos sequestradores que não voltaram, sobre o





planeta que parece estar ficando mais frio e com mais neve a cada dia e sobre nossa situação.

Que está sombria.

Isso faz com que nossa conversa fique tensa e todas ficam quietas. Liz troca de lugar com Megan, que está pegando mais comida. Ela se senta ao meu lado, com as pernas cruzadas, suas peles cobertas sobre sua forma fina e me estuda enquanto Vektal acaricia os dedos pelos meus cabelos emaranhados.

—Então você e o grandão, hein? Não posso deixá-la sozinha por dois segundos que você arruma um rolo com o alienígena mais próximo.

Encolho os ombros com desconforto.

—Parecia que isso ajudaria nas chances de sobrevivência. — Mesmo que eu diga isso, é errado fazer meu relacionamento com Vektal parecer que é apenas sobre sobrevivência. Há atração também, mas sinto que estou traindo minhas companheiras cativas se admitir isso.

Liz acena com a cabeça e olha fixamente para os chifres de Vektal. Então, ela olha para mim novamente.

—Ele é meio possessivo com você.

—Sim. — Ele é e eu não odeio isso. Na verdade, eu meio que gosto disso.





—Como ele vai agir quando descobrir que não queremos permanecer em *Not-Hoth*? — Eu não respondo. Ainda não pensei nisso. Ainda estou me ajustando ao fato de que Vektal pensa que sou sua companheira. Não quero pensar em como ele vai agir se eu pegar a primeira carona para casa. Ou sobre a ideia deprimente de que pode não haver nenhuma carona para casa.

Liz ainda está olhando para mim, esperando por uma resposta.

Eu encolho os ombros e digo:

—Estar com ele me fez mais feliz do que com os outros caras. Eu vou ver no que dá.

—Justo o suficiente. — Ela olha para o fogo. — Você não perguntou sobre Dominique.

Engulo o nó duro na minha garganta. Estive deliberadamente evitando o tópico, não tenho certeza de como perguntar as outras que estão sob pressão. Como Vektal disse anteriormente, elas parecem frágeis.

—Eu... vi seu cadáver, na neve.

Liz acena com a cabeça. Ela se aproxima um pouco mais.

—Então, na primeira noite que estivemos aqui, ouvimos algumas criaturas. Eles piavam como corujas, mas pareciam com ursos de pelúcia magros ou algo assim.





—Eu vi esses. — Digo a ela. — Eles são bastante desagradáveis. Vektal não é muito fã deles.

—Sim, eu também não sou. — Ela diz com uma careta. — Eles não eram inteligentes o suficiente para descobrir como entrar, mas ainda assim nos assustaram pra caramba. Mantiveram-nos acordadas a noite toda. Dom chorou o tempo todo.

—Sinto muito.

Ela bate em meu braço.

—Não estou dizendo isso para você para fazer com que se desculpe. Estou apenas dizendo o que aconteceu. De qualquer forma, decidimos que precisávamos de uma defesa de algum tipo, então eu, Tiff e Dominique subimos e fizemos bolas de neve no dia seguinte. Tiff e eu viramos as costas por um minuto e Dom correu pela neve como uma louca. Nós tentamos segui-la, mas estamos meio quebradas e está muito frio para estar lá fora por muito tempo. — Ela encolhe os ombros. — Tiffany foi buscá-la e teve que voltar. Eu acho que seus pés congelaram.

Eu concordo.

—Então, nunca a vimos novamente. Nós esperávamos que ela tivesse encontrado você. Pelo visto não, né?

Balanço a cabeça.





—Dominique estava morta quando a encontrei. Morta há muito tempo.

—Eu não posso nem ficar triste. — Diz Liz com um suspiro. Ela abraça sua perna boa mais perto de seu corpo. — Ela não queria estar viva. Não depois do que eles fizeram. — Ela olha para mim, olhos grandes em seu rosto muito magro. — Nós temos que sair daqui Georgie. Nós não podemos estar aqui quando eles voltarem para nos buscar.

—Eu sei. — Digo a ela calmamente. Ainda não sei como, mas vou nos tirar daqui. Eu só preciso de um plano.

VEKTAL

As outras observam Georgie e eu de perto a noite toda. Toda vez que eu toco em seus cabelos ou acaricio sua bochecha, seus olhos nos observam desconfortáveis. É porque estou mostrando meu carinho a George na frente delas? Meu povo não é tímido com tais coisas. Georgie não parece se importar com meus toques e sua proximidade mantém meu khui cantando agradavelmente.

Quando as mulheres humanas começam a bocejar se afastam para dormir com os cobertores de Georgie, fato que me deixa com raiva. Elas estão com frio, mas ela é minha companheira e é tão pequena e frágil como o resto delas. Quando sugiro que pegue um para si mesma, ela balança a cabeça.





Certifico-me de que minhas queixas sejam ouvidas pela humana de rosto solene com a concha no ouvido que pode entender minhas palavras. Um momento depois, ela entrega suas peles a Georgie e quando minha doce companheira protesta, a garota insiste e vai deitar-se com outra garota. Elas estarão suficientemente aquecidas. A caverna estranha é fechada para os ventos amargos e apesar do cheiro, está suficientemente quente para que não congelem. Entre o fogo e o calor do corpo, a temperatura interior é agradável.

No entanto, não há nenhum vigia. Ou as mulheres acreditam que estarão seguras ou estão tão doentes e exaustas que não podem ficar acordadas. Eu suspeito que seja o último caso. Eu farei a guarda, então.

Mas primeiro, vou passar algum tempo com minha companheira. Meu khui exige isso.

Georgie boceja e envolve o cobertor ao redor dela, movendo-se para enrolar-se ao lado das outras mulheres. Eu abasteco o fogo com um grande tronco, de modo que irá proporcionar calor por muitas horas e então me movo para o lado dela e a pego, levando-a até a extremidade da caverna comigo, onde teremos alguma privacidade.

Uma das garotas ri e fala algo.

—Levndo a namurada. — Diz uma.

Outra fala:

—Silncio aí, tentndo dormr!





Georgie simplesmente enterra o rosto contra meu peito.

Eu a levo tão longe dos outros quanto podemos ir. Aqui, elas não poderão ver muito além da luz do fogo. Coloco Georgie no lado mais próximo da parede e meu corpo a bloqueia. Eu nos cubro com a pele e puxo minha companheira contra mim.

Meu khui vibra e troveja. Ele quer que mais da união de nossos corpos e estou ansioso para fazer isso.

Ela coloca seu corpo menor contra mim, suas mãos frias se movendo sob minhas roupas para pressionarem contra minha pele nua.

—Taum quentinhu. — Ela murmura. — Taumbom.

O meu khui brilha no meu peito enquanto ela se esfrega contra mim. Seus olhos estão fechados e não tenho certeza se ela percebe o quanto está me tentando. Meu pau sobe em resposta a seus toques sonolentos, mas não está me dando mais. Preciso torná-la consciente do que eu preciso, então.

Então, eu acaricio seu pescoço, inclino sua cabeça para trás e pressiono minha boca na dela e reivindico sua língua com a minha.

Georgie dá um suspiro suave, geme e me lambe de volta. Eu gosto do costume humano de juntar as bocas e de acariciar minha companheira com a língua. Não era algo que eu havia pensado antes, mas agora que fiz com Georgie, parece algo tão óbvio. Eu adoro saborear ela toda, por que não a boca dela? Minha





mão serpenteia entre suas pernas, mas ela está vestindo seus couros estranhos. Eu encontro o cós de suas calças e empurro minha mão para dentro delas, buscando seu calor doce.

Ela geme contra mim e sua mão pressiona em meu braço.

—Vektal.

Adoro quando ela diz meu nome. Meu prazer aumenta e meu khui ronrona em resposta. Empurro meus dedos para suas dobras suaves, procurando por aquele estranho terceiro mamilo. Eu o acho e ela imediatamente engasga e pressiona seu rosto contra meu braço.

—Euachh qu els staum fazndo. — Sussurra uma voz do outro lado da sala.

—Naum Olh. — Diz outra. —Vlte a dormir.

—Apost q e'll teim n pau gigaunte!

Desta vez, Georgie enterra o rosto contra meu peito e a sinto que afastar minha mão.

—Não. — Ela murmura contra meu peito.

Não? Quando meu khui está latejando quase dolorosamente em meu peito com a necessidade de acasalarmos? Estou chocado. É porque as outras estão acordadas e





possivelmente ouvindo? Por que isso importa? Eu já vi e ouvi outros sa-khuis acasalarem muitas vezes. Não somos pessoas tímidas. Parece que os humanos não são assim, no entanto. Georgie não quer que eu a toque enquanto as outras estão prestando atenção.

Eu rosno de novo, mas retiro minha mão.

Ela faz um pequeno som decepcionado e pressiona seu corpo mais perto do meu.

E esse pequeno suspiro desapontado é a única razão pela qual eu não me levanto e jogo as outras humanas para fora da caverna.



Na manhã seguinte, estoco o fogo para as humanas e começamos a fazer planos. As humanas não querem ficar aqui. Está claro que elas estão nervosas e querem partir. Também não posso ficar aqui, mas não estou preparado para levá-las em segurança. A caminhada para minhas cavernas é de pelo menos um dia de viagem vigorosa e essas humanas frágeis não conseguirão lidar com isso.

Depois que elas comem, olham para mim com olhos esperançosos, como se eu de alguma maneira pudesse produzir roupas e botas para todas as mulheres. Sei o que elas estão pedindo com seus rostos tristes. Entristece-me desapontar minha Georgie, mas um caçador sozinho deve ser prático.





—Eu não posso levá-las comigo. — Digo a que tem a concha mágica em seu ouvido.

—Dizq naum pode nos lvar.

Uma começa a soluçar alto. A que fala muito “Lihz” me encara como se eu fosse o problema.

Aponto para meus pés.

—Vocês não têm coberturas de pé. Nem roupas. Com seis de vocês, não posso caçar o suficiente e mantê-las em movimento. Minhas cavernas são a muitas horas de viagem a pé. Com Georgie, vai demorar dois dias para ir lá. Irei ao meu povo e traremos roupas quentes e rações de viagem. Então vamos levá-las para casa conosco. Vocês estarão a salvo lá.

Suas sobrancelhas se franzem e depois ela traduz.

—Elez tem mais gent? — Georgie pergunta, então dá um tapa na testa. — Mazé clarr q teim! — Ela olha para mim. — Vocc teim mazz gent? — Aponta para os outros, então para si mesma. — Pessoaz humans. Pessoaz Vektal?

Ah.

—Se eu tenho uma tribo? Sim. Há Quarenta e oito de nós, mais dois kits. Eu sou o chefe.

Aquela humana da concha traduz e Georgie acena com a cabeça novamente.





—Devria teor advinhad, elléu chef. — Lihz dá uma risadinha.

—Temus douze. — Georgie diz e conta com seus dedos antes de apontar para a parede atrás dela. — Seiz allyy. — Ela vai contando e apontando para cada mulher, depois aponta para a parede e diz mais palavras de contagem.

Eu agito minha cabeça.

—Eu não entendo.

Georgie joga as mãos para cima.

—Seim problemz. Surprezz pra dep'z.

— Há... — Diz Lihz.

Todas começam a tagarelar e uma gesticula para a parede. Eu franzo a testa para elas. Eu não entendo o fascínio com a parede traseira com suas luzes piscando e nossa conversa unilateral não está nos levando a lugar nenhum.

—Eu voltarei para o meu povo com Georgie e nós lhe daremos um khui. Então eu trarei meus caçadores e nós retornaremos para todas vocês. Isso eu prometo.

—Naum esqueç disss. — Diz Lihz e toca nas saliências no braço dela.

—Naum vou esquecrr. — Georgie diz a ela. Um olhar determinado ilumina o rosto de minha companheira e eu me





pergunto a que assunto ela se refere que traz um olhar tão sombrio para suas características delicadas.

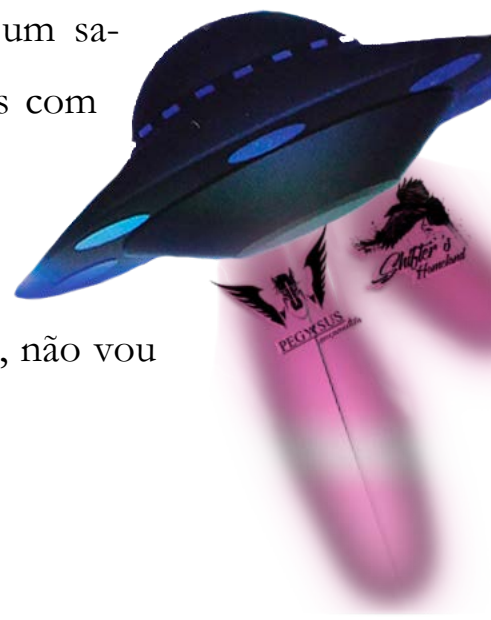


Por insistência de Georgie, deixamos todas as peles de inverno e duas das minhas lâminas com as mulheres. Nós também deixamos toda a comida. Isso me deixa infeliz porque minha companheira será aquela que sofrerá, mas ela me promete com expressões suaves e olhos sorridentes que está tudo bem. Eu acho que a agrada ser capaz de prover suas humanas, então não reclamo. Há outras cavernas de caçadores ao longo do caminho e vou limpar todas elas para vestir minha Georgie se precisar. Elas poderão ser reabastecidas na primavera, quando as neves mais grossas derreterem e os caçadores tiverem dias mais fáceis.

Acenamos para as mulheres e Georgie enxuga os olhos com frequência. Eu sei que se preocupa com elas. Apesar da comida, todas parecem um pouco mais cansadas esta manhã, um pouco mais pálidas.

É a falta do khui e é por isso que é tão importante que eu leve Georgie de volta ao meu próprio povo, rápido. Não posso derrubar um sa-kohtsk sozinho. É uma tarefa que requer muitos caçadores com lanças fortes.

Eu carrego a pequena forma de Georgie nas minhas costas e tomo uma rota diferente pela montanha. Desta vez, não vou





pelas trilhas sinuosas de caça, vou direto pela terra plana, onde os pássaros alados voam. Desta forma, em vez de muitas cavernas de caçadores ao longo do caminho para casa, há apenas uma, a caverna dos anciãos, com suas estranhas paredes lisas, parecidas com as da caverna de Georgie.

Minha companheira parece entender meu senso de urgência. Paramos apenas por breves períodos para encher a pele com água ou para nos aliviar. Quando os dois sóis estão no alto do céu, encontro uma besta quilled e Georgie não protesta quando eu ofereço pequenos pedaços crus. Levaria muito tempo para recolher madeira para uma fogueira. Nós comemos, então retomamos nosso trajeto.

O dia é um ciclo interminável de corrida e caminhada, até mesmo o delicado peso de Georgie fica mais pesado ao longo das horas. Eu não a coloco no chão, no entanto. Minha força é muito mais adequada para viajar do que a dela. Ela também está exausta. Seu aperto em minha roupa se torna mais fraco ao longo das horas e me preocupo que não estamos indo rápido o suficiente quando uma colina retangular coberta de neve familiar aparece à distância. Dou um suspiro de alívio e aponto para Georgie.

—Parec esquisitu. — George diz com um bocejo. — Vams láa?

—Essa é nossa única parada hoje. — Digo a ela. — Descansaremos e dormiremos, e amanhã retornaremos ao meu povo. — Mentalmente, tomo nota dos caçadores que podem me





ajudar a conduzir as humanas doentes de volta. Maylak vai querer vir, como curandeira tribal, mas ela tem uma criança pequena. Seu companheiro Kashrem virá também, então. Raahosh, se ele voltou de sua própria caça. Roka. Salukh. Zennek. Haeden. Dagesh.

Todos eles são caçadores não acasalados, exceto Kashrem. Pode ser mais inteligente levar os acasalados, então não haveria disputas sobre as fêmeas pequenas, mas não quero criar ressentimento na minha tribo. Eu sei que os homens estarão ansiosos para ver as fêmeas, especialmente depois que eu voltar com minha adorável Georgie.

Acaricio o braço dela carinhosamente. Não negaria a meus homens a chance de ver se seus khuis vibrarão pelas humanas. Não quando senti a minha própria fonte de prazer chegar a minha vida.

Nós entramos na caverna e Georgie exclama com a estranheza das paredes. Eu não a culpo por ter ficado surpresa. Elas são cobertas com uma fina camada de gelo, mas não há como negar que há uma uniformidade para as paredes que é desconcertante. Parece que uma mão gigantesca pegou o lado da colina e alisou. Mas há peles, madeira e uma pele esticada para bloquear a porta. Coloco Georgie no chão e preparo a caverna.

Para minha surpresa, ela imediatamente começa a fazer uma pirâmide de lenha com os suprimentos enquanto penduro a cobertura da porta. Georgie me dá um sorriso tímido.





—Qiru apurender. — Meu coração se enche de orgulho. Eu vou para o lado dela e ignoro o fogo, colocando seu pequeno rosto entre minhas mãos em vez disso. Ela é adorável, mesmo com esse narizinho liso e eu estou obcecado em tocar nela.

Ela sorri para mim e o meu khui começa a tamborilar em meu peito. A fogueira pode esperar. Meu khui e meu corpo estão sofrendo com a necessidade dela desde esta manhã. Estou há muito tempo sem tê-la, sinto como se estivesse em dor física. E puxo o fecho de seus couros.

Georgie ri, fazendo um som doce. Ela pressiona uma pequena mão fria contra meu peito, exatamente onde meu khui vibra sob minha pele.

—Adoru cuando voc ronronia. — Ela diz suavemente. Então, olha para mim com aqueles olhos estranhos e brancos e inclina a cabeça para trás para o meu beijo.

Agarro-a e puxo-a contra mim, com cuidado por causa do seu pulso ferido. Quero tocá-la em todos os lugares. Sentir o sabor dela em todos os lugares. O khui dentro de mim exige um acasalamento e essa é uma chamada que eu quero responder. Beijo-a, meus lábios se movendo sobre os dela antes de adentar minha língua em sua boca para sentir seu sabor. É diferente de qualquer coisa que já experimentei, e quero fazer isso de novo e de novo com Georgie. Eu amo sua língua macia roçando contra a minha.





Ela está igualmente faminta por meu toque. Os dedos dela afastam suas roupas até que expõe seus seios para mim. Gemo com a visão e caio de joelhos para puxar um mamilo macio na minha boca. Eu amo seus seios, como eles são parecidos e diferentes das mulheres do meu povo. Seu mamilo rosado endurece quando o toco, mas ainda é como colocar meus dedos em couro macio em vez das pontas duras e blindadas das minhas próprias mulheres. Pergunto-me como as crianças humanas são, se suas mães têm montes tão suaves e tenros. Imagino meu filho lá e a esmago contra mim.

Nossa criança. Parte sa-khui, parte humana.

—Mmm. — Diz suavemente e não sei se está cantarolando ou dizendo outra de suas estranhas palavras humanas. Eu chupo seu peito para distraí-la e ela geme. Então, Georgie se abaixa e agarra meu pau em sua mão e me acaricia por cima das minhas calças de couro.

Quase gozo em minhas calças. Com um silvo, desfaço os fechos que mantêm minhas roupas na minha cintura e libero meu pau. Este acasalamento será rápido e nada elegante. Eu não me importo. Pelos sons que Georgie está fazendo e pela maneira como aperta meu pau em sua mão, duvido que também se importe.

—Você é meu coração. — Digo enquanto acaricio seus seios. Provoco um, depois o outro, amando os ruídos suaves que ela faz. Sua pele enruga com meu toque e o cheiro de sua excitação perfuma o ar. Eu fico com água na boca ao pensar





em prová-la e beijo sua barriga plana que estará arredondada com nosso filho na próxima temporada.

Mas as crianças virão depois e eu quero Georgie agora. Puxo suas calças de couro para baixo até que os cachos escuros entre suas pernas sejam revelados. Ela termina de retirá-la e as chuta para o lado, então arrasta os dedos contra minhas calças, fazendo o mesmo por mim. Desta forma, nós nos despimos.

Georgie tem um pequeno arrepio e move-se para ficar mais perto de mim, para compartilhar meu calor. Puxo minha companheira contra mim, pego-a nos braços e a levo até as peles na caverna. Enquanto faço isso, ela pressiona beijos no meu rosto e passa os dedos pelos meus chifres, murmurando palavras suaves.

Então, deito-a nas peles e ela parece absolutamente linda e tentadora, minha estranha humana. Cubro seu corpo pequeno com o meu corpo maior e as pernas dela abraçam minha cintura, seus pés roçando a minha cauda.

Suas mãos acariciam meus chifres como se eles fossem o meu pau, acariciando o comprimento de cada um e gemo com a sensação. Procuro por suas dobras entre suas pernas e ela está molhada e escorregadia, seu corpo está com fome de mim como estou dela. Quero o gosto dela em minha boca e empurro minha cabeça entre suas coxas.

Ela faz um som suave e espalha suas pernas para mim, dando-me boas-vindas. Arrasto minha língua sobre sua doçura, apreciando seus gritos de prazer. Seu sabor é embriagante, seu aroma inebriante e me perco no corpo dela. Lambo e





sugo cada dobra, minha língua querendo mais do néctar de seu corpo. Arrepios se movem através dela e suas coxas agarram minha cabeça e meus chifres, apertando-me mais a cada golpe da minha língua. Ela está perto, minha Georgie, e quero estar dentro quando gozar.

Mudo de posição, encaixando a cabeça do meu pau nela. A sensação é incrível. Molhada e receptiva e oh... tão suave. Empurro dentro dela, e ela engasga, agarrando-se a mim. Seu corpo está apertado em torno do meu pau, agarrando-me como uma luva. A sensação é incrível e fecho meus olhos, saboreando-a. Meu khui responde, trovejando dentro de mim. Em breve, vou sentir o seu khui responder ao meu.

Deve ser logo, ou então Georgie não sobreviverá.

O pensamento envia uma facada de medo através de mim e pressiono minha forma na dela, segurando-a. Não. Ela é minha. Eu devo mantê-la. Com um gemido, eu empurro para dentro dela e sinto seu corpo se render ao meu.

Georgie engasga.

—Vektal. Ohsim!

E puxo para trás e empurro nela novamente e suas pernas se contraem e depois me apertam mais forte. Bombeio nela uma e outra vez, a necessidade fazendo meus movimentos acelerarem. Os seus gritos aumentam à medida que os meus





movimentos aceleram e, quando seu calor quente envolve meu pau, sinto seu orgasmo correr por ela, antes mesmo dela gritar.

Meu próprio khui responde, e empurro novamente, derramando minha semente dentro dela. Eu a abraço e acaricio seus cabelos enquanto gozo com o meu próprio corpo perdido no prazer. Suas mãos me tocam, dançando sobre minha pele e ela profere pequenas palavras, doces e ininteligíveis.

Quando a minha última semente é ordenhada do meu corpo, pressiono minha boca na dela e depois rolo para o meu lado, puxando-a contra mim, nossos corpos ainda conectados. Quero ficar assim por horas. Por toda a noite, na verdade. Meu cansaço desapareceu com minha companheira em meus braços. Já estou pensando em como fazê-la gritar de prazer novamente.

Acaricio sua pele e sinto seu sexo tremer ao redor do meu pau novamente. Apenas alguns toques... e ela estaria gritando mais uma vez. Estou intrigado com o pensamento e puxo-a para mais perto de mim, até que suas costas pequenas estejam pressionadas contra meu peito.

Como eu, ela se ergue em um cotovelo.

— Oquié aquilu?

Eu toco seu braço.

—Hm? — Desejo novamente que eu pudesse falar a linguagem dos humanos.





Georgie aperta minha mão para chamar minha atenção e depois aponta.

—Viuma luz piscar. Oquié aquilu?

Ela indica a parede distante e com certeza, uma estrela pisca sob o gelo e então desaparece. Ah.

—Esta é a caverna dos anciãos. A caverna das estrelas. Está cheia de magia. É isso que você está vendo.

Mas ela se solta do meu abraço e rasteja para fora dos cobertores. Sinto uma sensação de perda quando meu pau sai de seu corpo quente, mas ela está preocupada. Então me sento e assisto enquanto Georgie levanta-se e corre para a parede mais distante. Pressiona o rosto contra o gelo grosso, observando a luz enquanto pisca lentamente de novo. Então ela olha de volta para mim.

—Vektal. — Ela respira e há emoção em sua voz. Uma nova excitação. — Izzué umanav espaciau?





PARTE CINCO

Verdade

GEORGIE

Caramba, é uma nave.

Não sei como não vira isso antes.

Bem, na verdade, eu vi. Estava tão cansada depois da nossa jornada que meu cérebro estava um nevoeiro. A necessidade de ajudar a salvar as outras constantemente queimando no fundo da minha mente. Vektal parecia ter uma sensação de urgência também; atravessou vales e subiu paredões enormes comigo agarrada a ele, tão ágil como uma cabra montanhesa. Eu segurei pela minha vida, mas ainda foi exaustivo. O frio era muito e o vento parece que deixou meu rosto com uma grande queimadura fria. Mas mesmo assim, ainda estava melhor do que as outras, então não me queixei.

No momento em que finalmente paramos a noite, mal olhei ao meu redor. Sim, a caverna era perfeitamente lisa por dentro. Sim, estava no lado de uma colina que também parecia perfeitamente oval em sua forma externa. Eu notei isso e





cambaleei para dentro, correndo para as peles quentes que agora eu sabia que me esperavam aqui dentro.

Mas só depois do sexo, enquanto relaxava e me aconchegava contra o meu alienígena, que vi um flash de luz. Pensei que meus olhos haviam me enganado até que o flash voltasse a piscar. Então, olhei para o gelo.

E percebi que a caverna era perfeita porque era o interior de uma nave.

—É uma nave. — Digo a Vektal. Por trás da camada grossa de gelo, posso distinguir um painel de controle de algum tipo.

Seus olhos se estreitam e ele balança a cabeça. Vektal não entende.

—Es sa-khui tokh.

Isso não soa como uma nave espacial para mim. Certo. Meu grande bárbaro azul provavelmente não saberia o que é uma nave espacial. Ele usa couro, come carne crua e caça com estilingues e facas de osso. Meu grandão provavelmente nunca ouviu falar de um aquecedor de ambiente, muito menos de uma nave espacial.

Eu dou tapinhas no peito dele.

—Quer saber? Sei o que fazer. Não se preocupe. — Pego a lâmina da faca que carrego comigo e uso-a para cortar o revestimento de gelo grosso das paredes.





Vektal me para gentilmente com uma mão. Ele aponta para a pilha de lenha na fogueira, ainda apagada. Oh sim! O fogo derreterá o gelo mais rapidamente. Ele tem razão. Eu o alcanço e dou-lhe um beijo rápido e estridente.

—Homem esperto.

Ele não sabe o que estou dizendo, mas fica feliz com o beijo de qualquer maneira.

Enquanto espero que o fogo comece, olho para as paredes à nossa volta. Estou tentando não surtar. O gelo que cobre as paredes é grosso. Vektal está familiarizado com este lugar, que aparenta estar configurado como um acampamento assim como as outras cavernas, o que me diz que ela está aqui há muito tempo e não parece em nada com o compartimento de carga onde as outras garotas estão acampando. As chances de pertencer aos mesmos alienígenas são remotas, digo a mim mesma.

No entanto, eu ainda me preocupo. É por isso que tenho que ver esse painel de controle, tenho que saber o que encontramos.

Se isso é uma armadilha e saímos da panela direto para o fogo ou se é uma passagem de volta para casa.

Ou nenhuma das duas opções.

Preciso de respostas. Não importa o quanto estou cansada, não poderei dormir sem responder a algumas dessas perguntas.





Quando o fogo está aceso e queimando vivamente, Vektal pega um pedaço de madeira e me entrega a ponta para segurar. É como uma tocha improvisada e eu a carrego cuidadosamente para a parede e depois a seguro perto dos painéis, observando o gelo brilhar e então derreter. Leva um bom tempo para descongelar as camadas de gelo, mas enquanto deixo o fogo perto delas, mais e mais painéis de instrumentos são descobertos. Eu olho para Vektal e ele também parece surpreso com essa descoberta.

É diferente das paredes lustrosas e lisas da nave alienígena em que caímos. Bem, não vi muito por fora do porão, mas essa passa uma sensação completamente diferente. O painel que descobri é preenchido com centenas de botões e os disparos de luz se movem regularmente. Isso me lembra de quando configurei dispositivos eletrônicos no modo de espera no passado e eu me pergunto se isso significa que tudo aqui ainda está funcionando.

Eu me pergunto se isso significa que podemos ir para casa.

Eu olho para Vektal. Seus traços brutalmente atraentes estão contorcidos em uma expressão de preocupação, como se ele não estivesse inteiramente certo do que fazer a respeito disso. Ele foi maravilhoso para mim. E o sexo? Tudo bem, o sexo é alucinante. Mas este lugar é uma merda. É frio e horrível e não sei se quero ficar aqui se houver uma carona para casa.

Se houver uma forma de voltar para casa, lembro-me. Se houver.





Eu coloco minha tocha de volta no fogo e examino os painéis novamente. Vejo muitos botões e uma luz piscando, mas nenhuma tela. Estou errada em esperar que isso funcione? Eu me inclino para frente e examino o painel que agora está descoberto. A luz piscando é, na verdade, um botão com um símbolo estranho. Avanço para pressioná-lo e depois paro.

Seria estúpido pressionar um botão estranho em uma nave espacial ainda mais estranha? Sim, sim, é estupidez.

Tenho muitas opções? Pondero as diferentes funções que esse botão possa ter. Pode ser um sinal de socorro. Pode armar o sistema de segurança. Pode não fazer nada. Quero mesmo arriscar?

Olho novamente para Vektal.

Na realidade... não quero arriscar, percebo. Eu estaria feliz em simplesmente me virar e sair daqui com ele. Sei que estou segura com ele. Talvez, eu possa ser feliz com ele. Mas as outras mulheres não têm a mesma opção que eu. Elas não têm um alienígena grandão e maravilhoso tratando-as como se fossem de ouro e se preocupando em atender a todas as suas necessidades.

Então respiro fundo e aperto no botão que está piscando.

Click.

Nada acontece.

Bem, isso é... decepcionante.





Então, um lento barulho começa, como o zumbido de algo ligando. Uma voz suave e andrógina diz algo em uma linguagem fluida diferente da minha. As luzes aparecem e começam a piscar. Há um barulho e então um silvo quando o ar central é ligado.

Vektal me agarra e lança meu corpo atrás do dele, puxando uma de suas facas para me proteger.

Sou covarde o suficiente para me esconder atrás de suas costas por um bom tempo. Então acaricio seu braço novamente e vou para frente.

—Tudo bem. — Digo. — Eu acho que as coisas estão só. . . uh, inicializando. — Eu me aproximo do painel.

Quando chego perto, a voz fala novamente. Desta vez, levanta a voz no final, quase como uma pergunta.

Está... perguntando algo?

—Eu não entendo você. — Digo em voz alta.

Há outro som agudo e um chiado. Uma imagem da Terra aparece no ar, tridimensional.

—Consultando. — Diz a voz. — Língua: Inglês da Terra.
Isso é correto?

Eu suspiro.





—Sim! Sim, está correto! Você sabe inglês?

—A inteligência artificial desta nave é programada com mais de vinte mil línguas comuns. Deseja alterar as seleções de idioma? Em caso afirmativo, diga...

—Não. — Digo rapidamente. — Continue no inglês! — Aponto para a imagem da Terra, girando no ar. — Esse é o meu planeta!

—Configurações aceitas. Aguarde até que o sistema fique totalmente online antes de solicitar uma consulta.

—EU... Tudo bem. — Olho para Vektal com os olhos arregalados. Ele parece tão espantado quanto eu. Coloca um braço em volta do meu ombro e me puxa para perto, preparado no caso de algo acontecer. É estranhamente reconfortante.

O computador chia por mais um momento e então sinto uma rajada de ar quente atingir meu rosto.

—Controles ambientais on-line. A temperatura ideal do habitat para os seres humanos é de 22 graus Celsius ou 72 graus Fahrenheit. A temperatura ideal do habitat para sakhs modificados é de 3 graus celsius ou 37 graus Fahrenheit. O que devo programar?

—Sakh modificado? — Pergunto.

—O homem ao seu lado é uma forma de vida sakh, modificada para habitação neste planeta.





Oh.

—Ele não é deste planeta? — *Vektal também é um estrangeiro aqui?*

—Sakhs são originários de um planeta chamado Kes, ou “Lar” na linguagem deles. É a aproximadamente 3,2 milhões de parsecs⁷ do seu planeta Terra. Este planeta está a 5,8 milhões de parsecs do seu planeta Terra.

Isso parece ser... longe. Estou tonta. Eu tenho muitas perguntas. Não sei o que perguntar primeiro.

—EU... o que é este lugar?

—Este planeta tem muitos nomes, dependendo da linguagem. Sua espécie ainda não descobriu esse sistema solar. Nossa localização atual é o segundo planeta neste sistema de sol binário. Este planeta completa uma órbita ao redor dos sóis a cada 372,5 dias e gira em torno de seu eixo a cada 27,2 horas. A temperatura atual é...

— Fria. Sim. Eu sei. —Eu agito uma mão porque nenhuma dessas informações está me ajudando. — Então, se ele não é daqui. — Digo, apontando para Vektal. —Como ele chegou aqui?

—Esta nave era originalmente um cruzeiro de passeio sakh.
— A nave continua com uma voz melodiosa. — Devido a uma tempestade solar, a equipe foi forçada a se abrigar no planeta



⁷ O **Parsec** (símbolo: pc) é uma unidade de distância usada em trabalhos científicos de [astronomia](#) para representar distâncias estelares



habitável mais próximo, no qual você está atualmente. Eles sofreram dificuldades técnicas.

—Dificuldades técnicas? — Parece tão absurdo. — Sério?

—Esta nave está ligada a um piloto específico. O piloto teve uma parada cardíaca congestiva e um piloto secundário não estava disponível para pilotar a nave. Um sinal de socorro foi iniciado, mas não funcionou. Não foram enviados mais sinais.

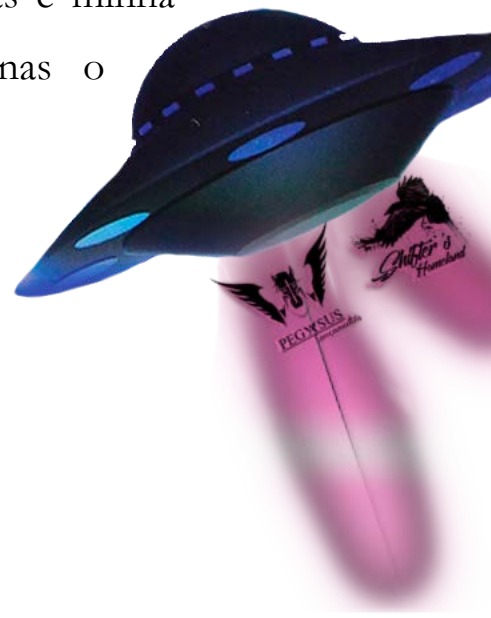
Então, o povo de Vektal está preso aqui também?

—Quando foi isso? — Eu pergunto, me sentindo um pouco desanimada com este novo pedacinho de informação.

—Este evento ocorreu há 287 anos. Por favor, note que quando este sistema faz referência a “anos”, o dado é calculado com base na órbita deste planeta em relação ao planeta Terra.

E os anos são mais longos aqui. Minha nossa. Eu olho para Vektal com os olhos arregalados. Ele está me olhando com curiosidade, impaciência transparecendo em suas feições. Sei que ele tem perguntas e minha conversa com o computador provavelmente está apenas o enchendo de mais delas.

Mas ainda tenho mais dúvidas, então egoisticamente pergunto um pouco mais.





—Quantos de seu povo caíram aqui?

—Os livros de registro informam sessenta e dois passageiros e um piloto. Muitos morreram antes de aceitar o simbiote.

Isso chama minha atenção.

—Simbionte?

—A definição de "simbionte" é um organismo que vive em simbiose com outro organismo.

Estou começando a ficar assustada.

—Espera aí... Vektal tem um... organismo nele?

— Este planeta tem um elemento em sua atmosfera que é tóxico para o ser humano e também para os sakhs. É um elemento de gás semelhante ao nitrogênio que ainda não foi descoberto pelos seres humanos, pois não existe na Terra. Seu corpo não está equipado para filtrá-lo do ar. Uma vez que você alcançar os níveis tóxicos do elemento, seu corpo irá desligar-se lentamente. O sakh ao seu lado existe em uma simbiose mutualista com uma criatura a que eles se referem como khui.

—Khui. — Diz Vektal, de repente, falando. Ele faz uma pergunta ao computador que imediatamente a responde. Então, ele acena e olha para mim.





—Eu disse a ele que estou explicando para você como o khui funciona na atmosfera. — Diz o computador.

Esfrego minha testa.

—Não estou entendendo. Então você tem que ter essa coisa, esse tal de khui dentro de você ou... você morre?

—O khui aprimora o corpo de seu hospedeiro e faz mudanças sutis para permitir que ele sobreviva em um ambiente hostil. Aqueles que originalmente se encontraram encalhados neste planeta duraram oito dias sem a relação simbiótica.

Oito dias? Tudo o que tenho são oito dias?

—M-modifica o hospedeiro? — Pergunto fracamente. Sinto-me arrasada. Ou recebo um... parasita ou morro?

—O khui modifica seu hospedeiro. Os simbioses khui geneticamente modificados são alterados para suportar temperaturas mais baixas e para filtrar os produtos químicos do ar que o corpo não pode processar. Isso melhora a recuperação do hospedeiro contra ferimentos, doenças e garante a procriação de descendentes viáveis.

Oh, meu Deus. Então eu recebo uma lombriga resistente ao frio ou eu morro.

—E se eu conseguir essa coisa, esse khui, quando eu sair, posso tirar ele?





—Uma vez implantado, o khui e o hospedeiro dependem um do outro. O khui não pode existir fora de seu hospedeiro por mais de alguns minutos e o hospedeiro precisará de outro khui em substituição ao morto para sobreviver.

E lá ia eu achando que ficar em *Not-Hoth* com meu bárbaro sexy era uma melhor opção do que esperar que os pequenos homens verdes voltassem. Se eu escolher ficar aqui, nunca mais poderei ir embora. Será só eu e meu parasita... para sempre.

Ugh.

Mas se eu não conseguir o parasita, só tenho mais alguns dias de vida. Nem uma semana agora. Os homens verdes devem saber que nós humanos não podemos sobreviver neste planeta por muito tempo. Isso significa que eles não têm intenção de vir nos buscar ou então voltarão muito, muito em breve. Eu respiro fundo ao pensar nisso.

As chances não são boas. Eu tenho que tirar as outras daqui e rápido.

Quero fazer mais perguntas ao computador, mas o bem-estar das outras tem prioridade. Um passo de cada vez, devemos resgatar as outras mulheres e então descobriremos sobre esse negócio de khui. Eu me viro para Vektal.

—Nós precisamos conversar.

Ele toca meu rosto, seus olhos azuis brilhantes com ternura.





—Sa-akh mevollo.

—Merda. Você não está me entendendo. — Eu me viro para o computador.
—Você pode traduzir para mim?

—Essa é uma das funções desta unidade. — Diz o computador em um tom amigável. — Você gostaria de aprender o dialeto sakh que ele está falando?

—Você... você pode me ensinar?

—Posso realizar um upload linguístico único. Você gostaria de fazer isso?

—Minha nossa, sim! — Quero ser capaz de manter uma conversa real e honesta com Vektal. — Por favor.

Um pequeno círculo vermelho aparece no ar.

—Aproxime-se mais do local marcado. — Quando eu faço isso, recebo instruções adicionais. — Realizarei uma varredura de retina. Quando eu fizer, não pisque nem tente mover-se. Isso pode interferir na transferência de informações. Ele será conectado em três... dois... um...

Começa um baixo zumbido. Eu congelo no lugar, tentando não piscar enquanto um laser vermelho brilha em meus olhos.

—Você poderá sentir algum desconforto à medida que seu cérebro processa a informação. — O computador me diz, antes de uma série de símbolos atingir meu cérebro e minha cabeça parecer que vai explodir.





VEKTAL

Minha companheira desmaia e meu khui bate em meu peito em protesto. Agarro-a antes que ela possa cair no chão.

—Georgie!

—Por favor, aguarde alguns minutos para a recuperação. — Diz a estranha voz que vem das paredes.

Rosno. Não sei de onde vem essa voz sem rosto, mas se machucar minha Georgie, vou rasgar este lugar até suas rochas de aparência estranha e espalharei as peças no mar gelado. Aconchego minha companheira contra meu peito, estou sem conseguir nem respirar de tanto medo. Coloco uma mão sobre seu coração, onde ela não possui nenhum revestimento de proteção. Ela é muito macia e vulnerável, minha pobre humana.

Mas seu coração bate de forma constante em seu peito e suspiro de alívio. Pressiono meus lábios em sua testa estranha e lisa e seguro-a contra mim enquanto a sala fica desconfortavelmente quente.

A voz sem corpo fala novamente.

—Modo de espera. Indique se você tem comandos para esta unidade. Caso contrário, voltarei ao modo de hibernação.





Seguro Georgie contra mim, acariciando seus cabelos, seu rosto, sua pele fria que não retém calor suficiente para que se sinta confortável. Ignoro a voz estranha, mesmo embora esteja falando meu idioma. Quando Georgie falou na língua dela, a parede enviou um feixe vermelho por sua cabeça e a deixou inconsciente. Não quero que faça o mesmo comigo, então estreito os olhos para as luzes brilhantes e espero.

O rosto adormecido de Georgie se vira para o meu peito e ela me faz um carinho.

—Mmm.

—Georgie? — Pergunto, tocando em sua bochecha. — Você está bem?

Seus olhos piscam e o branco pálido e estranho com um círculo azul claro no meio é a coisa mais linda que já vi.

—Oh. Estou te ouvindo. — Ela diz em minha língua. — Suas palavras. Elas estão... — Ela pensa por um minuto e então um sorriso se ilumina em seu rosto. — Isso é incrível!

—Como você aprendeu meu idioma? — Pergunto a ela, chocado.

Georgie inclina a cabeça, seu nariz se enrugando adoravelmente por um momento. É como se ela estivesse pensando em algo. Então, sorri novamente.





—As palavras são um pouco diferentes das que estão na minha cabeça. Talvez seja o di-ha-letto que o kom-pu-ta-dohr tem. — Algumas das suas palavras não são minhas. Elas não fazem sentido.

—kom-pu-ta-dohr? — Pergunto.

Georgie gesticula no ar.

—A voz. A nave. Ela me ensinou.

—Magia? — Pergunto ceticamente. A única mágica que conheço é a magia khui e não ensina línguas.

Ela ri, o som brilhante e glorioso. Então, seus olhos ficam um pouco embaçados novamente e Georgie esfrega a testa.

—Não é mágica. — Diz ela. — Aprendizado. Provavelmente, não estou explicando bem. — Seus olhos se fecham novamente e ela se enrola contra meu peito. —Minha cabeça dói. Você vai me abraçar um pouco mais?

—Sempre. — Digo a ela e a puxo para mais perto de mim. Meu khui bate em meu peito e por enquanto estou contente. Cheio de perguntas e surpresa, mas contente.





—Coma. — Peço a minha companheira, oferecendo-lhe minhas rações.

Georgie faz um barulho e balança a cabeça.

—Esse negócio queima minha língua. Agora mesmo, está fazendo meus olhos lacrimejarem.

Eu olho para seu rosto pequenino e ela está certa; seus olhos pálidos estão chorando e brilhando. Curioso, eu cheiro as rações de viagem. Elas têm um sabor ligeiramente picante para nós, mas é agradável, não sufocante.

—Os seres humanos têm línguas fracas.

—Nah! — Ela me dá um olhar exasperado. — Nós não temos.

—Línguas fracas, olhos fracos, corpos fracos. — Murmuro, divertindo-me em ver a irritação no rosto de Georgie. É um prazer poder falar com ela, realmente falar com ela, e provocá-la. — Fraca em muitos, muitos lugares... mas com uma buceta deliciosa.

Seu rosto fica vermelho e ela bate em meu braço com a mão boa. Uma sugestão de um sorriso curva sua boca.

—Você está sempre pensando em sexo, não é?

—É difícil não pensar quando minha companheira é tão macia e bonita. — Movo um dedo pela curva de sua bochecha.





Ela parece sóbria com minhas palavras.

—Vektal... Eu não sou sua companheira.

—Sim você é. Meu khui escolheu você. Quando você receber um khui, ele vai responder ao meu. Espere e veja.

Ela balança a cabeça.

—Os seres humanos escolhem seus companheiros. Não escolhi ninguém. Não que você não seja legal. — Ela diz me dando outro tapinha calmante no braço. — E não que eu não me importe com você. É só que isso... Um acasalamento deve ser uma decisão mútua.

Uma decisão mútua? Ela está louca? Os seres humanos são loucos?

—Não é uma decisão. O khui escolhe. Ele sempre sabe.

—Mas eu não tenho um khui.

—Vamos remediar isso em breve. — Digo a ela. — Assim que retornarmos à minha tribo, vamos organizar uma caçada para derrubar um dos grandes sa-kohtsk. Eles carregam muitos khuis neles. Devemos conseguir o suficiente para você e suas companheiras.

—Vektal. — Ela diz, seu rosto infeliz. — Você não está me ouvindo. Eu... Eu nem sei se quero um khui.

Meu coração gela ao ouvir suas palavras.





—Você deve receber um. É uma sentença de morte...

—Só se eu ficar. — Diz ela suavemente. — Não tenho certeza. Se houver uma chance de eu poder ir para casa... — Georgie baixa o olhar e desvia os olhos. — Eu ainda não decidi, ok?

—E onde é sua casa, se não é aqui? — Meu coração começa a martelar uma batida lenta e infeliz. Georgie fala em me deixar como se não se sentisse como eu. Como se seu coração não fosse despedaçado ao pensar em se separar de mim. Meu khui nos reuniu, mas estou orgulhoso de tê-la como minha companheira. Não quero outra. Nem agora nem nunca. É impensável.

Ela levanta uma mão, aponta para o teto da caverna.

—No céu. Em um lugar realmente muito longe daqui.

Meus olhos se estreitam para ela. Não a entendo.

—Como nesta nave. — Ela continua. — Seus ancestrais chegaram aqui nesta coisa de outro lugar.

—Esta é a caverna de onde meus ancestrais vieram. — Concorde lentamente. — Mas não voa. — Imagino uma caverna voadora, movendo-se pelos céus como um pássaro. O pensamento é ridículo.

Georgie faz um som frustrado.





—É uma nave. Você sabe o que é uma nave? — Quando permaneço calado, ela tamborila os dedos nos lábios, pensando. — É um veículo que flutua através das estrelas, Vektal. Você sabe que não sou daqui, certo? Não tenho um khui. Então, não posso ser.

Eu aceno com a cabeça porque sei que isso é verdade. Mas a ideia de que ela veio... das estrelas... é estranha e bizarra. Inimaginável. Mas há coisas que não posso responder. Sua linguagem estranha. A sua roupa. A falta de khui.

—Você... deseja voltar às estrelas?

Sua expressão se suaviza em algo triste. Seus olhos pálidos brilham por um momento, molhados com lágrimas não derramadas.

—Eu não sei. Acho que odeio não poder ter uma escolha nessa situação mais do que qualquer outra coisa.

Então, não sou eu quem ela odeia. O meu khui começa a trovejar em meu peito novamente. Eu pressiono uma mão no meu peito.

—Então, eu irei com você.

Suas lágrimas desaparecem e ela dá uma risada suave. Então, aproxima-se e aperta meu braço com o braço dela que não está machucado. Apoiia sua bochecha no meu braço e suspira.

—Queria que você pudesse.





Traço meus dedos por sua bochecha macia. Ela não percebe? Para qualquer lugar que ela vá, eu vou a seguir com prazer. Georgie é meu coração, minha vibração, minha alma. Minha companheira. Aflige-me que ela se sinta tão miserável aqui, comigo.

—Mesmo que eu quisesse ficar. — Diz ela suavemente. — Não posso tomar essa decisão pelas outras. Se houver uma chance de irmos para casa, tenho que deixá-las decidir por si mesmas.

Minha companheira é nobre. Eu rosno meu entendimento, embora meu lado animal queira arrastá-la de volta para uma caverna de caça e mantê-la lá, nua e rosada, até que o assunto dela ir embora esteja fora de questão.

Mas então minha Georgie poderia morrer, porque ela não tem khui. As outras garotas certamente morreriam sem resgate e todos os meus membros da tribo que não têm companheiras, Dagesh, Raahosh, Haeden e tantos outros, nunca conhecerão esse prazer. Como Georgie, eu não posso ser cruel.

—Devemos ir e resgatar suas amigas. — Falo a ela. — Se viajarmos rapidamente, chegaremos às minhas cavernas tribais esta noite. Podemos reunir os melhores caçadores e voltar com eles pela manhã.

—Vamos fazer isso, então. — Diz ela, determinação acentuando sua voz. — Cada momento que passa é outro momento em que me sinto culpada.





—Culpada? — Pergunto a ela, segurando seu pequenino rosto em minhas mãos para que possa me olhar nos olhos. — Por que culpada? — *Por que minha companheira carrega esse fardo?*

Suas bochechas ficam cor de rosa novamente.

—Porque estou aqui com você e estou aquecida, feliz, alimentada e elas não estão.

Ah. Meu polegar acaricia seus lábios carnudos.

—E porque meu pau faz você gritar de tanto prazer?

O rosa em suas bochechas aumenta e ela balança a cabeça.

—Poxa. — Ela diz em seu idioma. Então, no meu: — Mantenha essa conversa entre nós.

Estou me divertindo. Minha companheira é tímida? É isso que significa o rosa de suas bochechas? A mulher khui fica avermelhada na base de seus chifres quando está com vergonha, mas Georgie não tem chifres.

—Isso é uma conversa apenas entre companheiros, minha vibração.

Ela inclina a cabeça.

—Vibração? O que é isso?





Pego sua mão pequena, a que não está machucada e aperto sobre meu peito. Meu khui responde, dando uma batida dentro do meu peito.

—É isto. Só você despertou meu khui. Só você faz meu khui zumbir no meu peito com felicidade. É um sinal de que o companheiro perfeito foi encontrado.

Seus lábios se separam e ela olha para mim, assustada.

—Pensei que você estava ronronando.

—Roon-ronan-du? — Não estou familiarizado com esta palavra.

—Como um gato.

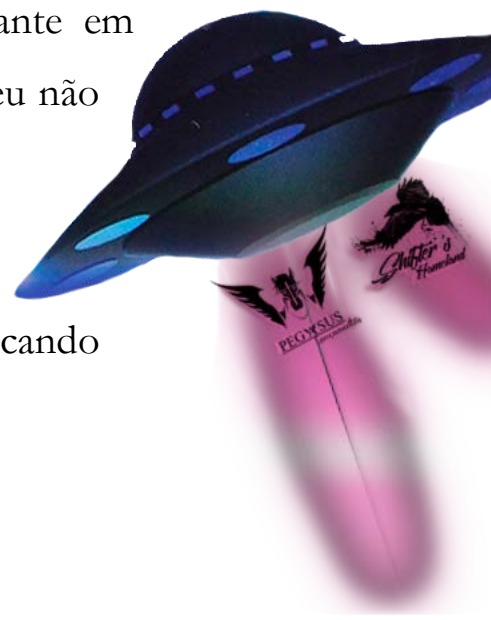
—Gato? Um gato da neve? — Eu penso nas criaturas feias com bigodes e mechas de peles por toda parte. Não me lembro deles ronronarem. Eles são saborosos para se comer, no entanto.

Georgie ri.

—Quer saber? Deixa pra lá. Devemos ir.

Ela se põe de pé e endireita suas roupas. Nós comemos e tudo está pronto para ir, exceto que me vejo estranhamente relutante em continuar. Se eu fizer isso, estou reconhecendo que talvez eu não consiga manter minha Georgie.

O pensamento me deixa miserável. Pressiono meu rosto no estômago dela e a abraço contra mim, buscando





minha paz. Só em pensar que poderia perder minha doce vibração depois de encontrá-la, não posso suportar isso.

—Oh, Vektal. — Georgie diz suavemente. Suas mãos acariciando meus chifres, uma carícia delicada. — Queria que fosse só eu em quem pensar. Então, isso seria mais fácil.

—É fácil. — Digo a ela, pressionando meu rosto em seu corpo coberto de couro. Mesmo através de suas coberturas, posso cheirar seu perfume maravilhoso. Desejo prová-la novamente. — Aceite o khui. Aceite-me.

Ela fica em silêncio, mas suas mãos continuam a me tocar e acariciar minha pele e meus chifres como um acolhimento amoroso. Ela deve cuidar de algo para mim. Ela deve. Mas só diz:

—Eu tenho que ter uma escolha ao menos nisso. — Diz ela suavemente. — Muitas escolhas foram tiradas de mim. Preciso reivindicar algo para mim. Mas por hora, conceda-me isso.

Olho para ela, para seu rosto triste.

—Você sabe que eu não posso recusar nada a você. — Seu sorriso é doce. Triste.

—Eu sei.

GEORGIE





Pondero minhas escolhas o dia inteiro enquanto Vektal segue implacavelmente nosso trajeto após a tempestade de neve, carregando-me nas costas.

Embora esteja me esforçando para negar isso, é perfeitamente possível que nunca possamos voltar para casa. Se os ancestrais de Vektal ficaram presos aqui, provavelmente não poderemos voltar para casa, não importa o quanto tentemos. Nossa outra opção é esperar os homenzinhos verdes voltarem e tentar tomar o controle da nave deles e forçá-los a nos levar para casa.

Ou podemos deixar o planeta do gelo quando eles retornarem, assumindo nosso destino sendo gado ou podemos receber o parasita, desculpe-me, simbiote, e tentar viver da melhor forma aqui com Vektal e seu povo.

Sinto que se estivesse fazendo uma escolha individual, provavelmente seria fácil. Embora, o pensamento de deixar a Terra, meus amigos e minha família me machuquem, uma vida com Vektal pode ser doce e cheia de prazer. Já estou começando a ansiar por ver os sorrisos dele, pela sensação de sua pele na minha. Eu amo o som de sua risada.

Adoro poder saber o que ele está dizendo agora.

Se fosse só eu? Eu definitivamente seria Team Vektal.

Mas sinto que nós, humanas, precisamos tomar uma decisão juntas. Não quero influenciar as outras. Eu tive sorte em encontrar Vektal, mas se ficarmos aqui, podemos estar nos





condenando a uma vida de dificuldades e neve e quem sabe se os outros na tribo de Vektal, os sa-khui como ele diz, irão tratar a todas tão maravilhosamente como ele me trata?

E quem sabe se os homenzinhos verdes não iriam nos vender para alguém em um agradável planeta como o Taiti, cheio de homens sensuais que não querem nada além de companhia enquanto bebem coquetéis de Mai Tai? Ninguém pode dizer com certeza. As probabilidades disso são ínfimas... mas é outro motivo para não influenciar as outras. Seja o que for que decidamos, será como um grupo. Porque vamos tomar decisões não só por nós seis, mas as seis ainda escondidas nos tubos na parede, adormecidas.

Antes que alguém decida alguma coisa, precisamos conversar.

Se quiserem ficar, vamos resolver juntas. Se quiserem lutar contra os alienígenas pelo controle da nave que voltará, precisaremos de armas e de um plano.

Meu pulso machucado dói e lateja, lembrando-me de que estamos todas debilitadas e feridas do acidente. Tentar assumir o controle da nave me parece uma ideia horrível. Talvez seja só eu sendo negativa. Afasto esse pensamento para longe, estou com minhas garotas. Se Liz, Megan, Tiffany, Kira e Josie quiserem lutar por nossa liberdade, o mínimo que posso fazer é me juntar à causa. Ficar para trás e rolar nas peles com meu grande alienígena sexy parece desleal depois de tudo que passamos juntas.





—Lá. — Diz Vektal, despertando-me dos meus pensamentos escuros. — Nosso lar é bem ali na frente. — Meus braços se apertam em torno de seu pescoço e olho através da neve caindo.

Não há nada à frente além de outro penhasco rochoso, quase sem se destacar no meio de uma densa vegetação de árvores cor-de-rosa.

—Lá?

—A entrada está escondida e protegida para impedir que metlaks e outros predadores entrem. Não se preocupe. Estaremos seguros e aquecidos lá. — Ele dá tapinhas no meu braço. — Ninguém ousaria fazer mal a você.

Estou tensa? Devo estar tensa para ele ter feito um comentário desse tipo. É que por todo esse tempo tive só Vektal para me preocupar. Agora estou prestes a encontrar mais trinta outros. Aperto meus braços em volta de seu pescoço. E se todos me odiarem? E se todos pensarem que eu sou horrível de se olhar? E se...

—Ho. — Grita uma voz grossa e sonora.

Vektal ergue a mão no ar em resposta. Eu me agarro às costas dele, preocupação correndo através do meu corpo enquanto outro corpo grande aparece na distância.

—Esse é Raahosh. — Vektal me diz em voz baixa. — Ele deve estar de volta de suas caminhadas de caça.





O outro homem corre pela neve em nossa direção, abrindo caminho através dos montes de gelo. As árvores cor-de-rosa e frágeis se balançam e toda a cena parece ridícula. Eu tento não encarar Raahosh enquanto ele se aproxima, mas, bem... Estou encarando. Enquanto os chifres de Vektal são grandes e grossos, mas lustrosos, a coroa de chifres de Raahosh é uma bagunça quebrada. Ele tem um que se projeta e então se arqueia para trás, sobressaindo acima de sua cabeça. O segundo é incompleto, um mero pedaço. Quando ele se aproxima, vejo cicatrizes cobrindo um lado do rosto largo de Raahosh. Sua pele, er, pelo, er, seja lá o que for, tem um tom acinzentado mais profundo do que a de Vektal... como uma fumaça escura. E se eu pensava que Vektal parecia intimidador, Raahosh leva as coisas a um novo nível.

Ele sorri e ergue a mão enquanto corre para nos encontrar e então seus passos ficam mais lentos quando me vê.

—Pensei que estava sobrecarregado com a caça, irmão. Estava prestes a vir e ajudá-lo.

—Eu tenho muito a dizer. — Diz Vektal e posso ouvir o orgulho em sua voz enquanto gentilmente me coloca no chão. Seu peito começa a vibrar com um ronronado alto e incessante.

Os olhos de Raahosh se arregalam e olha para Vektal e depois para mim.

—Ela? — Ele me olha de cima abaixo. — O que... o que é ela?





—Ela é a Georgie, uma humana e minha companheira. — O braço de Vektal circula meus ombros e ele me puxa contra ele. Posso sentir o ronronado atravessando seu corpo, tão forte que ele está praticamente tremendo. Vibrando, como ele chama.

Raahosh olha para mim por tanto tempo que me sinto desconfortável. Ele considera meu rosto, meu cabelo, sem dúvida procurando por chifres, e depois o resto da minha forma pequena e trêmula. Estou vestindo o macacão de outra pessoa e eu não tive um pente em semanas, provavelmente pareço horrível. Esta é a primeira vez que sinto isso. Vektal sempre me faz sentir... bonita. Como se fosse a coisa mais sexy que ele já viu na vida e mal consegue manter suas mãos longe de mim. Eu não tinha parado para pensar como é maravilhoso ser especial para alguém.

Minha mão vai para a cintura de Vektal e movo-a por suas costas até encontrar a saliência da base de sua cauda. Eu circulo e acaricio distraidamente.

Ao meu lado, Vektal endurece e a vibração em seu peito assume um ritmo ainda mais urgente.

Ele põe uma mão para trás e gentilmente remove minha mão, então acaricia minha orelha.

—Espere até que estejamos em privado, minha doce vibração. Eu sei que você não se sente confortável com exposições públicas de intimidade.





Oops. Será que eu acabei de dar a ele o equivalente sa-khui de uma bombeada “lá”? Um rubor cobre minhas bochechas e eu aceno com a cabeça. Nem olho para Raahosh, porque então ficarei completamente morta de vergonha.

—Hu-ma-na? — Raahosh diz depois de um momento, a palavra engolida em sua garganta. — Os olhos dela...

—Ela não tem khui. — Diz Vektal. Sua mão vai para o meu cabelo e ele me penteia com seus dedos grandes e grossos. Eu me sinto bem novamente. Ele ainda não consegue tirar as mãos de mim e, sim, eu adoro isso. — Nós resolveremos esse problema em breve.

Eu cutuco Vektal com meu cotovelo.

—Vamos discutir sobre isso.

—Vamos discutir sobre isso. — Ele se corrige.

Esboço um olhar para Raahosh que ainda está olhando para mim. Mas não é um olhar de desinteresse ou repugnância. Em vez disso, vejo um anseio quando ele me olha. Não de forma sexual. Em vez disso, é como se o seu melhor amigo acabasse de aparecer com o presente de Natal que você desejava há anos.

—Você tem sorte. — Ele diz finalmente, com a voz grossa. — Em ter encontrado a sua vibração.





—O mais afortunado. — Vektal concorda e seus dedos acariciam meu pescoço. — Mas minha companheira precisa da curandeira.

Eu quero protestar sobre a “companheira”, pois eu ainda não disse sim, mas meu pulso dá uma latejada patética e eu percebo o quanto ainda dói.

—Ver a curandeira parece bom. — Digo fracamente. — Comida também?

—Comida, sim. — Vektal diz e acaricia minha testa. — E roupas quentes. Você dormirá nas minhas peles esta noite.

Coro porque sinto que essa é uma maneira óbvia de dizer “estamos totalmente fazendo aquilo” ao amigo dele, mas Raahosh nem pisca.

—Venha. — Diz o novo alienígena e gesticula para nós seguirmos. — Haverá muitas perguntas.

—Estou pronto para elas. — Diz Vektal.

—Não tenho certeza se estou. — Murmuro. O pensamento de ser questionada por dezenas de alienígenas me encarando me deixa exausta e ainda nem entramos na caverna. — Ainda buscaremos as outras de manhã, né?

—Outras? — Diz Raahosh e há mais do que um interesse casual em seu olhar.

—Georgie chegou com outras cinco humanas. — Diz Vektal. — Elas precisam de resgate.





—Cinco outros seres humanos? — Raahosh pergunta, seus olhos azuis brilhantes se aproximam. — Você fala verdadeiramente?

—Todas são mulheres. — Diz Vektal com uma voz baixa e quase reverente.

Enquanto observo, Raahosh cambaleia.

—Verdadeiramente?

—Verdadeiramente.

Estou começando a ficar preocupada e eu nem mesmo falei sobre as outras seis mulheres nos tubos de hibernação.

—Isso é um problema? — Pergunto. — Vektal, você disse que seu povo ajudaria o meu.

—Não é um problema. — Diz o meu alienígena num tom grave. Ele acaricia minha bochecha. — É uma benção. Existem apenas quatro fêmeas adultas em nossa tribo e todas estão acasaladas.

—Elas vibram? — Raahosh pergunta com uma voz áspera.

—Elas não têm khui. — Diz Vektal. — Mas eu vibrei por Georgie. Outros podem vibrar por uma fêmea humana.

Eu paro o que estou fazendo.





—Peraí, o quê? Esta não é a temporada de caça às senhoritas humanas! Pensei que estivéssemos sendo resgatadas, não arrumando casamentos.

Raahosh simplesmente olha para mim como se eu fosse louca. As minhas palavras provavelmente não fazem sentido em sua língua. Não ligo. Estou tentando conseguir ajuda para minhas amigas, não juntá-las com namorados alienígenas. Penso novamente na “saudação” de Vektal quando me agarrou e iniciou o sexo. Claro, eu gozei algumas vezes, mas isso não lhe deu o direito de tomar a decisão de me declarar sua companheira, nem de decidir que os outras arrumem companheiros sem a opinião delas.

—Ninguém está sendo acasalada sem o consentimento dela. — Digo, cruzando meus braços. Então estremeço de dor porque eu continuo esquecendo que um dos meus pulsos está totalmente ferrado

—Está decidido, minha Georgie. — Diz Vektal. Ele acaricia minha bochecha novamente. — Eu sou o chefe da tribo. Eles me ouvirão. Qualquer homem que desejar acasalar com uma mulher humana deverá ter o consentimento dela.

Relaxo um pouco com isso.

—Consentimento? — Raahosh cospe. — Mas a vibração...

—Não acontece com os humanos. — Digo docemente.

—É algo a ser discutido mais tarde, quando minha companheira não estiver com frio e com fome. — Diz Vektal, entrando





antes que Raahosh possa protestar novamente. Ele coloca um braço protetor sobre meus ombros. — Nós viemos de longe e viajaremos de novo pela manhã.

—Claro. — Raahosh diz com rigidez. Ele se vira e volta para as árvores, e Vektal e eu o seguimos.

As árvores ficam mais numerosas e quando nos aproximamos do penhasco, vejo a entrada de uma caverna extremamente grande. A boca é enorme e larga, maior do que qualquer humano ou sa-khui, mesmo que eu estivesse nos ombros de Vektal e tentasse tocar no teto. Ela se estreita à medida que caminhamos e é para onde Raahosh e Vektal me conduzem. Eu me encolho com o pensamento de passar horas sem fim dentro de uma caverna profunda. Não me parece ser muito seguro.

Mas ao atravessarmos o túnel sinuoso, o ar fica mais quente. Visivelmente mais quente. Parece que estamos indo para baixo, então não deveria ficar mais frio? Estou intrigada com isso até que a caverna se abre em uma câmara maior e o fraco cheiro de ovos podres atinge meu nariz.

E então eu fico simplesmente chocada.

A montanha em que os sa-khuis vivem é oca. A caverna se abre para uma enorme caverna que me lembra de um gigantesco anel de rosca. É circular e o centro é composto inteiramente de uma grande piscina incrivelmente azul. Outra piscina termal, eu percebo com admiração. É por isso que há esse cheiro tão forte de ovos.





Eu aperto meu nariz e olho em volta com surpresa. Há pessoas se banhando na piscina, uma criança minúscula com cotocos no lugar dos chifres espirrando água enquanto um homem a segura e uma fêmea ri nas proximidades. As paredes da caverna se arredondam para cima e o teto tem um buraco nele, quase como um teto solar. A partir daqui, vejo a neve entrar, mas ela derrete na presença do ar mais quente e goteja inofensivamente.

As margens da caverna "*donut*"⁸ estão repletas de cavernas menores, a maioria com ornas e passarelas construídas a partir de rochas adicionais ou de outras formas. Uma ponte feita com algum tipo bambu atravessa um dos lados do teto da rosca para o outro. Há alienígenas em todos os lugares, também. Alguns se sentam nas entradas de suas casas nas cavernas. Outro par tece cestas à distância. De um lado, um alienígena com chifres enormes e arqueados e pele pálida raspa um couro esticado sobre uma armação.

—Vektal voltou. — Uma voz grita alegremente. Exclamações de alegria e conversas surgem na caverna... e todas as cabeças se viram para nós.

E então todos estão olhando para mim.

Parece estranho ser o centro de tanta atenção. Quanto mais cabeças se viram e as pessoas se levantam, outras se aproximam. Há muitos homens. Muitos deles. Alguns estão vestidos apenas de tanga devido ao calor da caverna. Todos eles são musculosos,

⁸ Donut, doughnut, dónute: rosca ou rosquinha é um pequeno bolo em forma de rosca, popular nos EUA e de origem incerta.





altos e bonitos para o padrão sa-khui, estou supondo. Todos estão olhando para mim com uma mistura de curiosidade e anseio.

—Minha companheira. — Diz Vektal orgulhosamente. — Uma humana.

—Mamãe, por que o rosto dela é tão feio? — Pergunta uma pequena voz. Vozes se apressam para silenciá-la. Raahosh parece envergonhado ou engasgado. Não consigo decidir qual deles. Vektal rosna baixo em sua garganta e dá um passo à frente, claramente insultado em meu nome.

Dou risadas. Pensar que essas pessoas estranhas acham que eu sou feia. Eles são aqueles que têm chifres, caudas, olhos brilhantes e uma pele de camurça sobre seus corpos. Eles são os únicos com relevos em toda a sua frente e nos narizes e, em outras partes interessantes do corpo.

Vektal me arrasta contra seu peito em um aperto possessivo e de repente me encontro pressionada a um peitoral coberto de colete, duro como pedra.

—Esta é minha companheira. Eu vibrei por ela. — Como se concordasse com ele, seu peito começa a vibrar, um ronronado grosso e constante vibrando sob minha bochecha. — Ela é linda para mim. Diferente, porém bela. — Ele passa os dedos por dentro dos meus cabelos. — Eu vi sua bravura, seu espírito e sua vontade. Ela confiou em mim quando não tinha motivos para isso. Ela me deu o seu corpo quando não tinha khui para instigá-la e não importa o que outros olhos além dos meus enxerguem nela... e para mim, ela é a criatura mais maravilhosa, mais bela e mais atraente.





Meus olhos lacrimejam com emoção. Ok, para um bárbaro, ele é muito bom em fazer discursos românticos. Definitivamente vou lhe dar uma “surpresinha” quando ficamos sozinhos novamente.

—O que é um huu-mah-no? — Pergunta alguém.

—Existem outros? — Diz outra voz.

—Ela diz que há cinco. — Diz Raahosh com aquela voz baixa e reverberante. — Todas mulheres.

Estremeço com a surpresa e a admiração que enchem as vozes na caverna. Agora lascou. Esses caras vão pensar que foi aberta a temporada de acasalamento se isso continuar. Especialmente quando há apenas quatro mulheres adultas em sua tribo. Deve haver um montão de necessidade sexual insatisfeita e o que acontecerá quando descobrirem que existem mais seis mulheres em hibernação, além das seis que estão acordadas?

—Vektal. — Murmuro desconfortavelmente. Enquanto os outros alienígenas ficam mais animados, fico mais nervosa.

Todos os olhos se fixam em mim ao som da minha voz.

Vektal me puxa mais forte contra ele.

—Haverá tempo para responder a perguntas mais tarde. Minha companheira sobreviveu a uma provação. Ela está com fome, cansada e precisa da curandeira. Onde está Maylak?





—Aqui. — Diz uma voz doce. Uma mulher com chifres arqueados e longos cabelos escuros que se move para frente. Ela segura uma criança em seu peito e sua barriga está arredondada com outra. Seus olhos brilhantes me observam com fascínio.

—Bom. — Diz Vektal. — Venha com Georgie e comigo até a minha caverna.

Ela balança a cabeça e entrega o filho para outro homem.

—Deixe-me pegar minha cesta de cura.

Meu alienígena pega minha mão e me puxa com ele. Os outros seguem e eu não os culpo por me encararem. Mais sussurros são ouvidos quando eu viro minhas costas para eles e ouço comentários sobre minha cauda que está faltando. Olho em volta, apenas a tempo de ver Raahosh se afundar nas sombras com uma lança agarrada em seus braços. Ele me observa atentamente, mas não de uma maneira assustadora. Se tivesse que fazer apostas, diria que Raahosh vai fazer o que puder para conseguir uma companheira humana.

O pensamento me deixa desconfortável. Deve ser difícil em uma tribo cheia de homens solteiros e solitários... literalmente.

Vektal me leva pelo labirinto de cavernas para uma das costas ao longo da beirada da rosca. Há algumas penas que parece uma decoração no lado de fora da porta, mas nada para marcá-la como a casa do chefe. Parece como qualquer outra caverna





aos meus olhos. No interior, é quente e acolhedora. As peles se derramam sobre um ninho felpudo em um canto na parede e há uma prateleira feita de pedra com alguns utensílios domésticos. Há uma fogueira no canto, apagada e o que parece ser uma rede de bambu pendurada em uma parede. Dou a Vektal um olhar curioso.

—Pescaria?

Ele sorri, com um olhar de menino.

—Eu queria ver se podíamos pegar um dos grandes peixes no lago salgado.

Lago salgado? Estamos perto de um mar? Eu tenho muitas perguntas.

—Esta é minha caverna... e sua casa agora também, Georgie. — Depois de um momento, acrescenta: — Se você me aceitar como companheiro. — Ele parece incerto, infeliz e sinto uma pontada de tristeza que minha indecisão está machucando-o.

A pilha de peles parece convidativa e não posso deixar de me mover para ela. Sento-me na beirada e gemo de prazer quando afundo na cama. Esta é, de longe, a cama mais legal e confortável que tive desde que cheguei aqui.

—Estou ansiosa para me enrolar aqui. — Digo a ele.

Seus olhos se acendem e ouço o ronronar trovejar em seu peito.

Oh. Ele entendeu meu comentário como um sinal verde. Deveria corrigí-lo. Em vez disso, espalho-me nas peles um pouco





mais, pensando nas palavras doces dele, sobre o quão linda e forte sou. Arqueio minhas costas para que meus peitos se projetem. Sua atenção vai para lá, e vejo o olhar em seus estranhos olhos brilhando aquecidos.

—Devo entrar? — Diz uma voz feminina.

Vektal faz uma careta.

—Sim. Venha, Maylak. — Ele se move para meu lado e pressiona um beijo em meu cabelo. — Eu vou falar com meus caçadores. Maylak cuidará de você.

Quero fazer beicinho, mas meu pulso está doendo e se Maylak tiver comida, ela é minha nova pessoa favorita.

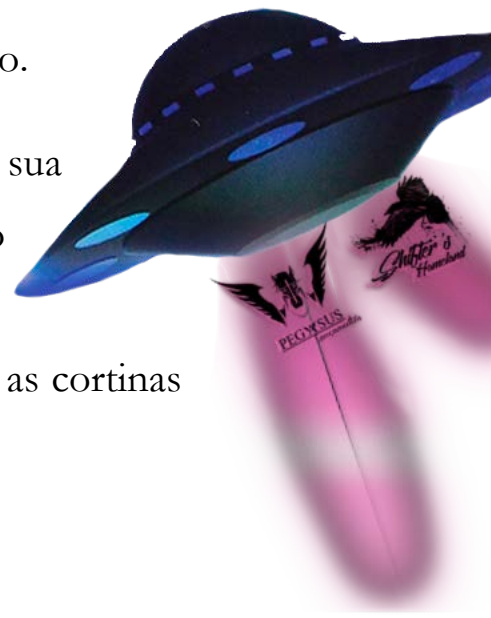
—Tudo bem. Não demore muito, certo?

—Nunca. — Ele diz fervorosamente e seus dedos acariciam minha bochecha. — Se você estiver dormindo, vou acordá-la acasalando nossas bocas.

Um rubor escaldante colore minhas bochechas.

—Chama-se beijo, Vektal. — Descrever um beijo daquela forma faz com que soe como algo completamente depravado. E sou pervertida o suficiente para ficar completamente ligada só em pensar nisso.

Ele simplesmente me dá um olhar malicioso, pressiona sua boca na minha e depois sai de sua caverna. Estou admirando o último vislumbre de seu traseiro musculoso quando Maylak atravessa a entrada um momento depois, separando as cortinas





das portas. Ela carrega uma grande cesta em suas mãos e sorri para mim, mostrando presas delicadas.

—Posso me juntar a você?

Eu concordo. A observo enquanto ela adentra pela sala, todos os passos fluidos, e percebo a diferença entre ela e um macho da tribo de Vektal. Seus chifres são menores e mais delicados, embora pareça que os chifres são como o nariz para essas pessoas na medida em que alguns são enormes e alguns são apenas menores e menos tortuosos. Provavelmente, tem mais a ver com hereditariedade do que com testosterona. Suas características são tão fortes e pesadas como as de Vektal, mas seus olhos parecem ser maiores e com cílios mais longos, sua boca é larga com lábios volumosos. Seus seios são pequenos e todo o seu corpo parece mais texturizado do que suave, mas ela se move de uma forma completamente sensual que me deixa com ciúmes. Seu cabelo é longo e lindo, ondulando em uma cachoeira escura até a cintura e sua cauda.

Ela também está vestida curiosamente. Seus couros parecem mais intrincados do que os de Vektal, com desenhos pequenos e interessantes trabalhados no couro macio que lembram um bordado. Os desenhos debruçam-se na bainha do decote, artisticamente entalhada, e cruza sobre os ombros largos e cobre frouxamente em cima da barriga dela. É amarrado no alto do seu quadril, revelando calças cobertas com mais do bordado espalhado pelo couro. Seus pés estão nus quando ela chega ao meu lado e estou surpresa. É mais quente





nas cavernas, ok, mas ainda é frio para mim. Mas as pessoas de Vektal parecem vestir roupas como se fosse um dia de verão.

Estou com bastante inveja disso. Gostaria de estar aquecida para variar.

Em um movimento fluido, Maylak senta na minha frente, com as pernas cruzadas. Ela coloca sua cesta no chão da caverna ao lado da cama, apoia suas duas mãos nos joelhos.

—Posso curá-la?

—Um... sim? — Não há nenhuma palavra em seu idioma para “ok”.

Ela toma minha mão machucada suavemente na dela, tira os couros e depois desenrola as amarras que Vektal colocou. Meu pulso ainda está machucado e inchado e à medida que as ataduras são removidas, ele lateja com dor renovada. Para minha surpresa, Maylak fecha os olhos e aninha meu pulso, como se estivesse esperando por algo.

Er... OK. Eu espero, já que parece indelicado perguntar o que diabos ela está fazendo. Depois de um longo momento, ela abre os olhos e franze o cenho para mim.

—Você não tem khui. Pensei que Vektal estivesse equivocado.





—Não. — Digo com um sorriso fraco. — Ele tem razão. Eu não tenho um khui. —A palavra parece estranha na minha boca.

Ela põe meu pulso para baixo gentilmente.

—Estranho. Eu não posso fazer muito por você, então. O meu khui é especial. — Ela diz, tocando em seu peito e depois estendendo a mão para fora. — Ele pode invocar o seu khui e encorajá-lo a trabalhar mais forte.

—Ah. — Bem, pelo menos, ela não está se oferecendo para esfregar cristais ou lama em mim ou algo parecido com um bárbaro. — Está tudo bem, sério.

— Posso embrulhá-lo por agora. — Diz ela, mexendo em sua cesta. — Depois de você tomar um khui, então posso curá-lo por você.

Não digo nada. Eu não decidi exatamente se quero um parasita planetário, embora as probabilidades certamente não estejam a meu favor no momento.

—Posso perguntar algo?

—Claro. — Seus olhos grandes e brilhantes olham para mim.

—Você se lembra de ter recebido seu khui? — É por isso que todas essas pessoas são tão blasé sobre ter uma tênia?

Seus olhos se arregalam e ela balança a cabeça.





—Nossos filhos nascem desamparados, sem khui. Eles são vulneráveis até terem quatro dias de idade. Então, caçamos o grande sa-kohtsk e transferimos um khui para a criança.

—Por que esperar quatro dias?

—A criança deve estar forte o suficiente para receber o khui. — Diz ela. — Caso contrário, é morte para ambos, criança e khui. — Suas mãos são gentis enquanto ela tira pedaços de ossos de sua cesta e os apoia dentro do meu curativo de couro, apoiando meu pulso.

—Dói?

Ela encolhe os ombros graciosos.

—Não sei. Eu era muito jovem quando aceitei o meu. É muito raro que um khui morra e um novo tenha que ser encontrado para um sa-khui. Não aconteceu durante minha vida.

Isso não está ajudando com minha preocupação ao pensar em receber um simbionte em meu corpo.

—Você o sente se mexendo? Você sabe que ele está lá? Tipo... ele pode falar com você?

—Falar? — Ela arregala os olhos e ri até ver o quão sério está meu rosto. Então, sua risada morre. — Não, claro que não. Não fala. É como ter um coração ou um pulmão ou um estômago.





Você tem um khui. — Novamente ela encolhe os ombros. — Alguns passam toda a sua vida sem sentir a vibração. Essa é a única vez que o khui desperta. Então, torna sua presença notada ferozmente.

—Com o ronronar.

—Ronron...?

—O som. — Corrijo, então tento imitá-lo em minha garganta. — Isso faz você ronronar perto de seu companheiro, certo?

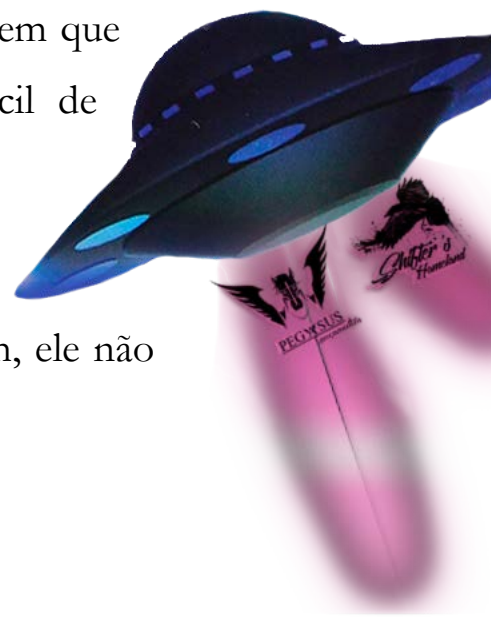
—É mais do que apenas isso. — Diz ela, amarrando a última das ataduras ao redor do meu pulso. Sua mão vai para o peito dela. — A pessoa sente uma intensa onda de urgência quando o khui ganha vida. É como... uma agitação no espírito. — Está claro que ela está se esforçando para descrever a sensação.

—Como a adrenalina? — Sugiro, então, acrescento: — Como descer correndo de uma colina muito rápido? Ou durante uma caçada?

Ela acena com a cabeça lentamente.

—Mais que isso. Isto é... possessividade também. Seu companheiro é seu e aqueles que esperam para reivindicar seu companheiro sentem que o sentimento se intensifica ao longo do tempo. É difícil de descrever. É mais do que sentir. É saber.

Isso me preocupa um pouco. Imagino Vektal e o que ele deve estar passando quando ressoa comigo. Ainda assim, ele não





pareceu estar surtado. Possessivo, sim. Mas satisfeito. Talvez seja diferente de pessoa para pessoa.

—É parte de nossas vidas. — Diz ela gentilmente. — O khui escolhe o companheiro e o khui nunca está errado. Traz mais prazer do que qualquer um pode imaginar quando se vibra contra seu companheiro.

—E você ficou feliz com o companheiro que ele escolheu para você?

O sorriso dela curva docemente.

—Meu Kashrem? Não, no começo estava bastante brava. O khui nem sempre escolhe quem pensamos que queremos nas nossas peles. Kashrem é um tratador de couros, não um caçador. Eu era jovem e estava atraída por um caçador em particular, com quem eu compartilhava as peles. — Seus longos cílios tremem e ela se vira para a cesta e tira roupas. — Trouxe estas para você. Vektal disse que você está frequentemente com frio, então espero que ajudem a mantê-la aquecida.

Estou sentindo que ela tentou mudar de assunto.

—Com quem você compartilhava peles antes de você, er, vibrar? — Pergunto, me questionando se é um tabu trazer o assunto à tona.

Mas a expressão dela é sincera quando olha para mim.

—Vektal, é claro. — Fico atordoada com a pontada de ciúmes que me atinge. Esta era a amante do meu alienígena? Meu alienígena que viveu uma vida de solteiro antes de vibrar por





mim? Imagino o cenário: Maylak e Vektal rolando na cama. Ele lambendo-a como fez comigo. Então ela se levanta e corre para outro homem só porque vibrou por ele.

Então meu ciúme desaparece e estou cheia de compaixão por meu Vektal. Como isso deve ter desapontado ele. Ter tido uma amante quando havia tão poucas mulheres na tribo deve ter parecido um presente. Então, ela é tirada de você, deve ter sido um tempo muito obscuro para ele. Talvez, seja por isso que está tão feliz por me ter. Sinto uma onda de carinho pelo grandão.

Totalmente recebendo uma “surpresinha” esta noite.

VEKTAL

Os homens têm perguntas sem fim, como sabia que teriam. As mulheres vibrariam por eles? Quantas existem? Como elas são? Elas têm companheiros? As humanas são do mesmo formato de uma mulher sa-khui?

—As diferenças são pequenas. — Digo a eles. — Elas não têm caudas e suas bocas são pequenas, elas não têm presas afiadas. Elas não comem carne fresca. A carne deve cozinhar até não ter sabor.

Alguém faz um barulho de engasgo.

—Mas... você vibrou por ela? Ela é pequena. Ela aguenta levá-lo? — Salukh pergunta, o maior dos nossos caçadores. Sem





dúvida, ele está se imaginando ao lado da pequena Georgie e tentando encaixar-se nela. O pensamento me deixa curiosamente zangado. Eu sei que é uma pergunta inocente, Salukh nunca teve uma companheira para compartilhar suas peles. Ele quer muito uma.

Deveria compartilhar as informações que tenho. Deveria dizer-lhes antes de penetrar a sua buceta apertada e molhada de Georgie é como um sonho. Que ela convulsiona e aperta os músculos em torno do meu pau quando sente prazer, assim como nossas mulheres. Que seus mamilos são pontudos com uma pele texturizada macia e rosa, como sua língua. Mas isso parece muito íntimo para compartilhar. Porém, quando vejo o olhar ávido de Salukh, sei que ele espera que uma das fêmeas humanas faça seu khui vibrar. Então, será capaz de reivindicar uma companheira e ter uma família, seu maior desejo.

Então, eu lhes dou alguns fatos inofensivos.

—Ela tem pelos em outro lugar em seu corpo. No seu sexo. — Ao ouvir as exclamações de surpresa, eu acrescento: — E um terceiro mamilo.

—Outro mamilo? — Raahosh pergunta, sua voz rouca. Descrente. — Para amamentar bebês? Onde fica?

—Entre suas pernas.

Ele bufa, claramente achando isso ridículo.

—Ela é deformada e ainda assim não aceita o acasalamento? Ela deveria ter sorte de ter você.





Suas palavras me enfurecem. Eu me levanto.

—Você fala por amargura, Raahosh. — Digo a ele. — Você está com ciúmes porque vibrei e seu próprio khui permanece em silêncio depois de todo esse tempo. Minha companheira é perfeita em todos os sentidos. Não é culpa dela que ela venha de um lugar com costumes diferentes. Em sua terra, elas escolhem seus companheiros.

Alguém murmura com estranheza.

—Georgie receberá um khui em breve. — Digo a eles. Ela deve. Não posso suportar a ideia de que pode declinar e me deixar para voltar para seu estranho planeta. O pensamento me golpeia como uma faca e luto contra a agonia que o pensamento me traz. — Quando ela tiver o khui e sentir a vibração, saberá o que significa ser acasalada. Até lá, eu vou cortejá-la com carícias e afeição. Só porque ela não vibra por mim não significa que vou tratá-la de forma diferente.

—Provavelmente é uma coisa boa que ela tenha vibrado por você então, Vektal e não por Raahosh. Ele teria achado ela incompleta. — Aehako provoca.

As narinas de Raahosh se alargam. Ele me fulmina com um olhar frio e depois se dispara para longe da reunião de homens.

Esfrego o rosto com cansaço. Estou feliz por estar em casa com a minha tribo, mas meu corpo dói por Georgie. Estou ansioso para me juntar a ela na cama.





—Preciso de caçadores e suprimentos para manhã. — Digo a eles. — Nós vamos resgatar as outras humanas. Quem se juntará a mim? — Logo, eu tenho um bom grupo de caçadores que se ofereceram. Não me surpreende que sejam todos machos e jovens não acasalados. Os mais velhos podem estar acostumados com a solidão, mas os outros, como eu, têm fome de uma companheira. O Jovem e valente Salukhirá. O risonho Aehako. O quieto e calado Pashov e seu irmão Zennek. Rokan, o esquentado, que tem uma língua rápida, mas sentidos mais rápidos ainda. O talentoso Zolaya e Haeden, o mal-humorado, cuja triste história serve como uma lição para os outros. Suspeito que, com o chegar da manhã, Raahosh aparecerá e se juntará a nós. Ele é um excelente caçador, apesar de sua amargura.

É um bom grupo. Maylak vai querer ir, mas Kashrem se preocupa de que a caminhada seja muito longa para ela carregando o kit. Ela ficará para trás.

Assim que os caçadores estão decididos, dou ordens para providenciarem rações, cozidas e sem especiarias. Peles de água para as mulheres humanas. Revestimentos de pé quentes. Couros extras. Cobertores, tanto quanto os homens consigam carregar. Iremos diretamente da estranha caverna das humanas para uma caçada de sa-kohtsk. Lá vamos conseguir para as mulheres seus khuis.

Então, minha Georgie vibrará por mim. Ela estará segura, sua vida não estará ameaçada pela doença do khui. Ela e nossa criança serão protegidos contra danos.





—Durmam. — Digo aos caçadores. — Vamos sair ao amanhecer do segundo sol.

Os homens se dispersam, embora duvide que qualquer um deles vá conseguir dormir. Eles estarão sonhando com mulheres humanas de rostos lisos, com terceiros mamilos e corpos acolhedores.

Meu próprio corpo endurece com o pensamento de Georgie, esperando por mim na cama. Corro para minha caverna, ansioso para ver minha companheira de novo. Aehako solta uma piadinha, mas eu ignoro. Não me importo em mostrar que estou ansioso. Qualquer homem não acasalado com prazer trocaria seu lugar pelo meu e eles sabem disso.

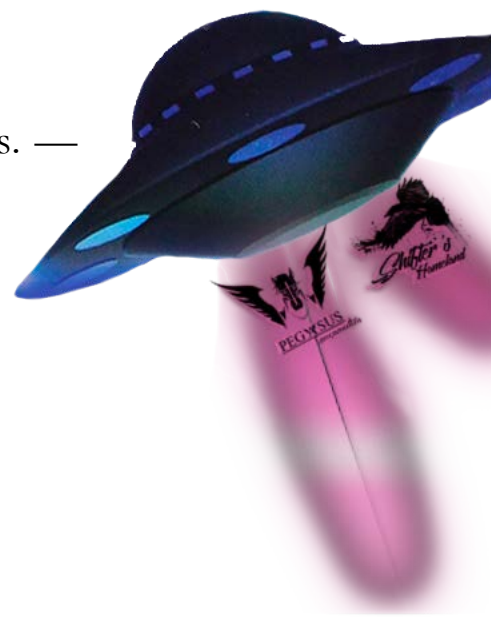
O interior da minha caverna está escuro e silencioso, sem pedras de fogo descobertas para gerar uma luz suave. Não preciso delas. Conheço minha pequena moradia de cor. Eu me movo para a cama e ouço a respiração suave de Georgie, meu khui troveja novamente. Meu coração é invadido com amor e desejo por essa humana suave e forte. Ela já é tudo para mim.

Eu passo meus dedos sobre seus cabelos suaves e ela se mexe.

—Mmm, Vektal?

—Volte a dormir. — Digo a ela, tirando meus couros. — Vou me juntar a você na cama.

Ela se senta e com a luz pálida, vejo seu cabelo desgrenhado em sua cabeça.





—Pensei que você ia me acordar com um acasalamento da boca. — Ela diz, sua voz está rouca e cheia de promessas.

Eu gemo, meu pau endurece com a sua sugestão.

—Você está cansada e deve dormir, minha vibração. Sairemos de madrugada.

—Então teremos que ser rápidos. — Ela diz e suas mãos vão para minhas calças. Não me atrevo a me mexer enquanto suas mãos desfazem os laços da minha tanga e ela tira o couro. Meu pau encontra o ar livre e em seguida, em um momento depois, está preso em suas mãos pequenas e quentes. Impossivelmente, ele cresce ainda mais. —Mmm, tenho sonhado com isso o dia todo. — Georgie me diz com uma voz deliciosa.

Parece incrível demais pensar nisso.

—Verdade? — Minhas mãos vão para seus cabelos macios, incapaz de resistir a tocá-la. Tiro uma mecha de cima de sua testa enquanto ela envolve suas mãos ao redor do meu pênis e aperta-o com força. Não é tão gostoso quanto me enterrar profundamente na sua buceta, mas estou fascinado e estimulado por seus movimentos.

—Sim. — Diz e quando ela fala, seus lábios se movem para a coroa dolorida do meu pau. Eu suspiro e meu khui começa a vibrar. Um pulsar forte e insistente de necessidade.





Então, mal posso acreditar quando ela toma meu pau em sua boca. Sinto a cabeça envolvida por uma umidade quente e quase derramo minha semente. Eu gemo, meu corpo inteiro se esticando em resposta. É diferente de tudo que já experimentei antes. Tive mulheres me agradando com a boca, mas a dela é... diferente. Sua boca suave me sugando com sua língua lisa e macia me faz sentir como se estivesse mergulhando em sua buceta. É só com muita força da vontade que consigo me controlar para não empurrar meu comprimento profundamente em sua boca. Eu não quero sufocá-la.

Ela move a língua sobre a cabeça do meu eixo e aperto meus punhos, lutando contra a necessidade de bombear nela. Estou fascinado com o que está fazendo. Com pequenas mordidas e toques de sua língua e lábios, move-se sobre o meu pênis, da base até a ponta novamente. Então, Georgie pega a cabeça na boca e move sua língua contra ela.

—Você é muito grande para tomar você mais fundo. — Ela murmura, sua voz soa impressionada. —Mal consigo circular meus dedos ao seu redor.

—Isso é... bom?

Georgie ri, o som gutural e sensual.

—Para mim é. — Ela passa a língua sobre a cabeça do meu pau novamente.





—Georgie. — Murmuro. O sangue do meu corpo parece estar se acumulando no meu pau. Meu khui rugindo em meu peito. — Se eu não estiver dentro de você logo...

—Espere. — Ela murmura suavemente e eu a ouço se mexer na cama. Então, o cheiro de sua excitação perfuma o ar e ouço o som da carne úmida sendo esfregada. Ela geme. — Ah, sim, estou molhada.

É demais pra mim. Eu gemo novamente e a empurro para trás na cama. Avanço em suas roupas, está tudo diferente. Por que está diferente? Até que encontro seu núcleo liso e convidativo. Eu arrasto meus dedos sobre seu sexo e ela está certa, está molhada e pronta para mim. Seguro seus quadris, empurro meu pau contra a entrada e, em seguida, impulsiono dentro dela.

Ela geme e sinto que sua buceta me aperta, fortemente.

—Oh. — Ela geme. — Ah, Vektal. Faça isso de novo!

Minha companheira está fazendo muito barulho e outros a ouvirão. Eu não ligo. Puxo-a para trás e empurro para dentro novamente, minha bombeada empurrando para o fundo, o esporão acima do meu membro penetrando através de suas dobras molhadas.

Ela grita novamente e eu sinto que a buceta dela se aperta em torno de mim.

—Eu jáaavou gozeaaar. — Ela cospe em seu próprio idioma. — Noaaa senoraaa! — Paro, preocupado e sua mão que não está





machucada batendo no meu braço. — De novo. — Exige na minha língua. — Assim!

Com uma risada, dou a minha companheira doce e exigente o que ela quer. Bombeio nela, uma e outra vez e meu khui vibra com intensidade, tão forte que sinto o impacto no meu queixo e no meu pau. Georgie também deve estar sentindo isso, porque está se contorcendo debaixo de mim, fazendo barulhos excitados e ofegantes. Suas mãos arranham meus ombros e ela grita:

—Mais, mais. — Repetidamente faço o que Georgie manda, empurrando de novo e de novo, empurrando mais e mais, novamente até ela gritar de prazer. Sua buceta me aperta com força e finalmente derramo minha semente dentro dela, ejaculando tão forte que estrelas dançam diante dos meus olhos. Fico em êxtase por um momento e quando me puxa para deitar na cama ao lado dela, fico ao seu lado com gratidão.

Com meu pau ainda enterrado dentro dela, viro-me de lado e envolvo seu corpo com o meu, suas costas pressionadas no meu peito. Ela se contorce um pouco nessa posição.

—Estou sentindo você pressionando esse... no meu... hum... na parte de trás. — Diz ela, tentando achar a palavra certa.

—Meu esporão? — Pergunto, rindo. Fico excitado com o pensamento de possuí-la dessa maneira. Não é uma posição que meu povo faz. Não quando temos caudas que atrapalham. — É desconfortável?





Ela se contorce de novo.

—Não, é só meio... esquisito.

Coloco uma mão satisfeita sobre a barriga plana dela.

—Teremos tempo para descobrir juntos nossas preferências e coisas que não gostamos, minha Georgie, não se preocupe. — Então meu coração de repente congela em meu peito.

Isso se ela decidir ficar aqui comigo. Se.

—Mm. — Ela diz, sua voz sonolenta. Então, faz um ruído no escuro. — Seu khui parou.

—Ele se silencia por um tempo depois de um acasalamento. — Digo a ela. —Ele não ficará quieto nem mesmo quando o kit chegar.

—Kit? — Ela pergunta e posso sentir a expressão franzida em confusão em seu rosto. — O que é essa palavra? A imagem mental que estou recebendo com a palavra é a de uma criança.

—Está correto. —Digo a ela e acaricio minha mão em seu estômago novamente. —Um kit é uma criança.

—Por quê... como eu poderia ter seu filho? — Pergunta ela, seu corpo ainda junto ao meu. — Eu sou uma alienígena. Na verdade, você que é, mas para argumentar, nesse planeta, digamos que sou eu.





Eu não expliquei isso a ela?

—É assim que o khui escolhe. — Digo a ela. — Ele determina a prole. Um companheiro de vibração é o único que pode gerar filhos. A descendência só vem através de um acasalamento determinado pelo khui.

—Espera aí. Espere, espere, espere. Espere. — Georgie geme e então sai da cama. Sinto uma sensação de perda à medida que meu corpo se move para fora dela. Meu pau já anseia por voltar ao aconchego do calor molhado dela. Mas ela está fazendo sons angustiados. — Peraaaaaí. Vektal, seja direto comigo.

—Direto. — repito, confuso com o uso da palavra. — Você quer que eu faça uma linha?

—Não! Diga-me a verdade!

—Estou lhe dizendo a verdade. — Falo, desconcertado.

—Você... você tremeu, vibrou, porque seu khui decidiu que você poderia me engravidar? — Ela pergunta, sua voz aumentando de volume.

—Sim. — Digo, não tenho certeza de onde isto está indo. — Um khui sempre responde a uma mulher fértil.

Ela geme novamente.

—Não. Você não pode me engravidar. Minha menstruação era para ter vindo... oh porra! — Diz ela em





seu próprio idioma. — Porra! PORRA!! Minha menstruação nunca atrasa! PORRA!!!

—Porrha? — Eu ecoo. — Não conheço essa palavra.

Georgie se abaixa para a cama, apenas para bater um punho contra meu braço.

—Significa que eu estou atrasada! Significa que você pode ter me engravidado, seu idiota!

—Idhi... tha? — Também, não conheço essa palavra.

— Porra! — É tudo o que ela diz.





PARTE SEIS

Repercussão

GEORGIE

É difícil ficar com raiva de um cara que não sabe por que você está tão chateada.

Não, delete isso. É fácil ficar com raiva de um cara assim. É realmente muito difícil ficar com raiva de um cara que te trata como se você fosse a oitava maravilha do mundo, que a mima a cada momento e age como se o bebê que você está carregando em sua barriga fosse a única coisa que ele sempre quis na vida. Especialmente, difícil ficar chateada enquanto ele e nove de seus caçadores mais fortes viajam através de densas nevascas no frio intenso, carregando suprimentos para o que acham que são cinco mulheres mais humanas, e na verdade são onze.

Ainda não disse essa parte para eles. Uma bomba de cada vez. E se decidirmos testar nossas chances com os homenzinhos verdes, não haveria razão para despertá-las e sujeitá-las a coisas novas e assustadoras. Como por exemplo, caras azuis grandões com chifres que querem potencialmente acasalar com elas e colocar um bebezinho em suas barrigas.





Sinto o desejo de tocar minha barriga, apesar de estar atualmente agarrada as costas de Vektal atravessando a neve, indo em direção à montanha gelada onde deixei as garotas. Talvez, não tenha tido a opção de escolha sobre essa coisa de ter um bebê, mas... Eu não estou chateada. O que é estranho para mim. É difícil ficar com raiva quando se vê tanta alegria no rosto de outra pessoa, e dar a Vektal essa alegria também me dá uma doce sensação de satisfação.

Talvez, esteja mais apaixonada pelo cara do que gostaria de admitir.

—Lá. — Diz Vektal, sua voz quase perdida no vento. Há uma tempestade de neve e isso está fazendo nossa caminhada um pesadelo. Não importa quantas peles eu use, não consigo me sentir aquecida, até Vektal está empacotado contra o frio. Estou coberta da cabeça aos pés, luvas cobrem minhas mãos e meus dentes ainda estão se batendo. Noto que isso está afligindo Vektal, mas quando sugere que eu fique esperando por eles na “caverna dos anciãos”, recuso. Não deixarei as outras para trás. Não posso. Preciso vê-las para garantir que estejam seguras.

Enquanto fazíamos uma pausa na caverna dos anciãos durante a noite, alguns dos sa-khui aprenderam inglês através do raio no cérebro. A versão da nave não está inteiramente correta, mas está perto o suficiente para que eles possam falar com as outras mulheres pelo menos.

Não deixei escapar o fato de que Raahosh foi o primeiro a correr para receber o raio. Ele definitivamente está planejando se conseguir uma noiva humana. Digo a Vektal e o aviso





para ficar de olho no caçador. Ele concorda e nós passamos a caminhar perto de Raahosh, na frente do grupo desde então.

O pedaço preto da nave a distância é quase invisível à vista, coberto inteiramente por neve. A preocupação me invade de novo, por deixar todas sozinhas por tanto tempo. Isso nunca foi parte do plano. Sou uma líder de merda.

—Oh. — Digo suavemente. — Depressa, Vektal. Por favor. Se alguma coisa aconteceu com elas...

Deixo as palavras se perderem no uivo do vento amargo. Eu nem quero chegar a pronunciá-las.

Vektal dá tapinhas em meu braço com uma luva.

—Tudo ficará bem, doce vibração. Não se preocupe. Estamos aqui.

Curiosamente, suas palavras são reconfortantes. Este não é mais um resgate de uma só pessoa. É um resgate com onze. Eu não tenho mais que fazer isso tudo sozinha. Esses alienígenas loucos estão me apoiando.

O que é realmente muito legal.

—Em frente. — Vektal grita e acelera o ritmo, tomando a dianteira. Eu me apego ao seu pescoço com força e não dou nem um pio de protesto mesmo que sua corrida áspera esteja matando meu pulso machucado. Eu tenho que saber se todas estão bem. Elas têm que estar.





O tempo parece ficar mais lento quando chegamos ao compartimento de carga descartado. A neve está quase na fenda do casco e eu movo das costas de Vektal quando os outros se aproximam dos nossos lados.

—Vamos entrar primeiro. — Diz Vektal.

—Eu entro primeiro. — Declaro teimosamente, dando um passo à frente.

Vektal pisa na minha frente novamente com uma sacudida de sua cabeça.

—Deixe-me ir antes. Caso haja algo perigoso.

Quero protestar, mas sua mão vai até a minha barriga e me acaricia. Ah, Merda. Um bebê a bordo muda totalmente o jogo, não é? Concordo e toco em minha barriga quando ele desengata uma faca de osso e desce no porão.

Estrelas surgem na frente dos meus olhos e percebo que estava prendendo a respiração. Exalo profundamente, então tenho que me concentrar em inspirar e expirar. Está tão quieto lá. E se todas estiverem mortas? E se...

A cabeça de Vektal aparece através da fenda no casco e me estende uma mão, sua luva removida.

—Venha para baixo, Georgie.

Dou um alto suspiro de alívio e pego sua mão. Ela é forte e quente e novamente, lembro-me de como Vektal tem me





apoiado. Sinto uma onda de gratidão, enquanto ele me ajuda a descer no porão novamente.

O fedor do interior me atinge. Cheira a urina, fezes e a corpos não lavados, mas felizmente, não a coisas mortas.

—Gente? — Eu falo. Os cobertores estão encolhidos nos cantos do compartimento de carga, imóveis. Isso faz meu coração se apertar e eu tropeço em direção ao montículo de cobertores. — Liz? Kira? Megan?

Levanto um dos cobertores da ponta para revelar o rosto afundado de Kira. Ela me dá um sorriso fraco.

—Ei, Georgie. Você voltou.

Os meus olhos se arregalam ao vê-la. Ela está mais pálida do que antes, com o cabelo emaranhado. Seus olhos estão vazios e sem vida, ela parece estar tão fraca que duvido que tenha forças até para se mover. Ao seu lado, Tiffany dorme, sua pele negra seca e acinzentada.

—Vocês estão bem? Você pode se sentar? — Eu a puxo contra mim, ignorando o protesto do meu pulso machucado. Em algum lugar da distância, Vektal está pedindo para seus homens trazerem comida, água e cobertores.

—Eu acho que é a doença. — diz Kira, sua voz exausta. Ela parece levar uma eternidade para piscar e quando pisca,





seus olhos não se concentram. —Nós estamos mais fracas a cada dia que se passa. Tiffany não consegue acordar.

Inclino-me sobre Kira e aperto meus dedos sobre a testa de Tiffany. Ela está queimando de febre. Ela também não se mexe com meu toque.

—As outras ainda estão vivas? — Pergunto a Kira.

No outro lado da sala, vejo Raahosh se dirigir em direção aos cobertores. Ele ergue uma das pontas da coberta e então, com muita suavidade, levanta Liz e a aninha nos braços. Ele segura uma pele de água sobre sua boca para que ela possa beber.

Vektal coloca uma pele de água na minha mão quando mais guerreiros pulam dentro do compartimento, olhando ao redor. Eles não comentam sobre o cheiro, o que é bom, porque isso me deixaria com raiva. Em vez disso, eles olham com curiosidade para as mulheres humanas que estão despertando. Pego a pele para que Kira possa beber. Há uma estranha tensão no ar.

Um ronronar suave.

Minha cabeça dispara.

—Quem é? — Pergunto. — Quem está vibrando?

Os alienígenas ficam em silêncio. O ronronado desaparece. Eu estreito meus olhos. Alguém simplesmente





acabou de vibrar por uma das mulheres, outro problema que não precisamos no momento, e está escondendo.

—Georgie. — Diz Kira, atraindo minha atenção volta para ela. —Estou tão feliz em ver você. — Ela diz, sua voz suave e feliz. —Você trouxe ajuda. Você nos salvou.

Pego o som fraco de outra pessoa vibrando também e meu coração se afunda. Não tenho certeza se as libertei ou lhes trouxe um novo conjunto de problemas.

—Nós precisamos conversar. — Digo a ela. — Todos nós.



Duas horas mais tarde, depois de comerem e beberem, as garotas estão se sentindo um pouco melhor. Ainda estão fracas e apáticas, mas até mesmo Tiffany foi despertada por uma refeição de caldo entregue por um sa-khui que se chama Salukh. Roupas quentes foram fornecidas e os homens estão praticamente se derretendo sobre as mulheres, que os observam desconfiadas.

Eventualmente, dou a Vektal um olhar exasperado quando outro macho fica em cima de Megan que está alarmada e continua tentando oferecer pedacinhos de carne crua.





—Vocês poderiam deixar este lugar? Precisamos de espaço para conversar entre nós com segurança.

Ele parece querer protestar e depois desiste. Em vez disso, acena com a cabeça, beija minha testa e diz aos homens:

—Venham. Vamos caçar para alimentar as mulheres. Pashov, Zennek, guardem a entrada. O resto de vocês vem comigo.

Eventualmente, os homens se organizam e saem, embora vários olhares de saudade sejam lançados na direção das mulheres humanas. Então, finalmente estamos sozinhas de novo, pego uma tigela do caldo quente e me sento com o resto das garotas, aconchegadas umas às outras contra uma das paredes.

—Então. — Digo a elas. — Eu trouxe salvadores. Isso traz coisas boas e ruins.

—Do jeito que eu vejo, é uma coisa boa. — Diz Tiffany com uma voz exausta. — O que há de tão ruim em ter um monte de alienígenas grandões e sarados agindo como babás?

—É mais do que apenas isso. — Digo cautelosa.

Kira está me dando um olhar suspeito.

—Como você aprendeu a língua deles tão rápido?

Então, eu falo sobre a nave espacial que Vektal chama de caverna dos anciãos, em como a língua foi despejada no meu cérebro





por um raio de laser, sobre toda a coisa do “parasita” que parece ser um requisito para a vida em *Not-Hoth*.

— A tribo de Vektal só tem quatro mulheres e eles estão com expectativas de arrumarem noivas e que nos tornemos parte da família.

As mulheres não fazem nenhum comentário quanto a isso, com exceção de alguns sussurros horrorizados ao pensar em um simbiote. Não as culpo.

—Se ficarmos aqui. — Digo — Estamos nos comprometendo com uma vida totalmente diferente. Não é uma escolha que pode ser feita de qualquer jeito. Temos outras opções. Podemos optar por não aceitar o... simbiote. Podemos lutar em vez disso.

Tiffany balança a cabeça.

—Mas estamos tão fracas agora. Eu mal posso levantar meus braços. — Outras concordam.

Também, estou exausta, não tão ruim quanto as outras porque Vektal está cuidando de mim. Mas em outro dia ou pouco tempo depois? Posso estar como elas.

—Isso sem mencionar que não sabemos quando a nave voltará. — Diz Megan. —Ou se voltará.





—Eu acho que eles vão voltar para nos buscar. — Diz Kira, pensativa. — Eles não vão querer perder uma carga tão valiosa e pelo que parece, somos extremamente valiosas.

—Mas que maravilha. — Diz Liz com um tom sarcástico. — Então, eles voltarão.

—E podemos lutar, ou podemos resistir para que eles não possam nos levar daqui. — Digo a elas.

—Estou mais do que um pouco assustada com a ideia de receber essa coisa simbiótica. — Megan confessa. — O piolho.

—Khui. — Corrijo, depois estremeço. E se o negócio se parecer com um piolho? — Lutamos, então?

—Garota. — Diz Tiffany. — Eu mal consigo levantar as pálpebras. Eu não posso lutar. Eu voto que fiquemos com os grandões.

—Aí está o dilema. — Digo, esfregando as mãos na minha testa. Estou com uma dor de cabeça que não vai embora. Não sei se é a doença do khui ou o cheiro do porão, mas estou com dor e frustrada. — O khui escolhe companheiros. Então, se ele decidir que você seria geneticamente perfeita tendo bebês com seu pior inimigo, você não tem direito a nenhuma escolha no negócio.

—Mas isso é melhor do que ser gado. — Liz assobia.





—Mesmo que consigamos assumir de alguma forma a nave, não há garantia de que poderemos voltar para casa ou que eles nos levarão. Eles poderiam mentir para nós sobre isso e não teríamos nenhuma ideia.

—O que você quer fazer? — Pergunta Josie. — Você continua nos perguntando o que queremos. Diga-nos o que você está pensando.

Minha mão está na minha barriga.

—Estou um pouco tendenciosa em uma direção porquê...estou grávida. Com o bebê de Vektal. Ele está vibrando para mim e, aparentemente, isso significa que, apesar do fato de que não somos da mesma espécie, ele pode me engravidar. Então, quero ficar.

No momento em que digo tudo em voz alta, sinto-me aliviada. Claro que quero ficar. Estou começando a me apegar a Vektal. Posso até amar o grandalhão. E eu estou carregando seu filho. Ter sido sequestrada por alienígenas do mal e agora ter que receber um “piolho”, como Megan o chama. Ele não fez nada além de me amar.

—Grávida? — Tiffany repete. — Em uma semana? Sério, garota?

—Porra, garota, nós não podemos deixar você sozinha por cinco minutos. — Diz Liz. — Falando sério, sinto que se você deixar nossas vistas novamente, você vai aparecer de volta com uma ninhada.

Um rubor quente preenche minhas bochechas.





—Para ser honesta, pensei que ele não poderia me fazer engravidar se fosse sexo entre espécies.

—Um pastor alemão pode engravidar uma Chihuahua. — Aponta Liz. — Adivinha qual você é.

Eu olho para ela.

—Eu não queria dizer nada sobre isso para não influenciar vocês.

—Tipo, ei, alguém esteve me paparicando e me satisfazendo enquanto vocês estavam esperando por mim. — Liz solta.

Ai, isso dói.

—Eu sinto muito. Eu...

—Não se sinta mal. — Diz Kira, entrando na conversa. Ela toca no braço de Liz antes que possa fazer outro comentário. — É que tem sido difícil para nós.

—Confie em mim, descobrir sobre a gravidez também foi uma surpresa para mim.

—Então, vamos ficar? — Pergunta Josie.

Olho para os rostos cansados e exaustos de minhas companheiras cativas.

—Se vocês estão decididas, sim.





—Se um cara aparecer aqui com um hambúrguer, ele pode plantar quantos bebês ele quiser dentro de mim. — Diz Liz.

Ouçõ movimento e conversas murmuradas lá fora. Suspiro e olho para Liz.

—Mencionei que alguns deles aprenderam inglês na antiga nave?

—A oferta está de pé. — Diz Liz com um sorriso. — Devemos acordar nossas senhoritas nos tubos?

Olho para a parede e sinto um pouco de ansiedade.

—Elas realmente vão nos odiar, não vão?

—Por quê? — Diz Kira. — Não é como se tivéssemos sequestrado elas. Estamos dando a elas uma saída.

— Uma saída que envolve piolhos e se acasalar com um alienígena. — Ressalto.

—Você não está reclamando. — Diz Liz. — Se eles nos tratarem com pelo menos metade de jeito que Vektal a trata, não parece ser uma coisa tão terrível. E é melhor do que ser gado, não é?

Aceno com a cabeça e depois toco em minha barriga.

—Eu acho que nós vamos acordá-las, então. Talvez, devêssemos advertir Vektal e aos outros de que são onze de nós.





Em torno de mim, os olhos das mulheres se arregalam.

—Você não disse que há mais seis? — Pergunta Josie.

—Oh merda, eles vão pensar que o Natal chegou por aqui. — Diz Liz e começa a rir. — Eu mal posso esperar para ver a cara deles.

VEKTAL

Quando, finalmente, acho que minha companheira não pode mais me surpreender, ela traz algo novo.

—Então, Vektal. — Ela diz, caminhando para mim quando volto com meus homens e o corpo de um dvisti para que os seres humanos coloquem no fogo até ficar não comestível. — Podemos conversar por um minuto?

Os outros homens me atiram olhares invejosos quando minha companheira toca em meu braço e meu khui começa a ronronar. Um dos homens também vibrou, mas ninguém está assumindo quem foi. Não o culpo. Com as humanas ainda indecisas se permanecerão ou irão, um pensamento que é como uma faca rodando no meu intestino, ninguém tem certeza de como agir.

Mas Georgie me dá um sorriso encorajador e me puxa para o lado. Sua mão vai ao meu peito e a seguro junto ao ronronar do meu khui.





—Então, eu tenho boas notícias e más notícias. Qual você quer primeiro?

—Há más notícias? — Eu estou abalado. O desejo de agarrar minha companheira e fugir com ela me atinge como um golpe palpável. — Se é algo ruim, você deve me dizer agora. Não posso suportar isso.

Ela parece um pouco alarmada com a minha resposta.

—É uma brincadeira humana, Vektal. — Diz ela. — Não fique tão chateado. Não sei se é uma má notícia tanto quanto é uma notícia surpreendente.

Exalo lentamente.

—Estou pronto.

—A boa notícia é que vamos ficar. — Diz ela, com pequeno sorriso brincando nos seus lábios. — Nós conversamos e votamos.

Não sei o que é votar, mas as palavras que ela está me dizendo me enchem de absoluta alegria. Puxo-a para mim e aperto meus lábios contra os dela. Ela se contorce e uma risada feliz escapa dela. Então, envolve seus braços ao redor do meu pescoço e me beija de volta e por um momento, nada mais existe no mundo além da minha Georgie e sua boca suave e doce.

—Minha vibração. — Murmuro entre beijos. — Você me enche de alegria.

Ela interrompe o beijo e há um olhar preocupado em seu rosto estranho e suave.





—Você pode não gostar do que mais eu tenho a dizer.

Quero dizer-lhe que nada mais importa. Não enquanto ela estiver comigo. Mas há tanto ansiedade em seus olhos estranhos que eu engulo as palavras.

—O que é?

—Seus homens estão aqui para resgatar cinco mulheres. — Ela diz, seus dedos mexendo com os cadarços no meu colete. Georgie não me olha nos olhos. — Mas há mais seis de nós. Hibernando.

Eu observo Georgie por um longo momento. Suas palavras não fazem sentido. Talvez, ainda não tenha captado toda a nossa língua.

—A palavra que você diz, isso significa... dormindo? Ou você quis dizer outra coisa?

—Não, quero dizer hibernando. — Diz ela novamente. Sua mão menor agarra a minha e me puxa para a parede com os painéis estranhos e luzes, assim como na caverna de nossos anciãos. Quando chegamos à parede, ela a toca com um tapinha de sua mão. — Elas estão dormindo aqui e não têm ideia do que está acontecendo.

Estou surpreso.

—Dormido nas paredes da sua caverna?

—Sim. — Diz, sua expressão triste. — Tínhamos medo de acordá-las. — Ela me conta uma história incrível sobre ser





tirada de sua casa enquanto estava dormindo e acordar dentro de uma caverna. — Nós somos as extras. Estas na parede são a carga original.

Não entendo suas palavras, mas entendo o que ela está me dizendo.

—Seus números são duas vezes o que parecem.

—Espero que você não esteja bravo, for favor? — Seu rosto está preocupado.

Bravo? Estou extasiado. O fator de haver cinco mulheres jovens, saudáveis e que podem se tornar companheiras parece ser um presente dos deuses. Haver seis a mais é um prêmio impensável. Quero abraçar Georgie contra mim e esmagá-la em um abraço por salvar minha tribo da extinção iminente. Em vez disso, devo manter a calma.

—Mais seis mulheres... E elas ficarão assustadas e confusas e precisarão ser tratadas com cuidado. — Ela concorda com a cabeça.

— Seus homens precisarão ter cuidado ao redor delas. Elas não foram mantidas presas como nós. Até onde sabemos, ainda podem pensar que estão em casa, dormindo em suas camas. Tudo isso será muito estranho e assustador para elas. — Aperta minha mão. — Nós não queríamos acordá-las antes de nos decidirmos. Você entende o que estou dizendo?

Entendo. Georgie está me dizendo que por mais relutantes que as humanas acordadas estejam ao se juntar a nossa tribo,





essas mulheres podem ser ainda mais. Que levará tempo e paciência para trazê-las para a nossa tribo.

—Compreendo.

—Algumas delas podem rejeitar o... khui. — Diz, sua boca lutando para formar a palavra. — Isso também deve ser escolha delas.

Não é algo que compreenda, mas enquanto Georgie tomar o khui, eu não me importo com o que os outros fazem. Pressiono a palma da mão dela em minha boca.

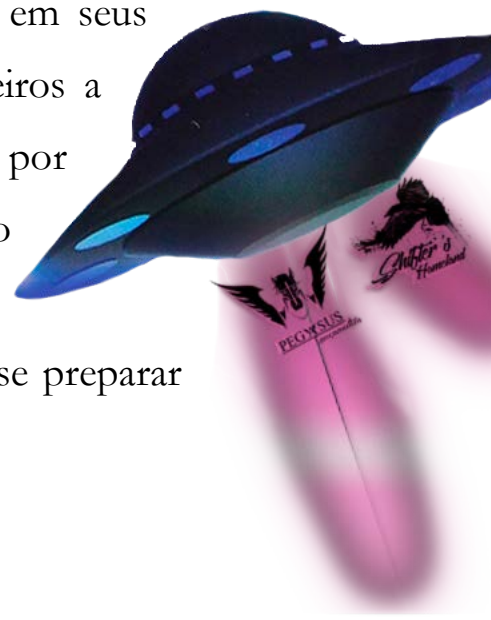
—Devo deixá-las sob sua responsabilidade.

Ela concorda com a cabeça, um olhar sombrio em seu rosto.

—Eu vou despertar as outras, então.



Os homens se afastam, um pouco maravilhados com a mais nova revelação de que há ainda mais fêmeas humanas. Vejo a ansiedade em seus rostos, eles querem ficar na caverna para serem os primeiros a lançar os olhos sobre as novas fêmeas, na esperança de vibrar por uma. Mas sabemos que as mulheres terão fome quando acordarem e o instinto masculino sa-khui é alimentar e cuidar de sua companheira. Então os homens começam a se preparar





para caçar e Georgie e suas mulheres começam a trabalhar abrindo os compartimentos. Eu assisto a distância, incapaz de deixar minha companheira sair da minha vista. Ela e suas mulheres estão fracas e apáticas e estou preocupado com o fato de que a doença do khui seja demais para elas.

Com a ajuda de Kira como tradutora, elas conseguem abrir a parede estranha, revelando seis longos tubos com mulheres flutuantes e despidas. Georgie está certa. Mais seis mulheres, tão parecidas com minha Georgie que faz com que meu coração se aperte com desconforto ao pensar nela presa dentro de um desses tubos.

Uma a uma, as mulheres são liberadas dos tubos. Há confusão no início, seguido de soluços e choro. As outras envolvem a nova fêmea com uma pele quente e a leva para responder às perguntas que possa ter, alimentá-la e vesti-la. Algumas mulheres têm o olhar vazio e desfocado enquanto Georgie e as outras explicam. Uma delas está furiosa. Há uma com cabelos laranja flamejante e manchas cor de laranja em toda a sua estranha pele pálida. Ela me vê e reprime um pequeno grito, para em seguida ser confortada com pequenas batidinhas de Georgie e das outras mulheres.

Minha companheira está certa. Vai demorar algum tempo antes que essas mulheres estejam confortáveis e elas não têm tempo. Georgie e suas mulheres não podem durar muito mais sem um khui.





À medida que as mulheres compartilham roupas e conversas, saio para verificar meus homens que foram exilados do porão para dar tempo as humanas de se aclimatarem. Alguns dos meus caçadores ficaram para trás para proteger o porão enquanto os outros procuram por mais comida. Entre eles estão Aehako e Rokan.

Aehako pressiona uma mão em seu peito.

—Eu não sei se o meu coração está batendo rápido de emoção ou se é vibração.

Eu dou um tapinha em seu ombro.

—Você saberá quando você vir o rosto da sua mulher. Até lá, não se preocupe.

—Eu desejei ter uma companheira por toda a minha vida. — Diz ele. — Agora eu não consigo parar de me perguntar se será uma das fêmeas humanas. Imaginar ter uma família depois de tanto tempo. — Há uma dor em sua voz que entendo bem. Antes da minha Georgie, senti a mesma coisa. Agora minha vida está quase completa.

Quando ela receber o khui e sua vida não estiver mais em perigo, sentirei contentamento total em meu coração.

—Quando podemos olhar para elas? — Ele pergunta.





—Em breve. — Digo a Aehako. — As humanas estão assustadas. Isso é tudo novo e nós somos estranhos para elas. Dê-lhes um pouco mais de tempo para se ajustarem.

—É difícil ser paciente. — Diz Rokan. Ele parece estar mais calmo do que Aehako, mas as mãos que agarram sua lança estão com as juntas brancas de tanta força que ele está usando para se controlar. — Sabendo que há fêmeas tão perto...

E aceno com a cabeça, mas meu olhar está nos homens a distância. Os caçadores estão retornando e há pressa em seus passos. Eu os vejo se aproximarem, e quando Raahosh chega à frente do grupo de caça, ele está sem fôlego, mas exultante.

—Um sa-kohtsk está perto daqui. Um grande.

Eu concordo.

—Então, vamos levar nossas humanas para ele na parte da manhã. — Meu próprio sangue se agita com entusiasmo. Os sa-kohtsk são vagantes solitários. Encontrar um tão próximo do acampamento humano é um sinal. Eu decido que é hora de tomar uma atitude. Entrando na caverna humana, ignoro os olhares assustados que as novas humanas me lançam e chamo Georgie para o meu lado.

Ela vem, toda com beijos e sorrisos. Suspeito que isso seja tanto para meu benefício quanto para as humanas desconfiadas verem que não sou um perigo.





—Oi. — Ela diz com uma voz alegre, no entanto, parece cansada. Todas as humanas parecem estar cansadas.

Pego sua mão na minha para beijar a palma da mão novamente e ela me dá outro pequeno suspiro de prazer. Eu posso cheirar sua excitação ao meu toque e isso está fazendo meu khui zumbir no meu peito. Mas não posso toma-la hoje à noite. Ela precisa descansar.

—Amanhã, nós sairemos daqui.

—Para ir para suas cavernas?

—Para ir caçar o sa-kohtsk. Buscaremos o khui para você e para as mulheres.

— Ela se inclina um pouco, mas concorda com a cabeça.

— Se for preciso, iremos.

—Precisamos de mais tempo. — Diz Liz. Ela parece estar mais fraca do que o resto, magra e debilitada. Mas ela tem uma língua teimosa em sua boca. — Nem todas nós compramos essa ideia. — Ela coloca um braço em volta dos ombros de uma nova humana e a mulher treme e se inclina para o abraço de Liz.

—Vocês podem não ter muito mais tempo. — Começo, mas sou interrompido por um apito agudo. No fundo da caverna, Kira aperta uma mão na orelha e desmaia. Georgie passa uma mão em seu próprio braço, estremeando.

—O que foi? Que barulho foi esse? — Pergunto.





Sua boca se abre com dor e ela afasta a mão do braço mesmo quando o barulho morre. Há uma luz piscando em seu braço, logo abaixo da pele, uma luz vermelha e irritada.

—Os alienígenas estão voltando. — ela me diz. — Nós precisamos sair.

GEORGIE

Nós somos um grupo triste quando partimos do compartimento de carga pouco tempo depois. As novas garotas estão chorando e confusas. Elas querem mais peles do que temos. Querem sapatos melhores. Elas estão com fome, com frio e cansadas. Talvez, seja esgotamento, mas estou frustrada com elas porque estamos fazendo o melhor que podemos e elas simplesmente continuam a reclamar. Sei que isso é novo e assustador, mas estou querendo que entendam a nossa realidade.

As mulheres também querem evitar os homens, que nos lançam olhares de expectativa e interesse. Alguém continua ronronando, embora ninguém assuma quem é. Provavelmente seja melhor assim, porque acho que as garotas não conseguiriam lidar com o pensamento de arrumar um namorado alienígena agora. Não com tudo isso acontecendo.

Meu braço lateja. Acabou de receber um curativo, mas ainda dói pra caramba. Uma vez que os sensores dispararam, iniciamos a ação, preparando-nos para sair do acampamento. Antes,





porém, nós tiramos os sensores, temíamos que fossem rastreadores, tivemos que nos livrar deles rápido.

Então assim saíram as facas de suas capas e, cinco minutos, e muitas lágrimas, mais tarde, os rastreadores foram removidos. Pashov foi enviado para despejá-los na caverna de metlaks mais próxima. Deixe os pequenos homens verdes levá-los se os quiserem cativos.

Agora, o resto de nós atravessa o anoitecer nevado, exceto por Josie, que é carregada por um cara enorme chamado Haeden. Estamos tentando ignorar o frio amargo, buscando algo que Vektal chamou de sa-kohtsk, que tem o khui que precisamos e que nos salvará.

Eu sou totalmente a favor de ser salva neste momento. A exaustão dificulta até mesmo eu me manter de pé e Liz está tão fraca que Raahosh decide carregá-la sobre o ombro como um saco de batatas.

Um dos batedores aparece, acenando sua lança acima.

—Sa-kohtsk. — Ele grita na distância. — No vale. Depressa!

Vektal coloca um braço em volta da minha cintura. Ele agora está carregando Tiffany, que está muito exausta para até mesmo levantar os pés.

—Venha, minha vibração. — Ele me diz. — Estamos perto.





—Estou bem. — Digo a ele, avançando. —Eu...

O chão vibra sob meus pés.

—O que foi isso? — Pergunto, parando. Terror corre através de mim, pois o tremor no chão acontece de novo.

Até a neve nos meus pés vibra.

—Aquilo... — Diz Vektal, levando-me para frente de novo. — ...é um sa-kohtsk.

Ah, merda. Estou um pouco aterrorizada com o que estamos prestes a encontrar, mas chegamos até aqui. Vektal e seus homens continuam na frente, então não temos escolha além de seguirmos em frente.

—Você já caçou muito isso? — Pergunto-lhe.

—Não muitas vezes. — Ele me diz. — Somente quando um khui é necessário. Eles também são muito ferozes.

—Ótimo. — Digo secamente.

—Vai dar tudo certo. — Vektal me diz e me dá um tapinha reconfortante no braço, o que só me envia uma onda de dor através da minha nova ferida.





Pelo menos quando eu tiver um khui, Maylak poderá me curar. Nesse ritmo, tudo o que ela terá é um monte de peças em formato de Georgie. Eu preparo a faca que carrego comigo.

—O que está acontecendo? — Pergunta uma das novas garotas, tremendo em suas peles. Seu nome é Nora, eu acho e ela é uma das novatas mais fortes.

O chão treme novamente e Vektal aponta para um bosque de árvores cor-de-rosa à frente.

—Levem as mulheres para lá. Se a criatura vier na direção de vocês, escondam-se nas árvores.

—Subindo nelas? — Eu olho para as outras mulheres. — Eu não acho que elas possam escalar.

—Vocês não precisaram escalar. — Diz Vektal. — Ele não pode chegar até você através delas.

Eu me pergunto se é realmente seguro, mas não há tempo para perguntas. Ele pressiona um beijo na minha testa e depois passa Tiffany para mim. Ela está tão fraca que se agarra a mim e eu tenho que arrastá-la para as árvores com a ajuda de Nora.

Parece um pouco sexista ter todas as mulheres se escondendo debaixo das árvores enquanto os homens saem para lutar, mas olho para as mulheres que me rodeiam e sinto um pouco de desespero. Nós estamos fracas, esgotadas e não





estamos acostumadas com todo esse frio. Se os homenzinhos verdes aparecessem agora, seríamos impotentes para lutar contra eles, mesmo que os superássemos em número.

O chão treme novamente e ao meu lado, Kira agarra uma lança enquanto Liz geme.

—Que merda é essa? O parque dos dinossauros?

—Eu não sei. — Digo a ela. Mas preparo a faca que carrego comigo.

Algo dá um rugido agudo e os pelos na minha nuca se arrepiam. Parece estar perto, realmente se aproximando e o chão treme novamente. Megan reprime um soluço de susto e as outras mulheres estão sussurrando. Eu assobio pelo silêncio porque quero saber o que diabos está acontecendo, droga. O pensamento de Vektal lá fora com algum monstro enorme me assusta.

E se ele se machucar? E se .. morrer? Meu coração se aperta com o pensamento. Em um curto período de tempo, importo-me com ele mais do que gostaria de admitir, até mesmo para mim.

Não quero estar aqui se Vektal não estiver.

Uma cabeça gigantesca se ergue sobre as árvores. Respiro fundo, olhando com horror. Há uma coisa com quatro olhos azuis brilhantes, dois conjuntos empilhados um sobre o outro. Ela tem presas enormes e está coberto por longos pelos acinzentados. Dá outro rugido agudo e avança, o chão tremendo.





O negócio é mais alto do que todas as árvores e, à medida que passa, vejo pernas longas e magras com pés largos empurrando a neve. Um caçador alienígena fica pendurado de um lado, agarrando-se a uma lança no flanco da criatura.

— Puta merda. — Diz Liz. — Que diabo é isso?

—Eu acho que é um sa-kohtsk. — Digo, sentindo-me fraca. Parece um carro alegórico com pernas. E eles vão matar essa coisa? Minha nossa. Tenha cuidado, Vektal, rezo em silêncio. Mais dois homens avançam, perseguindo-o com lanças. Eu tento localizar Vektal no grupo, mas não o vejo. Ele não carrega uma lança, apenas facas e uma funda e o pensamento me enche de medo.

— Eu gostaria de ter um arco. — Diz Liz enquanto olhamos para a criatura passando.

—Isso é aleatório. — Comenta Kira, seu tom impressionado. Não podemos tirar os olhos do sa-kohtsk.

—Eu era uma arqueira campeã quando era adolescente. — Comenta Liz. — Embora, eu não saiba se conseguiria acertar essa coisa.

—Huh. — É o que Kira diz.

Avanço pela neve enquanto a criatura se afasta das árvores, os caçadores perseguindo-a. Onde está Vektal? Onde? Eu sigo atrás à distância enquanto os homens a atormentam com lanças.





A criatura grita novamente, e sua cabeça balança para baixo, mergulhando no chão. Um alienígena pega uma das presas e quando o animal empurra a cabeça para trás, o homem é lançado para o alto. Prendo a respiração quando reconheço os movimentos graciosos e os longos e brilhantes cabelos pretos. Vektal. Minha mão vai para a minha boca e aperto meus dedos contra meus lábios para não gritar com medo.

Por favor, não seja morto por minha causa, penso. Por favor.

Observo-o enquanto ele se ergue graciosamente sobre a cabeça do monstro. O monstro balança para frente e para trás, tentando desalojá-lo, mas Vektal está firme. Ele puxa algo de seu colete, uma lâmina de osso, penso, e a eleva no ar.

Com um grito de batalha, ele o mergulha para baixo e a criatura grita e se contorce com dor. Atrás de mim, algumas das mulheres sufocam seus próprios gritos. Estou sem fôlego quando Vektal levanta a faca e a enterra uma e outra vez, dirigindo-a para o olho da criatura.

Com um grito final, a criatura cambaleia. Ele dá um passo à frente e depois desmorona. O chão estremece com a força e não posso deixar de correr para Vektal. Empurro a neve grossa que vai até o joelho, ignorando minha exaustão. Eu tenho que ir até ele, saber se está bem.

Quando eu me aproximo, vejo que ele está coberto de sangue da criatura, limpando seu rosto em uma beirada do seu colete. Ele sorri para mim, é um sorriso tão infantil e





doce que sufoco meu soluço e círculo meus braços ao redor de seu pescoço.

— Você me assustou. — Falo em inglês, não me importando que esteja encharcando minhas roupas novas de sangue.

—Georgie? — Ele pergunta, acariciando minhas costas. — Você está bem?

—Estou bem agora. — Respondo na sua língua. — Isso foi assustador.

—Eles são fortes. — Ele admite. — Mas não tão forte que eu não derrubaria um para você e suas humanas.

—Contanto que isso não seja uma ocorrência regular. — Digo a ele.

Sua mão toca em minha barriga e há calor em seus olhos brilhantes.

—Nós precisaremos de um para o nosso kit e com prazer farei isso.

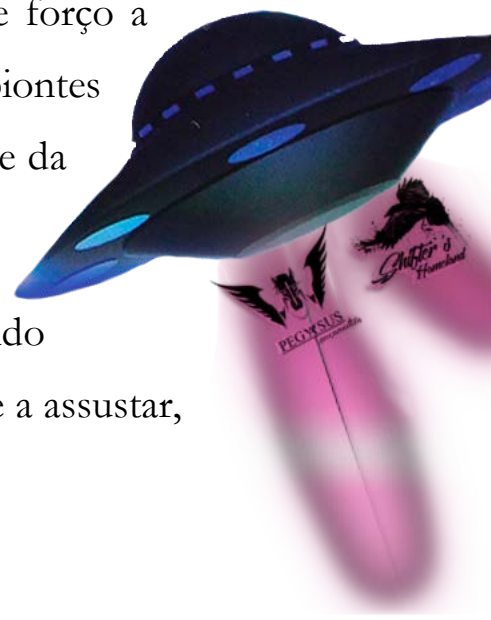
—Tudo bem, tudo bem. — Resmungo. — E agora?

Ele pressiona um beijo na minha testa.

—Agora, nós pegamos os khuis. Reúna as mulheres.

Meu estômago se revira com o pensamento, mas me forço a concordar. Se eles arriscaram suas vidas para obter os simbioses para nós, o mínimo que podemos fazer é manter nossa parte da barganha, já que é para nossa saúde, de qualquer forma.

Eu vou para o lado de Tiffany e ajudo-a a andar, tentando parecer mais confiante sobre isso do que realmente estou. Se a assustar,





as outras também ficarão assustadas. Eu preciso aparentar estar tranquila, calma e confiante sobre isso.

Consigo me manter tranquila, calma e confiante por todos os cinco minutos enquanto nos reunimos nas proximidades. Os homens estão nos observando com avidez, esperança e fome em seus olhos. Ignoro-os, concentrando-me no gigantesco sa-kohtsk caído. As pernas longas e macias estão esticadas e a gorda barriga da criatura se destaca. Eu procuro por algo que se pareça com um verme, por favor khui, não, não se pareça com um verme, mas o casaco grosso e espesso da criatura esconde qualquer coisa que possa estar vivendo contra a pele.

—Onde estão os khuis? — Pergunto, uma vez que os homens parecem estar esperando que as humanas digam algo.

—Dentro. — Diz Vektal. Ele avança e toca meu queixo. — Você está pronta, minha Georgie?

Oh Deus. Eu não sei se estou. Eu engulo com força.

—Vamos fazer isso.

Ele acena com a cabeça e puxa sua lâmina mais longa e mais espessa da bainha de seu cinto. Eu me preparo enquanto coloca a ponta da lâmina contra a barriga da criatura. Em um movimento rápido, ele afunda profundamente e depois começa a cortar. O sangue jorra para fora da ferida e alguém atrás de mim faz





um gemido sufocante. Há um cheiro doentio de ferrugem no ar e me obrigo a ignorá-lo.

Dois dos guerreiros avançam e eles abrem a ferida da criatura, revelando uma massa de órgãos sangrando.

—Como esfolar um cervo. — Liz respira ao meu lado com uma voz curiosamente vazia. — Nada demais. Tranquilo.

Vektal move-se para a caixa torácica da criatura, em seguida, segura cada lado em uma das mãos e empurra para abrir. Há tensão nos grandes braços com a força empregada e depois há um barulho como uma árvore caindo na floresta quando as costelas se abrem.

—Um grande cervo, realmente muito grande. — Diz Liz.

Vektal faz alguns cortes, o som úmido e alto na noite tranquila. Ele puxa um órgão gigante que deve ser o coração, ainda pulsando. Está brilhando por dentro, a luz escondida, mas clara de um azul pálido. Com uma fenda, ele a abre e a luz se derrama.

Há dezenas de coisinhas como minhocas finas, tortas e gosmentas lá dentro.

Vermes.

Oh, meu Deus.





Um dos guerreiros se aproxima de Vektal, e ele entrega o coração antes de puxar gentilmente um dos filamentos brilhantes.

—Eu acho que vou desmaiar. — Diz Kira fracamente.

Acho que também vou. Mas me obrigo a permanecer lúcida enquanto Vektal reverentemente libera o longo e enrolado fio de luz e vem em minha direção com ele em suas grandes mãos. A coisinha está se contorcendo contra as palmas de suas mãos.

—Eles não podem viver por muito tempo no frio. — ele me diz. — Devemos fazer uma incisão no pescoço e dar ao khui um lugar seguro para morar.

Ele me dá um olhar cheio de significado. Agora, eu devo ser uma líder. Nesse sentido, devo confiar nele.

Eu engulo com força, olhando para aquela coisinha incandescente, tão lúcida.

—O que... e se esse negócio for para o meu cérebro?

—Como isso é melhor do que o seu coração? — Liz explode.

—O khui é a essência da vida. — Vektal me diz enquanto segura a cobrinha em suas mãos. Seu olhar está focado no meu rosto e há uma mistura de emoções lá. Se me afastar agora, estou afastando tudo o que ele e seu povo estão nos





oferecendo. Estou afastando uma vida aqui e seu amor, largando tudo por um potencial resgate que não vai acontecer.

—No pescoço, não é? — Eu digo, minha voz vacilante. — Será que vai doer?

—Eu não sei. — Vektal se aproxima de mim e posso ouvir coisinha em suas mãos se mexendo e fazendo um som ronronante.

—Pois bem. — Digo. A coisa está pressionando contra suas mãos, procurando um jeito de mergulhar na pele dele. Sinto-me fraca com o pensamento de deixá-lo entrar voluntariamente dentro de mim... mas que escolha eu tenho?

Eu tomei minha decisão. Eu escolhi Vektal... e nosso filho, que agora pode estar dentro do meu útero.

—Eu preciso fazer o corte? — Eu pergunto a ele. — Ou você faz?

—Eu posso fazer. — Ele diz e me oferece suas mãos para mim.

Pego o khui com uma pequena careta. Parece um fio pegajoso de espaguete, incrivelmente quente, apesar do vento frio e invernal que nos rodeia. A luz cintila fracamente quando ele é transferido para as minhas mãos e experimento um momento de pânico. E se o khui não puder se unir aos seres humanos? Mas Vektal já tirou uma lâmina nova e limpa e sua mão foi para a parte de trás do meu pescoço, segurando-o.





E então não há como voltar atrás.

—Você realmente vai fazer isso, Georgie? — Kira pergunta, soando desfalecida.

—Realmente, vou. — Eu olho para os olhos brilhantes de Vektal enquanto se inclina. Ele pressiona um beijo na minha testa e eu fico novamente impressionada com o quão maravilhoso é. — Eu te amo. — Digo suavemente.

—Você é meu coração, Georgie. — Ele murmura. Eu sinto a pressão fria da faca contra minha garganta por um momento rápido e depois uma picada quando algo toca perto da minha clavícula. Não é profundo, mas o suficiente para que o sangue fique congelado contra minha pele.

Vektal tira o khui das minhas mãos e o levanta e enquanto vejo sua mão com aquele filamento estranho e incandescente se aproximar do meu pescoço descoberto, *acho que não, não, espere, mudei de ideia.*

Mas não importa.

No momento em que o khui toca minha pele, ele começa a mergulhar, buscando calor. Eu solto uma respiração horrorizada quando o sinto mergulhando no meu corpo. É como água gelada se movendo pelas minhas veias e eu posso sentir que está correndo em direção ao meu coração, sim.

Ah, merda.





Tudo está escuro.

O rosto de Vektal está borrando na minha frente.

Isso foi um erro, não foi?

Mas então há calor.

Muito calor.

E um ronronado...

E depois mais escuridão.



Meus olhos se abrem algum momento depois. É curioso porque sinto o vento soprando e a neve caindo ao meu redor, mas não estou mais com frio. Dedos quentes acariciam minha bochecha e olho para o rosto bonito de Vektal. Eu me sinto um pouco rígida e dolorida no geral, mas não me sinto tão fraca quanto antes. Eu lambo meus lábios.

—Deu tudo certo?

—Seus olhos estão com um adorável tom de azul. — Ele me diz, sua voz quente com felicidade.

—Oh? — Eu me sento com sua ajuda e olho em volta. Não se passou muito tempo, penso, desde que recebi meu khui. Há





trovões na distância e os céus estão pretos com a noite. Pisco e olho em volta. Eu me sinto... eu mesma. Não há nada estranho. Nenhum sentimento de “*oh meu Deus tem uma lombriga em mim!*”. Tudo está quieto.

Quanto um floco de neve pousa no meu braço, porém, olho em volta com surpresa.

— Estou quente?

—O khui irá mantê-la aquecida. —Ele diz, sua mão acariciando minha pele. Vektal está me tocando em todos os lugares, como se não pudesse acreditar que estou bem.

—Uau, tudo bem. — Eu olho pelo campo e os homens estão ajudando as mulheres a se levantarem. — Todas aceitaram? O khui?

—Todas. — Ele diz, uma nota orgulhosa em sua voz. Vektal me ajuda a me levantar, embora suponho que não preciso mais da ajuda. Estou bem, por incrível que pareça. Eu me sinto... ótima. —Você foi corajosa e liderou o caminho.

—Eu tenho muito para viver. — O som do trovão aumenta e quando sua mão toca a minha, eu me sinto... estranha. Excitada. É estranho porque tudo o que Vektal está fazendo é tocando em meu braço. Eu olho para Vektal surpresa. Eu tenho que lutar contra o desejo de beijar sua boca, escalá-lo como uma maldita árvore e arrastá-lo para a neve e fazer um amor doce e ardente com ele.

Bom Senhor, o que está acontecendo comigo?





O trovão ruge mais alto e olho para trás.

Vektal ri e pressiona uma mão entre meus seios.

—Você está ouvindo?

—O que é esse barulho?

—É você. — Diz ele. — Seu khui canta para mim.

Eu aperto a mão no meu peito. Com certeza, o barulho vem de mim. Estou ronronando.

—Oh. — Sinto uma piscina molhada entre minhas pernas e meu pulso começa a acelerar como se ele tivesse me tocado de maneiras perversas, apenas em ter a ponta dos dedos de Vektal no meu peito. — Oh, minha nossa, eu me sinto...

—Eu sei. — Ele diz e seus olhos brilham com uma mistura de necessidade e diversão. — Posso sentir o aroma de sua necessidade, minha companheira.

—Oh, minha nossa. — Digo fracamente. — Outras pessoas... outras pessoas também podem sentir meu cheiro? — Se puderem, posso morrer de vergonha aqui mesmo.

—Meus sentidos estão em sintonia com você. Os outros estão muito ocupados ajudando as humanas. Olhe ao seu redor.

— Diz, me puxando contra ele.





Deus, ele é sexy, grande e delicioso e quero enfiar minhas mãos dentro de suas calças e pegar seu pau em minhas mãos. Levo um momento para me concentrar e me agarro ao seu casaco enquanto tento me controlar. É assim que a vibração faz a pessoa se sentir? Quero dizer... Uau. Mas, bom Senhor. Não sei se consigo ficar tão excitada em torno de Vektal constantemente.

Mas... os orgasmos serão alucinantes.

Meu olhar se concentra nas mulheres à distância. Tiffany está de pé, o que é maravilhoso, e um macho sa-khui a mima. Quase todas as mulheres parecem estar sendo escoltadas por um homem da tribo de Vektal e o som de ronronado suave enche o ar.

—Todas elas...?

—Não todas. — Diz Vektal. — Mas algumas, sim. — Ao ver meu olhar preocupado, ele acrescenta: — Eles abordarão as mulheres lentamente. Isso eu prometo. — Então ele faz uma careta. — Exceto por um.

—Um? — Eu olho para o mar de rostos e percebo que um rosto familiar está faltando. — Onde está Liz?

—Raahosh fugiu com ela como um metlak foge com uma caça. — A irritação nubla suas feições. — Ele responderá à tribo quando retornar.

Meu corpo inteiro fica tenso.





—Ele vai machucá-la?

—Machucá-la? — O olhar que Vektal me dá é incrédulo. — Ele a levou para acasalar com ela. Machucá-la é a última coisa em sua mente.

Rapaz, eu quase sinto pena de Raahosh. Ele não sabe em que se meteu tomando Liz. Ela não vai deixar nenhum alienígena conquistá-la sem antes suar muito.

—Tenho certeza de que Liz terá algumas coisas a dizer sobre isso.

Ele me dá um sorriso irônico.

—Estou certo disso também.

Não ficaria surpresa se Raahosh trouxesse Liz de volta, penso comigo mesma. Ela é difícil.

—Podemos ir atrás deles?

—Raahosh é o melhor dos meus caçadores. Se ele não deseja ser encontrado, não será encontrado. Podemos simplesmente esperar que retornem.

—Deixe-me adivinhar. — Digo secamente. — Descalça e grávida?

Ele parece intrigado com minhas palavras.

—Por que seus pés ficariam descalços?





—Não importa. — Dou tapinhas em seu peito e de repente me sinto completamente fascinada com o volume de seus músculos. — Oh, uau. Vektal, eu me sinto muito...

—Em sintonia com a sua vibração? — Ele diz. Sob a minha mão começa a ronronar mais alto e isso faz meus mamilos endurecerem enquanto meu próprio khui responde.

E eu concordo com ele.

Vektal me agarra contra ele e suspiro porque a sensação é... surpreendente.

—Vamos a algum lugar privado então, minha companheira?

—Mas... as outras...

—Os homens vão cuidar delas durante a noite. — Ele diz e traça um dedo pela minha bochecha, o que me deixa tremendo de necessidade. — Eles vão mantê-las aquecidas e alimentadas enquanto se ajustam ao seu khui. E pela manhã, todos começaremos nossa viagem para casa.

Casa. Após semanas sendo uma prisioneira, é tão agradável pensar em um lugar como um lar.

—Aonde podemos ir? — Pergunto a ele, entrelaçando meus dedos nos dele. — Guie-me.

Mas ele hesita.





—Você está se sentindo bem, minha vibração? Você quer descansar? Dormir?

—Neste momento, quero rasgar suas roupas e colocar minha boca em você todinho. — Digo a ele e o ronronar no meu peito aumenta. O mesmo ocorre com a umidade entre minhas pernas. Se estivesse usando calcinha, elas estariam encharcadas.

As narinas de Vektal se alargam e ele sufoca um gemido em sua garganta. Antes que eu possa reagir, joga-me sobre seu ombro e começa a correr na escuridão.

—Nós retornaremos ao amanhecer. — Ele grita para um de seus homens.

—Aproveite a vibração. — Diz o homem, há inveja em sua voz.

Eu me remexo com excitação nos ombros de Vektal. Minha nossa, eu não deveria estar tão excitada, mas estou. O khui cantarolando pelo meu sistema está fazendo me sentir ardente e tão bem, a intensa excitação parece um bônus. Por que estava tão contrária a receber o khui mesmo? Toco em meu esterno e sinto-o zumbindo felizmente. Se isso é tudo o que é preciso para viver ao lado de Vektal pelo resto da minha vida, eu aceito.

Quer dizer, não há banheiros, mas viver como um bárbaro? Não é tão ruim quando você tem um macho bárbaro grandão e sexy com você.





Vektal atravessa a neve por vários minutos e só quando estou prestes a tirar minhas próprias calças eu mesma e começar a me satisfazer, ele para.

—Aqui está longe o suficiente.

Ele me coloca para baixo, e olho em volta com uma carranca. Estamos no meio do nada, algumas árvores dispersas nas proximidades. Há uma grande rocha plana aqui, sobre a altura da cintura e a visão dela me desperta porque imagino-o me montando por trás e me fodendo até que veja tudo branco. Minhas coxas se apertam novamente.

—Aqui?

Sua mão vai para o meu pescoço e me puxa contra ele em um beijo brutal e possessivo.

—Aqui estamos longe o suficiente para que quando eles ouvirem você gritar com prazer, não pensem em vir e resgatá-la.

Coro com suas palavras, mas elas fazem correr uma piscina de calor nas minhas veias.

—Você é uma fera sexy, você sabe disso?

—Tudo o que sei é que eu sou seu. — Ele me diz. Sua boca captura a minha novamente e sinto o raspão de suas presas um momento antes que a língua dele roce contra a minha, as





nervuras se movendo contra minha própria língua e enviando um pico de desejo feroz através de mim.

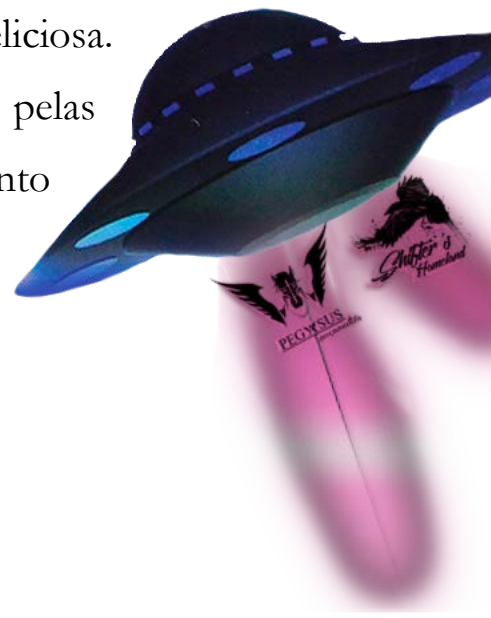
Eu gemo e arrasto minhas mãos nos cadarços de suas calças.

—Quero sua pele contra a minha. — Digo a ele. — Você todo, contra mim. — O meu khui ronrona concordando. Um momento depois, minhas mãos vagantes encontram a cabeça de seu pau e sinto gotas de pré-goço contra a coroa dele. Levo seu pau até minha boca e gemo com o gosto dele. É diferente de tudo que já tenha provado antes: doce, almiscarado e delicioso. Vektal tinha um gosto bom antes do khui, mas agora... caio de joelhos na frente dele.

—Deus, eu realmente quero chupar seu pau.

—Dizem que o gosto de um companheiro de vibração é como nenhum outro sabor. — Ele murmura, sua mão acariciando meus cabelos. — Eu só sei que não há nada mais delicioso do que seu orvalho na minha língua.

Orvalho? Temos que conversar sobre palavras amorosas no futuro. Sorrio para ele e puxo suas calças até que seu pau seja libertado de suas calças. Levo-o na minha mão e gemo de prazer ao sentir seu comprimento quente e latejante, depois lambo as gotas que escorrem pela coroa. Cada uma é deliciosa. Minha mão escapa para minhas próprias coxas, movendo pelas calças que Maylak me deu para que eu possa me tocar enquanto toco nele. Estou absolutamente selvagem com luxúria e preciso dele neste exato momento ou vou perder a cabeça.





Enquanto isso, meu khui está trovejando e pulsando uma melodia no mesmo ritmo da de Vektal.

Parece incrível. Eu empurro um dedo em mim mesma e gemo. Não é o suficiente.

—De costas para mim. — Meu companheiro sussurra, suas mãos me acariciando. — Se você quer ser preenchida tão rapidamente, deixe-me ser o único a fazê-lo.

Eu não preciso de nenhum convencimento. Estou tão molhada, tão escorregadia que sei que posso levá-lo. Fazendo uma cara travessa, subo na pedra e pressiono minha barriga na superfície, meus quadris para cima.

—Vamos fazer isso por trás, Vektal. Lembra? Naquela noite em sua caverna? Você disse que nunca tinha feito isso dessa maneira.

Ele rosna e eu sinto sua boca pressionada nas minhas costas.

—Nunca... por causa das caudas...

— Mas eu não tenho cauda. — Digo, mexendo meu traseiro contra ele.

Vektal segura meus quadris e suas mãos rasgam minhas calças. Estou tentando ajudá-lo também e em poucos segundos meu traseiro está exposto no ar frio e minhas calças estão ao redor dos meus joelhos. Sinto a forte pressão de seu pau contra o





meu quadril e espalho minhas coxas mais abertas, tão abertas quanto minhas roupas permitem.

—Sim. — Sussurro. — Por favor.

Então, meu companheiro empurra dentro de mim e ele é tão grande que um suspiro me escapa. Sinto todas as nervuras de seu pênis enquanto entra em mim, é tão apertado. Mas minha nossa, é tão bom que grito. Meus dedos tentam agarrar a rocha, desesperados por algo para se segurarem. Mas não há nada. Só Vektal e seu pau sendo empurrado dentro mim.

Ele empurra ainda mais fundo e então sinto algo pressionando contra o meu ânus, sinto a invasão do seu esporão contra a abertura em meu traseiro. Isso envia um conjunto inteiramente novo de sensações disparando através de mim e eu praticamente pulo da rocha.

—Mais uma vez. — Grito quando ele puxa para trás. — Oh porra, faça isso de novo!

Então, Vektal bombeia para dentro de mim e em vez de se esfregar em meu clitóris, o esporão é empurrado na entrada do meu traseiro. Parece estranho e apertado e estranhamente excitante.

—Definitivamente teremos que adicionar o estilo cachorrinho ao nosso repertório. — Digo a ele, ofegante.

—Minha doce vibração. — Ele grunhe. —Você...





Algo brilhante dispara no céu. Eu congelo sob Vektal e nós observamos, sem fôlego, uma nave espacial, pairando cheia de luzes, nos céus sobre a montanha. Ela faz círculos e depois desce do céu sobre o local onde o antigo compartimento de carga foi deixado para trás.

Onde *nós* fomos deixados para trás.

Não consigo me mexer enquanto olho para o céu, esperando para ver o que acontece. Sobre mim, dentro de mim, Vektal também está congelado.

A nave parece pairar por uma eternidade. Então, as luzes piscam e ela se levanta, indo para fora da atmosfera.

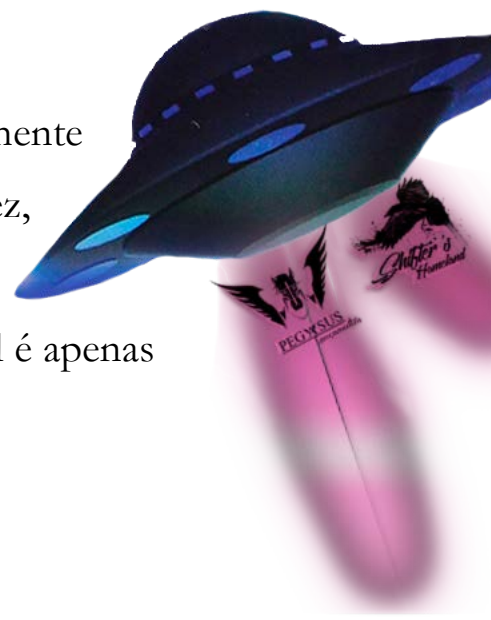
Eu suspiro com alívio.

—Foi embora?

—Parece que eles não querem metlaks. — Diz Vektal, diversão em sua voz. — E você, minha doce humana, agora é parte do meu mundo para sempre. —Eu toco meu peito e começo a tremer de novo, meu ronronar combinando com o de Vektal.

—Eu serei sua para sempre, não é?

—Para sempre. — Ele diz, empurrando profundamente dentro de mim mais uma vez. Vektal bombeia uma e outra vez, até que estou gritando enquanto gozo. É rápido e forte, assim como está me levando, e o próprio orgasmo de Vektal é apenas





momentos depois. Desta vez, quando sua semente jorra em mim, não sinto o calor dela. A temperatura do meu corpo está mais quente agora, como a dele. Não tenho certeza de como é possível, porque uma febre pode prejudicar humanos, mas eu suspeito que o khui esteja ocupado dentro de mim, reescrevendo todos os tipos de coisas genéticas para garantir que eu tenha uma vida longa e saudável neste novo planeta.

Vektal me tira da rocha e me puxa para seus braços e não consegue parar de me beijar. Eu rio e o beijo de volta e então caímos na neve juntos, nossas calças abaixadas.

Bufo, exausta, mas ainda cantarolando por dentro. Olho para o céu noturno, procurando por mais naves espaciais, mas tudo está quieto.

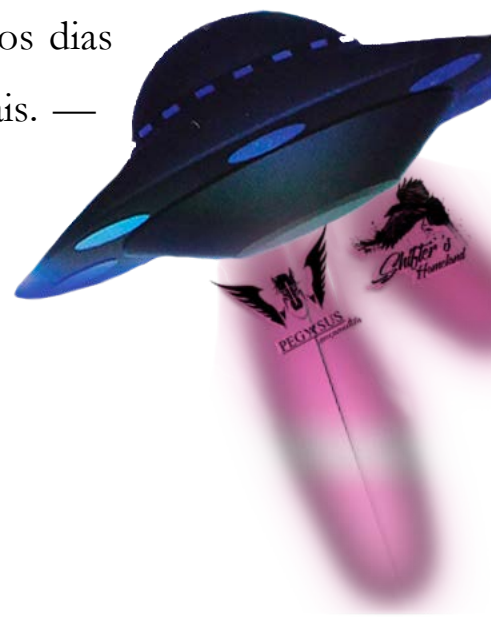
Para o pior ou o melhor, estamos aqui. Estou pensando que é para o melhor. Na verdade sei que é o melhor porque o homem ao meu lado me puxa contra ele e começa a lambar e a morder os lóbulos das minhas orelhas.

—Tenho certeza de que vamos ter que fazer isso de novo. — Digo a ele sem fôlego. — O meu khui não parece ter ficado satisfeito.

—Foi-me dito que é mais intenso durante os primeiros dias de vibração. Depois disso, devemos nos sentir mais normais. — Ele provoca.

Bem, graças a Deus por isso.

—E então, o que vem depois?





—Casa. Nosso lar juntos. — Ele toca em minha barriga. — Nosso kit. — Os dedos dele acariciam meu estômago plano. — Espero que seja o primeiro de muitos acasalamientos humanos e sa-khui.

Isso... soa muito bem para mim. Eu o empurro de costas, percebendo que até meu pulso quebrado não está doendo mais, o khui trabalhando, talvez? Sorrio para meu companheiro.

—Contanto que você não vá saindo vibrando por mais ninguém. —Ele sacode a cabeça de maneira sombria.

—Só existe um companheiro de vibração. Nós nos acasalamos para a vida toda.

Também gosto do som disso.

FIM





ESPIADA NO PRÓXIMO LIVRO

BARBARIAN ALIEN SÉRIE ICE PLANET BARBARIANS

Livro Dois

LIZ

Kira e eu observamos enquanto Megan e Georgie passam seus dedos pelo painel da carcaça da nave, tentando descobrir como abri-la e tirar as garotas de dentro dos tubos. Existem seis cápsulas e cada uma tem outra garota cativa. Cada pessoa adormecida não tem ideia de onde está ou de como chegou aqui.

—Não consigo decidir se elas são sortudas ou azaradas. — Digo a Kira.

—Sortudas. — Ela diz, sua voz suave e plana. Seu olhar está fixo nas luzes piscando e na parede escura do casco. — Elas não sabem pelo que passamos nas últimas semanas.

Eu rosno como um tipo de acordo. Eu não sei se concordo com Kira, mas ela pode ser uma pessimista de primeira, às vezes. As últimas semanas não foram exatamente





uma festa para nós, mas talvez seja melhor saber de tudo do que ficar cego para isso.

Pelo menos é o que eu acho.

Kira e eu estamos observando os outros trabalharem porque estamos fracas demais para ajudar. Das seis, Georgie é a mais forte. Ela esteve com um alienígena, então andou recebendo três refeições por dia e roupas quentes. O resto de nós ficou presa na nave e Megan é a que está na melhor situação em nosso pequeno grupo. Eu estou fraca e letárgica e meus dedos do pé doem como loucos. Josie está com uma perna que parece estar quebrada em dois pontos e ninguém sabe como consertar. O tornozelo de Kira está inchado e ela está muito fraca. Tiffany está possivelmente morrendo, já que não podemos acordá-la de seu sono profundo. Ela acordou para beber um pouco de caldo e depois caiu inconsciente de novo.

Não precisamos de um aviso dos alienígenas para perceber que este planeta está nos matando. Grande novidade.

—Estão se abrindo. — Diz Megan, e ela e Georgie recuam. O painel se levanta da parede com um silvo, como nos filmes de ficção científica. Dentro há uma garota vestindo uma camiseta e calcinha, tubos esquisitos enrolados ao redor do seu corpo a alimentam pela garganta.

Eu tremo.





Georgie e Megan estudam a garota adormecida, tentando descobrir a melhor maneira de libertá-la. Eventualmente, elas apenas começam a puxar os tubos e os fios fora dela e a garota acorda e começa a se engasgar. Um momento depois, a nova garota desmaia no chão e vomita o fluído dos tubos enquanto Megan acaricia suas costas.

Bem, aconteceu. Para o melhor ou para o pior, temos outras pessoas acordadas conosco.

A garota começa a soluçar, seus olhos arregalados. Ela está claramente confusa e assustada e Kira se levanta, abrindo os braços para puxar a garota para ela. Ela faz ruídos silenciosos e suaves e envolve a garota em um abraço, ajudando-a a sair da parede. Sem uma única pessoa tocando-os, o restante das cápsulas de repente se abre.

— Merda, eu acho que acionamos alguma coisa. — Diz Georgie e começam a trabalhar para libertar a próxima garota. Em instantes, há várias outras garotas desmoronando no chão. Eu fico de pé o melhor que posso, pronto para ajudar.

Começo a caminhar mancando em direção às garotas e ouço os sons dos alienígenas falando. Eu olho quando a garota mais próxima de mim começa a chorar histericamente.

—O que está acontecendo? Onde estou? Quem é você?

Ofereço-lhe a minha mão.





—Eu sou Liz e vou explicar quando conseguimos liberar as outras garotas, ok? — Ela continua chorando e tenho que morder o interior da minha bochecha para evitar gritar com ela. Olha, eu me sinto uma merda e estou provavelmente a alguns passos atrás da Tiffany na escada da morte, mas estou gritando e gemendo? Não, não estou. Estou seguindo o baile.

Eu pego uma segunda garota nova, esta com sardas e cabelos ruivos brilhantes e enquanto a amparo, a primeira chorona começa a dar gritos horrorizados e sufocantes.

—Oh, meu Deus, o que é aquilo? — Ela aponta uma mão trêmula na distância e dou um tapa em sua mão.

—Não é educado apontar. — Digo, mas as outras garotas estão dando grunhidos horrorizados ao ver os alienígenas espiando na beirada da abertura do casco do compartimento. Outra começa a chorar e uma terceira se agarra ao meu pescoço, como se estivesse me escalando por segurança. Está fazendo meus dentes feridos doerem como um cacete e olho para Georgie.

—Nós temos um problema. — Digo a ela. — Faça algo, líder destemida.

—Certo. — Diz ela e se aproxima dos alienígenas. Todos eles voltam para fora da beirada do casco e ficamos apenas nós, humanas.

—Vamos todos nos sentar aqui. — Diz Kira, em um tom calmante. — Temos fogo, água e cobertores.





—Está frio. — Geme uma. — Estou com tanto frio e não estou usando calças! Onde estão minhas calças?

—Isso é porque os alienígenas a levaram enquanto você estava dormindo. — Digo brilhantemente. —Ninguém aqui tem as malditas calças.

Kira bate em meu braço com um tapinha, indicando que eu deveria calar a boca. Ok, então não sou a mulher mais paciente do mundo. Processe-me.

—Os cobertores estão ali. — Encorajo, e é mais como pastorear gatos em vez de ovelhas, gatos que gritam e reclamam, mas conseguimos levá-las ao redor do fogo e cobri-las com os cobertores que os alienígenas forneceram.

—Eu ainda estou com frio. — Diz uma, seus dentes batendo, enquanto abraça o cobertor junto a ela.

Eu apenas a observo e tento não julgar. Nós nem sequer tínhamos isso há uma semana. Cobertores, uma fogueira e comida? Isso é um luxo grande. Mas, novamente, essas garotas estavam no tubo e não passaram por toda nossa desgraça.

—E agora? — Kira pergunta. Por que ela está me olhando? Eu não sou a líder, Georgie é. Mas Georgie está tentando convencer os alienígenas a manterem seus rostos assustadores longe de nós, então acho que o Robin para o Batman? Alguma coisa assim.

Então, eu me encarrego.





—Tudo bem, crianças, vamos nos sentar em círculo. Vamos fazer um jogo de introdução como eles fazem nos retiros corporativos. Alguma de vocês trabalha em escritório? — Quando duas delas levantam as mãos, aceno com a cabeça. É um começo. — Então, vocês saberão como isso funciona. Nós vamos seguindo a ordem do círculo, dando seu nome, sua idade e o que você faz para ganhar a vida. Então, você lista três coisas interessantes sobre você. Isso nos ajudará a nos conhecermos.

—Onde estamos? — Uma chora.

—Já chegaremos nessa parte. — Digo. — Em breve. Agora vamos. Comece com você. — Eu me viro para a ruiva com sardas ao meu lado. Ela está lidando com essa situação bizarra bem melhor do que a maioria, o que é bom. Está me olhando como se eu fosse louca, mas tudo bem.

Tenho certeza de que nesse ponto já estou meio doida mesmo. Caramba, estou tentando fazer uma reunião e nos apresentarmos uma nave espacial quebrada.

Mas a garota ao meu lado dá um fungado e esfrega o rosto, decidindo manter a calma.

—M-meu nome é Harlow, tenho vinte e dois anos e estou indo para a faculdade para ser uma veterinária. — Ela pisca por um minuto, parecendo perdida e desamparada.

—Adicione algumas coisas sobre você.





—Eu... odeio mariscos?

É, mais ou menos isso. Aponto para a próxima garota.

Ela é a Chorona. Ela chora e chora, seu nariz escorre o tempo todo. Através de uma torrente de lágrimas, nós descobrimos que ela é Arianas, nasceu em Jersey e está assustada. Ao lado dela está Claire, que tem grandes olhos castanhos e parece apavorada. Sua voz é apenas um sussurro, mas não a forço a falar. Depois, há Nora, que parece estar ferida e chateada. Marlene, que tem uma expressão em branco e um forte sotaque francês e Stacy, que está chorando, mas tentando muito se conter. Eu dou alguns pontos extras para ela por isso. À medida que cada pessoa se apresenta, torna-se óbvio que todo mundo tem a mesma idade.

Então, chega a minha vez. Coloco uma mão no meu peito.

—Eu sou Liz Cramer. Tenho vinte e dois anos, como vocês. Eu era uma funcionária em um pequeno escritório de carimbos. Cresci em Oklahoma e gosto de caçar e atirar em coisas com um arco. E três semanas atrás, fui abduzida por alienígenas.

As garotas choram. Arianas soluça mais forte.

—Bom trabalho em acalmá-las, hein. — Murmura Kira.

Eu a ignoro. Isso será como arrancar um Band-Aid. É melhor arrancar de uma vez e superar a dor.





—Sentem-se, crianças, porque vocês estão prestes a ouvir o conto de terror mais fodido de todos os tempos.

E eu começo a falar.

Eu falo sobre como há três semanas fui pega por homenzinhos verdes durante a noite. Quando acordei, estava em uma sala suja e escura com muitas outras mulheres vestidas apenas com pijamas. Que nós seríamos vendidas em algum tipo de estação de comércio interplanetário, como gado. Que os alienígenas tinham seis mulheres armazenadas em algum tipo de cápsula de hibernação no porão e que eu e as minhas novas melhores amigas acordadas éramos as “extras”.

Pelos seus suspiros, posso dizer que estão começando a processar as coisas. Isso mesmo, elas eram a carga real. Eu, Kira e as outras garotas? Bem... — Sabe quando você vai ao supermercado para comprar cerveja, mas as batatinhas estão na promoção e quando se dá conta, você está com o carrinho cheio de batatinhas? Pois é, podem me chamar de Pringles ou Ruffles.

Ninguém ri da minha piada. Tudo bem. Ainda acho que foi engraçada. Você precisa encontrar humor em algo.

—De qualquer forma, parece que nossos amigos alienígenas ficaram gananciosos e estavam pegando quantas mulheres humanas podiam apertar em sua nave espacial. Já havia nove de nós.





Os olhos se alargam. Ariana começa a soluçar novamente. Gostaria de ter uma meia aqui agora, porque eu iria enfiar na boca dela.

—Como você sabe? — Nora pergunta.

—Sei o quê?

—Que eles iriam nos vender? Talvez, eles estivessem nos levando para algum lugar bom?

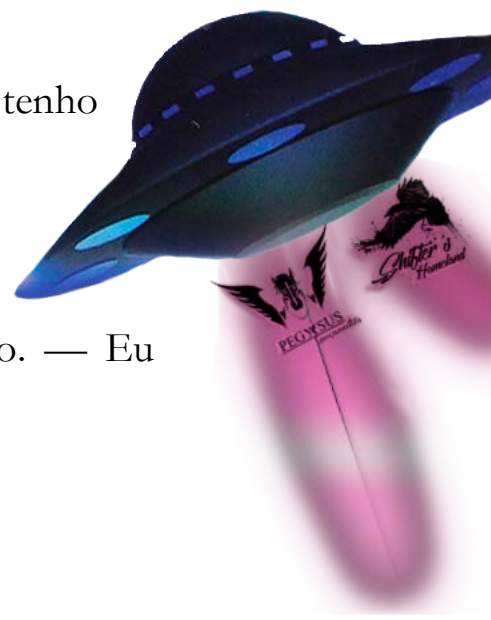
Certo, eu sou Gasparzinho, o fantasminha camarada. Aponto para Kira, que está franzindo o cenho para mim.

—Essa é Kira. Kira é a única de nós que tem um tradutor. Ela teve a “sorte” de ser capturada primeiro, então eles grampearam algum dispositivo em seu ouvido e agora ela pode entender o que os alienígenas lhe dizem. Foi assim que nós descobrimos o que estava acontecendo, que seríamos vendidas. Com o tradutor, conseguiu entender o que os alienígenas estavam dizendo. Foi assim que soubemos que não nos levariam para o Planeta Caribe, onde todas nós iríamos saborear drinks e colocar nossos bronzeados em dia.

—Liz... — Diz Kira suavemente. Nora estremece.

Sei que não estou sendo muito paciente. Eu sei e não tenho certeza se me importo com isso.

—O negócio é o seguinte, esses alienígenas nos roubaram de nossas casas. Eles nos marcaram como gado. — Eu





aponto para as saliências no meu braço onde há um pequeno objeto de metal que suspeito que funcione como um GPS. — E eles vão nos levar para um mercado de carnes e nos vender como porcos para quem pagar mais. E enquanto alguns caras gostam de foder seus porcos...

—Que nojo. — Murmura alguém.

—... Muitas outras pessoas apenas os comem. — Termino. — Então, vocês me perdoem se não estou disposta a dar a nossos captores o benefício da dúvida. Os homenzinhos não foram bons. Eles tinham guardas e esses guardas estupraram várias garotas enquanto estávamos cativas. Eles nos mantiveram em uma jaula. Eles nos fizeram defecar em um balde. Trataram-nos como menos do que um ser humano. Então, vocês precisam saber disso, para que possam entender o que nós passamos e por que estamos fedorentas, cansadas, com fome e doentes. OK?

As garotas ao meu redor concordam. Ariana começa a chorar novamente.

—Alguém vai comer a gente?



ESPERAMOS QUE TENHA
GOSTADO DESTA
AVENTURA SOBRENATURAL!



*Esta tradução foi feita por fãs para fãs,
sem qualquer propósito de Lucro.
Não se esqueça de comprar nossos autores
favoritos, se estiver dentro de suas
possibilidades financeiras.
E publicado no seu idioma. Sem eles, não
poderíamos desfrutar de todas essas
histórias maravilhosas.*

*Não distribua nossas traduções abertamente
na internet, respeite nosso trabalho voluntário.*

